

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
NÍVEL MESTRADO

CAROLINE COUTINHO DAL'ORTO

CRÍTICA DA RAZÃO PORNOGRÁFICA:

A economia do gozo no universo do *camming*

Salvador

2022

CAROLINE COUTINHO DAL'ORTO

CRÍTICA DA RAZÃO PORNOGRÁFICA:

A economia do gozo no universo do *camming*

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de
Mestra em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA

Orientador: Prof. Dr. Moisés Vieira de Andrade Lino e Silva

Salvador

2022

CAROLINE COUTINHO DAL'ORTO

CRÍTICA DA RAZÃO PORNOGRÁFICA:

A economia do gozo no universo do *camming*

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

*nº

Salvador, 28 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Moisés Vieira de Andrade Lino e Silva (Orientador) – UFBA

Carolina Parreiras Silva – UNICAMP

Maria Elvira Diaz-Benitez – UFRJ/MN

À Babydoll, e a tantas outras que tiveram suas vidas ceifadas pelo desgaste psíquico impulsionado pelas assimetrias de poder capitalistas, colonialistas e patriarcais. E às que, sob esses regimes de poder, ainda vivem e resistem.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi escrito a muitas mãos. A primeira delas é a de Angel, ao dar um “match” no meu perfil do Tinder, guiando a mim – e a muitas outras – para o universo do trabalho sexual plataformizado, e é a ela que dedico meu primeiro agradecimento.

Agradeço às mãos das trabalhadoras que me fizeram companhia na construção de histórias, vivências e possibilidades de pesquisa críticas à moralidade e suas caretes.

Às mãos dos meus clientes que não se reservaram ao impulso masturbatório dando abertura à escuta e companhia sensível.

À mão equilibradamente afinada em teoria e “feeling” etnográfico de Moisés.

À mão sempre presente de Júlio, cujo afago, apontamento, tesão e sustento me são imensuráveis.

À mão de apoio dos meus pais que nunca permitiram que a minha diferença fosse sinônimo de inferioridade.

Às mãos que construíram sociabilidades possíveis em tempos pandêmicos inscritas nos grupos “Rolê da Quarentena” e “Piriguetes etnográficas”, em especial a Jonatan, por resgatar minha sociabilidade presencial em Salvador.

À mão revisora de Igor, instruída por sua inestimável eficiência e força dos orixás.

À Maria Elvira e Carolina pelas suas contribuições inspiradoras na abertura do universo do trabalho sexual dentro da academia e, sobretudo, pela generosidade em estender suas mãos ao meu trabalho.

Ao fomento de pesquisa da Fapesb, sem o qual não seria possível a plena realização dessa pesquisa.

Agradeço, por fim, às comissões de avaliação envolvidas no Prêmio UFBA de Tese e Dissertação (Ano 2021 e 2022) que concederam menção honrosa a este trabalho.

DAL'ORTO, C. C. **Crítica da razão pornográfica**: a economia do gozo no universo do camming. Orientador: Moisés Vieira de Andrade Lino e Silva. 2022. XXX f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

A proposta de uma “crítica da razão pornográfica” funda-se no exercício crítico (MARCUS, FISCHER, 2014) a uma *racionalidade* erguida sobre as pretensões de uma razão *pura*, universal e desinteressada (FOUCAULT, 2002; DERRIDA, 2007; MBEMBE, 2014). O exercício de *pornificar* essa racionalidade questiona um *tipo* de moral - ascética (NIETZSCHE, 2000) - presente nas teorias econômicas, da comunicação e da antropologia, na medida em que essas tendem a invisibilizar a intrínseca relação entre o desenvolvimento de novas modalidades de produção e consumo, construção de popularidade, experimentações sexuais e a comercialização de conteúdos porno-eróticos que emergem das chamadas “empresas-plataforma” (SLEE, 2019). O trabalho etnográfico apresentado foi produzido no interior das “redes do sexo” no digital, buscando incorporar a literatura e as vivências do trabalho sexual às discussões acerca do florescimento de um “capitalismo de plataforma”, “capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2021) e “uberização ou imaterialidade do trabalho” (LAZZARATO, NEGRI, 2022) enquanto novos paradigmas produtivos do capitalismo pós-industrial. Proponho, ainda, um olhar crítico acerca da “desdiferenciação” das fronteiras entre público/privado e de consumo/produção promovida pelo ambiente digital (e online) a partir da “espetacularização do eu”, da celebração de um “eu público” (SIBILIA, 2015; BRUNO, 2004) ou de micro-celebridades online (JIMROGLOU, 1999; WHITE, 2003; BZURA, 2007; SENTF, 2008). Por fim, o que ofereço é uma crítica etnográfica da sexualidade emergente do advento das tecnologias digitais e de novos paradigmas do prazer sexual contemporâneo (PAASONEN, 2010; PARREIRAS, 2012; ROST, 2016; MIRANDA, 2016; FRANÇA, 2020). Posicionando-me em campo enquanto um híbrido *antropóloga-camgirl*, desafio a própria construção celibatária (KULICK, WILLSON, 1995) de uma certa antropologia que preserva a assimetria entre sexo, dinheiro, pesquisa e subjetividade (LINO E SILVA, 2014).

Palavras-chave: *webcamming* erótico comercial; empresas-plataforma; etnografia digital; mídias digitais; trabalho sexual telemediado.

DAL'ORTO, C. C. **Critique of pornographic reason**: a economia do gozo no universo do camming. Advisor: Moisés Vieira de Andrade Lino e Silva. 2022. XXX f. Thesis (Master in Social Anthropology) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

ABSTRACT

The “critique of pornographic reason” here proposed is based on the criticism (MARCUS, FISCHER, 2014) of a rationality built on the pretensions of a *pure*, universal and disinterested reason (FOUCAULT, 2002; DERRIDA, 2007; MBEMBE, 2014). The exercise of *pornifying* this rationality questions an ascetic morality (NIETZSCHE, 2000) present in economic, communication, and anthropology theories, insofar as these tend to make invisible the intrinsic relationship between the development of new modes of production and consumption, construction of popularity, sexual experimentation, and the commercialization of porno-erotic content that emerge from the so-called “platform companies” (SLEE, 2019). The ethnographic work presented was produced within digital “sex networks”, seeking to incorporate the literature and experiences of sex work into discussions regarding the flourishing of a “platform capitalism”, “surveillance capitalism” (ZUBOFF, 2021) and the “uberization or immateriality of work” (LAZZARATO, NEGRI, 2022; SLEE, 2019) as new productive paradigms of post-industrial capitalism. I also propose a critical look at the “de-differentiation” of the boundaries between public/private and consumption/production promoted by the digital (and online) environment based on the “spectacularization of the self”, the celebration of a “public self” (SIBILIA, 2015; BRUNO, 2004) or “online micro-celebrities” (JIMROGLOU, 1999; WHITE, 2003; BZURA, 2007; SENTF, 2008). Finally, what I offer is an ethnographic critique of sexuality emerging from the advent of digital technologies and new paradigms of contemporary sexual pleasure (PAASONEN, 2010; PARREIRAS, 2012; ROST, 2016; MIRANDA, 2016; FRANÇA, 2020). Positioning myself in the field as a anthropologist-camgirl hybrid, I challenge the very celibate construction (KULICK, WILLSON, 1995) of a certain anthropology that preserves the asymmetry between sex, money, research and subjectivity (LINO E SILVA, 2014).

Keywords: erotic commercial webcamming; platform companies; digital ethnography; digital media; telemated sex work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ENTRE O ANTROPOLÓGICO E O PORNO-ERÓTICO	9
1 PESQUISA, (DES)CONFIANÇA E GÊNERO: ONDE É MAIS FÁCIL SER MULHER E TRABALHADORA SEXUAL	30
1.1 ANTROPOLOGIA, PANDEMIA E O TRABALHO SEXUAL PLATAFORMIZADO	31
1.2 <i>SHIBARI</i> , <i>ANTROPÓLOGA-CAMGIRL</i> E A GESTÃO DE CONFIABILIDADE DAS EMPRESAS-PLATAFORMA	34
1.3 HOMENS SÃO BEM-VINDOS, DESDE QUE SEJAM CLIENTES: O (PUTA) FEMINISMO DAS TRABALHADORAS SEXUAIS DE PLATAFORMA	46
2 A <i>ANTROPÓLOGA-CAMGIRL</i> ESTRELANDO NO “PORNO INTERATIVO”: AUTENTICIDADE INCORPORADA E O TRABALHO CONECTIVO	51
2.1 <i>WEBCAMMING</i> É TRABALHO SEXUAL?	63
2.2 ONDE TERMINA O DINHEIRO E COMEÇA O AMOR: QUEM PODE INCORPORAR A AUTENTICIDADE INCORPORADA?	68
3 QUANDO OS INFOPRODUTORES ADOECEM: <i>BURNOUT</i> E O TRABALHO SEXUAL PLATAFORMIZADO	74
3.1 “PRESSÃO DE QUEM? SE EU MESMA SOU MINHA CHEFE?”	78
3.2 FICAR ONLINE VICIA?	80
3.3 RECRUTADAS PELO NEOLIBERALISMO: “EU NUNCA RECLAMEI UM DIA SEQUER NA MINHA VIDA”	83
3.4 <i>BURNOUT</i> VIRA DOENÇA DE TRABALHO	87
4. NEM DESESPERO, NEM ÚLTIMA OPÇÃO: AMAMOS O QUE FAZEMOS	96
4.1 CRIE SUAS METAS, SEJA SUA PRÓPRIA CHEFE	100
4.2 CONVERTENDO FÃS EM CLIENTES	103
4.3 ALGORITMOS E O ENGAJAMENTO PORNO-ERÓTICO DAS REDES	107
4.4 <i>PROSUMER</i> PORNO: O TRABALHO GRATUITO E AS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO NA WEB 2.0	110
5 “É MORALISMO”: AS PLATAFORMAS, O <i>SHADOWBAN</i> E AS PRÁTICAS SEXUAIS DISSIDENTES	115
5.1 FETICHE É ARTIGO DE LUXO	122
5.2 METRÓPOLES DIGITAIS, GENTRIFICAÇÃO E A SEXUALIDADE NO.COM	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO: ENTRE O ANTROPOLÓGICO E O PORNO-ERÓTICO

Nos ouvidos, “Without you”, Mariah Carey. Há pouco um quadro semiótico me penetrava. Cus, paus e bucetas em minha tela do celular seguidos por uma descarga orgásmica. Mais cedo, uma perna atravessava as sombras do sol contornadas pela janela, a câmera se virava pra um outro quadro semiótico orgásmico, centralizava em sua bunda empinada e acabava nos seus orifícios penetráveis cobertos pelo fio da calcinha de laços azuis. Do outro lado, uma mão percorria letras desconhecidas reunidas em um livro e surpreendiam no percurso final que o seu toque tomava. No espelho uma loira, lingerie sexy, rosto sem identidade trazendo apenas um sorriso, e um celular à mão. Este último regulou todo o percurso semiótico discursivo sexual. Não existem fronteiras entre nós. O sexo é um aparato smartifônico, sem gênero e fluidos.

Em março de 2014, passei a integrar a equipe de estagiários da biblioteca do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Enquanto uma estudante de ensino médio do campus, eu dividia meus horários entre dormir pela noite e manhã adentro, pegar um ônibus entre o meio-dia e 13 horas para assistir às aulas à tarde e ingressar na biblioteca para o trabalho noturno de 18 às 22 horas. Minhas tarefas na biblioteca se dividiam entre a recepção, etiquetamento, cadastro e processamento de novos livros e revistas no sistema, adicionando dados acerca do/a autor/a, número de páginas, gênero e histórico de reimpressão, “dar baixa” no acervo para controle e geração de empréstimos, atendimento ao público, organização do espaço físico e manutenção das regras de silêncio. Todas essas atividades, de algum modo, fascinavam-me. Passei a ler o *Le Monde diplomatique*¹ e a Carta Capital² regularmente. Conheci a força política do ascetismo gandhiano³, a ironia laboral e criativa de Charles Chaplin,⁴ o metodismo

¹*Le Monde diplomatique* é um jornal francês de periodicidade mensal, fundado em maio de 1954, por François Honti, um diplomata de origem húngara, e Hubert Beuve-Méry, que havia fundado o *Le Monde* em 1944. O jornal, inicialmente, foi criado para oferecer uma análise “neutra” da Guerra Fria. Após a década de 1970, ganhou contornos abertamente críticos ao neoliberalismo. A edição brasileira é publicada em versão on-line desde dezembro de 1999. Em agosto de 2007, estreou no formato impresso, publicada pelo Instituto Pólis. Recordo-me de encontrar neste jornal, majoritariamente, capas com caricaturas de políticos de direita e assuntos ligados ao crescimento tecnológico e sua relação com a geopolítica global. Ver em: <<https://diplomatie.org.br/>> acessado em 14 de outubro de 2022.

²A Carta Capital é uma revista semanal brasileira de informações gerais publicada pela Editora Basset Ltda. Foi fundada em agosto de 1994, pelo jornalista ítalo-brasileiro Mino Carta. A revista é marcada por uma linha editorial assumidamente alinhada à esquerda política, inclusive adotando posição favorável em relação a continuidade do governo do PT (Partido dos Trabalhadores) e apoiando a candidatura de Dilma Rousseff em 2010. Vem em: <<https://www.cartacapital.com.br/>> acessado em 14 de outubro de 2022.

³Mohandas Karamchand Gandhi foi um líder espiritual indiano nascido em uma família hindu no litoral de Guzerate, oeste da Índia, em 2 de outubro de 1869. Advogado, nacionalista, anticolonialista e especialista em ética política indiana, liderou uma campanha de resistência não violenta como modo de luta pela independência da Índia do Reino Unido.

⁴Charles Spencer Chaplin foi um ator, comediante, diretor, compositor, roteirista, cineasta, editor e músico britânico. Chaplin foi um dos expoentes do cinema mudo, nascido em Londres, em fins do século XIX e trazia críticas às consequências da revolução Industrial em uma forma irônica e divertida.

filosófico do sujeito moderno kantiano⁵ e a beleza retórica anticristã nietzschiana.⁶ Por esse último, nutri uma paixão especial, manteve a leitura, por cerca de um ano, do seu livro *Além do Bem e do Mal*, digerindo aquelas palavras como uma forma de testemunho e indignação com minha própria educação cristã. A essa altura, eu havia trocado as missas aos domingos pelas leituras de Clarisse Lispector, Cecília Meireles, Machado de Assis e Fernando Sabino. Todos eu conheci nos corredores de livros da biblioteca do IFES, que eu organizava nas minhas noites de segunda à sexta-feira.

De todas aquelas leituras a obra “Crítica da Razão Pura”, do filósofo alemão Immanuel Kant, reservava-me maior incompreensão. Anos mais tarde, ao cursar filosofia, tomei conhecimento acerca das pretensões daquela obra. Conhecida como uma das principais referências do pensamento moderno do século XIX, a obra de Kant propõe definir as condições de possibilidade do conhecimento deslocando os objetos da razão – ligadas à uma metafísica dogmática – das hipóteses sobre “deus”, “alma” e “mundo” – e as especulações de suas realidades ontológicas para uma operação cognitiva do sujeito transcendental.

Pouco tempo depois de tomar conhecimento sobre a obra, em um curso oferecido pelo professor Renato Noguera, conheci o livro do filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe intitulado “Crítica da Razão Negra”. A obra de Mbembe dedica-se a pensar as condições de possibilidade da razão moderna sob o marco geopolítico do ocidente – e suas ambições de universalização – no interior de um ordenamento histórico de existências subalternas. É aqui que a palavra “negro” vem ocupar a transcendentalidade da razão “pura”, uma vez que Mbembe busca recuperar a história da escravidão e seus aspectos de desumanização a determinados sujeitos – despojados da razão transcendental – possibilitada pela implantação e a aceleração do capitalismo mercantil e significar o que hoje entendemos como modernidade. Mbembe abriu-me, sobretudo, a uma sensibilidade sobre justiça social que encontrei em ambições feministas ainda no meu estágio secundarista de formação.

⁵Immanuel Kant, nascido em 31 de abril de 1724, em Königsberg, na Prússia, ganhou fama como o “filósofo da modernidade” ao operar uma síntese entre o racionalismo continental de René Descartes, Baruch Espinoza e Gottfried Wilhelm Leibniz e a tradição empírica inglesa com David Hume, John Locke, ou George Berkeley. Embora seja reconhecido pelas suas teses universalistas em torno de um sujeito transcendental, Kant propriamente nunca saiu de Königsberg, lugar onde nasceu e morreu.

⁶Nascido na Prússia do ano de 1844, Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um professor de filologia, entusiasta do teatro grego como potencial estético-crítico à filosofia moderna, ao racionalismo ocidental e à moral cristã. Textos como o *Anti-cristo*, *Genealogia da Moral* e *O Nascimento da Tragédia* atestam bem esse seu posicionamento teórico-filosófico.

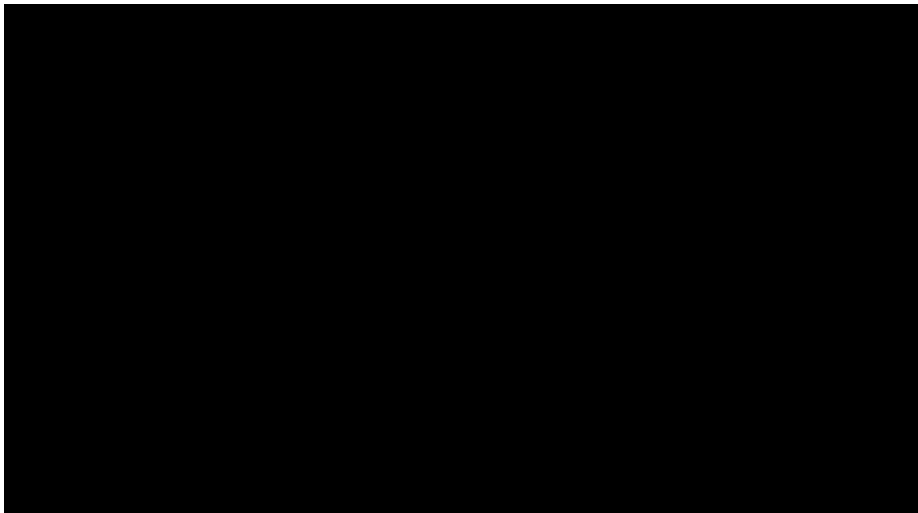
Junto com a paixão pela literatura e a filosofia, veio Adolfo⁷, um professor de filosofia marxista-nietzschiano do ensino médio. Certo dia, depois de uma aula que terminou no pátio de educação física, ele surpreendeu-me com um presente. Era um artigo da Marcia Tiburi,⁸ algo como uma coluna de jornal, intitulada: “A opinião é uma merda”, dissecado posteriormente em seu livro *Ridículo Político*. Na semana seguinte, descobri que a intenção do presente não era necessariamente inserir-me nas discussões sobre epistemologia, filosofia política ou crítica cultural, mas o fato de Tiburi *ser feminista*. Na aula seguinte, Adolfo perguntou se eu havia lido e pesquisado sobre a autora. Eu disse que sim e que fiquei fascinada pela figura da *mulher-filósofa* que ela desempenhava. Algumas semanas depois, enquanto lanchava na cantina do campus no intervalo entre as aulas e o estágio, encontrei Adolfo e demonstrei meu entusiasmo em produzir algum evento com “aquelas discussões feministas”. Para minha surpresa, ele me explicou que “não dá para falar sobre algo tão geral” e que eu deveria escolher um assunto em específico. De súbito, eu disse: “aborto!” Ele, enquanto coordenador de projetos de extensão do campus, deu a ideia de fazermos um cineclube.

Para apoiar o cineclube, fiz pesquisas na Internet acerca de movimentos sociais feministas e me deparei com algumas imagens seguidas de legendas, as quais editei para que coubessem em fotos. Também produzi vários cartazes com frases como: “Eu abro livros, eu abro pernas, eu abro o que eu quiser”. Meus cartazes foram tema da reunião de colegiado no IFES, acusados de serem “indecentes” e “sem relevância pedagógica”. Eu havia me tornado a voz pioneira do feminismo no interior de uma instituição técnica do conhecimento.

⁷Professor de Filosofia do IFES, Campus Vitória. Iniciou a atuação em projetos de extensão universitária, a partir de parcerias com o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), o Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra, o Programa de Proteção a Defensores de Direitos Humanos do ES, à Associação de Moradores do Bairro Aviso (AMBAV), entre outros movimentos sociais dedicados às pautas de classe, raça e gênero e às lutas por igualdade de direitos.

⁸Márcia Tiburi é uma filósofa, artista plástica, professora universitária e escritora brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores. Tiburi tem grande espaço nas discussões da filosofia política e no feminismo. Entre as suas obras está *Como conversar com um fascista*, *Ridículo Político* e *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*.

Figura 1 — Perfil pessoal do Facebook



Fonte: www.facebook.com/caroline.dalorto

Em março de 2015, um dia após completar 21 anos, ingressei na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). De estagiária de biblioteca interiorana, passei a ser uma caloura de filosofia na Baixada Fluminense. Nessa época, a foto de capa do meu perfil no Facebook carregava os escritos “Veterano não é dono de caloura: por uma integração sem machismo.” Marcadamente feminista, entre meus/minhas professores/as e amigos/as, eu era famosa por interromper as aulas de metafísica aristotélica para apontar o machismo do professor que dava voz às perguntas dos meus colegas homens em detrimento da minha mão, centenas de vezes levantada, em sinal de curiosidade e angústia.

Na universidade, conheci um grupo de estudos focado na filosofia nietzschiana. No terceiro encontro o professor e coordenador do grupo, José Nicolao Juliao ofereceu-me uma bolsa de iniciação científica (PIBIC). Em abril de 2017, dois anos depois, entreguei meus relatórios finais da bolsa após um longo estudo da obra “Genealogia da Moral” e seus desdobramentos na relação entre a moral e o niilismo em Nietzsche. A resistência do meu orientador acerca da inclusão de discussões feministas cruzadas com a literatura nietzschiana foi a principal razão para que esses relatórios não se transformassem em meu trabalho monográfico.

Essa resistência, no entanto, não se tratava de uma idiosincrasia da minha orientação. Em toda a minha graduação, não encontrei qualquer referência ao gênero – à raça e à sexualidade – como categorias importantes de análise filosófica. Algum tempo depois, o curso de Renato Noguera sobre a obra de Achille Mbembe e o empréstimo de um amigo da obra

“Antropologia Ciborgue” da filósofa e bióloga Donna Haraway⁹ aprofundou-me teoricamente acerca das minhas insipientes experiências feministas secundaristas, bem como, filiou-me aos atravessamentos de raça, gênero, classe e região na reconfiguração analítica da racionalidade Ocidental apregoada pela obra do filósofo Kant. Foram essas obras, sobretudo, que guiaram o meu trabalho monográfico e serviram como estopim para minha pesquisa de mestrado.¹⁰

No início de julho de 2020, recebi um e-mail do coletivo “Decolonialismo a partir do Brasil” informando a publicação do meu artigo para seu primeiro número de exemplares. O texto em questão tratava da atividade final do curso de Nogueira e nele tracei um diálogo entre Donna Haraway, no que a autora chama de “economia do trabalho caseiro”, em sua obra “*Antropologia do Ciborgue*”, e Achille Mbembe e o conceito de “*devir-negro do mundo*” na sua obra “*Crítica da Razão Negra*”. Esse diálogo nasceu da relação entre o contexto pós-industrial ou neoliberal manifesto na nova estruturação do trabalho, contemplando o que alguns/as autores/as vão chamar de “uberização do trabalho”, “capitalismo de plataforma”, ou “trabalho imaterial”. Nesse artigo, produzi uma abordagem etnográfica relacionando a minha experiência como camgirl¹¹ no site Câmera Privê com as formas de trabalho contemporâneas que se encaixavam nesse novo modelo de “uberização”.¹²

Com esse artigo, descobri condições mais concretas de produzir uma etnografia para minha pesquisa de mestrado e, finalmente, aceder a uma nova crítica analítica à racionalidade Ocidental a partir do “cabaré”, aquilo que a putafeminista Monique Prada (2021) chamou de última “fronteira política do feminismo”. Essa fronteira entre mulher “casável” e “puta” havia

⁹Trata-se da tradução do capítulo 8, “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century”, do livro *Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature*, publicado pela editora Routledge em 1991.

¹⁰Meu trabalho de conclusão de curso (TCC) buscou dialogar com a literatura feminista anglófona do final do século XX para situar a que problemas Donna Haraway pretendia responder na sua proposta de redefinição da racionalidade e da objetividade sustentada na defesa epistemológica da perspectiva parcial. Me utilizei da escrita de Haraway nas obras “Saberes localizados” e *Primate Visions* para situar, em suma, a ponte necessária que a autora faz entre poder, política e objetividade. O trabalho carregou o título: “A perspectiva feminista na redefinição da racionalidade e objetividade na ciência: *Primate Visions* e Saberes localizados no horizonte da perspectiva parcial de Donna Haraway.”

¹¹Traduzido diretamente como “garota da câmera”, o termo refere-se à mulheres cisgêneras que trabalham com transmissão audiovisual em plataformas online.

¹²Para alguns pesquisadores o bloqueio social do Covid-19 elevou a existência de plataformas destinadas a comercialização de conteúdo adulto, como o OnlyFans, à uma “cultura mainstream” na medida em que se aliou às mudanças produtivas situadas nas transformações econômicas, culturais e estéticas com a ascensão da “gig economy” e do “trabalho em plataforma”, ficando “lado a lado” com outros serviços como Uber ou AirBnB (SAFAEE, 2021; VAN DER NAGE, 2021; EASTERBROOK-SMITH, 2022). Para uma relação mais aproximada entre a “uberização do trabalho” e, mais especificamente, o *webcamming* erótico ver Bregantin (2021). Em matéria publicada em 2017 pelo portal de notícias “Terra” o trabalho com *camming* é definido como “uber do pornô.” <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/conheca-a-vida-secreta-de-quem-trabalha-no-uber-do-porno_0f9a996108e2b47659f31e5587933f2avh24di4o.html> acessado em 04 de junho de 2022.

sido ultrapassada por mim em abril de 2018, quando meu namorado daqueles tempos fez as malas e me propôs: “can't we be friends?”¹³

Foi em abril de 2018 que realizei uma conta no aplicativo Tinder¹⁴ e viajei para São Paulo. Programei o aplicativo bissexualmente, isto é, rastreando o masculino e o feminino como gêneros de interesse. Na mesma semana, conheci “Angel”.¹⁵ Ela era de São Paulo e eu moradora do Rio de Janeiro. Nossa intimidade foi construída a partir de experiências de término recentes. Trocamos redes sociais, nos tornando amigas no Facebook e nos acompanhamos por um tempo. Em meados do mesmo ano, Angel, fazendo referência às minhas postagens na mesma rede social, convidou-me a “experienciar” um trabalho que ela realizava há 6 anos. No mesmo mês, inscrevi-me na plataforma do Câmera Privê.

Lembro-me da minha primeira experiência na plataforma como modelo. Primeiro, recebi um aviso de site destinado apenas para adultos. Aceitei entrar. Vinte minutos antes, havia colocado o velho *body* preto comprado no bazar da esquina. Usava também uma meia arrastão rasgada e me ajeitava em frente à câmera em poses que, passadas duas horas, se revelavam extremamente desconfortáveis. Tive algumas visitas de usuários aqui e ali, que pediam para eu dar uma “voltinha” no grátis.¹⁶ Um usuário perguntou se eu era novata e começamos a conversar sobre marxismo. Estávamos na sala gratuita e pelo menos 10 usuários estavam “nos” assistindo. Segui as sugestões da “voltinha” na frente da câmera e outro usuário alertou sobre a ingenuidade desse gesto: “eles sabem que você é novata e abusam.” Recebi um convite para um chat privado e aceitei. Ele solicitava que eu me tocasse e simulasse um oral. Fiquei ajoelhada no chão com o computador sobre a cama. A câmera focava minha boca, que salivava ao toque do vai e vem dos meus dedos. Ele ligou sua câmera

13Ele me enviou um e-mail com a “versão sonora” da proposta, por meio da música “Can't We Be Friends” cantada por Louis Armstrong e Ella Fitzgerald, indicando que não namorávamos mais. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oHKjA81m_R4> acessado em 17 de março de 2022.

14O Tinder é um aplicativo para serviços de relacionamentos online, lançado em 2 de setembro de 2012 pela empresa de internet americana InterActiveCorp. O aplicativo cruza informações do Facebook e do Spotify, localizando pessoas geograficamente próximas e está disponível para os sistemas Android e IOS.

15 Todos os nomes das minhas interlocutoras são fictícios, em vista de preservar o anonimato. Em seu trabalho sobre a indústria do sexo no ambiente digital Wesley Lopes Silva (2015, p. 75) reflete sobre as escolhas dos nomes de seus interlocutores ao levar em consideração: “Os nomes, pois, são escolhidos por elas objetivando expressar o que as pessoas podem esperar delas, a forma como elas ambicionam ser percebidas e também em conciliação com o que elas consideram como o enunciado semântico que poderá despertar o maior interesse para um grande número de clientes.” A criação dos nomes para essa pesquisa é iluminada por esse critério. Acrescento que as personagens aqui encontradas serão majoritariamente femininas uma vez que faço um recorte metodológico de mulheres cisgêneras. Sobre esse recorte falarei no primeiro capítulo.

16Prática comum entre alguns usuários com o objetivo de incentivar as modelos a se exibirem no chat gratuito.

que oscilava entre a imagem de um rosto pálido e juvenil e um pau rigidamente ereto. Em alguns minutos, ele gozou e meu saldo apontou para o número de 80 créditos.¹⁷

Em 2013, o empresário Henrique Meneghelli, experiente em produção e licenciamento de conteúdo erótico há dez anos, criou o site Câmera Privê, sob o grupo Dark Media Group LTDA, sediado na cidade de São Paulo. Embora existam outros sites de *camming*¹⁸ brasileiros, como o Câmera Hot,¹⁹ o Câmera Privê foi o site que ganhou mais popularidade pelo seu pioneirismo e intuitividade de layout.²⁰

Ao acessar o Câmera Privê o/a usuário/a se depara com um aviso sobre o conteúdo do site. “Aviso: O CAMERA PRIVE É DESTINADO APENAS PARA ADULTOS!” seguido da mensagem:

Por favor, leia o seguinte texto antes de entrar no site: Este website envolve conteúdo sexualmente explícito e impróprio para menores. Para prosseguir, você precisa ter pelo menos 18 anos de idade e ter atingido a maioridade legal em seu local de residência. Se você for menor de idade e decidir prosseguir, estará violando leis locais, estaduais, federais ou internacionais. Pais, utilizem ferramentas de controle parental, como [Net Nanny](#) ou [K9 Web Protection](#), para controlar o que seus filhos veem. Entrando no site, você confirma a veracidade dos seguintes fatos:

Tenho ao menos 18 anos de idade e sou maior de idade em meu local de residência.

Não vou redistribuir nenhum conteúdo do website.

Não vou permitir que menores de idade acessem o website ou qualquer conteúdo nele contido.

Qualquer conteúdo que eu acessar ou baixar do website é de uso pessoal e não será mostrado a menores.

Qualquer encenação de sexo explícito de dominação, sadomasoquismo ou outras atividades fetichistas são permitidas pelas leis locais que governam minha jurisdição.

Não fui contatado pelos provedores do site e estou acessando e/ou baixando conteúdos por vontade própria.

Estou acessando este website para consumir material adulto, e concordo que imagens de homens e mulheres em diversas situações sexuais não são obscenas ou ofensivas em qualquer circunstância. Além disso, não acredito que este material possa ser considerado obsceno ou ofensivo.

É de meu conhecimento que meu uso deste website é governado pelos Termos de Uso do website e pela Política de Privacidade do website, que cuidadosamente analisei e aceitei, e concordo que estou legalmente resguardado pelos Termos de Uso e Política de Privacidade deste website.

17Crédito é a nomenclatura do modelo de criptomoeda utilizada pelo site para armazenamento ou transferência de moeda corrente. Um crédito equivale a um real brasileiro. As criptomoedas são moedas digitais do tipo criptográfica, que utiutilizam da tecnologia de um sistema de registro de transações em rede de dados peer-to-peer (P2P), conhecida como blockchain, ou cadeia de blocos, para serem transferidas, compradas e vendidas, sem necessidade de autenticação e verificação de uma terceira parte.

18Gíria que resulta da soma entre a palavra “cam” (câmera) e o tempo verbal (ing) em inglês, indicando o presente contínuo, na ação de transmitir chamadas de vídeos ao vivo via webcâmeras.

19 Plataforma de *webcamming* erótico brasileira recentemente comprada por Henrique Meneghelli sócio majoritário – e criador – do Câmera Privê.

20Afirmção feita pelas minhas interlocutoras, que mais tarde serão apresentadas.

Concordo que, ao acessar este website, estou me sujeitando à exclusiva jurisdição do Estado de São Paulo caso a qualquer momento venha a ocorrer uma disputa entre o website e minha pessoa, como também consta nos Termos de Uso.

Concordo que, ao acessar este website, estou me sujeitando à arbitrariedade do Estado de São Paulo caso a qualquer momento venha a ocorrer uma disputa entre o website e minha pessoa, como também consta nos Termos de Uso.

Acredito que ao acessar o site estarei isentando os provedores, donos e criadores deste website de todas e quaisquer responsabilidades que possam ocorrer.

Li cuidadosamente os itens descritos acima e estou de acordo com todos eles.

Clicando em “Eu Concordo”, você atesta que todos os termos acima são verdadeiros, que deseja entrar no site e que concorda com os Termos de Usos e a Política de Privacidade.

A rigidez das normas etárias é imediatamente ultrapassada com apenas um clique do mouse: “Afirmo ter mais de 18 anos”. O layout inicial acompanha a logo do Câmera Privê, seguida de quatro barras verticalmente posicionadas no canto esquerdo superior com a descrição das sessões “Garotas ao vivo”, “Transex ao vivo”, “Garotos ao vivo” e “Transboys ao vivo”. No canto superior direito, é possível encontrar as opções “Cadastre-se Grátis”, “Área de modelo”, “Suporte” e a língua escolhida, variando entre português/Brasil, inglês, espanhol, português/Portugal, italiano, francês e alemão. Abaixo dessas opções, encontra-se o campo de preenchimento do login (para modelos e usuários) com e-mail e senha. Um pouco mais abaixo, encontra-se uma barra de busca, simbolizada por uma lupa, onde é possível procurar algum/a modelo específico/a pelo nome (*nickname*). Abaixo dessas opções, encontramos as imagens dos modelos em pequenos quadrados verticalmente distribuídos em seis perfis. A visibilidade dos perfis é atualizada a cada 30 segundos, transferindo para o topo as salas recentemente acessadas. As fotos dos perfis dos/as modelos recebem tarjas verdes com o nome “disponível”, para aqueles/as modelos que estão no chat gratuito; tarja amarela sinalizando “chat simples” como modalidade de chat pago, onde serão descontados os créditos de 1,20 a 1,80 por minuto, dependendo da tarifa do/a modelo; tarja roxa para “chat privado”, com taxas entre 2,10 e 2,80 créditos por minuto (nesta modalidade outros usuários podem pagar para ser “voyeur” e acompanhar a interação entre o/a usuário/a que pagou e o/a modelo por uma taxa de 1,20 a 2,10 de crédito por minuto); tarja roxa escura para “chat exclusivo” com taxas de 2,70 a 3,30 créditos por minuto (nesta modalidade, não é possível que outras pessoas possam assistir ao show como “voyeur”); tarja laranja para a modalidade de *privecall*, permitindo ao/a usuário/a iniciar uma chamada de videoconferência, mesmo quando a modelo não estiver online (os/as modelos apenas poderão atender a uma chamada *privecall* através do celular cobrando uma taxa de 3,60 a 4,20 por minuto); tarja cinza para “ausente”, isto é, modelos que estão offline. Ao clicar na imagem de um/a modelo o/a

usuário/a acessa a página do perfil privado deles/as. Essa página contém uma foto de capa no topo, uma de perfil no lado esquerdo superior da tela seguida abaixo pelas sessões: “sobre mim”, “chat simples”, “chat privado/exclusivo”. Essas sessões são preenchidas abertamente pelos/as modelos e, entre elas, é possível ter acesso à informações como o país de origem, línguas faladas e idade, bem como a quantidade de avaliações, seguidores/as e “crushes” do/a modelo. Na área central do perfil, visualizamos uma espécie de *timeline* em que se intercalam as fotos postadas pelo/a modelo, organizadas entre gratuitas (abertas a visualização) e pagas (abertas mediante pagamento), e as avaliações dos/as usuários/as, distribuídas em um comentário aberto e a marcação avaliativa entre 1 e 5 estrelas.

A antropóloga estadunidense Gayle Rubin, em seu texto *Pensando o Sexo*, publicado pela primeira vez em 1985, para a coletânea *Pleasure and Danger*, afirma que a sexualidade é historicamente abordada pela insígnia do pânico moral por operar como o bode-espiatório das crises políticas e dos conflitos urbanos e sociais. Para Rubin, o apagamento de uma causalidade social pode levar a sexualidade a ser pensada pelo léxico clínico e jurídico, na forma de doença, neurose, patologia, decadência, corrupção e crime. A sexualidade é frequentemente associada ao perigo e à repressão, ao invés do prazer e da liberdade.

De acordo com Rubin, há também hierarquias sexuais. No topo dessa “pirâmide erótica”, encontram-se as formas sexuais consideradas mais “legítimas”: casais heterossexuais, casados e monogâmicos que devem o seu prestígio ao desprezo atualizado nas castas dos/as transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores/as do sexo e modelos pornôis. Em um salto epistemológico, erótico e laboral, passei a acomodar-me em uma das últimas castas dessa hierarquia e assumi duplamente o lugar de trabalhadora sexual e pesquisadora.

Essa dupla posicionalidade aliou-me ao que o filósofo Derrida chama de *indecidível*²¹ enquanto locus discursivo crítico às fronteiras analíticas que estruturaram a racionalidade Ocidental. E é aqui que o esforço da Crítica da Razão Negra em historicizar a transcendentalidade do pensamento moderno ocidental na perspectiva da raça enquanto categoria limite – e estruturadora – da *razão pura* conduziu-me a uma crítica da razão pornográfica.²² Enquanto Mbembe rompe com a defesa do saber emancipado do poder

21“Elemento ambivalente sem natureza própria, que não se deixa compreender nas oposições clássicas binárias; elemento irreduzível a qualquer forma de operação lógica ou dialética” (SANTIAGO, 2020. p. 70).

22A ideia de “racionalidade pura” marca a filosofia moderna Ocidental na defesa de um pensamento – e suas pretensões metodológicas em alcançar uma verdade segura – desinteressado, ou seja, que transcenda as realidades históricas marcadas pelas contingências visto que estas últimas nada nos informam sobre uma racionalidade universal e imutável. O filósofo francês Michael Foucault (2002) pretende, com sua leitura estrutural da obra “Édipo”, do poeta grego Sófocles, traduzir a *virtualidade* do discurso mitológico na medida

(FOUCAULT, 2002) revelando a história colonial por trás da pretensa universalidade da razão moderna que se definia, sobretudo, na concepção do Outro irracional, desumano (e negro), procuro romper com a história da moral ascética – não sem a marca das minhas influências nietzschianas prematuras²³ – por trás das teorias acerca da natureza do trabalho na contemporaneidade e sua relação com as novas possibilidades de produção, consumo, gênero, pesquisa e sexualidade com o advento das tecnologias digitais.

É aqui que uma crítica da razão pornográfica pretende incorporar a literatura – e as vivências – sobre trabalho sexual às discussões acerca do florescimento de um “capitalismo de plataforma”, “capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2021) e “uberização ou imaterialidade do trabalho” (LAZZARATO, NEGRI, 2022; SLEE, 2019) como novos paradigmas produtivos do capitalismo pós-industrial. Às discussões acerca da “desdiferenciação” das fronteiras entre público/privado e os espaços de consumo/produção promovidas pelo ambiente digital – e online – a partir da “espetacularização do eu”, da celebração de um “eu público” (SIBILIA, 2015; BRUNO, 2004) ou de micro-celebridades online (JIMROGLOU, 1999; WHITE, 2003; BZURA, 2007; SENTF, 2008) como novos paradigmas das tecnologias de mídia e comunicação. Às discussões sobre a exploração da sexualidade com o advento das tecnologias digitais como um novo paradigma da topologia sexual na atualidade (PAASONEN, 2010; PARREIRAS, 2012; ROST, 2016; MIRANDA, 2016; FRANÇA, 2020). E à própria construção celibatária (KULICK, WILLSON, 1995) do antropólogo em campo como paradigma de uma alteridade – positivista e colonial – significada na assimetria entre sexo, dinheiro, pesquisa e subjetividade (LINO E SILVA, 2014). Em resumo, procuro *evidenciar* a intrínseca relação entre o desenvolvimento de novas modalidades de produção e consumo, de construção de popularidade, experimentações sexuais e antropológicas e a

em que este ganha valor na *realidade* política e epistemológica do que intitula de “pensamento Ocidental”. Essa realidade se inscreve na separação entre saber e poder na produção de uma verdade desinteressada e, portanto, *confiável*. Édipo, por saber demais, no exercício de desvendar a esfinge, conquista o poder de Rei. Entretanto, ele só tem esse *poder* na medida em que *não possui saber* sobre si. E, quando passa a saber, perde o seu poder. Essa noção de verdade só pode ser extraída, segundo Foucault, de algo que esteja desvinculado de um interesse do poder humano. É assim que os testemunhos divinos e populares, na medida em que localizam-se *fora do poder*, revelam a Édipo que ele era o verdadeiro assassino de seu pai.

23A obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche é construída a partir de uma crítica ao pensamento filosófico Ocidental, sobretudo da sua relação com a moral cristã e a valorização do ideal ascético como expressão privilegiada da vontade. Nietzsche se apropria da ontologia schopenhaueriana acerca da “vontade” enquanto um caráter inerente à vida para criticar as pressuposições racionalistas da filosofia Ocidental. Em sua obra *Além do Bem e do Mal Genealogia da Moral*, o filósofo afirma: Uma criatura viva quer antes de tudo dar vazão a sua força – **a própria vida é vontade de poder** – a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes consequências disso” (NIETZSCHE, 2000, p.20, grifo meu).

extensa comercialização de intercâmbios porno-eróticos²⁴ emergidas nas empresas-plataforma (SLEE, 2019).²⁵

O gesto metodológico e conceitual de *pornificar* a racionalidade pura presente no pensamento Ocidental²⁶ é inspirado na crítica do filósofo Paul Preciado (2013) quanto ao que aqui chamo de moral ascética aos escritos dos teóricos do operaísmo italiano que se referem a emergência de um “trabalho imaterial/cognitivo” como paradigma produtivo contemporâneo.²⁷

Os seguidores do operaísmo italiano discutem entre eles para saber em que medida o trabalho cognitivo ou imaterial é realmente imaterial. Talvez eles não façam referências suficientes à pressão e ao movimento de suas mãos sobre seus membros eretos enquanto se masturbam olhando as páginas pornôns acessíveis em seus celulares por meio de conexões wi-fi, à umidade entre suas pernas, à viscosidade de suas secreções. Virno prefere chamar de ‘linguístico’ o trabalho imaterial, enquanto Hardt e Negri optam pelo adjetivo foucaultiano e o qualificam ‘biopolítico’, destacando assim a relação dessa produção imaterial com o corpo. Mas esse corpo em si aparece como dessexualizado (PRECIADO, 2018, p. 293).

É em busca de *fazer ver* o que Preciado chama de “mão masturbadora” – nos seus diferentes ritmos, intensidades, direções e motivações, na inscrição das novas possibilidades de transa entre a indústria do sexo, indústria digital, pesquisa e antropologia – que se seguem as discussões dos presentes capítulos da atual pesquisa.

O primeiro lance de luz em busca dessa visão “pornificada do saber” incide sobre minha posicionalidade e desafios metodológicos de pesquisa. Minhas aproximações etnográficas ganharam pontos de intersecção com formas de relacionamento aparentemente *inabitáveis*: isto é, entre dinheiro, sexo e pesquisa. Aqui, situo o pagamento que fiz por algumas entrevistas semi-estruturadas iniciais (tal como a remuneração via chats pagos) com interlocutoras-clientes enquanto um problema antropológico. Como resultado de minha

24 A escolha do termo porno-erótico é fruto de uma postura crítica à distinção entre pornografia e erotismo entendendo-a, no limite, como higienista e conservadora. Para uma melhor discussão dessa distinção recomendo a leitura de Jorge Leite Jr. (2006).

25 Utilizo-me do conceito de empresa-plataforma para inscrever o movimento de plataformação digital ligada a uma gestão econômica e organização da infraestrutura comunicativa - e porno-erótica - buscando compreender os aspectos inerentes ao conceito de plataforma como um “emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos” (MOROZOV, 2018, p. 7).

26 Me utilizo conceitualmente do termo para me referir às críticas modernas, como na filosofia nietzschiana, em Michael Foucault ou Achille Mbembe, à pretensa universalização de uma racionalidade *pura* e desinteressada. Aqui, “pensamento Ocidental” significa menos uma natureza ontológica ou geográfica transcendental que uma tradição crítica a um *tipo* de pensamento.

27 Movimento marxista antiautoritário e heterodoxo surgido no fim da década de 1950 na Itália. Seus principais idealizadores e teóricos são Antonio Negri e Maurizio Lazzarato.

própria pesquisa, elaboro uma crítica à separação entre mercado e conhecimento, que deseja elevar este último à sua forma mais *legítima*. Essa separação alimenta-se, no limite, de uma ideologia racionalista moderna, já discutida na introdução, separando conhecimento do poder (FOUCAULT, 2002). Alimenta-se também do investimento em uma economia moral em detrimento de uma economia de mercado – separadas pela suposta subjetividade das relações não mercadológicas diante da objetividade do dinheiro (ZELIZER, 1989; PRASAD, 1999). Aqui é importante lembrar os ensinamentos de Marcel Mauss para os quais reciprocidade e mercado não funcionam separadamente.

Investimentos financeiros no mercado porno-erótico digital conectam-se com a própria “subjetividade erótica” da pesquisadora. Enquanto Jones (2020) fechava as abas dos sites de *webcamming* quando ficava excitada²⁸ e Diaz-Benitez (2008) temia que seus olhos alcançassem a presença masturbadora de seu interlocutor (ambas preocupadas com a ética em suas pesquisas), acionei meus atravessamentos porno-eróticos justamente para engajar-me epistemologicamente sob uma perspectiva parcial-comprometida, reconhecendo os meus aportes teóricos, meu gênero, minha raça e, por que não, minha sexualidade?

Mariana Rost (2016) nos lembra a importância da descrição desejosa de Malinowski na abertura de seus diários *secretos* para mobilizar os silenciamentos acerca da dimensão porno-erótica dos pesquisadores e interlocutores em campo. Os antropólogos Don Kulick e Margaret Willson, já em 1995, reuniram esforços para trazer a reflexividade antropológica sobre o tabu da sexualidade – ou do seu silenciamento – enquanto parte integrante das estratégias que sustentam as reivindicações antropológicas de autoridade:

Throughout all the decades of concern with the sex lives of others, anthropologists have remained very tight-lipped about their own sexuality. A main reason for this reticence, of course, has to do with the way that anthropology was constituted as a science dedicated to the objective recording and analysis of the habits and customs of other people [...] Therefore, the biography and position of the researcher did not matter. Textually, ethnographers achieved this pose of not mattering by making themselves invisible. As Clifford (1988), Geertz (1988), and many others have documented, researchers established their authority at the beginning of their accounts with a tumultuous or difficult arrival scene and/or a claim to fluency in a local language, and then they proceeded to vanish from their texts. (KULICK, WILLSON, 1995, p. 3).

A construção celibatária do antropólogo em campo alia-se a um senso de identidade

²⁸Jones afirma (2020, p. 280): “As a researcher, I tried to be mindful of how my sexuality and desires might bias my research. When I conducted participant observation, I was frequently turned on. There were occasions where I stopped collecting data and logged off because I felt my sexual desires and the pleasure I was experiencing during participant observation was compromising my ability to act as a researcher.”

marcada pela ideia possessiva de “eu” radicalmente apartada do “pathos”. Esse senso de identidade carrega o silêncio da “subjetividade erótica” como um triunfo da racionalidade positivista ao mesmo tempo que salvaguarda um projeto de alteridade colonial e deixa incontestada uma das bases epistemológicas do conhecimento antropológico, isto é, a subjetividade do “eu” pesquisador/a (PROBYN, 1993 apud KULICK, WILLSON, 1995).²⁹ O antropólogo Moisés Lino e Silva (2014), em debate com as teorias contemporâneas da sexualidade, argumenta que estas últimas, ao apoiarem suas leituras acerca do prazer sexual nos dispositivos de saber-poder confessionais (FOUCAULT, 2002), mobilizam a supervalorização antropológica – a partir de um gênero científico dessexualizado – na medida em que o pornográfico enquanto gênero discursivo é subvalorizado. Para Lino e Silva, o gênero “striptease etnográfico” constitui-se como alternativa de suporte para narrativas etnográficas em que o prazer sexual não está de acordo com um paradigma do “esclarecimento” ou da “verdade” e, sobretudo, não se limita ao corpo do “Outro”, reconhecendo as “práticas sexuais estéticas em que os antropólogos (intencionalmente ou não) participam durante o trabalho de campo” (LINO E SILVA, 2014, p. 16).

Aqui, a divisão entre reflexividades, que nomeio como “positivista” e “parcial”, inscrevem as diferenças na construção de uma alteridade, respectivamente, autorizada a refletir o lugar do “Outro” na medida que proclama o diálogo antropológico no apagamento narrativo do “eu” (CLIFFORD, 2005) e na projeção deste “eu” como um combinatório que mantém em tensão as diferentes linhas subjetivas que (re)formam – e marcam – seus sentidos, limites e possibilidades.³⁰

É a partir da reflexividade parcial que busquei criar uma alteridade em campo que reformulasse o meu “eu” no interior das experiências da *antropóloga-camgirl*, submetendo-me a uma autointoxicação e prótese pornotópica (PRECIADO, 2013).³¹ Meu sexo umedecia-

29A antropóloga palestina-americana Abu-Lughod defende uma escrita contra-cultural na possibilidade de acessar a intercambialidade/contestação de três princípios da escrita “da cultura”, são estes: posicionalidade, audiência, e o poder inerente às distinções entre eu e outro. Para a autora, o estudo do Outro por antropólogos/as é sempre um limite da formação do eu para o qual esse “eu”, informado por lugares incontestados, acabou por cair em um referencialidade fixa, ou mesmo, irreferenciada. A literatura decolonial situa o desenvolvimento antropológico da crítica cultural no interior das aspirações coloniais que permitiram acessar o “Outro” a partir de um regime de inteligibilidade do “eu” ocidental. (ASAD, 1973; SAID, 2007).

30James Clifford (2005) pensa a experiência do “scholar” estruturada no interior do sistema observação/participação malinowskiana como principal dispositivo para consolidação da autoridade etnográfica e da etnografia como ciência positiva. Segundo o autor, o paradigma malinowskiano operava no duplo recurso narrativo aos lugares da impessoalidade e da intersubjetividade acionados por declarações do gênero “eu estive lá”. O espírito malinowskiano trouxe a soma da atitude documentária, da experiência imediata e da interpretação teórica, unindo método à teoria, como a principal fonte para a condução de uma autoridade etnográfica que sustentasse o exercício antropológico na construção teórica de um fato *objetivamente adquirido*.

31Em seu capítulo “Micropolíticas de gênero na era farmacoponográfica: experimentação, intoxicação

se no óleo corporal cuidadosamente iluminado pelos *leds* e pela câmera, bem como o meu espaço de trabalho/dormitório e minha corporificação estética integrava-se à lingerie, maquiagens, iluminações e litros de água oxigenada. Minha atenção reprogramava-se às demandas algorítmicas das empresas-plataforma, das tecnologias de *streaming*, dos cabos de fibra ótica, da minha webcam Logitech c920 e dos meus antigos modelos de computador e celular da Samsung.

Segundo Beatriz Accioly Lins (2019) o aparelho celular foi o protagonista de sua tese, uma vez que se articulava para suas interlocutoras – e para ela – como uma *prótese* de seus corpos. O presente trabalho recupera à cena o protagonista etnográfico de Lins, reinserindo-o como instrumento epistemológico, antropológico, sexual e como suporte privilegiado de socialização etnográfica, produção – e compartilhamento – de conteúdos porno-erótico digitais.

Esta pesquisa não existiria sem a minha rede de sociabilidade estabelecida ainda em 2018, quando inicio minha experiência como *camgirl*, sem o profundo comprometimento de minhas interlocutoras/companheiras com o seu trabalho e com a construção de afetividades telemediadas e, nem mesmo, sem as horas capitalizadas dos meus interlocutores-clientes nas plataformas de *webcamming* erótico e nas redes sociais abertas. Mas também não existiria fora das condições estruturais na ambiência digital e das ferramentas produzidas no interior

voluntária, mutação” Paul Preciado nos introduz o princípio da autobobaia contextualizando-o ao final do século XVIII, momento em que a autoexperimentação ainda fazia parte dos protocolos da pesquisa farmacológica, sendo substituída no século XIX por uma “retórica da objetividade” para a qual o valor do conhecimento se realiza na medida em que o objeto a ser conhecido se projeta para fora do corpo do sujeito conhecedor. Em 1970, o médico Hsamuel Hahnemann lançou o seu corpo como uma exceção à retórica objetivista, ele administrava diariamente altas doses de quinino para observar o efeito dessa substância contra a malária. Essa experiência foi a base da invenção dos tratamentos homeopáticos. Peter Sloderdijk, em *Neither Sun Nor Death*, se inspira em Hahnemann para definir o seu conceito de “autointoxicação voluntária” resumindo-a pela afirmação: “quando se quer ser médico, é preciso ser cobaia.” Para Preciado apenas esse método é capaz de desestabilizar as estruturas convencionais da “inteligibilidade cultural” tomando como exemplo Sigmund Freud, Walter Benjamin e ele próprio como alguns dos seus seguidores que, não por acaso, também suscitaram linhas de pensamento críticas à subjetividade moderna inscrevendo novas técnicas de invenção do eu. Para Freud, segundo Preciado, a cocaína foi um projeto epistemológico tanto quanto econômico. Sua suposição era de que a cocaína provocava o desaparecimento de elementos deprimentes do “estado da alma em geral.” Entre 1927 e 1932, Walter Benjamin, junto a alguns amigos, se submete a uma série de assimilações químicas: comem haxixe, fumam ópio e ingerem mescalina e morfina, buscando encontrar uma “terapêutica universal”. Benjamin deixa um registro das impressões mentais produzidas pelo efeito das substâncias, traduzida por Preciado como a transcrição de uma experiência psicoestética. Em 2004, Preciado passou a se autoadministrar pequenas doses de testosterona, o que aparentava ser um projeto político autobiográfico de “bioterrorismo de gênero em escala molecular”, representou para o filósofo uma recusa à classificação médica enquanto um sujeito psicótico figurado no transtorno da identidade de gênero ou como dependente químico. Preciado se reconhece em uma armadilha política que tem a forma de sua própria subjetividade. Sua intoxicação voluntária à base de testosterona não é nada mais do que a preparação de um corpo para o alcance de horizontes distanciados das topologias médicas, institucionais, estatais e sexuais responsáveis por formar uma subjetividade “biopolítica”. É a essa manipulação subjetiva - e antropológica - que procurei submeter-me.

das mesmas.

Grande parte das narrativas aqui encontradas articularam-se conjuntamente com as ferramentas de busca dos aplicativos WhatsApp e Telegram, na facilitação de palavras-chaves que norteassem as minhas discussões. Sites de buscas promotores de uma “democratização científica” como o Library Genesis, o Sci Hub e, em menor medida, o Google Acadêmico forneceram-me apoio teórico e conduziram minha discussão a partir da busca por termos como: “Camgirl”, “Webcamming”, “Webcam”, “JenniCam”, “AnaVoog”, “Ponografia digital”, “Digital porn”, “Webstripper”; “Sexo virtual”, “Câmera prive”. É aqui que situo a etnografia digital enquanto mais um uso da ciência etnográfica (HINE, 2015) que se torna integrado aos nossos sistemas de conhecimento e relacionamento atuais que, como afirma Sarah Pink, voltam-se para “um mundo que é essencialmente digital.”³²

A socióloga Cláudia Pereira Ferraz (2019) pensa a análise etnográfica em redes digitais como uma extensão do método etnográfico tradicional ao reatualizar seus fundamentos na possibilidade de estabelecer a tradução dos algoritmos em dados político-culturais. Carolina Parreiras (2012, p. 205), ainda, “realiza a incursão empírica a partir de uma alternativa fornecida e facilitada pela internet: seguir fluxos (de dados, informações, pessoas, convenções)” na medida em que esses fluxos envolvem a ligação entre mercado erótico, consumo de pornografia e tecnologia expressadas em múltiplos lugares, relações e espaços que são constitutivos da hibridização entre os ambientes off e o online.

Pink sustenta que a etnografia digital mantém a metodologia da antropologia tradicional ao partir do movimento de estudar pessoas *dentro* do seu relacionamento com elas, estabelecendo contato com suas rotinas e inserindo uma dinâmica de visualização ao que normalmente *não estaria disposto a ser visto*. Para Angela Jones (2020), a Internet fornece novas condições de trabalho sexual, porque “nunca fecha”. Essa perspectiva indiscriminada de abertura do ambiente digital *conectado*, no entanto, trouxe desafios à criação metodológica deste trabalho. Seguir fluxos, participar/partilhar experiências e acessar lugares *não vistos* me exigiram justificativas epistemológicas e éticas ligadas às especificidades do digital.

Optei pela transmissão nos sites de *webcamming* erótico em horários noturnos pela expectativa de maior tráfego. No entanto, também loguei em horários matutinos e vespertinos na possibilidade de conectar-me a novos públicos. Segui esse plano entre os meses de agosto e início de novembro do ano de 2021 com intervalos de, no máximo, dois dias offline. Minha

32UNIVERSITY OF COPENHAGEN. Sarah Pink: Digital Ethnography. Youtube, 11 dez. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0ugtGbKVRFM>> acessado em 19 de setembro de 2021.

participação nos grupos estudados correspondia a horários indiscriminados e seguia o fluxo do tráfego de informações (PARREIRAS, 2012). Também realizava ensaios semanais, com fotos exclusivas diárias, para produzir meu perfil de modelo nas redes abertas, como Instagram e, em menor medida, Twitter e Reddit, além das redes privadas como OnlyFans e Câmera Privê. Angariei mais de 3000 seguidores no Instagram e quase 2500 nas plataformas de *webcamming* erótico. Arrecadei pouco mais de R\$ 3000 reais no Câmera Privê, R\$ 100 no WebCamModels e gastei R\$ 800 reais com entrevistas e a assinatura na Dirty Agência.³³

Meu trânsito entre esses ambientes, embora marcadamente ligado a um interesse de pesquisa – não só nos espaços de interlocução com as modelos, mas em situações de maior intimidade com os interlocutores-clientes – misturava-se à minha experiência como *camgirl*, tornando a minha presença etnográfica um híbrido entre trabalhadora sexual e antropóloga. Essa marcação, no entanto, ganhava contornos diferenciados nos grupos aqui estudados.

Enquanto no grupo do BGR eu havia negociado a minha presença, no início de 2021, com a autorização das integrantes, no “GRINGOS” minha autorização foi intermediada apenas pela administradora Ágatha, em meados do mesmo ano. Já no “*Networking*” a autorização de minha presença tornava-se *inviabilizada* pela própria natureza comercialmente mediada do grupo que era atravessado por um fluxo rotativo de membros.³⁴ É aqui que tornei necessário o anonimato de nomes, a troca de datas e algumas referências específicas, bem como apenas a descrição de publicações quando essas ofereciam a possibilidade visualização temporária, como conteúdos de *stories*.

A já discutida necessidade de visualmente situar-me em campo – seja pela verificação da minha identidade como pesquisadora/colega de trabalho ou como modelo de webcam – exigiu-me a adoção de uma observação participante como metodologia privilegiada de trabalho.³⁵ Aqui, a exposição pública do “eu” num processo de presentificação (OLIVEIRA, 2017), dado pela dinâmica *livestreaming* como condição de possibilidade da minha

³³A prática de realizar pagamentos para entrevistas não é incomum na antropologia. O antropólogo argentino Néstor Perlongher, acerca da sua inserção etnográfica no trabalho dos “michês” na capital paulistana, afirma: “não há melhor maneira de estudar o trottoir do que fazendo trottoir” (PERLONGHER, 1986, p. 26). A antropóloga Denise Martin em sua pesquisa sobre prostitutas localizadas na cidade de Santos, em São Paulo, defende a remuneração de entrevistas - prática realizada pela mesma - como “um procedimento padrão quando se trata de pesquisas com populações marginalizadas” (MARTIN, 2003, p. 103). A Dirty tratava-se de uma agência de modelos destinada para criadoras de conteúdo porno-erótico digital/online criada por Mel Suicide no início de 2021. Sobre a minha entrada na agência falarei no capítulo terceiro.

³⁴Essa dinâmica rotativa se estendia, em menor medida, aos outros grupos uma vez que o trabalho com camming/venda de conteúdo constituía-se como temporário para algumas modelos. O grupo do BGR e “GRINGOS” preservava uma média de 40 participantes enquanto o *Networking* teve um salto de 100 à 140 participantes ao longo dessa pesquisa.

³⁵Em outros momentos, no entanto, apenas observei alguns perfis e transmissões abertas de modelos ou conversas nos grupos aqui mencionados

participação etnográfica, trazia novos desafios à minha experiência de trabalho pessoal anterior no *webcamming* erótico. Antes de “antropologizar-me” enquanto *camgirl*, eu fazia parte das mulheres decapitadas – modelos sem rosto descritas por Thany Sanches (2022).³⁶

Diaz-Benitez lembra que a definição de pornografia não se reduz a um significado intrínseco a um *produto*, mas ao contexto no qual é produzido. Para a autora, “retirar a imagem de um contexto estigmatizado e colocá-la em outro, valorizado ou legítimo, ou argumentar que uma imagem transcende o tipicamente sexual possuindo “algo a mais” artístico ou culturalmente, são possibilidades para fugir da censura e evitar o rótulo de pornografia” (DIAZ-BENITEZ, 2009, p. 20). É nesse “algo a mais” que me senti legitimada para compartilhar o meu rosto na medida em que o *webcamming* erótico/criação de conteúdo se figurava para mim como uma experiência científica e uma *ficção* encarnada da possibilidade de habitar, ao mesmo tempo, o corpo da trabalhadora sexual e da cientista.

O cientista social francês Didier Fassin (2014 apud MCLEAN, 2017) identifica semelhanças e diferenças entre a ficção literária e a etnografia. O antropólogo Stuart McLean (2017), no entanto, nos pergunta: “em que base essa distinção deve ser feita? (...) É possível que a antropologia operasse uma genealogia dos fatos colocando a própria realidade em questão?” É aqui que a escrita mais autobiográfica presente em alguns momentos deste trabalho recriam a minha realidade histórica no interior de uma ficção reflexiva do “eu” multisituado e parcial (HARAWAY, 2009; KULICK, WILLSON, 1995), na medida em que “a especificidade de minha experiência – um ser humano particular que encontra outros particulares em um determinado momento histórico e tem interesses particulares nessa interação – não se opõe à teoria mas a encerra e encarna” (KONDO, 1990, p. 24 apud KULICK, WILLSON, 1995, p. 20).

No entanto, procurei não traduzir essa reflexividade do “eu” em um “banal egotism” (PROBYN, 1993), na medida que propus um diálogo por *dentro* – autointoxicada, prostética e multisituada – do meu campo (PRECIADO, 2013; PINK, 2020), apostando em um

³⁶As possibilidades de presentificação live streaming na construção fragmentária de corpos é nomeada por Oliveira (2017) como “atopias sexuais”. Aqui o corpo perde seu *topos* orgânico natural para ganhar significado na interação digitalizada entre avatares, programas de edição de imagem – como os “filtros” do Instagram - e em novas disposições arquitetônicas digitais (como os perfis das modelos dispostos em janelas “mundializadas”). Sanches (2022) descreve a decapitação digital das modelos como um dispositivo de anonimato no interior da “atopia sexual” e traduz o seu rompimento como uma “vitória do corpo político sobre o seu traidor” (SANCHES, 2022, p. 38). Minhas experiências em campo, no entanto, mostram que a revelação do rosto figura-se como uma estratégia para angariar clientes na medida em que proporciona maior *autenticidade incorporada*. Mostrar o rosto também ligava-se a questões geográficas apresentando-se como possibilidade para modelos que restringiam-se ao trabalho em sites “gringos” com bloqueio aos usuários brasileiros. Modelos muito tatuadas, ainda, não consideravam seu anonimato garantido *apenas* na decapitação de suas imagens dada a estética personalizada de seus corpos.

relacionamento que pretendeu “não se reduzir aos termos do debate entre proximidade ou distância do objeto estudado, ou uma autoreflexividade, como virtude pessoal, mas a uma técnica social de produção etnográfica-antropológica submetida a uma “reflexividade sistêmica” (STRATHERN, 2005). É aqui que localizo, num gesto exaustivo, as falas das minhas interlocutoras juntamente ao contexto em que foram colocadas, não como mero recurso discursivo que *evidenciasse* a presença do debate, mas como um “Outrem” que se posiciona como ponto de intersecção entre o “eu” e o Outro, afastando-se de uma perspectiva assimétrica de poder cindida entre sujeito/objeto.³⁷

No primeiro capítulo, acrescentamos à discussão sobre pesquisa, mobilidade etnográfica e posicionalidade às dinâmicas de (des)confiança, gênero, sexualidade e mercado mobilizadas por minhas interlocutoras na relação com as estruturas de sociabilidade – e verificação (SLEE, 2019) – próprias às plataformas digitais e situamos essas dinâmicas em uma crítica às literaturas feministas anti-sexo (DWORKIN, 1989; SWAIN, 2020). Ainda, adicionamos à discussão a minha entrada na Antropologia e o interesse teórico vinculado a presente pesquisa ligado, sobretudo, às novas modalidades de trabalho da economia pós-industrial (HARAWAY, 2000; MBEMBE, 2016;). Por último, situamos esse interesse em um estudo antropológico sobre o “universo do *camming*” descrevendo a minha imersão etnográfica em grupos de WhatsApp e Telegram.

No segundo capítulo, lanço mão das minhas experiências etnográficas com os interlocutores-clientes³⁸ nas transmissões nos sites do Câmera Privê e WebCamModels, discutindo os atravessamentos raciais, regionais, porno-eróticos e os desafios metodológicos no meu relacionamento com os clientes dessas plataformas. Situo as tensões em torno das definições – produzidas por minhas interlocutoras e pelas literaturas sobre o tema do *webcamming* erótico comercial³⁹ e a venda de conteúdo digital⁴⁰ na relação com outras formas

³⁷Segundo o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (DELEUZE 1995, p. 79 apud VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 142): “Outrem não é uma *pessoa*, uma terceira pessoa diversa do eu e do tu, à espera de sua vez no diálogo, mas também não é uma *coisa*, um 'isso' de que se fala. Outrem seria mais bem a "quarta pessoa do singular" situada, digamos assim, na terceira margem do rio, anterior ao jogo perspectivo dos pronomes pessoais.”

³⁸O meu encontro com os clientes, resultantes dessas transmissões, não realizava-se como atividade fundamentalmente econômica ou sexual – mas antropológica. A busca desse relacionamento seguiu a crítica acionada pela socióloga estadunidense Monica Prasad (1999) à ênfase dada aos – principalmente às – trabalhadores/as sexuais nos estudos sobre o mercado do sexo ao contribuírem na idealização da “puta imaginada” (PRADA, 2021). É aqui que o estudo do público consumidor ganha importância e significado.

³⁹Me alio ao termo utilizado pela pesquisadora Lorena Caminhas (2021) para tratar dos sites de *webcamming* erótico voltados para a exposição sexual explícita comercializada.

⁴⁰“Venda de conteúdo” é um termo êmico utilizado para definir a comercialização de conteúdos (fotos, vídeos, áudios, etc) em plataformas digitais. O termo é, geralmente, utilizado como eufemismo para anunciar serviços destinados a excitação sexual do/a consumidor/a e será adotado, com esse sentido, durante toda a pesquisa. Sobre

trabalho sexual mais “tradicionais”. Em momento posterior, discuto a ligação dessas definições com a emergência do trabalho “cognitivo/conectivo” e a mobilização de uma *autenticidade incorporada* – e seus atravessamentos de raça e gênero – diferenciando o mercado sexual no digital de outras modalidades de trabalho sexual.

No terceiro capítulo, situo a minha imersão etnográfica nos referidos grupos e perfis sociais de outros modelos de *camming* descrevendo as discussões referentes aos temas da saúde mental, trabalho sexual online e a relação desses últimos a uma retórica neoliberal. Em um segundo momento, localizo tais relatos etnográficos no interior da literatura sobre a “Síndrome do Burnout” e sua relação com o surgimento de uma nova força de trabalho “cognitiva/conectiva”. Depois, discuto como a emergência do trabalho “cognitivo/conectivo”, no interior do trabalho sexual nas plataformas digitais, implica na mobilização de uma *autenticidade incorporada* (JONES, 2020), na mesma medida em que acresce risco de exposição e perseguição às trabalhadoras nas práticas de “capping” e “doxxing”.⁴¹ Em um último momento, invoco a literatura de Carole Vance (1984) para pensar as novas relações de prazer-perigo mobilizadas pela alquimia sexual do ambiente digital e online, preparando a/o leitor/a para as possibilidades de agenciamento sexual e econômico oferecidas pela abertura tecnológica que serão tratadas no capítulo seguinte.

O quarto capítulo é introduzido por relatos etnográficos e discussões teóricas que apresentam o trabalho sexual nas plataformas digitais como uma alternativa para “livrar” as modelos de relações de trabalho, família e relacionamento abusivas, além de garantir a essas pessoas certo aproveitamento da possibilidade do trabalho remoto, da experimentação sexual e das rotinas flexíveis, como atestam algumas falas das minhas interlocutoras: “estou segura na minha casa e escuto histórias incríveis todos os dias”, “me arrependo de não ter feito antes, no primeiro dia eu vi que em 1 hora online eu ganhava o valor de um dia todo de trabalho CLT” e “comecei a viver mais minha sexualidade.” Em um segundo momento, procuro trabalhar as experiências etnográficas nos grupos pesquisados para discutir as negociações em torno da definição de “ser sua própria chefe” e as articulações com o estabelecimento de horários e gestão algorítmica das empresas-plataforma com finalidade de atingir um “público” ou “marca comercial” específicos, evidenciando a emergência de uma nova indústria sexual. Por fim, situo as estratégias de gerenciamento dos algoritmos nas redes sociais digitais entre

as práticas de gestão e censura algorítmica falaremos mais tarde.

41 Jones (2020) chamará de “capping” e “doxxing”, respectivamente, as “gravação de tela” realizadas pelos clientes com o intuito de ameaçar as modelos ou *apenas* compartilhar em outros sites e a utilização de pesquisas e/ou *hacking* para adquirir informação sobre as mesmas com fins de persegui-las.

minhas interlocutoras como características de um novo processo produtivo que combina dinâmicas de “prosumer”⁴² (DRENTEN, GURRIERI, TYLER, 2020), trabalho remunerado e gratuito (TERRANOVA, 2000), trabalho criativo e imaterial (DAVENPORT & BECK, 2001; GOLDHABER, 1997) e a incorporação de um trabalho improdutivo sobre uma “inteligência coletiva” (KOLOGLUGY, 2015), retomando algumas definições acerca do “trabalho cognitivo/criativo” (BIFO, 2003) discutido nos capítulos anteriores.

No quinto e último capítulo, explicamos como se organiza a definição dos preços que articulam as práticas sexuais dissidentes no interior das disputas de poder, dinheiro e sexualidade entre as modelos. Debateremos, ainda, as políticas de “gentrificação digital” envolvendo as regras de uso dos sites e o monopólio das empresas-plataforma. É aqui que se localizam as estratégias das modelos para realização de práticas sexuais interditas no universo do trabalho sexual plataformizado – sobretudo aquelas práticas que são denominadas como “fetiche” –, bem como a minha própria experiência de banimento em um concurso de uma agência para modelos da Internet pelas políticas de conteúdo explícito (sexual) do Instagram.⁴³ Essas estratégias de realização de práticas sexuais lidas como dissidentes mapeiam uma nova topologia sexual e novos dispositivos de controle e resistência (FOUCAULT, 2020; RUBIN, 2003). São esses elementos que me levam a considerar a emergência de uma “metrópole digital” (MOCELIM, 2009) envolvendo novas regras de gentrificação erguidas sob uma estrutura de monopólio lucrativo e de práticas sexuais normativas constitutivas do mercado sexual no digital.⁴⁴

Com base nos cinco capítulos acima, proponho empreender uma crítica da razão pornográfica sob os marcos de uma novo relacionamento entre ciência, corpo e desejo, bem

42 Para George Ritzer e Nathan Jurgenson (2010) o termo *prosumer*, geralmente atribuído a Alvin Toffler, emerge da “segunda onda” de mercantilização que impulsionou “uma cunha na sociedade, que separou essas duas funções, dando assim origem ao que hoje chamamos de produtores e consumidores” (Toffler, 1980, p. 266 apud RITZER, JURGENSON, p. 17). Os autores trazem a visão do “prosumidor” como parte de um novo modelo “wikinômico” em que as empresas colocam os consumidores para trabalhar ao mesmo tempo que criticam esse modelo como um “recrutamento ideológico de consumidores em relacionamentos produtivos de cocriação acomodando as necessidades dos consumidores por reconhecimento, liberdade e agência” (ZWICK, 2008 apud RITZER, JURGENSON).

43O Instagram foi criado pelo brasileiro Mike Krieger e pelo estadunidense Kevin Systrom em outubro de 2010, inicialmente apenas para o sistema operacional da Apple15. Em abril de 2012, mesmo mês em que foi adquirido pelas empresas do Facebook passou a funcionar também com o sistema Android. A rede se caracteriza pelo privilégio dado às imagens, sem que nenhuma publicação possa ser feita sem a anexação de uma. Os perfis podem ser públicos ou privados e são compostos pelo nome do usuário, uma descrição opcional de até 150 caracteres e um álbum das imagens compartilhadas com seus respectivos seguidores. Ver em: LEMOS, André, and Catarina DE SENA. "Mais livre publicar: efemeridade da imagem nos modos galeria e *stories* do Instagram." *Mídia Cotidiano [Internet]*. 6-26, 2018.

44 Uso sexualidades normativas me referindo ao sistema de hierarquia sexual defendido por Gayle Rubin (2003). O termo, no entanto, também aparece entre as minhas interlocutoras.

como entre trabalho sexual e as novas dinâmicas de produção/consumo e sexualidade erguidas na emergência das tecnologias digitais e do capitalismo das empresas-plataforma.

1 PESQUISA, (DES)CONFIANÇA E GÊNERO: ONDE É MAIS FÁCIL SER MULHER E TRABALHADORA SEXUAL

No dia 07 de setembro de 2021, fiz o meu primeiro resgate de 1120 reais na plataforma de *webcamming* erótico comercial Câmera Privê.⁴⁵ Naquele dia mudei meu horário, passando a entrar às 8h00 da manhã. Por volta de 11h30, eu ainda não havia conseguido nenhum cliente, até que meu chat tocou. Ele estava no Uber⁴⁶, voltando da Floresta Amazônica. Uma viagem a trabalho, era professor universitário e cientista ambiental. Chamava-se Vicente e perguntou se eu ficaria a tarde toda no site. Respondi: até às 17 horas. Perguntei se já tinha “passeado muito pelo site”. Ele negou, dizendo que se interessou por mim. Disse que iria voltar para um bate-papo “só eu e ele”. Eu aceitei a proposta e também fiz uma pausa para o almoço.

Voltei às 15h30. Em alguns instantes, ele apareceu e me convidou para o chat privado. Ele me contou sobre seu trabalho e eu fiz uma confissão sobre o meu: “por aqui, os caras andam muito grosseiros”. Ele disse: “pode desabafar!” Falei da minha formação e confabulamos sobre a possibilidade de termos nos encontrado no meu campus universitário. Confessei a ele que gostava de pensar nessa possibilidade. Ele também. *Sexting* acadêmico.⁴⁷ Vicente comentou que adoraria me reconhecer em uma aula dele e que me imaginava entrando em sala. Afirmei que eu era uma daquelas alunas curiosas que sempre chamam o professor para um papo pós-aula. Perguntei se ele aceitaria sair comigo. Ao que me respondeu: “é claro que sim!” Sugeri que poderíamos caminhar até o gabinete dele, um espaço pequeno, mas privado. Ficaríamos muito próximos. Ele gostou das minhas perguntas provocantes, mas chegou a gaguejar quando percebeu para onde os meus olhos se direcionavam.

Quando meu olhar pela câmera me entregou, minha pele arrepiou-se e o meu fluxo respiratório aumentou. Vicente garantiu que não estava desconfortável, que gostava de responder às minhas perguntas. Foi então que senti a mão dele no meu queixo, escorregando até o rosto. Aproximamos ainda mais. Ele tentou levantar-se para pegar um café e respirar. Eu

45Na nomenclatura do Câmera Privê, resgatar os créditos de sua conta significa transferi-los ao seu banco cadastrado na plataforma. Há duas possibilidades de resgate: “simples”, em que é cobrada uma taxa de 5,00 reais com um prazo de 24 horas para ser efetivado e o “jato”, em que é cobrada uma taxa de 10,00 reais com um prazo de até 30 minutos. Modelos exclusivos do site podem fazer resgates ilimitados, excluindo-se feriados, contando que tenham um valor mínimo de 15,00 créditos em conta (antes de 2021 esse valor era de 100, 00 reais). Já as que não assinam contrato exclusivo se restringem a dois resgates por mês.

46Fundada em 2017 pelo empresário estadunidense Dara Khosrowshahi a Uber é uma empresa de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano.

47Sexting é uma prática de conversa via mensagem de texto com fins de provocar uma excitação sexual.

o interrompi. Fiz com que ele se posicionasse à minha frente. Então ele me pegou com força pela cintura. Levantou-me. Posicionou-me sobre a sua mesa, com as pernas escancaradas. Cravou todos os seus dedos ao redor da minha bunda. Puxou-me contra seu corpo. Esfregou em mim aquilo que eu havia notado avolumar-se entre suas pernas. Desejei acomodá-lo em minha boca.

Desci o meu tronco, pescoço e cabeça, sem perder contato com os olhos dele. Vicente não resistiu e abaixou as calças. Abri *sua* braguilha, peguei o dildo e chupei. Meus olhos perseguiam a câmera do meu computador. Ele respondeu dizendo: “amo quando me chupam olhando assim!” Eu continuei até que ele decidiu apoiar-me novamente na mesa, abrindo com tensão as minhas pernas. Vicente era sutil e certo em seus movimentos. Também não resisti. Sentia que ele *realmente* estava completamente dentro de mim.

Não consegui nem terminar de enviar a próxima mensagem pelo chat e o coito foi interrompido. Minha imagem travou. A internet caiu. Aproveitei para checar minhas notificações do WhatsApp. Imediatamente, sai do meu quarto. Encontrei meu felino, Pedro, estirado no chão, em sua posição favorita. Meu companheiro estava deslocando-se para a cozinha, movimento que interrompi. Agarrei-o pelas costas e, ali mesmo, o abracei com força. Chorei muito. Não sei quanto tempo ficamos na mesma posição. Eu não disse nada além do abraço e do choro. As lágrimas denunciavam uma experiência frustrada não naquele dia, mas iniciada há algumas semanas quando comecei meu trabalho de campo em grupos de mensageiros instantâneos (WhatsApp e Telegram) e nas plataformas de *webcamming* erótico comercial (Câmera Privê e WebCamModels).

1.1 ANTROPOLOGIA, PANDEMIA E O TRABALHO SEXUAL PLATAFORMIZADO

Em meados de 2019, iniciei o processo de leitura concentrado na realização do meu trabalho monográfico. A minha fascinação pelo artigo “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, da bióloga e filósofa estadunidense Donna Haraway, publicado em 1988, pela revista *Feminist Studies*, aproximou-me dos estudos em epistemologia feminista. Enquanto isso, iniciava meu contato com as principais correntes da epistemologia feminista apresentadas pela filósofa da ciência Sandra Harding (1986) em sua obra *The Science Question in Feminism*, isto é: o construtivismo social, o *standpoint* (ou perspectivista) e o empirismo feminista. Procurando por artigos que me fornecessem mais pistas sobre a discussão entre ciência e feminismo, com ênfase em

leituras brasileiras, encontrei a pergunta/sugestão retórica “Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?” em um artigo da professora Cecilia Maria Bacellar Sardenberg. Emocionei-me de imediato ao descobrir a trajetória acadêmica feminista da autora, bem como a síntese bem elaborada que ela faz das discussões em epistemologia com as quais eu também me comprometia. Outra descoberta era que Sardenberg lecionava na Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (PPGNEIM) da UFBA. Pesquisei sobre a universidade e fiquei maravilhosamente curiosa pelas passagens de Tom Zé e Caetano Veloso pela mesma, a terceira descoberta era que o processo seletivo de mestrado estava aberto. Nos fins de outubro do mesmo ano, viajei para a capital baiana e realizei dois dias de prova para o ingresso no mestrado. Na etapa da entrevista, na modalidade remota, encarei uma mesa de três professores que, insistentemente, indagavam sobre meu “objeto empírico” de pesquisa. Naquele momento, descobri que a minha inabilidade com a pergunta da banca deu-se, parcialmente, por eu ter me inscrito no Programa de Antropologia da UFBA (PPGA) e não no PPGNEIM. No dia 18 de janeiro, cheguei à capital baiana em uma viagem compartilhada pelo aplicativo Blablacar,⁴⁸ iniciando uma jornada como nova mestranda pelo PPGA da UFBA.

Duas semanas de aulas presenciais foi o prazo para que minhas atividades no campus fossem barradas pela pandemia do coronavírus.⁴⁹ A novidade do vírus, mesmo contando com o alto desenvolvimento das pesquisas em biotecnologia atuais, inviabilizou uma contenção imediata da doença, demandando a adoção “generalizada” de um isolamento social. De repente, “todos nós” estávamos em um estado geral e indeterminado de quarentena.⁵⁰

No início de junho de 2020, participei da minha primeira reunião de orientação coletiva remota. As aulas ainda estavam suspensas e reservava-me a ler as bibliografias das matérias em que havia me matriculado. Sinalizei ao meu orientador inicial, o Professor Felipe Fernandes, o meu interesse em continuar a trabalhar com o referencial teórico da Donna Haraway, analisando o seu conceito de *perspectiva parcial*, aplicado a uma análise bibliográfica de algumas antropólogas do final do século XX. Pouco tempo depois, no

48Plataforma digital de caronas à longa distância, sendo a maior a nível mundial. Criada em dezembro de 2003 por Frédéric Mazzella e fundada em 2006. Atualmente conta com mais de 60 milhões de membros em 22 países. Ver em: <<https://www.blablacar.com.br/>> acessado em 06 de outubro de 2022.

49O coronavírus é um novo vírus originado na cidade de Wuhan, na China. Começou a ter uma disseminação expressiva em dezembro de 2019 e em março de 2020 tornou-se uma pandemia mundial.

50No livro *Cientistas Sociais e o Coronavírus* publicado pela ANPOCS, pesquisas interdisciplinares vão se apoiar no estudo de populações marginalizadas como mulheres, imigrantes, grupos tradicionais, profissionais (e estudantes) pauperizados, para pensar como vivenciam a pandemia de forma *diferenciada*, isto é, quando o vírus passa a incorporar as desigualdades sociais às quais essas populações são atravessadas, agravando-as.

entanto, a filosofia “dildônica”⁵¹ do filósofo espanhol Paul Preciado forçou-me a criticar certos pressupostos – ainda muito centrados na metafísica da diferença sexual (homem/mulher) – que localizei em minha primeira proposta de pesquisa, levando-me a abandoná-la. Naquele momento, voltei-me para o artigo “O devir mulher, o devir negro e a reestruturação do trabalho na era pós-industrial e no neoliberalismo: uma conversa entre Achille Mbembe e Donna Haraway”, que escrevi para a disciplina de graduação do professor Renato Nogueira com fins de encontrar solo para desenvolver uma pesquisa etnográfica com base na minha experiência enquanto *camgirl* – como exemplo de uma modalidade de trabalho da economia pós-industrial – em uma plataforma de *webcamming* erótico brasileira. E, finalmente, responder à pergunta dos meus professores: “e o objeto empírico?”.

No ano de 2019, meu trabalho como *camgirl* se reservou às duas primeiras semanas do ano, em que tratei de juntar dinheiro para presentear meu companheiro, que aniversariava em janeiro, com uma viagem. O custo afetivo que o *camming* trazia ao meu relacionamento monogâmico, o retorno de meu companheiro à divisão do espaço doméstico e financeiro comigo na cidade de Seropédica e o recém contrato de uma bolsa de iniciação à docência (PIBID) que eu havia assinado fizeram com que eu abandonasse a profissão até que chegasse em Salvador, quando retomei brevemente ao trabalho nas redes, em 2020.⁵² Quando deixei de morar na capital baiana para me tornar, novamente, filha interiorana em estado de isolamento, deixei o *camming* mais uma vez e, com ele, um dos “capitais sociais”⁵³ que me reservava a profissão, o grupo de WhatsApp administrado por Angel.

51Em diálogo com as literaturas feministas radicais e a filosofia derridiana, Preciado desloca, respectivamente, o “dildo” enquanto objeto que privilegia a sexualidade falocêntrica para situá-lo como “suplemento” erótico que solapa as hierarquias do sistema sexo/gênero, no limite, revelando o “pênis” como uma cópia *imperfeita* de um “brinquedo sexual”, isto é, o dildo. Aqui o “dildo” ultrapassa a ideia de “falo” por operar não apenas no plano simbólico, mas também político, como nas práticas sexuais dissidentes das oficinas de Dragking.

52Ana Paula da Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2017) discutem a *comodificação* dos trabalhos realizados “por amor” no interior do trabalho reprodutivo não pago, isto é, feminizado (também em termos de raça e classe) sinalizando a emergência da profissionalização do trabalho doméstico e dos cuidados. Essa profissionalização, no entanto, não acompanhou os trabalhos sexuais, garantindo a estes últimos o lugar do empreendedorismo individual (exemplificado na lei brasileira que ainda proíbe a prática da “cafetagem”). Para os autores, esse impedimento da profissionalização do trabalho sexual acompanhado da realidade econômica precarizada das trabalhadoras que se situam nas suas pesquisas localiza a realidade das mesmas no interior de uma “economia de retalhos” ao dividirem-se em múltiplas tarefas/trabalhos – como “retalhos” laborais (HUFTON, 1974 apud DA SILVA, BLANCHETTE, 2017). Minhas interlocutoras, no entanto, embora também se situem numa “economia de retalhos”, intercalando outras profissões com o *webcamming* erótico comercial (CAMINHAS, 2021), não deixam de ver este último propriamente como uma profissão. É a partir dessa perspectiva que, durante todo o trabalho, associarei a atividade de *camgirl* com uma experiência profissional.

53O sociólogo francês Pierre Bourdieu definiu o conceito de capital social como “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1985, p. 248). É baseado nessa definição que me utilizo do conceito.

Minha última experiência no grupo havia envolvido a Polícia Federal e acusações de pedofilia. Certo dia, por volta de 1h30 da manhã, uma das membras, apavorada, recorreu ao grupo para aconselhamento e viabilização de denúncia de um cliente pedófilo. De imediato, algumas membras do grupo referiram-se à disponibilidade de provas. Em resposta, ela compartilhava uma série de *prints* de um corpo infantil, por volta dos 3 anos de idade, de cabelos curtos loiros e lisos, sentada nua no colo de um homem por volta dos 40 anos de idade. Este último vestia apenas cuecas e tocava a genitália infantil à frente de uma câmera de computador. Seguindo algumas mensagens de repúdio – e solicitação para apagamento do conteúdo – o grupo acompanhou o caso por, pelo menos, uma semana. Algum tempo depois desse incidente, Angel decidiu por fazer uma “triagem” no grupo, removendo as integrantes que naquele momento não exerciam *camming*, incluindo eu.

1.2 SHIBARI, ANTROPÓLOGA-CAMGIRL E A GESTÃO DE CONFIABILIDADE DAS EMPRESAS-PLATAFORMA

No início de 2021, já retornada à capital baiana, passei a construir estratégias para a minha entrada no trabalho de campo etnográfico. Em fins de 2020, pulando de um *stories*⁵⁴ a outro do Instagram, havia me deparado com a imagem de uma colega da UFRRJ amarrada sob a técnica do *Shibari*.⁵⁵ Imediatamente, lembrei das incursões de Angel nessa prática e a tomei como uma forma para retomar o contato com ela. Consegui seu novo número de Whatsapp pelo *direct*⁵⁶ do seu perfil no Instagram e mandei uma mensagem, demonstrando interesse em seu curso de *Shibari*. Após algumas dificuldades com a compra e a entrega da corda (principal instrumento de amarração), conseguimos marcar as aulas para o início de fevereiro de 2021. Na última aula, contei para Angel sobre a minha entrada na antropologia e o interesse em estudar *camgirls*, inicialmente, retornando ao grupo de Whatsapp do qual, anteriormente, participava como colega de trabalho. Ela respondeu que só aceitaria minha

⁵⁴Consiste na publicação de imagens (fotos e vídeos) que se apagam automaticamente em 24h.

⁵⁵O *Shibari* é uma prática da cultura samurai e herdeira do *hojojutsu* (técnica feudal de amarrar prisioneiros com cordas). As cordas operavam como instrumentos de tortura, confissão, punição e como símbolos de honra (como dispositivos de submissão/humilhação), de acordo com a técnica de amarração empregada. Aqui o *bondage*, prática de amarração ligada à relação de dominação e submissão, passa por práticas BDSM, como expressão erótica da dor. Gabriela Machado de Almeida e Jamer Guterres de Mello (2019) defendem que a disciplina é um dos elementos essenciais do *bondage*, prática ligada ao *shibari* no interior do BDSM, para a qual o submisso é ensinado a obedecer seu dominador a partir do castigo. Para os autores, o *bondage* é uma prática artística e erótica que inspira uma sexualidade *queer* na esteira do feminismo “pós-pornô”. Representando, no limite, um movimento contrassexual (PRECIADO, 2017).

⁵⁶*Direct* é uma função do Instagram que permite a troca de mensagens privadas entre os usuários.

presença se pudesse ler mais sobre meu trabalho. Na mesma semana, enviei um texto de proposta de pesquisa para o grupo.

No dia 21 de fevereiro de 2021, entrei no grupo de WhatsApp, intitulado pela sigla BGR, e me deparei com uma descrição fixada referente a um documento no “Google docs”,⁵⁷ com textos informativos, seguido do alerta: “CUIDADO ao repassar o doc!” O documento iniciava com a sugestão do uso de *tags* para facilitação de acesso a um tópico específico.⁵⁸ Desse modo, acessamos facilmente as sessões relacionadas às palavras chaves: “podolatria”, “camming”, “Instagram”, “packs”⁵⁹, “receber anonimamente”, “golpes *paypal*”⁶⁰, “como configurar o *PicPay*.”⁶¹ No documento, produzido coletivamente, transitava desde informações sobre como configurar contas em plataformas para recebimento ou conversão de dinheiro (com a vantagem de manter o anonimato), até a descrição de fetiches como *cuckold*, *money slave*, *domme*⁶² e como monetizar uma *live*⁶³ privada, conseguir presentes, fugir de banimentos e alertar sobre usuários que praticam gravação de telas, expondo seus respectivos *nicknames* (apelidos). O documento começava com a palavra *camming*, definida pela seguinte descrição:

Um nicho muito famoso (principalmente na mídia) de trampo adulto. No camming você fica online ao vivo via vídeo em uma plataforma (como o câmera hot, câmera privê, cam4, webcammodels, chaturbate e afins). Cada plataforma tem sua forma de trabalho. Algumas o cliente precisa te chamar em chat pra que você possa começar seu show e não pode ter nudez em chat grátis, outras você fica online e os clientes vão te dando tokens pra que você faça coisa X ou Y. Existem plataformas brasileiras e gringas, pra receber em real ou dólar, e cada plataforma difere bastante entre si. O

57Programa de edição de planilhas e textos com compartilhamento em rede da empresa de serviços online Google.

58Traduzido para o português brasileiro “tag” significa “etiqueta” ou “rótulo” e desempenha a função de busca por uma palavra-chave, acionada digitalmente pelo clique simultâneo das teclas “ctrl”+“F”.

59“Packs” são pacotes de fotos realizados, em sua maioria, para fins comerciais destinados para a excitação sexual.

60Alguns desses golpes são realizados quando o cliente faz uma videochamada e, em seguida, denuncia a modelo por conteúdo adulto ou, mesmo, pede estorno por mercadoria “não recebida”. A saber: “o cliente ele faz o mesmo esquema do golpe anterior, mas solicita estorno direto com o paypal por mercadoria não recebida. e você não tem como provar que o cliente realmente recebeu o produto pelo qual ele comprou sem expor que você trabalha com conteúdo adulto.” A viabilidade desses golpes é, sobretudo, empreendida pelas políticas de punição da plataforma à comercialização de conteúdos porno-eróticos. Sobre essas políticas de punição falaremos no último capítulo.

61Aqui o documento ensina como criar uma conta na plataforma de transações financeiras online PicPay mantendo o anonimato. A saber: “**o cliente só tem acesso ao seu nome, usuário e foto, apenas.** Na sua foto, coloque uma sua neutra (não sensual) ou pode ser um desenho, ou até deixar sem. o usuário você vai colocar seu nick, também. o meu é @brancabramovic. depois de criar, você vai em ajustes > privacidade > e seleciona pra deixar tudo privado.”

62Esses fetiches podem ser categorizados como uma modalidade de submissão do BDSM, incluindo desejo por ser traído/a pelo/a companheiro/a, o gasto de dinheiro com o/a companheiro/a como forma de humilhação e a submissão sexual/psicológica, respectivamente.

63 Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente realizada através das redes sociais.

camming é pra quem curte tramar em vídeo ao vivo, e pra quem quer ter uma plataforma como “apoio” pra conseguir clientes e receber pagamentos.

Passados alguns meses de pesquisa, a constatação de que o BGR havia se tornado meu principal território para observação etnográfica forçou-me a um salto para outras ambiências – digitais e online – que me informassem narrativas diferenciadas das que encontrava no referido grupo.

No mês de setembro de 2021, decidida a realizar alguns contatos com modelos de *camming* fora das minhas redes de sociabilidade no WhatsApp e Telegram,⁶⁴ criei uma conta de usuário no Câmera Privê e a habilitei com 30 créditos (saldo mínimo de usuário). Entrei em algumas salas grátis, mas estabelecer conversa por ali não parecia uma boa ideia, aquele espaço correspondia a uma “prévia”, onde informações básicas eram trocadas e dados sobre cenários, vestuários e performances das modelos poderiam ser obtidos. Decidi ir por outro caminho e enviar mensagens privadas por uma ferramenta parecida com o *direct* do Instagram.⁶⁵ Lá eu abordava algumas *camgirls*, apresentava a minha pesquisa e fornecia mais informações sobre mim. Rapidamente, eu costumava sugerir um encontro via alguma plataforma de videoconferência para realizar uma entrevista.

Obtive algumas respostas: um casal lésbico, que usava a plataforma como meio de pagamento dos seus cursos de graduação em psicologia, respondeu-me com interesse, porém levantando objeções sobre as políticas de proibição do site quanto à divulgação de dados pessoais. Arrisquei e passei o meu telefone para elas. Também fiz o mesmo movimento no perfil de outras duas modelos e, em um terceiro, recebi como resposta: “seria um prazer atendê-la no meu chat pago!” Depois de quase duas semanas, chegou uma mensagem no meu WhatsApp: “Boa noite, aqui é Vitória. Tinha esquecido de você, desculpe kkk!” Isso foi às 1h28 da manhã e eu estava online no CP e no WCM.⁶⁶ Agradei o contato e sugeri que nos falássemos no dia seguinte, quando eu tivesse mais tempo para explicá-la sobre o motivo do meu contato. Na noite do outro dia, ela perguntou o porquê do meu interesse em entrevistá-la. Contudo, só vi essa última mensagem dela na manhã do dia posterior. Eu havia dormido praticamente todo aquele período entre as comunicações, depois de ter ficado acordada por mais de 12 horas em uma temporada online. Desculpei-me e expliquei sobre a minha pesquisa, ela propôs um encontro pelo *Google Meet*⁶⁷ e perguntou em quais horários eu ficava

64Inscritas nos grupos BGR, Networking e “GRINGOS” que serão apresentados nos próximos capítulos.

65Direct é uma modalidade de chat privado. No Câmera Privê, para cada mensagem eram cobrados 2,50 de créditos, no entanto, apenas os usuários cadastrados como clientes pagavam pelo envio de mensagens.

66Abreviação de Câmera Privê e WebCamModels.

67Serviço de comunicação por videochamada desenvolvido pela empresa Google.

“on”⁶⁸. Disse que de manhã até a noite, com alguns intervalos. Ela afirmou: “feriadão é foda né!” Confirmei, acrescentando: “e nesse começo de mês achei que [o movimento] seria bom”. Ela disse que na terça estaria melhor, justificando: “cara que viajou vai tá de saco cheio dos filhos e da mulher”. Quando comentei sobre o público do fim de semana, ela se referiu aos “zero bala querendo rapidinha no simples”⁶⁹, e retrucou: “eu não faço simples e, raramente, tiro as roupas”.

Continuamos a conversa e Vitória me mostrou algumas avaliações negativas dos clientes da plataforma que geravam nela reações que caracterizava como “belicosas”. Adicionou: “no *Meet* te conto minha evolução no *camming*”. No dia de nosso encontro, organizei todos os detalhes, som, computador, câmera e cenário. Jantei e tomei banho. Encostei na cama e, de repente, não consegui mais pensar. Comecei a escrever uma mensagem desmarcando o encontro e mal consegui enxergar as palavras e como elas se conectavam. Naquele dia eu havia começado no site às 4 da manhã.

Só voltei a conversar com Vitória no dia seguinte. Justifiquei-me, já com o raciocínio reestabelecido. Então recebi um áudio dela, que só consegui escutar às 17 horas. Ouvi o que se poderia chamar de uma “lição de moral” sobre a minha responsabilidade com a pesquisa. Respondi pedindo um retorno quando ela estivesse disponível novamente para conversar online. Recebi como resposta alguns deboches e injúrias sobre a minha pesquisa, com afirmações do tipo: “ninguém liga” e “você é folgada né!” Foram os efeitos dessas mensagens que, mais cedo, haviam me levado do tesão com o cientista ambiental ao choro profundo junto ao corpo do meu companheiro.

Naquele dia levei o caso para o grupo de WhatsApp do “BGR”. A posição geral foi de acolhida. Sol, uma modelo baiana, negra, de cabelos longos e lisos e “mãe de gatos”, posicionou-se: “gente nesse nível eu nem respondo. Não esquite com isso!” Angel sustentou: “que péssimo! Eu mesma te ajudo a encontrar outras meninas para conversar.” Após alguns elogios e apoio direcionados a mim, Angel concluiu: “Mamãe ama, você é meu orgulho, tá?”⁷⁰ E Sol adicionou: “Esse grupo de apoio é uma lindeza só!” Após alguns meses, no entanto, Vitória foi adicionada aos grupos “BGR” e “GRINGOS” por uma amiga em comum que participava de ambos.

68Abreviação de “online” comumente utilizada por meus/minhas interlocutores/as de campo.

69Vitória se refere aos clientes que se utilizam da modalidade de chat simples – isto é, o mais econômico - para obter práticas de exposição nu explícita por um curto período de tempo.

70Por ser a responsável pela criação do grupo e manter uma postura de acolhimento Angel recebia, no interior do BGR, o apelido de “mãe”. Esse apelido, no entanto, era mobilizado com maior frequência em contextos de apoio, como o citado.

Minhas incursões nos chats privados das modelos do Câmera Privê também reverberaram em Ágatha, uma modelo com experiência em muitos sites, com menos de 30 anos, parda, de cabelos escuros e longos. Na mesma semana que enviei as primeiras mensagens no site, recebi um *print* no meu chat privado do WhatsApp. Ágatha me encaminhou o texto que eu havia deixado no chat de uma modelo e perguntou: “essa é você?” Após minha confirmação, ela explicou que havia sido alertada por alguém com quem ela compartilhava outro grupo de Whatsapp. A modelo que havia enviado o *print* sinalizava desconfiança sobre a minha proposta de fazer uma pesquisa. Ágatha, ainda, sugeriu: “por mensagem é difícil alguém acreditar em você. Acho que elas só vão acreditar se você as convidar para o chat privado e abrir a sua câmera. Mostre que você é mulher realmente!”

Para Tom Slee (2019) as redes de confiabilidade, no interior de uma economia de compartilhamento⁷¹, são deslocadas dos aparatos de regulação institucional para ganhar significado nos sistemas de reputação. Esses últimos operam pela classificação algorítmica individual, como os mecanismos de avaliação dos sites representados por estrelas e comentários, atuando de forma descentralizada, informal e coletiva. Os sistemas de reputação, para Slee, ampliam as influências discriminatórias, dado o caráter subjetivista da avaliação – “ele consertou minha pia e chegou na hora, mas havia algo nele... Eu não gostei de tê-lo em minha casa.” (SLEE, 2019, p. 185) – ao nublar a qualidade da experiência com qualidades idiossincráticas.

Nas plataformas de *webcamming* erótico, e venda de conteúdo, também é possível observar a operação desses sistemas de regulação. A menção de Vitória às respostas “belicosas”, que levariam às más avaliações dos clientes, ilustra a arbitrariedade em que os sistemas de avaliação são inscritos. Não raro encontrei queixas das modelos sobre avaliações “injustas” de clientes acusando-as de serem mal-educadas ou não prestarem o serviço combinado. A posição comum entre as mesmas era de que os clientes não liam a informações nos perfis delas, desconheciam as práticas que elas se recusavam a fazer e/ou insistiam nas mesmas, além de exigirem a exposição sexual explícita em um curto período de tempo. Certa vez, acompanhei no grupo “GRINGOS”⁷² uma modelo que lamentava uma avaliação de meia

71A economia de compartilhamento define-se como um sistema econômico no qual bens ou serviços são divididos. Esses bens podem ser partilhados entre pessoas ou entre empresas e serem utilizados de forma gratuita ou sob o pagamento de uma taxa. Esse modelo de negócios, segundo Slee, funciona como paradigma produtivo das empresas-plataforma na medida em que essas últimas operam quase que exclusivamente oferecendo espaços/estruturas de compartilhamento – e produção - de serviços. A Uber, por exemplo, participa dessa economia na medida em que intermedia o compartilhamento – pago – de “caronas”. Já os sites de *webcamming* erótico e venda/criação de conteúdo intermediam o compartilhamento de conteúdos e de vídeo-chamadas prestando serviços de alugueis de “salas ” ou de “perfis” dentro das plataformas.

72Sobre minha imersão nesse grupo falarei no próximo capítulo.

estrela deixada por um cliente no site do Câmera Privê, ao passo que solicitava ajuda para que a situação fosse contornada. Vitória sugeriu que a mesma não respondesse, ao passo que perguntou também sobre a duração e a modalidade do chat. A modelo respondeu: “25 minutos na tarifa máxima do chat privado.” Ao que Vitória disse:

Olha no extrato quanto durou o chat com segundos e começa dizendo “olha, o chat durou x minutos”. Eu quando respondia sempre trazia essas informações. Tipo já teve cara que mesmo eu NÃO FAZENDO CHAT SIMPLES, aceitei para conversar porque tava me sugando no grátis. Ficou 6 minutos no simples e me classificou mal dizendo que enrolava. É mole? Cara escroto é escroto. São tudo uns duro TB... Não sei porque não compram vídeo de uma vez.

No grupo de *Networking* também observei um “desabafo” ligado à mesma situação:

Luiza: Bom dia gente! Um desabafo, ontem fui dormir puta porque um cara no CP me deu avaliação ruim porque não quis fazer o que ele queria, ódio de macho frustrado.

Lúcia: Comenta na avaliação dele o motivo. Que daí quem for ler vai ver que ele foi cuzão. Teve uma vez que o cara começou a perguntar se eu tinha desodorante p enfiar na piquita. Eu falei que tinha óbvio né, quem não tem? Mas falei que não colocava essas coisas que já tinha o consolo pra isso. Ai ele perguntava se tinha pepino, cenoura, essas paradas... Eu falando que não colocava e ele insistindo toda hora, falando p colocar o braço dentro. Ai eu fiquei quieta só esperando ele desligar... kkkkk! Porque não ia fazer nada disso... kkkk! Ai ele disse que eu não fazia nada do que ele queira e que ia me avaliar mal, eu só estava esperando a avaliação dele pra falar um monte kkkk!

Luiza: Esse eu tava no privado, aí ele ficava o tempo todo tira tudo, fica peladinha, querendo tudo na hora dele. Aí falou q ia me dar um presente de 10 (10 !!!!!!!!) pra eu ficar peladinha ‘logo’. Daí eu disse ou que a gente ia pro exclusivo ou ele me dava um presente melhor. Aí eu ficava! Ele desligou na minha cara. Tava super desconfortável com o papo dele.

Aqui nota-se que os sistemas de avaliação das plataformas de *webcamming* erótico seguem as mesmas arbitrariedades ligadas às idiosincrasias sociais discutidas por Slee (2019). Ainda, é possível observar a gestão da confiabilidade no interior das empresas-plataforma, por via dos sistemas de regulação, quando pensamos as avaliações realizadas entre clientes, no site do Câmera Privê, a fim de cumprir as demandas do público consumidor. Essas redes de confiabilidade estendiam-se para a verificação dos perfis das modelos vinculadas às plataformas a partir da exigência do compartilhamento de informações e documentações pessoais das mesmas. Abaixo, apresento alguns dos passos necessários para a realização da conta de modelo no site do WebCamModels:⁷³

⁷³Relatos sobre dificuldades com a aprovação da documentação no interior das plataformas sediadas fora do Brasil perpassaram todo meu trabalho etnográfico. Essas dificuldades se davam pela exigência de imagens de alta resolução para os documentos de identificação, a ausência de comprovantes de residência vinculados aos nomes das modelos e o contato com o suporte do site, atravessado pelas dificuldades com a língua estrangeira.

Figura 2 — Webcam Model Application (Ficha de inscrição para se tornar modelo)

Fonte: WebCamModels, 2022.

Figura 3 — Webcam Model Application (continuação)

Fonte: WebCamModels, 2022.

No curso da Dirty Agência havia uma aula exclusiva direcionada às dúvidas e dificuldades com aprovação da conta de modelo na plataforma do OnlyFans. Durante a realização dessa pesquisa não obtive experiências como modelo (paga) no WebCamModels devido a dificuldade na aprovação do meu perfil na plataforma do Paxum, utilizada como intermediadora para transações financeiras internacionais.

Figura 4 — Webcam Model Application (Termo de compromisso para prestação de serviços na plataforma)

internetmodeling.com/application.htm#formTop

RECORDS KEEPING COMPLIANCE FORM PURSUANT TO 18 U.S.C. 2257

PERFORMER IDENTIFYING INFORMATION AND AFFIDAVIT: Caroline coutinho dalorto understands that all the information given in this Agreement is being provided to comply with federal law and any false statement will subject Caroline coutinho dalorto to both a civil action by Producer as well as criminal prosecution under federal and state law.

A. Legal Name: Caroline coutinho dalorto B. Date of Birth: 01/01/1994 Age: 28

C. Primary identification must be government issued passport, driver's license, motor vehicle department ID, or military ID. ID Type: Driver's License ID Number: [REDACTED]

D. All other names previously used (include previous legal names, stage names, web handles, maiden or married names, aliases, professional names and nicknames). Stage Name: Brancaa Previous Name: [REDACTED] (if applicable) Maiden Name: [REDACTED] (if applicable) Other Name Used: [REDACTED] (if applicable) Other Name: Caroline Coutinho Dalorto (if applicable)

E. Address: rua raul drumond salvadoe ba 40130150 United States

F. Phone: 27999386006 Email: caroline.cdalorto@hotmail.com

SWORN STATEMENT: "UNDER 28 U.S.C. 1746 AND THE PENALTIES OF PERJURY UNDER THE LAWS OF THE UNITED STATES, I SWEAR THAT THE FOREGOING IS TRUE AND CORRECT AND THAT EACH OF THE IDENTIFICATION DOCUMENTS WHICH I HAVE PROVIDED AND OF WHICH I HAVE SIGNED THE ATTACHED COPY WAS LAWFULLY OBTAINED BY ME AND HAS NOT BEEN FORGED OR ALTERED."

Your Signature: [REDACTED] Sign Document Date: 07/01/2022

This form will be submitted securely using strong SSL encryption!

Fonte: WebCamModels, 2022.

Figura 5 — Webcam Model Application (continuação)

internetmodeling.com/application.htm#formTop

Form 1575 (Rev. January 2011) Department of the Treasury Internal Revenue Service

Request for Taxpayer Identification Number and Certification

Name / Business Name (as shown on your income tax return): Caroline coutinho dalorto (NOTE: this must correspond to the TIN below)

Check appropriate box: Individual/Sole proprietor C Corporation S Corporation Partnership Trust/estate Exempt payee

Limited liability company. Enter the tax classification: D - D Disregarded

Address (number, street, and apt. or suite no.): rua raul drumond

City, state, and ZIP code: salvadoe, ba, 40130150

Requester's name and address (optional):

List account number(s) here (optional):

Part I Taxpayer Identification Number (TIN)

Enter your TIN in the appropriate box. The TIN provided must match the name given on Line 1 to avoid backup withholding. For individuals, this is your social security number (SSN). However, for a resident alien, sole proprietor, or disregarded entity, see the Part I instructions on page 3. For other entities, it is your employer identification number (EIN). If you do not have a number, see *How to get a TIN* on page 3.

Note: If the account is in more than one name, see the chart on page 4 for guidelines on whosnumber to enter.

Part II Certification

Under penalties of perjury, I certify that:

- The number shown on this form is my correct taxpayer identification number (or I am waiting for a number to be issued to me), and
- I am not subject to backup withholding because: (a) I am exempt from backup withholding, or (b) I have not been notified by the Internal Revenue Service (IRS) that I am subject to backup withholding as a result of a failure to report all interest or dividends, or (c) the IRS has notified me that I am no longer subject to backup withholding, and
- I am a U.S. citizen or other U.S. person (defined below).

Certification Instructions. You must cross out item 2 above if you have been notified by the IRS that you are currently subject to backup withholding because you have failed to report all interest and dividends on your tax return. For real estate transactions, item 2 does not apply. For mortgage interest paid, acquisition or abandonment of secured property, cancellation of debt, contributions to an individual retirement arrangement (IRA), and generally,

Fonte: WebCamModels, 2022.

Em relação aos usuários pagantes, o requerimento de informações reservava-se aos dados de pagamento e a uma conta de e-mail válida. Como nos exemplos abaixo relacionados, respectivamente, ao site do WebCamModels e Câmera Privê:⁷⁴

Figura 6 — Formulário de inscrição de usuário no Webcam Model

74Ao optar pelo cadastro em uma conta de usuário comum no site do WebCamModels observa-se que a ferramenta de identificação do gênero encontra-se já marcada no sexo masculino o que evidencia, segundo Rost (2016), que na indústria do *webcamming* erótico “mulheres são bem-vindas, desde que sejam *camgirls*”.

weccammodels.com

WEBCAM MODELS

Cams New Online Superstars FAQ

Secure Payment

VIP Membership / 300 Tokens \$27.00

Nickname: JorgeG

Cardholder Name:

Billing Address:

City:

State:

Postal Code:

Country:

Telephone Number:

Select payment method:

Card Number:

Fonte: WebCamModels, 2022.

Figura 7 — Formulário de inscrição de usuário no Câmera Privê

cameraprive.com/br/register

Criar uma Conta

Nome de Usuário: Jorgeg

E-mail: catarinamorim19@gmail.com

Senha:

Não sou um robô

Confirmo que tenho mais de 18 anos e sou maior de idade em meu local de residência. Li e aceito os [Termos de Serviço](#).

Cadastrar

Fonte: Câmera Privê, 2022.

Figura 8 — Formas de pagamento no Câmera Privê

cameraprive.com/br/user/credits/br/377

ADICIONAR SALDO 00.00

Jorgeg-46527

SELECIONE A FORMA DE PAGAMENTO DESEJADA

CARTÃO DE CRÉDITO

PAGAR POR CARTÃO

PIX

PAGAR POR PIX

BOLETO BANCÁRIO

PAGAR POR BOLETO

PicPay

Supporte Online

Fonte: Câmera Privê, 2022.

É possível, ainda, inscrever-se como usuário não pagante, o que requer apenas o fornecimento de uma conta de e-mail válida e uma senha. No Câmera Privê, essa função restringe o usuário a visualização das salas de chat gratuito, o mesmo acesso de um usuário sem conta. Isso vale também para o usuário não pagante do WebCamModels, que fica impossibilitado das seguintes funções: “watch up to 16 webcams at the same time; 16-way video chat in public and private rooms; invite anyone you like to a private video chat; see who others are watching at any time.”

A facilitação de acesso concedida aos usuários-clientes das plataformas, em relação aos das modelos, e os sistemas de avaliações exclusivamente aplicados aos perfis das mesmas evidenciam que a desregulação das empresas-plataforma opera para precarizar os trabalhadores plataformizados em relação à confiabilidade, segurança e acesso à informação - assimetricamente fornecidas pelos seus clientes.⁷⁵ Essa precarização, no entanto, é contornada a partir de estratégias mobilizadas pela criação de sociabilidades microcoletivas⁷⁶ em grupos situados nas plataformas digitais, como os aqui estudados, e se exemplificam no *print* de Ágatha, enviado a mim.

Angela Jones (2020) defende que os fóruns on-line são o principal mecanismo para o desenvolvimento de capital social entre as *camgirls*. Bárbara Batista (2021), ainda, se refere às “comunidades online” em que suas interlocutoras ajudavam umas às outras na troca de informações acerca dos fotógrafos com quem já trabalharam e com os quais tiveram experiências negativas, como problemas de conduta e assédio.

Discussões sobre confiança atravessaram todo meu percurso etnográfico, inclusive, sustentando uma das utilidades dos grupos do WhatsApp e Telegram formados entre minhas interlocutoras. Aqui, a troca de informações sobre profissionais (fotógrafos, outras modelos, administradores de páginas, editores de conteúdo) e, sobretudo, de clientes, funcionava como mecanismo de regulação e segurança das trocas comerciais. As cenas etnográficas abaixo, retiradas do grupo de *Networking*, ilustram como se constituíam essas trocas. O

⁷⁵A desigualdade em relação à verificação dos perfis dos clientes e modelos do site se estendia às plataformas de relacionamento “Suggar”, como o Meu Patrocínio. Esse tipo de relacionamento ao, comumente, demandar encontros presenciais, não raro traduzia-se entre as modelos ligadas ao trabalho no ambiente digital em receio e suspeição. O site Meu Patrocínio, ainda, incluía a análise da ficha criminal aos usuários-clientes como um serviço “VIP”, exclusivo para àqueles que pagavam uma mensalidade de R\$ 1000 reais mensais. Ainda, no site do Câmera Privê, por exemplo, não existe o recurso de avaliação dos clientes, como nos perfis das modelos demonstrados acima.

⁷⁶Utilizo o termo para me referir aos usos das redes digitais, como nos grupos aqui estudados, na inscrição de sociabilidades coletivas, sem restrição geográfica (MOCELLIM, 2009), elaboradas no interior de comunidades de interação específicas. O termo, ainda, serve de argumento crítico ao entendimento da Internet como espaço de trocas universais e indiscriminadas (HINE, 2015; PARREIRAS, 2012).

primeiro caso se refere a um diálogo sobre a avaliação da “veracidade” de um “Sugar Daddy”:

Natália: Gente vocês encontraram algum “Daddy” que pede pra você pagar uma taxa, antes dele te mandar o pagamento?

Valesca: Isso é golpe.

Poliana: Sugar Daddy mesmo compra coisa na sua Wishlist. Todos que pedirem *cashapp* é porque querem te roubar. Isso é certo! Falo que se querem me dar dinheiro, primeiro de tudo têm que pagar meu OnlyFans.⁷⁷ Ai nunca mais respondem porque sabem que eu não vou cair na deles.

Em outro momento Daiane, uma modelo jovem, branca, de cabelos longos tingidos e corpo voluptuoso, criticou a postura dos administradores das páginas de divulgação ao questionar a insistência dos mesmos na obtenção de um conteúdo explícito:

Daiane: Eu acabei de mandar foto pra eles... Ai eles postaram e depois vieram pedir fotos mais quentes e ousadas. Ai ignorei!

Suzi: Cuidado! Tem muito perfil que os caras fazem que compram pra seguidores pra fazer volume e ficam de palhaçada pedindo foto. Eu não faço parceria com nenhum desses perfis, a maioria só quer ficar enchendo o nosso saco. Já teve dois semana passada que vieram com esses papos e eu fui dando corda porque vi várias meninas conhecidas sendo divulgadas. Ai os caras vieram com papo de mandar foto mais quente. Bloquei todos.

Samy, ainda, ao desconfiar da postura de um cliente, compartilhou o seu perfil com o grupo e solicitou informações sobre o mesmo:

Samy: Gente... alguém tem essa pessoa como assinante no Onlyfans? Ele tá comprando muita coisa já assim nos primeiros dias que entrou, estou com medo real que ele vai cancelar a conta antes dos 7 dias que demora pra compensar o dinheiro. Ai não sei o que fazer porque ele já pediu dois *customizados* e agora tá pedindo mais 3? Tipo eu quero vender mas nunca vi disso de chegar já pedindo tanto conteúdo.

⁷⁷Em 2018, mesmo ano que ingressei como modelo de webcam no site brasileiro Câmera Privê, o empresário de conteúdo adulto na Internet Leonid Radvinsky comprou cerca de 75% da plataforma do OnlyFans. Criada em 2016 pelos “Stokelys”, uma família de empresários britânicos, a plataforma promovia seu principal modelo de negócios no consumo/produção “pay-peer-view” e “on demand” a fim de celebrar a intimidade entre “criadores de conteúdo” e seus respectivos fãs. A chegada da pandemia, com o fechamento de toda a produção de filmes – adultos ou não – e o novo regime de confinamento globalmente instaurado registrou um aumento de 540% no lucro da empresa inscrito em receitas de US\$ 400 milhões no mês de novembro de 2020. O número de fãs pagantes da plataforma cresceu mais de 500% revelando, ainda naquele ano, um total de 82 milhões de cadastros. Do mesmo modo o número de criadores quase quintuplicou, atingindo 1,6 milhão de usuários que produziam conteúdos majoritariamente voltados à exploração de um “capital erótico” (HAKIM, 2010), incluindo celebridades que se posicionavam fora da indústria do sexo, como a cantora Cardi B, o DJ Khaled, o rapper Fat Joe, e as cantoras brasileiras Mirella e Anitta.

Aqui, o compartilhamento de perfis e condutas dos clientes, a edição fotográfica (com marcas d'água) e o reconhecimento de perfis populares opera, respectivamente, na identificação de golpes financeiros, na proteção contra vazamentos e verificação de perfis profissionais. A circulação dessas informações aparecia, no limite, como necessária à estrutura de trabalho vinculada a natureza desregulada do empreendedorismo individual (SLEE, 2019; BREGANTIN, 2021) vinculada ao trabalho nas plataformas de *webcamming* erótico.⁷⁸ Essas trocas de informações, no entanto, também se estendiam à outras modelos, como registrado no contato de Ágatha.

Caminhas (2021) e Batista (2021) descrevem a dificuldade no alcance das interlocutoras delas a partir da aproximação via plataformas sociais abertas, como Twitter e Instagram. Ambas as autoras sustentam que a alteração desse quadro de desconfiança se deu a partir de uma rede de compartilhamento que foi gerada pelas interlocutoras iniciais, transferindo às pesquisadoras o status de “verificação profissional”. Sobre a sua primeira interlocutora, afirma Caminhas (2021, p. 5): “Anelise compartilhou em seu *Twitter* sua experiência na entrevista, afirmando que ela ajudaria a ‘esclarecer e divulgar o que são as *camgirls*’”.

Angela Jones (2020) reflete que chegou a cogitar “pagar para realizar entrevistas” ao receber várias respostas furiosas a e-mails que enviara convidando pessoas a participarem de sua pesquisa. Em uma das respostas, ela havia sido chamada de “vadia tonta” e em muitas outras pediam para que nunca mais repetisse o envio de e-mails. Jones, ainda, revela o sentimento de ofensa em uma ocasião em específico:

There was one response to a recruitment email that I will never forget. This cam model berated me and laid into me. The cam model said that I was awful and despicable for asking sex workers to participate in research with no compensation. In their email, they said that everyone knows researchers have grants and get money from their institutions to conduct research, and then rhetorically, they asked why I was not offering to pay them. They said, because I used to perform sex work, something I disclosed in my recruitment email, that I should know better as a former sex worker and thus I should be ashamed of myself. (JONES, 2020, p. 278).

Silva (2014) relata que o envio do link de seu currículo Lattes decorreu da desconfiança dos primeiros contatos que empreendera com suas interlocutoras. O autor,

⁷⁸Durante a presente pesquisa elaborei métodos de “verificação” de perfis *fakes* para as contas de modelos (fora dos grupos aqui estudados) que me convidavam para fazer troca de divulgação na plataforma do Instagram. Desse modo, eu solicitava que as mesmas me enviassem uma mensagem de voz reproduzindo o meu nome. A maioria, no entanto, nunca respondeu. No incurso dessa pesquisa era comum encontrar solicitações de modelos para denunciar perfis *fakes* criados de suas contas. Sendo, eu mesma, uma delas.

ainda, lembra a reação de uma das modelos após apresentar a pesquisa dele e o interesse em manter contato com essa pessoa:

Você quer amizade e eu não estou disponível a isso aqui. Seja sincero pelo menos... papo besta o seu!

Weslei: Não é isso, Leona! Sou pesquisador, é verdade! Inclusive posso te dar meu nome para consultar meu currículo no Portal Capes (base de currículos nacional de pesquisadores que atuam no país). Vou mandar link, pode ser?

Leona: Nem adianta, porque aposto que qualquer pessoa pode se inscrever lá também. Isso é papo furado, estou fora! Beijos. (SILVA, 2014, p. 49).

Outra interlocutora de Silva, Deusa da Web, questionou o fato do MSN dele não ter uma foto, buscando assegurar-se de que não se tratava de um “fake”, que se fazia passar por pesquisador. Sobre esse último relato, retomo a necessidade apontada por Ágatha de que eu abrisse a minha câmera para mostrar que “era mulher”. É aqui que resgato algumas cenas etnográficas que apontam para uma segregação de gênero e a sua intrínseca relação com redes de confiabilidade no interior dos grupos estudados. Essa segregação mantinha, respectivamente, homens e mulheres nos lugares de clientes e trabalhadoras sexuais.

1.3 HOMENS SÃO BEM-VINDOS, DESDE QUE SEJAM CLIENTES: O (PUTA) FEMINISMO DAS TRABALHADORAS SEXUAIS DE PLATAFORMA

Os acessos aos grupos da Dirty Agência eram realizados a partir de uma assinatura mensal ou anual intermediada pela plataforma HotMart.⁷⁹ No entanto, embora o único critério para tornar-se membro fosse um investimento financeiro, a participação de homens constituía-se uma exceção,⁸⁰ em todo o meu tempo de pesquisa constatei a presença de apenas três. O primeiro deles apresentou-se como companheiro de uma modelo e produtor de conteúdo de casal. O segundo adotava uma performance sexual mais feminizada e chegou a participar de um concurso. O terceiro, que chamarei de Leonardo, foi o único a adotar uma dinâmica de interação no grupo próxima ao *das* demais modelos. Sua presença entre nós, no entanto, não perdurou dois meses.

⁷⁹Plataforma que distribui e comercializa materiais, cursos e produtos digitalmente. A empresa foi inaugurada no ano de 2011, pelo diretor de tecnologia Mateus Nascimento Bicalho. Sua sede fica na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Na página inicial do site da empresa encontramos o seguinte slogan: “Crie seus produtos, acelere suas vendas, gerencie seus resultados e escale seu negócio digital.” <<https://hotmart.com/pt-br>> acessado em 25 de abril de 2022.

⁸⁰A assinatura consistia em R\$ 99,90 mensal e R\$ 600 anual e também variava de acordo com promoções. Para essa pesquisa optei pela assinatura mensal me mantendo membra ativa entre os meses de agosto de 2021 e julho de 2022.

A rede de sociabilidade do grupo de *Networking* não se reservava às trocas de informações, estendendo-se a elogios e certos “flertes” entre as modelos. Esses elogios circulavam em torno do compartilhamento de algum conteúdo acompanhado da solicitação de avaliação das demais modelos. Com Leonardo não era diferente. Comumente o modelo compartilhava algum *storie* ou material de divulgação de seu trabalho como criador de conteúdo porno-erótico digital e solicitava a opinião das demais integrantes do grupo. Certa vez, a resposta em tom de flerte do modelo ligado à avaliação de Liviane (uma das poucas modelos negras retintas da agência, jovem, magra e estagiária de uma empresa) ao seu conteúdo trouxe à tona uma enxurrada de críticas no interior do grupo. No episódio, algumas modelos traziam *prints* de outros comentários com teor sexual realizados por Leonardo em outras ocasiões, inscrevendo uma situação de desconforto e revolta.

Sobre o caso acima, Lisa, modelo catarinense, magra, tatuada, de cabelos coloridos e seios avantajados desabafou: “Senti um assédio real. As garotas que falam uma pra outra, são tudo amigas, a gente tem essa intimidade. Eu não aceito não, num lugar majoritariamente feminino homem não tem que se sentir a vontade de falar essas coisas... NUNCA!” Após algumas desculpas de Leonardo e a promessa de se “abster de qualquer comentário de cunho sexual”, Lary uma modelo branca, jovem e magra manifestou-se: “Existe uma linha tênue entre dar *feedback* pra um colega de trabalho e agir como um cliente sem noção”. Após esse episódio, a administradora MelSuicide decidiu pela retirada de Leonardo do grupo, referindo-se à necessidade de manter um “lugar seguro”. Essa atitude foi recebida com apoio e comoção pelas integrantes do *Networking*.

A manutenção do lugar masculino sob a insígnia da suspeita e rejeição, incorporada ao status de cliente, sustentava-se ainda no afastamento de uma atração pessoal do desempenho profissional, como percebe-se em uma afirmação de Scorpion: “Eu sou lésbica, odeio homem. Entro total em um personagem!” Ao que Lary disse: “Entro no automático, finjo um super interesse. Só aceito quando tô em chat e tal...” E no desabafo de NicelyBad (uma modelo próxima dos 30, mãe de duas meninas, branca, magra, de classe média e afastada completamente da família, pela negligência e os abusos cometidos pelo seu pai): “NÃO SIRVO PRA LIDAR COM HOMEM. Eu sou traumatizada MESMO REAL, não gosto. E isso me leva a questionar se eu sirvo pra esse trampo ou se eu só me iludo mesmo.” Essa última afirmação de NicelyBad reverbera em Lary e Lisa, ao relacionarem o desconforto com a presença de Leonardo ao fato de terem sido vítimas de abuso sexual e pedofilia, experiências das quais NicelyBad compartilhava. Aqui, o locus masculino se

mantém ligado à suspeita e a rejeição, o que se justifica nas experiências pessoais entre as modelos. Algumas atribuem aos homens uma natureza opressora ou, até mesmo, segundo Liah, um *defeito* de DNA:

Gente eu odeio muito homem e eu culpo o ódio que eu sinto deles pelas atitudes deles mesmos. Tipo não odiar, usei muito forte essa palavra, mas sabe eu nem me atraio mais por qualquer um deles, parece que tem algo errado no DNA deles parece que são incapazes de empatia e amor. Parece que são apenas feitos de energias negativas e querem descarregar nas mulheres. Se eu não amasse muito fazer fotos e produzir conteúdo, penso que não faria, porque em partes odeio saber que o público é homem e quão podres eles são. Mas, enfim, penso sempre que eles só servem pra isso: pra arrancarmos o dinheiro deles. (Diário de campo, 30 de março de 2022).

A ligação mobilizada por NicelyBad entre a sua rejeição masculina e a sua capacitação para o trabalho como modelo e produtora de conteúdo porno-erótico – tal como o desafio enfrentado por Liah ao negociar seu interesse na produção de conteúdo e a *suposição* do público consumidor (masculino) – reforçam a distinção de gênero sustentada na duplicidade mulher/trabalhadora sexual e homem/cliente entre minhas interlocutoras. Aqui, uma vez que as mulheres atravessam a fronteira estruturada nessa duplicidade, *também* são marcadas pela insígnia da desconfiança.

Emyle relatou ter recebido uma resposta “grossa” de uma modelo ao tentar realizar uma assinatura na conta do OnlyFans dela: “Gente, tava querendo assinar o Only de uma mana que sigo no insta e o meu cartão não tava indo, né? Aí perguntei se ela aceitava Pix e ela foi super ignorante!” Algumas integrantes do grupo relacionam o comportamento da modelo a uma desconfiança com o plágio: “acho que tem modelo que tem medo, de ser copiada... sei lá. Nem todo mundo gosta de compartilhar que nem a gente (...) eu tenho muito medo de perguntar algumas coisas pra algumas SewWorker, porque tudo pra elas é cópia!” Emyle continuou: “Mas aí que tá, para ela eu sou uma cliente. Eu ia pagar igual todo mundo, não precisava ser grossa daquele jeito, sabe?” Nesse momento, Alexa, uma jovem parda de cabelos negros longos tentou justificar: “Exato, também penso assim. Mas acho que tem umas que preferem não ter cliente mulher e não correr esse risco [de ser plagiada]”. Valesca, uma modelo de pouco mais de 30 anos, solteira, branca e adepta de práticas de yoga, no entanto, explicou essa atitude “desconfiada” ao comentar sobre as modelos fora da agência que a abordavam para fazer troca de divulgação: “Eu sempre desconfio que eh fake! Sinceramente. Eu olho e penso: eh *homi* tentando trem de graça!”

Em minhas horas passadas em transmissões online como *camgirl*, eu testemunhava essa duplicidade: mulher/trabalhadora sexual e homem/cliente. Certa vez, nas minhas

primeiras transmissões no site do WebCamModels, fui abordada por Clarisse, uma modelo do site que me enviou a seguinte mensagem: “Você é linda, configura seu perfil pra ganhar no privado.” Ela me passou o número de sua agente do site e explicou a abordagem dela: “Eu tenho um grupo no Telegram e tá difícil conseguir assinatura e quando eu vejo uma menina assim perdida eu fico puta, quero ajudar.” Aqui, a incompreensão de Clarisse sobre a transmissão de uma imagem ligada a uma feminilidade desejável (SILVA, 2015; JAYME, 2015), marcada por um perfil não apto para receber pagamentos, cristaliza a sexualidade feminina na equação sexo/dinheiro (SILVA, BLANCHETTE, 2017) ou, mesmo, no uso da pornografia como palco da expressão privilegiada do *desejo sexual masculino* (DWORKIN, MACKINNON, 1989).

Para as teóricas estadunidenses Andrea Dworkin e Catherine Mackinnon, a prostituição e a pornografia constituem uma sistemática violação aos direitos, à igualdade civil e à dignidade das mulheres, no mesmo patamar que práticas como o estupro, o incesto, a tortura e o assassinato. Isso porque representam o baluarte da *metafísica da dominação sexual masculina*, isto é, transformam todas as mulheres em prostitutas. Adrienne Evans e Sarah Riley defendem que o surgimento do *webcamming* erótico no interior de uma cultura de “culto a celebridade” (SENFT, 2009), engajada no desempenho de uma performance hiperfeminina (DENTEN, GURRIERI, TYLER; 2020), reinscreve o desafio crítico feminista – do combate às feminilidades hegemônicas – em um regime “pós-feminista” que *solapa* o discurso à objetificação feminina na construção de uma subjetividade sexual orientada para o mercado heterossexual masculino.

No entanto, meu incurso etnográfico traz limites às análises de Evans e Riley, bem como de outras leituras feministas *anti-sexo* (DWORKIN, 1989; PATEMAN, 1993; SWAIN, 2020),⁸¹ que situam as trabalhadoras sexuais em dois grupos: ou vítimas *inconscientes* de uma apropriação do desejo sexual masculino ou como aliadas de uma lei patriarcal do direito sexual masculino.

Ao contrário de um pós-feminismo, tendo a compreender que as falas de minhas interlocutoras habitam mais um contexto de política de gênero que, no limite, alia-se às ambições críticas do feminismo anti-sexo na adoção de uma *metafísica da diferença sexual*, apoiada na defesa de uma sexualidade masculina essencialmente opressora e na disposição

⁸¹A denominação “anti-sexo” é fruto de algumas discussões feministas que se opunham à leitura do sexo enquanto expressão do desejo patriarcal masculino sobre às mulheres. Esses feminismos, em oposição aos primeiros, consideravam-se “próssexo” (RUBIN, 2003; WILLIAMS, 1999; VANCE, 1984; PAASONEN, 2010; DESPENDES, 2019; PRADA, 2021; ROST, 2016).

para construir espaços exclusivamente femininos enquanto sinônimo de segurança e agenciamento.⁸²

As posições feministas adotadas por minhas interlocutoras lançam pistas sobre os processos de pesquisa etnográfica de colegas de pesquisa, sobretudo, no que tange às desconfiças enfrentadas por Silva, forçando-o a produzir aparatos de verificação de sua identidade. Mesmo Batista (2021) e Caminhas (2021) tiveram uma recusa sistemática de suas investidas etnográficas. Jones (2020), apesar de ter experiência enquanto trabalhadora sexual, não escapou de questionamentos sobre a conduta profissional da mesma. No entanto, a sugestão de Ágatha sobre a minha necessidade de identificação “feminina” fez-me notar que a minha mobilidade para obtenção de dados em campo contava com um duplo privilégio, não só pela minha feminilidade cisgênera, mas também pelo fato de eu ser uma colega de trabalho *em comum*. Essa dupla posicionalidade, por vezes, colocou-me em situação de compartilhamentos e afinidades pessoais, profissionais e epistêmicas que foram traduzidas em credibilidade e confiança diante da minha presença em campo.

O próximo capítulo dedica-se ao empreendimento de lançar mão das minhas experiências com os interlocutores-clientes nas transmissões nos sites do Câmera Privê e WebCamModels afim de discutir a natureza de um *tipo* de trabalho “conectivo/afetivo” (BIFO, 2003) e novas dinâmicas de relacionamento entre sexo, intimidade, dinheiro, tecnologia e trabalho e as respectivas mudanças na natureza do trabalho sexual – sob a emergência de uma “autenticidade incorporada”.

⁸²Em todos os grupos estudados era comum presenciar uma gramática feminista inscrita em termos como “machismo”, “relacionamento abusivo”, “objetificação sexual”, “empoderamento”. Ainda, no interior do BGR, não raro observei modelos se identificarem como feministas.

2 A ANTROPÓLOGA-CAMGIRL ESTRELANDO NO “PORNÔ INTERATIVO”: AUTENTICIDADE INCORPORADA E O TRABALHO CONECTIVO

Minha família de sangue é reflexo do processo de colonização europeia do Estado do Espírito Santo e é majoritariamente composta por descendentes de alemães e italianos. Dessa mistura, eu herdei a pele muito branca e traços no rosto que não são “finos”. Na escola e na família, meus cabelos cacheados e volumosos eram considerados vergonhosos, permanecendo constantemente presos. Esse fato levou a minha mãe, respaldada pelo meu desejo, a alisar os meus cabelos desde os meus 14 anos. Ao meu nariz, eram destinadas piadas, pregadores de roupa, pó compacto facial e promessas de cirurgias plásticas. Dentro da família, sobretudo, eu não era *totalmente branca*.⁸³

Meu privilégio racial começou a aparecer, para mim, substancialmente, quando ingressei na UFRRJ. Passei a ser moradora da região da baixada fluminense e a compor um círculo social e afetivo majoritariamente negro.⁸⁴ Minha reentrada no *camming*, durante a pandemia de Covid-19, foi atravessada pelo meu embranquecimento, dada a minha obediência às medidas de confinamento que deram por encerrados meus “banhos de sol” para bronzear. Pude observar isso nas constantes referências dos clientes e seguidores das redes sociais masculinos à cor da minha pele. Fenômeno que, no meu primeiro contato com o *camming*, em 2018, não pareceu relevante.⁸⁵

Em meados de agosto de 2021, submeti meus cabelos à descoloração e tingimento de um loiro platinado. Comprei lingerie pelo site da Shein e leds coloridos no site do Mercado

⁸³Matt Wray (2004) em seu trabalho sobre o surgimento de uma *ralé branca* nos E.U.A no século XX intersecciona classe aos estudos da branquitude na definição da ideia de um “branco não tão branco”. Para Wray a pobreza que atingia as populações brancas norte-americanas representa nesse grupo um *desvio* da lógica representacional das ideias de *supremacia branca* desenvolvidas no século XIX e as suas designações de identidade social, racial e nacional. Aqui, no entanto, penso a ideia do sujeito “não tão branco” sustentado em características fenotípicas que, no interior de uma estética racista, vão designar o que se aproxima do belo (mais branco) e feio (mais negro). Bell hooks (2005) constrói uma análise relacionando sexismo e racismo aos valores depreciativos do cabelo afro “sem química”. Aqui, o cabelo constitui um atributo importante nas discussões sobre estética, mercado e afetividade racista, uma vez que o alisamento representa maior *sucesso* na autoestima, no trabalho e nas relações amorosas.

⁸⁴Segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), realizada em 2018 pelo Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Assuntos Estudantis da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Fonaprace/Andifes) 54,7% dos estudantes da UFRRJ se autodeclararam não brancos, média que ultrapassa a nacional que é de 54,6%.

⁸⁵Era comum ouvir frases como “você tem aparência com o fenótipo europeu”, “sabe por que você me chama atenção? Adoro mulher branca” como justificativa entre os clientes para escolherem a minha sala, nas plataformas de *webcamming* erótico bem como da escolha por me seguir nas plataformas abertas. Não raro, esses discursos vinham acompanhados do elemento da interracialidade, evidenciando a raça dos sujeitos que os mobilizavam. A filósofa brasileira Sueli Carneiro (1995) localiza a conquista da “mulher branca” no interior de um ideário de poder heterossexual masculino que, no limite, alia os homens brancos e negros (ainda que em condições de acessibilidade diferenciadas) no desejo de posse e objetificação desse *tipo de feminilidade – isto é, branca*.

Livre. Reabri a minha conta no Câmera Privê e criei um perfil no Instagram dando surgimento à Branca Abramovic. Esse nome era um híbrido entre as minhas recentes experiências raciais no trabalho de *camgirl*⁸⁶ e a paixão de um amigo próximo pelas performances de Marina Abramovic.⁸⁷



Fonte: Instagram, 2022.

Na noite de 19 de agosto de 2021, por volta das 19 horas, abri o Câmera Privê e me deparei com uma notificação do site: “Hoje é dia de comemoração! Parabéns, Catarina 19! Foi há 3 anos que fez a sua grande estreia no site. Até agora, já teve muitos shows, conquistas e, claro, muitos seguidores e *crushes* apaixonados. E todos concordamos que: é um grande prazer fazer parte da sua história.” Havia 8 reais de saldo na conta. Abri a aba “ficar online” e escrevi como tópico o seguinte texto: “Boa noite, meninos. Eu gosto de regras, então vamos lá: rostinho no privado; em busca de conexão; apressados nem entrem.” Esse texto seguiu-se em todas as minhas apresentações online durante a realização deste trabalho. Naquele dia, ao preparar a sala, senti um frio na barriga, como se eu fosse ficar online pela primeira vez. É como se a experiência de trabalho de campo me deixasse mais exposta. Não demorou muito

⁸⁶O meu embranquecimento em campo deveu-se, sobretudo, à expectativas normativas do mercado do *webcamming* erótico em incorporar feminilidades desejáveis (DENTEN, GURRIERI, TYLER, 2020; SILVA, 2015). No interior dessas expectativas a branquitude – como será mostrado nos capítulos seguintes – traduzia-se em maior sucesso para as modelos *mais capazes* de incorporá-la, como eu. A minha busca por esse sucesso – e seu subsequente aumento na demanda do público consumidor – pretendeu alcançar uma imersão de campo privilegiada (sobretudo no acesso a interlocutores-clientes e engajamento nas redes sociais/plataformas de *webcamming* erótico).

⁸⁷Marina Abramović é uma artista performática sérvia que iniciou sua carreira no início da década de 1970 permitindo-a intitular-se a “avó da arte da performance”. Suas performances são conhecidas pela sua abertura corporal para a intervenção do público, explorando novas possibilidades de relacionamento entre artista e plateia, sujeito e objeto da arte e os limites do próprio corpo enquanto suporte artístico.

para o meu chat ser acionado por um usuário: “Ver uma mulher sorrindo me deixa feliz.” Eu o pergunto: “E você, está sorrindo agora?” Ele afirma, justificando: “Diante de um monumento desses.” Ele me chama para o chat privado.⁸⁸ Descubro que trabalha com produção têxtil, tem 20 anos e conhece tudo sobre lingerie. Peço uma opinião sobre as minhas, ele diz que eu estava certa e que o “preto me cai bem”. Pergunto sobre os gostos dele em relação às mulheres que as vestem. Ele afirma gostar de tudo, mas ter uma “queda pela cor branca.” Naquela noite, conheci Tri-bombado, que justificou o uso do site como um lugar que “dá pra ver [mulher] sem ter que sair de casa”. Perguntei se ele não sai de casa, ao que me responde: “trabalho bastante e não consigo sair muito, se não tava nas festas sempre atrás de mulher!” e reverbera: “Aqui [as mulheres] não ficam fazendo cu doce, com certeza”. Pergunto por que ele confia tanto na minha incapacidade de “fazer cu doce” ao que retruca: “Com dinheiro ninguém faz cu doce... kkkk!” Nessa noite, sai do site às 2h05 da manhã, com 118,00 reais.

No dia seguinte, entrei às 22h30 da noite e conheci Carlos. Ele era um homem de 36 anos, casado e meu conterrâneo. Levou-me para o chat pago após conversarmos no grátis. Esse último movimento faz com que ele me diferencie das outras modelos do site, que define como “mecanizadas”. Carlos conta que conheceu o *camming* a partir do blog de um amigo e que a motivação dele para usar o site é encontrar alguém com quem possa conversar e não ser julgado. Ele revela que se sente culpado em relação ao casamento que considera “feliz” e que planeja filhos pós-pandemia. Carlos vê-me como alguém que o ouve e que merece a minha atenção, o que define como “acolhimento”. Concluindo: “não te vejo como modelo, por isso gostaria que não me visse como um cliente.” Ele pede para que nosso encontro seja como um jantar, o que requer que eu troque as minhas lingerie por um vestido de tubo preto. Seus olhos biônicos acompanhavam todo o movimento da troca, ao passo que meus dedos deslizavam facilmente sobre o meu corpo, dado meu novo estado de lubrificação.⁸⁹

No meu terceiro dia de transmissão no *Camêra Privê*, realizei um cadastro no site do *WebCamModels* (WCM)⁹⁰ e passei a realizar transmissões simultâneas. No *WebCamModels*,

⁸⁸Aqui uma taxa de 2,80 créditos por minuto passa a ser automaticamente cobrada pelo site.

⁸⁹Para a socióloga estadunidense Elizabeth Bernstein a carência afetiva/sexual como justificativa para a motivação dos clientes do trabalho sexual é equívoca: “para alguns clientes, o sexo pago não é um triste substituto para algo que idealmente se escolheria obter em um relacionamento romântico não mercantilizado.” (BERNSTEIN, 2021, p. 120)

⁹⁰Lançado no ano de pela empresa o *WebCamModels* é um site de *webcamming* erótico que opera a partir de regras diferenciadas dos sites brasileiros. Em suas transmissões ao vivo são permitidas exposições de sexo explícito que operam numa lógica diferenciada do ganho por minuto nos chats privados, nessas salas abertas as modelos ganham “gorjetas” que funcionam como incentivo aos seus shows, além de trabalhar com metas que, assim que batidas, dão abertura para alguma prática sexual, como “chupar o dildo por 150 tokens”, “me masturbar por 100 tokens.” Essas metas podem ser encontradas no menu do perfil das modelos, nomeado “Tipmenu”. É uma prática comum presenciar as modelos chamando atenção para que os usuários visualizem o

as salas gratuitas são abertas para exposição de sexo explícito. Enquanto aguardava um chamado na minha sala de bate-papo grátis do CP, que não me permite nenhuma interação corporal sexualmente explícita, observava as salas do WCM. Naquele dia, tive a minha atenção apreendida por um casal que transava e recebia o maior público de interação desta última plataforma. Ao abrir a minha câmera recebi, imediatamente, vários convites para o chat privado. Interrompi a transmissão no Câmera Privê e aceitei um dos convites no WCM. Ele pergunta se gosto do que vejo. Abri a câmera dele, que estava posicionada em um ângulo centralizado no seu pau. Vejo também os pés, era um homem negro, parado em um local que parecia um banheiro público, calças arriadas. Já eram 00h24 da manhã. Perguntei se ele estava no trabalho, ele respondeu que sim. Queria que eu mostrasse a bunda para ele gozar, me inclino para a câmera e em poucos minutos mudo de sala. Um australiano digita, não o vejo. Ao fundo uma mulher comodamente deitada sorri, curiosa. Ele me diz que é a primeira vez dela, que é sua esposa, no site. Eu digo que a desejo ver. Ele afirma que devo retirar a blusa e mostrar os seios para que ela me veja melhor. Aceito, desde que ela tire primeiro. Ela retira a blusa. Agora ele a chupa, ela inclina a buceta para a câmera de modo que me perde de seu ângulo de vista. Desejo retribuir, levanto-me da cadeira e inclino a bunda para a câmera, posicionando de lado a calcinha fio dental. Ele interrompe o oral e ela, imediatamente, põe os olhos ao alcance da câmera e me vê.

No dia 28 de agosto, entrei novamente no Câmera Privê. Depois de algumas horas passadas no chat grátis, conheci Felipe. Ele era engenheiro elétrico, 30 anos, natural de Florianópolis. Felipe interessa-se em saber o que eu chamo de “conexão”. Ele insiste em falar do meu robe, adora-o, mas sente que se tornou o seu inimigo. Minha chave de barganha. Ainda estávamos no grátis e ele não entendia o porquê. Palpita que talvez seja algo sobre a “conexão”. Insiste em saber mais. Eu digo: “você tem a chave, com ela você derrota o seu inimigo, e meu robe cai.” Ele me convida para o privado. Comenta sobre o meu perfil e pergunta sobre Filosofia, especificamente sobre o filósofo polonês Zygmunt Bauman e seu

seu “tipmenu” na sala de bate papo que une todas as salas do site. O WCM, ainda, permite que os/as usuários/as acessem até 16 câmeras simultaneamente. Para o/a usuário/a logado com a câmera é possível observar quem está assistindo a sua sala e, para os/as demais, um ranking da sala com maiores expectadores. Cada sala do site possui o seu próprio ranking, que costuma ganhar alta volatilidade de acordo com a performance que cada modelo/usuário desempenha. O site, ainda, não possui uma classificação delimitada entre modelo e usuário, permitindo uma troca recíproca de gorjetas entre qualquer usuário cadastrado e com uma plataforma de pagamento aprovada. Sua criptomoeda é representada por “tokens”. 1 Token equivale a 0,06 centavos de dólar. Durante toda a minha pesquisa de campo etnográfico eu permaneci no site como uma usuária sem “perfil verificado”, isto é, sem subsídio de uma plataforma de pagamento na medida em que tive dificuldades com a aprovação de documentos, algo bastante reportado entre minhas interlocutoras. Em meu perfil não era possível definir um “tipmenu” nem cobrar por minuto nas chamadas privadas, desse modo recebia gorjetas “espontaneamente”, e me situava mais como usuária do que como modelo.

conceito de “amores líquidos”. A internet cai. Ele volta. Decido trazer o dildo. Eu o chupo enquanto olho para a câmera. Os olhos “biônicos” de Felipe transferem a capacidade prostética do dildo para o seu pau.⁹¹ Ele diz: “imagina que é o meu que você chupa”. Eu continuo. Ele conclui: “essa é a chave da conexão!” Nesse dia, encerrei as transmissões às 8h00 da manhã, com 552,00 créditos no Privê.

Naquela semana, enquanto ficava esperando por uma chamada para o chat pago no CP, direcionava a minha atenção ao WCM. Observava que as salas mais visitadas eram majoritariamente de transmissão de mulheres cisgêneras, brancas, ou pardas, jovens, divididas entre estadunidenses, latino americanas e europeias. Diametralmente, os menores acessos ficavam com as salas que transmitiam majoritariamente corpos masculinos. Esses últimos, no entanto, apresentavam uma prática em comum, isto é, a nudez e o privilégio da exposição genitália. Naquele momento, recebia, constantemente, propostas para o chat privado de um mesmo perfil. Aceitei. Ele era um americano branco, jovem e atlético. Visualizei seu corpo nu, sentado em frente ao computador. Acima do ombro, só via sua boca. Ele me perguntou se não deveríamos continuar o nosso jogo, para “*science purposes*”. Já era a segunda vez que nos reencontrávamos ali. No nosso último contato, eu o pedi para que se vestisse. Foi uma forma de desviar sua atenção sobre a razão de eu estar no site. “*For research*”, eu dizia. Ele queria saber no que poderia ajudar. Quando contei, ele lamentou em não ser uma *camgirl*. Foi então que decidi prepará-lo para *ser uma*. Trocamos as performances. A cada peça que ele colocava, eu tirava uma correspondente. Terminei o chat completamente nua e ele com uma cueca, bermudas, camiseta e uma luva.

Voltei para o Câmera Privê e reencontrei Felipe. Ele me advertiu que eu não deveria falar com ele no grátis, ao passo que me contrasta com as outras modelos do site, definindo-as como “interesseiras e robóticas”. Ele não ficou muito tempo comigo e naquela noite, ainda, conheci NegroSamurai. Eu estava construindo o meu perfil do OnlyFans quando a solicitação de *chat* privado acionou. Ele explicou o seu *nickname*: “sou negro e *otaku*”⁹². Nossa apresentação inicial já nos fez mais íntimos. Eu disse que, comigo, estava “tudo nos conformes”. Ele retrucou: “pra ficar tudo bem mesmo só com a queda de Bolsonaro”. Perguntei o porquê da sua presença no site, ao que responde: “Carência e tesão acumulado”. Percebo esse equilíbrio de intensidades e aproveito pra sugerir o signo: “escorpião com

91Paul Preciado (2013) mobiliza o conceito de prostético para falar da relação de hibridização entre as performances corporais contemporâneas e as tecnologias - sobretudo molecular e midiática – considerando essas últimas como “próteses da subjetividade”

92Otaku é um termo japonês usado para se referir principalmente a pessoas com interesse em animes e mangás.

ascendente em câncer”. Ele respondeu: “sua bruxa, acertou!” Já era o terceiro com esse zodiaco na minha sala naquela semana. Ele explicou ter recorrido ao site em meio à pandemia pelas dificuldades que enfrentou depois de um término recente, isolamento social e sua inabilidade com garotas de programa e aplicativos de relacionamento como o Tinder. Pergunto se pelo site não temos as mesmas limitações do Tinder. Ele responde que *paga pela minha atenção* e que é isso que precisa. Retruco: “precisa para que?” “Basicamente a falta de exposição faz com que eu me sinta menos vulnerável e possa falar sem muitos pudores”. Ele perdeu a virgindade aos 19 anos, com a secretária de seu pai. Fora da relação que teve com a sua namorada, classifica o seu sexo como “grosseiro”. Conta que não é totalmente hétero. Fala de suas habilidades em inventar histórias para motoristas do aplicativo Uber: “Da última vez, eu era um jogador do Flamengo”. Mas suas histórias não param por aí. Ele me elege a protagonista, a atriz perfeita, das últimas fantasias que criou enquanto se masturbava. “Era o fim de uma festa, só estávamos nós três. Ele era gay, você estava visivelmente interessada nele e eu em você.” Passamos o restante daquela noite juntos, o que acresceu meu saldo em 200 créditos.

NegroSamurai não era o único que gostava de trazer outras companhias para a minha sala. Era meu segundo mês fazendo transmissão no Câmera Privê. Minhas madrugadas online eram, comumente, interpeladas por mensagens no chat grátis. Naquele dia, no entanto, a mensagem era de um “*crush*”.⁹³ Fiquei perturbada por não me lembrar do nosso último atendimento, fato que é rapidamente revertido por Marcos ao se referir a mim como “esposinha”.⁹⁴ Pergunto porque ele chegou naquele horário. Ele se desculpa, retrucando: “por que você está com essa roupa, se exibindo?” Eu respondo que passava a noite ali, e que falava com outro enquanto ele não chegava. Marcos insiste em saber de quem se tratava, e me dá uma pista, “eu o conheço?” Eu digo que é um colega de trabalho. Ele se irrita e parece se interessar na conversa. Chama para o chat simples.⁹⁵ Continuamos, ele quer saber quem é. Refiro-me a alguém próximo que possui a cópia das chaves de nossa casa e que me surpreende em horários inesperados. Marcos insiste em saber o que fazemos. Eu digo que esse “amante” tem um ritual, no qual me tira de qualquer cômodo onde eu esteja e coloca-me sentada sobre a cama que divido com Marcos. Ele implora que eu pare. Eu continuo e explico: esse seu amigo fica assim, oh, ereto, antes de chegar aqui, quando ainda está conversando

93Refere-se ao usuário que já realizou chat pago com uma modelo por mais de 30 minutos.

94Nomear as modelos como esposas era uma prática comumente adotada por aqueles que tinham fetiche em cuckold.

95Aqui uma taxa de 1,80 créditos por minuto passa a ser automaticamente cobrada pelo site.

com você no trabalho e começa a imaginar o que fará comigo mais tarde. Marcos respira fundo e pede mais detalhes. Eu digo que agora o amante está com os dedos dentro de mim, sentindo a minha lubrificação. Estou molhada o suficiente para querer que ele penetre. Marcos pede pra ver. Eu saio de minha cadeira e deito na cama. A visão na tela agora está focada nas minhas pernas abertas, uma mão movimentando o dildo para dentro e a outra agarrando meu seio esquerdo. Ele se silencia. Levanto-me e digo que ouvi um barulho lá fora, ele diz: “sou eu [o marido] chegando”. Ao passo que roga: “e o meu amigo vai gozar?” Eu resolvo tudo com uma ligação. “Oi, amor!” “Oi...” “Você ainda está na garagem?” “Sim, amor!” “Poderia me fazer um favor?” Passa na padaria e compra o meu lanche da noite?” Marcos diz que tudo bem e conta que tinha me ouvido dizer “mete mais”, mas disfarça. Quando desligo, o amante intensifica os movimentos. Ele pede para que eu fique de frente e meta o dildo conferindo-lhe a cena de “sentar no seu amigo”. Nessa altura ele já preencheu seus créditos pela terceira vez, mas estamos no simples e o tempo por aqui é mais longo. Mais duas pessoas assistem. Em um certo momento, ele diz: “já gozei, amor. Obrigado!” Em segundos vou da horizontalidade à verticalidade, da cama pornográfica à cadeira de escritora. Volto ao diário de campo.

Faltavam apenas 15 dias para eu dar como encerrado o meu campo etnográfico e passo a angustiar-me nas madrugadas que não tenho atendimento no Câmera Privê. Decido ocupar esses momentos de ócio acompanhando os perfis de outras modelos do site. Acesso o perfil de “Your Angel”. Ela reproduz o que eu chamaria de uma garota de ensino médio safada, porém inexperiente. Em seu perfil encontramos fotos dela de quatro, em sua cama, com o foco em sua boca, chupando um pirulito. Sua primeira foto exhibe um corpo completamente nu, muito branco e magro, seios pequenos e as partes íntimas depiladas. Na próxima, vejo-a de roupão, sentada na mesma cama reproduzindo um pós-banho desprezioso que, de um momento para o outro, pode transformar-se num cenário em que ela promete “se divertir juntos”, onde se exibirá usando “meus brinquedos pra você”. Para isso, ela adverte: “seja gentil, eu não sou uma máquina. Tudo será muito melhor se nós dois gozarmos, não?”

Surpreendo-me com a regularidade com que as modelos se referem a uma experiência “robotizada” para definir o que *não* esperam encontrar no site. Essa experiência se regula pela duração esperada para um chat *autêntico*. Encontro o perfil de Milena. Ela tem 25 anos, é branca, atlética e loira. Ao passo que afirma não aceitar chats simples, a modelo define seu chat privado como um espaço que “não tem um roteiro a seguir”, acrescentando: “não me trate como um robô, não tenho vocação pra isso!” Já CuteNerd é uma modelo que se define como uma pessoa que ama o mundo dos jogos e animes. Ela também se recusa a fazer chat

simples, define o seu chat privado como um lugar em que privilegia a “calma”, acrescentando: “Não sou um robô! Então, nada de ordens e falta de educação. Se você é apressadinho pode comprar os meus vídeos e me mandar um presente pra eu ir direto ao ponto.” LizFrança, uma mulher de 27 anos, bronzeada e tatuada, contrapõe conceitualmente “show” e “chat” a partir das ideias de interação e autenticidade e refere-se a esse último como a sua modalidade de atendimento.

Eu NÃO faço show. Primeiro que não sei cantar... rs! Segundo, que show é uma coisa que tem roteiro, mecanizada... Eu faço CHAT! Aqui não é site pornô que você escolhe a categoria que quer e aperta o *play*. Meu chat é real, seja sozinha ou de sexo. Então, vamos caprichar na interação para vocês terem o melhor chat que puderem ter aqui nesse site!

A descrição de LizFrança me transporta para a experiência de um chat que realizei em um desses dias de ócio provocados pelo baixo tráfego do site. Eram 4 da manhã e eu estava prestes a encerrar a transmissão do CP. Recebi uma solicitação direto para o chat privado. Ele, como Felipe, interessava-se pela minha descrição e pedia que eu explicasse o significado de “conexão”. Breno abriu a sua câmera e vi um homem de aparência muito jovem e negro. A casa dele não aparentava ter mais de três cômodos, distribuídos por paredes sem revestimento. O aspecto precário de seu lar antagonizava-se com a nossa experiência naquela noite. Ele amanheceu comigo, em um chat longo, postergado pela sua incessante reivindicação de “conexão”. O tempo com ele no chat traduziu-se em um saldo próximo aos 400 créditos. Antes de terminarmos, questionei sobre a sua preferência do site em relação ao pornô. Breno, retoricamente, afirmou: “pornô é mentira, sabia?”

Uma semana após conheço Luis. Ele me cumprimenta no chat gratuito do CP. No seu *nickname* está a bandeira de outro país. Ele me explica que mora na Áustria há dois anos por ter “enjoado” do Brasil. Ele tem menos de 30 anos e se vê como “privilegiado”. Luis me envia um convite para o chat privado. Ele interage pouco e me exige esforço para conduzir o chat. Pergunto se visitou outras salas antes da chegar na minha e ele confirma, acrescentando “mas tem muitas mulheres que parecem robôs, ai não tem papo.” Luis me conta que há cinco anos encontrou o Câmera Privê no Google ao pesquisar pelo termo “pornô online”. Ele revela que após o seu uso do site “quase não assiste mais pornô” e que “é melhor ver pessoas de verdade”. Pergunto sobre seu casamento e ele afirma não ver o site como traição, concluindo, “pra mim é um pornô com interação”.

O mês de outubro avançava e com ele o encerramento para o prazo das minhas

transmissões. Era um sábado à noite e fui abordada por Fred, no chat grátis do CP. Ele contou que era a sua primeira vez no site e que se atraiu pelo meu sorriso e pelos bicos dos meus seios. Digo que o conduzirei ao bom uso da plataforma, referindo-me à necessidade de receber o convite para continuarmos nossa conversa no chat pago. Ele envia e eu aceito. Pergunto a sua motivação para entrar no site, ao que retruca: “estou com mais de 100 abas do pornô abertas e não sinto nada”. Ele se define como “socialmente imbecil”, tem 34 anos, um emprego não muito bom e mora com a mãe. Insisto na sua motivação para usar o site e ele continua: “Como todo homem sou atraído por pornografia, mas masturbação em vídeo de atrizes não é estimulante. Eu gosto de conversa. Se puder vir com nudez, melhor ainda.” Amanhecemos o dia juntos, minha câmara tornava-se prótese biônica para os olhos de Fred que pousavam sobre o meu corpo totalmente nu. Ao mesmo tempo, o sinalizador de créditos do site apontava para o acréscimo de 300 créditos em minha conta.

Fred retornou à minha sala, diariamente, até o encerramento do meu campo. Ele afirmava que eu era péssima em palpites e que “não ele aproveitou o site da maneira que intui que faria”. Diz que as outras modelos não têm graça. Em nosso último chat, Fred revelou que tinha 19 tatuagens e gostaria de fazer uma em minha homenagem. Nossos encontros costumavam reverter, para mim, em um misto de encabulamento, diversão e 300 créditos diários em minha conta. E, próximo ao encerramento do campo, como previsto em minha pesquisa, sentia uma angústia sobre a natureza *indiferenciada* entre o pessoal e o profissional. Tento encontrar o intermédio entre a antropóloga e a *camgirl*, a fronteira entre a ética, dinheiro e a pesquisa. No limite, tento segurá-lo no site sem “iludí-lo”.

Perguntei nos grupos do BRG e *Networking* sobre experiências com clientes “apaixonados”. As repostas resumiram-se na máxima: “se você tiver paciência é uma fonte de dinheiro!” Perguntei sobre os limites éticos desse tipo de relacionamento e recebi como resposta: “se não fosse você ele procuraria outra.” Gabriela ressaltou: “eu sou suspeita pra falar. Essa vida de estelionatária é foda. Ia falar pra você ser fria e extorquir mesmo. Mas assim, cuidado tá? Quando começa esse papo ‘só com você’, ‘minha primeira’ vem rápido demais... ai tem!”⁹⁶ PinkCutie interpelou: “Eu tenho o pacote ‘webnamoradinha’, começou com esses papo eu logo ofereço.” Angel continuou:

⁹⁶Brasseur e Finez destacam os dilemas éticos enfrentados pelas camgirls entrevistadas em sua pesquisa: “as meninas então enfrentam uma luta interna com uma decisão difícil de tomar. Por um lado, essa dependência emocional, geralmente na forma de solicitação de shows particulares agendados regularmente e entrega de presentes e doações em dinheiro, aumenta substancialmente sua renda e às vezes pode mesmo dobrá-la. Por outro lado, é moralmente difícil aceitar ver um fã expressar publicamente sua sentimentos e gastar dinheiro como água, principalmente quando o comportamento da modelo afeta a vida privada de uma pessoa” (BRASSEUR, FINEZ, 2019, p. 229 apud NAULIN, JOURDAIN, 2019).

Esse negócio de cliente se apaixonar é normal. Nesses meus quantos anos no ramo já me aconteceu mil vezes e é sempre a mesma história: eles querem usar do "amor" pra deixar de pagar [...] Eles vêm até a mim só desabafar. Você pode dizer “gosto de você, gosto dos papos, gosto de manter uma relação”, mas jamais esqueça que esse é meu trabalho e o que paga minhas contas. Quer desenvolver uma relação namoradinha? Sem problemas, mas você vai me pagar o que meus outros clientes não pagam porque eu preciso me sustentar. Você topa? Eles voltam ao normal rapidinho!

Gabriela sugere: “Eu posso estar errada, mas eu vejo os caras como carentes, sabe? Eu vou crescer nisso neles, pô! Uma atenção a mais que você dá o cara já fica em cima.” Ela conta sobre como desenvolveu seu “mecanismo” para construir seu público-alvo:

Fiz os obcecados serem minha renda fixa e até então vivia com tudo deles. Óbvio, mente empreendedora sempre tá pra frente, né, girls? Eu investi a grana deles na minha loja virtual. Todos eu encontrei em jogo online.⁹⁷ Eu pesquiso, vou nos caras que eu sei que tem dinheiro... Chega a ser fácil essa filtragem, é sempre um padrão. Maior de 25 anos, que mora com a avó, ou com os pais, não tem contas pra gastar, vão gastar em jogo mesmo! Eles não têm a paciência de ir no CP escolher a menina e ficar lá.

Outras modelos sustentam a estratégia de investir na marca (JONES, 2020) de “*gamer nerd*”.⁹⁸ Silva (2015) defende que uma das maiores competências para a conquista de maior lucro na indústria do *webcamming* erótico consiste em “projetar estereótipos e representações sobre um certo feminino em que é constantemente reinventado no aprimoramento de si enquanto mercadoria ou no investimento das personagens que incorpora em seu cotidiano”⁹⁹ (SILVA, 2014, p. 277). Redfetishist reforçou isso: “Tem muito cara que curte falar sobre *games*, animes nos sites de *camming*. Desde que comecei a falar mais sobre *games* nas *lives* tenho atraído um público que dá pra trabalhar além da putaria no *camming*.” Angel conclui:

⁹⁷ Gabriela se refere a jogos com modelo multiplayer, como o “Mobile Legends: Bang Bang”, que possuem uma plataforma de *streaming* própria que viabiliza a interação online, e simultânea, entre os usuários. Para ela, uma forma de identificar um usuário como potencial cliente era a avaliação de sua “skin” usada no jogo. “Skin” se refere a um tipo de *roupa* usada pelo personagem do jogo e é adquirida via transações financeiras.

⁹⁸ Batista (2021) descreve uma *porcentagem elevada* de clientes da área de informática ou gamers no relato de uma de suas interlocutoras. A autora atribui esse fenômeno ao fato da Internet “ter aberto um novo mercado para homens de classe média que passam muito tempo em frente aos seus computadores e que procuram formas estruturadas e limitadas de interagir com mulheres” (BATISTA, 2021, p. 46). Aline Garcia Gasoto e Telma Duarte Vaz (2018) discutem as disparidades entre os sexos nos jogos de computador online no interior de três princípios: o excesso de sexualização das personagens femininas, a violência excessiva ou realista e a falta de interações sociais ricas com outros personagens. Aqui, a presença feminina nesse universo torna-se um tabu na medida em que a presença feminina gera *investidas* masculinas ou ofensas (relacionadas a negativas às primeiras). Esses princípios, no limite, resultam no afastamento das mulheres do “universo gamer” gerando *destaque* - na sua ocorrência - à presença das mesmas.

⁹⁹ No LiveJasmin, primeira plataforma de *webcamming* erótico, inaugurada em 2001 pela JWS Americas Sàrl em Luxemburgo, esses esteriótipos ganham espaço no interior de *nichos*, estruturados nas seguintes categorias: “nude categories”, “fetish category”, “hot flirt”, “soul mater”, “celebrity” e “cosplay”.

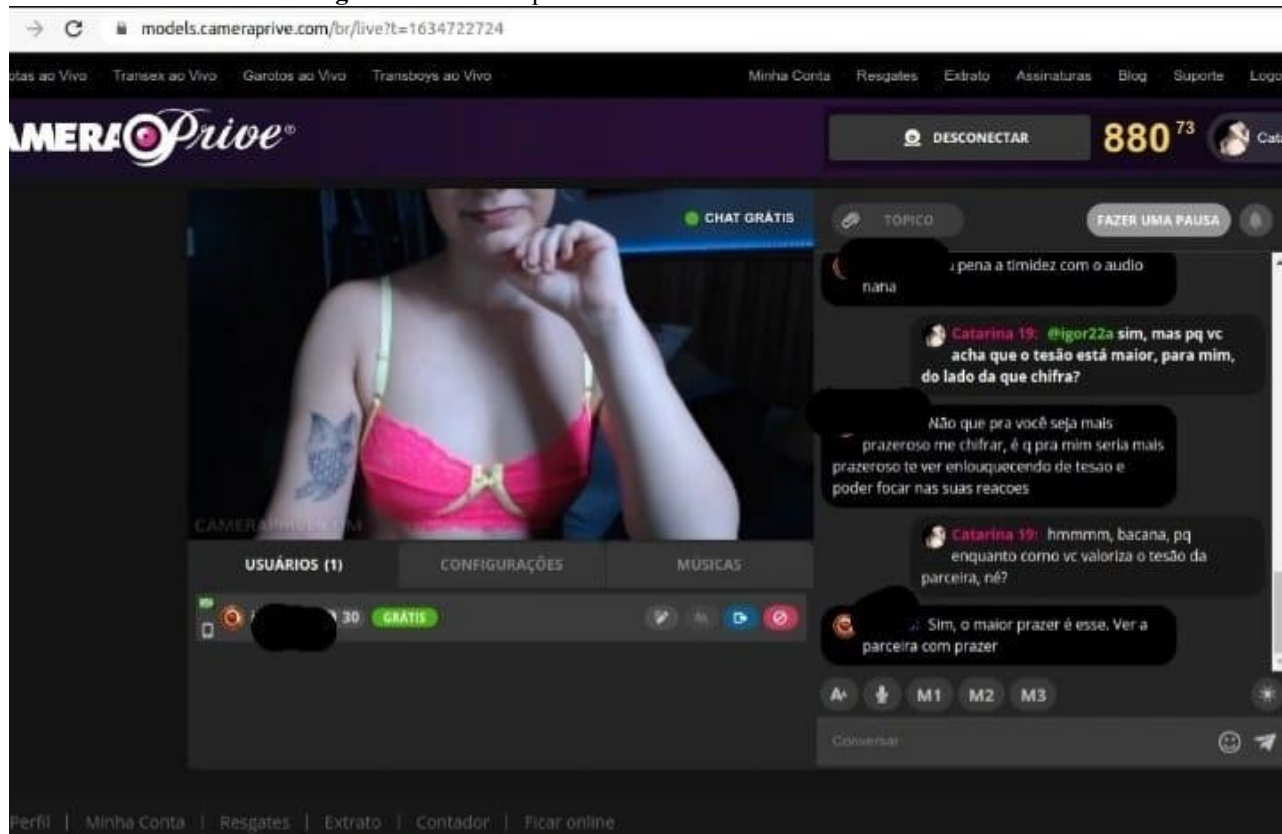
“usar camiseta de anime pra transmitir é estratégia de marketing” Redfetishist confirmou: “cria conexão com o cliente. Porque putaria por putaria tem um monte, o que faz o cara voltar é se conectar com você de alguma forma.” Angel acrescentou: “Camiseta de banda também! Eles adoram conversar, são carentes de atenção mesmo.”

Aqui a *autenticidade incorporada* (JONES, 2020) evidencia-se como principal *produto* a ser comercializado nas interações online – em tempo real – personalizadas para as quais “o cliente está adquirindo uma experiência única com um (s) indivíduo (s) com quem pode não ser capaz de interagir intimamente e sexualmente em sua vida cotidiana.”¹⁰⁰ Na medida em que os clientes estão “comprando experiências autênticas com pessoas “reais” – como “pagar pela atenção” – acrescenta-se às demandas de gozo pessoal desses últimos a experiência de prazer da própria modelo. Não raro, os meus shows acabavam com a solicitação – e engajamento – dos meus clientes para que eu gozasse,¹⁰¹ como ilustrado abaixo:

100Aqui o privilégio da interação nesse mercado observa-se na proibição generalizada dos sites de *webcamming* erótico sobre a transmissão de vídeos previamente gravados. Em minhas transmissões no site do WebCamModels a prática de acessar salas masculinas e corresponder a acenos não raro me geravam “tokens” – na forma de presentes – como sinal de recompensa àquela interação produzida.

101Um de meus interlocutores-clientes chegou a afirmar que “o gozo solo é vazio e incompleto”. Dada a ausência de ejaculação vaginal, não raro, a solicitação de que eu ligasse meu áudio articulava-se como recurso suplementar. Aqui, a sonoridade operava como ferramenta porno-erótica – e cenográfica - de verificação do gozo feminino (DIAZ-BENITEZ, 2009).

Figura 10 — Conta pessoal de modelo no Câmera Privê



Fonte: Câmera Privê, 2022.

NegroSamurai justifica a busca do *webcamming* erótico na sua recusa a uma experiência porno-erótica “premeditada”, na medida em que mobiliza um consumo diretamente ligado à compra de minha “atenção”.¹⁰² Carlos já me vê como alguém que o ouve e merece a minha atenção, ao mesmo tempo que incorporo o desejo dele de levar alguém para jantar, sem que isso abale o seu “casamento feliz.” André afirma encontrar no *webcamming* uma sensibilidade que *não tem* fisicamente. Já Marcos inscreve o seu consumo na realização fetichista do “cuckold” na medida em que incorporo a figura da “esposa adúltera”. Fred, ainda, mobiliza o seu consumo nas expectativas românticas/intimas inviabilizadas pela sua inabilidade social – distanciando-o de experiências sexuais durante 7 anos – e que são incorporadas à minha figura. É a partir dessas expectativas de consumo que o *webcamming* erótico comercial ganha aqui uma natureza *diferenciada* de outras modalidades de trabalho sexual.

¹⁰²Ao observar o perfil da modelo DeusaGrega, no Câmera Privê, encontrei a seguinte descrição: “Ao me levar para o chat privado você está pagando pela minha atenção. Pra ter minha nudez, terá de pagar tributo, em forma de presente.”

2.1 WEBCAMMING É TRABALHO SEXUAL?

Em maio de 2021, apresentei um artigo da pesquisadora Lorena Rúbia Pereira Caminhas para minhas interlocutoras do BGR. O artigo, situado no que a autora denomina como “universo do *webcamming* erótico comercial”, percorre uma constelação de termos variando entre *striptease*, prostituição e pornografia para definir a atividade comercial realizada pelas *camgirls*. Em resposta, Luara afirmou concordar com os termos, mas sem pretensão de “ofensa” ou de tê-los como algo “negativo”. Perguntei por que ela os entendia dessa forma e ela seguiu: “é porque tem gente que associa a palavra prostituição com ofensa e tal”. Angel também apareceu e afirmou:

Striptease não, né? ninguém diz “eu trabalho com striptease”, diz “eu trabalho com *camming*/programa.” O strip é um galho da árvore do *camming*. Prostituição/pornografia virtual, sim, porque é o que ele é. Essa divisão é tentar higienizar o *camming* como se ele fosse “menos pior” que programa. A proporção de risco é menor, sim, obviamente, mas ainda sim somos pagas por um trabalho sexual. O *camming* tem limites mais seguros pela natureza da coisa, né? A proporção de riscos é óbvia. Porque na prostituição presencial o bagulho é louco!

Helena concorda e continua: “Porque pelo menos temos acesso à Internet, computador, câmera. Muito melhor do que ficar na rua, passando frio e correndo riscos por aí sabe deus do que.” O debate se seguiu em relação à pornografia, Angel indagou: “mas tem diferença? A diferença pra mim é o pornô *mainstream* e o independente”. Já Helena, em tom de discordância, sugeriu: “ah, mas na parte audiovisual tem essa diferença, sim!” Insisti sobre a diferença e Angel afirmou: “eles pagam pela sensação de exclusividade e proximidade”. Helena complementou: “pela sensação de estar no controle também. Porque no *mainstream* eles são só expectadores”. Outra interlocutora, Monique, definiu o *webcamming* erótico a partir de uma distinção de outras modalidades do trabalho sexual a que se referiu como “grupo explorado”, constituído por “atrizes pornôs, mulheres que estão na prostituição por falta de escolha e mulheres transsexuais que são obrigadas, porque não tem outras coisas”.¹⁰³

Para Caminhas (2018), uma das consequências do processo de mediatização dos

¹⁰³Ao nomear suas interlocutoras de “strippers virtuais,” Silva e Jayme (2015, p. 199) ponderam: “Nesse mercado o termo strip-tease não se refere apenas ao desnudar-se [...] o serviço oferecido pelas strippers via internet, muito em razão da ambiência em que se realiza e por conta das exigências que o mercado coloca no que concerne a seus modos de efetuação, traz consigo novos e distintos repertórios daqueles que se colocam em strip-teases diante de uma plateia física e do imaginário construído sobre essa prática erótica. Entre as realizações mais comuns, elas se masturbam diante da webcam, penetram-se com vibradores, dildos e outros objetos eróticos, entre tantas outras solicitações dos clientes realizadas na interação. Suas apresentações, então, não se encerram com o nu. De modo inverso, é geralmente a partir do despojamento de suas roupas que suas performances ganham maior relevo.”

mercados do sexo são as novas mobilizações usadas pelos/as trabalhadores/as sexuais para delimitar lugares de estigmatização inscritos, no limite, em experiências *diferenciadas* de prazer e perigo no interior de diferentes modalidades do trabalho sexual: “presencial o bagulho é louco!”¹⁰⁴

No contexto da midiaticização dos mercados do sexo emerge uma nova estratégia de diferenciação entre as atividades, que corresponde à defasagem entre ter contato corporal ou somente mediado com os clientes. Contudo, desta primeira divisão se engendra uma segunda, qual seja: a existência de um sexo qualificado como real (em presença) e de outro compreendido como simulado (mediado tanto pela câmera e transmissão televisiva quanto pelo computador conectado à internet). (CAMINHAS, 2018, p. 170).

Nas pesquisas sobre “*callgirls*”, Katleen Guidroz e Grant Rich (2010) e Flowers (1998) (GUIDROZ, RICH, 2010; FLOWERS, 1998 apud CAMINHAS, 2018) descrevem o disque-sexo como a “comercialização da fantasia” na medida em que, para suas interlocutoras, falar sobre sexo - no modo telemediado - opõe-se à *venda de sexo*.¹⁰⁵ Paul Bleakley (2014) descreve as atividades praticadas pelas *camgirls* a partir da produção de “materiais pornográficos customizados”, como afirmam Angel e Helena (“eles pagam pela sensação de exclusividade e “proximidade”, ou, mesmo, pela “atenção”). Henry e Farvid (2017) defendem que o *camming* envolve uma ampla gama de práticas com variações (e contestáveis) graus de erotismo, na medida em que algumas modelos de *webcam* alcançam sucesso financeiro sem remover suas roupas ou realizar qualquer ato sexual, praticando atividades como dançar, ler romances e revistas, ou simplesmente conversar.¹⁰⁶ Jones (2016, p. 231) mobiliza os termos “trabalho sexual direto” ao referir-se ao contato físico genital e o “trabalho sexual indireto” ao trabalho sexual onde não há contato genital. Mariana Rost reflete:¹⁰⁷

104A veemente proibição à atividade de prostituição e a escolha por eufemismos como “modelo” (Câmera Privê), “cammodel” (WebCamModels), “emissor Independente” (CAM4), “Independent Broadcasters”(Chatubarte) não só aliviam as empresa-plataformas das jurisdições do mercado do sexo como esvaziam a atividade do *webcamming* erótico da gramática do trabalho sexual. A minha escolha pela nomeação de minhas interlocutoras como “modelos” se espelha nessa construção lexical reverberada tanto pelas empresas quanto pelas trabalhadoras dos mercados do sexo no ambiente digital.

105Preciado (2017) defende que a publicização de práticas ou órgão ditos sexuais é considerada obscena não apenas pela exposição do que deveria localizar-se *fora* da cena pública mas pelo próprio deslocamento do sexo de seu lugar – anatômico – natural para uma imagem textual/visual, transformando superfícies orgânicas em fluxos informativos. Aqui, no entanto, mobiliza-se a organicidade do corpo como lugar natural – e exclusivo – da prática sexual como recurso das trabalhadoras sexuais (telepresenciadas) para se distanciarem do estigma simbolizado na figura da “puta”.

106O site do Câmera Privê, como estratégia para o entretenimento dos clientes, sugere: “Faça jogos em sua sala (verdade ou consequência é um dos meus favoritos)”

107Clara Aquilar, ainda, defende que o que define a atividade de *camgirl* é a exclusividade do atendimento “virtual” e não “real”. Esses últimos termos são constantemente mobilizados pelas modelos tanto nas descrições

Não se trata, por isso, de uma assepsia romântica ou moralista das relações, mas sim do processo de construção de um entendimento de que há ali uma intimidade. Isso deixa claro que a fantasia reside mais no acesso privado a uma pessoa e na identificação subjetiva com ela do que no caráter especial das imagens. Atividades que eram outrora secundárias se tornam primárias, como comprar uma pizza ou arrumar a casa. (ROST, 2016, p. 69).

De volta ao grupo, Bruna contou que “já ouviu falar de cliente que pediu pra uma menina não fazer nada, pra fazer tarefa de casa, pra assistir série, pra dormir”, acrescentando: “eu atendi um que queria que eu lesse. Sara complementou: “eu já fiz show no CP fazendo empadão”. É aqui que o “olhar voyeurístico” do *webcamming* erótico perde seu caráter pono-erótico - privilegiado - para alcançar as ambições de uma subjetividade baseada nos fenômenos de espetacularização da vigilância. Para a pesquisadora finlandesa especialista em mídia Susanna Paasonen (2010, p. 79): “A câmera de vídeo testemunha e registra o que está acontecendo, da mesma forma que uma câmera de vigilância faria”. Já para o teórico da comunicação J. Macgregor Wise (2021, p. 429) em termos das *formações estruturais* da subjetividade contemporânea “o que é revelado pelas webcams (isto é, o que é revelado pelas imagens ao vivo de si mesmo capturadas e transmitidas na Internet mesmo sem o seu conhecimento) é que essas formações estruturais são moldadas dentro de uma sociedade de vigilância.” São essas constatações que levam-me a distanciar a matéria comercializada no *webcamming* erótico de uma prática exclusivamente sexual para ganhar privilégio na intimidade telemediada.¹⁰⁸

Esse é o ponto de partida para compreender a natureza da autenticidade incorporada como privilegiadamente mobilizada por um tipo de “trabalho afetivo/cognitivo”, observado marco crítico na passagem da economia industrial para a pós-industrial (VASQUES-MENEZES, 1999; BIFO, 2003; MARQUES, FREITAS, 2014). A afirmação de Angel sobre “usar camiseta de anime ou banda” como estratégia de marketing e, mesmo, o interesse de Gabriela em pagar as suas contas navegando no universo *gamer*, reverberado por Redfetishist na possibilidade de “criar conexão”, evidencia que incorporar o autêntico significa apropriar-se da dimensão personalizada aberta pelas novas possibilidades telepresentes de interação.

A crítica da comunicação Kavita Nayar (2017), ainda, fala em termos de uma

de perfis no Câmera Privê quanto nas discussões cotidianas acerca da natureza do seu trabalho.

108Rost (2016) cita o anúncio vinculado a transmissão de uma *camgirl* em que a mesma promove a venda de seu número de WhatsApp (por 5.500 tokens) com o intuito trazer *mais intimidade* a interação. No entanto, não abandono a definição do *webcamming* erótico como uma modalidade de trabalho sexual na medida em que essa intimidade inscreve-se, majoritariamente, no interior de expectativas porno-eróticas.

“profissionalização da autenticidade “ trazendo a fala de sua interlocutora Lana: “ser “autêntico” não significa não fazer nada ou ser você mesmo.” Para Jones (2020), as modelos gerenciam a autenticidade e realismo ao *mesmo tempo* que fabricam identidades que elas acreditam ter alto valor de mercado no campo de *webcamming*. É aqui que a estética realista amadora nos diz menos sobre a *revelação* de uma experiência verdadeira do que sobre a fabricação do verdadeiro – autêntico – enquanto uma experiência porno-erótica esperada/desejada.

A intimidade, resultante da autenticidade incorporada, no entanto, é concebida de acordo com os diferentes usos e significados das estruturas de funcionamento das empresas-plataforma (HINE, 2015; PARREIRAS, 2012; ROST, 2016). Minhas experiências – diametralmente opostas – no Câmera Privê e WebCamModels evidenciaram-me essas diferenças.¹⁰⁹ Enquanto no Câmera Privê articula-se uma estrutura de ganho financeiro reservada aos chats privados, o WebCamModels engajava remuneração financeira na *doação* – ou troca – de “*tips*” nos chats gratuitos na medida em que a exposição (nua) explícita era permitida neste último.¹¹⁰ Aqui, ganho financeiro se inscrevia, nos respectivos sites, na duração temporal (ligada ao trabalho criativo) em contraposição à realização de práticas específicas ligadas às práticas de exibicionismo (MIRANDA, 2016; MOREIRA, 2017). O que demandava, sobretudo, a mobilização de um “capital afetivo/cognitivo” maior para o primeiro e “porno-erótico” para o segundo.

Não raro, esses capitais se entrelaçavam e reuniam estratégias das modelos para que tivessem uma efetividade remunerativa: como a realização de uma prática a partir do cumprimento de uma meta (valor em “*tips*”), o uso de brinquedos a partir de determinado tempo de chat e a solicitação de presentes para a realização de práticas quando estes demandam um curto período de duração. Como descrevem algumas modelos do Câmera Privê:

109Sanches (2022), ainda, descreve o Câmera Privê como um site destinado à usuários “mais falantes” em oposição aos sites de *webcamming* erótico “gringos” aos quais o exibicionismo corporal aparece como mais expressivo.

110Essa estrutura de ganho financeiro pela prática de “doação de presentes”, no limite, inserem o *webcamming* erótico no interior do funcionamento de uma “economia da dádiva” (MAUSS, 1974) na medida em que as modelos buscam *engajar* maneiras – combinadas entre trabalho gratuito e criativo – de gasto econômico dos clientes frente à cultura porno-erótica online ligada à *indisposição* para o consumo pago de pornografia (EDELMAN, 2009). Rost (2016), ainda, defende que os “tip”, *tipping* ou gorjeta são uma forma de pagamento supostamente espontânea dado por um bom serviço, sobre o qual *não se tem obrigação* de pagar, mas se paga por consideração ou *empatia*. Aqui, não me parece forçoso pensar que a “criação de empatia” relaciona-se à disposição das modelos para o trabalho afetivo/cognitivo gratuito.

Modelo 1: Se você é apressadinho pode comprar um dos meus deliciosos vídeos ou me mandar um presente pra eu ir direto ao ponto.

Modelo 2: Este é um site de Luxo, e não miojo pronto em 3 minutos! O que mais me excita é uma boa conversa, pessoas educadas, não faço nada na pressão e no desrespeito, se é dos apressadinhos, comigo não vai rolar... vou te tratar bem e espero o mesmo da tua parte.

É aqui que a autenticidade incorporada se elabora no interior de uma “economia da atenção” própria às dinâmicas de interação estruturadas em cada site. A construção dessa experiência autêntica, ainda, carrega uma dimensão *comercial* paradoxal. Não raro, críticas voltadas a uma abordagem “acelerada” dos clientes, contornadas pelas estratégias acima, ligavam-se à rejeição de uma “experiência robotizada”. No entanto, como mostrei acima, essa rejeição também alcançava os clientes. Esse fato leva a um questionamento: como que, ao mesmo tempo, modelos e clientes tornam-se insatisfeitos com o “comportamento robotizado”? Se os próprios clientes rejeitam uma “performance robotizada” de quem as modelos recebem esse tratamento? A resposta é: *deles mesmos*.¹¹¹

A afirmação de Milena sobre “não ter vocação para ser robô” significa que, no limite, a sua vocação para o *webcamming* erótico relaciona-se ao ganho financeiro gerado por uma atividade intrinsecamente subjetiva – em oposição à objetividade maquínica – ligada aos trabalhos afetivo/cognitivo e conectivo (NEGRI, LAZZARATO, 2002; BIFO, 2003; DENTEN, GURRIERI, TYLER; 2020).

No Câmera Privê, onde a remuneração financeira está ligada, majoritariamente, ao *tempo* realizado nos chats pagos, adotar uma prática “mecanizada” significa – para as modelos – *perda de dinheiro*. Na contramão, a adoção “acelerada” dos chats gratuitos significa a perda de dinheiro na medida em que se obtém ali o trabalho afetivo/conectivo não remunerado. É aqui que a rejeição a uma “performance robotizada” ganha ênfase naqueles clientes com os quais realizei maior tempo de chat gratuito.

A associação entre trabalho remunerado e trabalho gratuito realiza-se na medida em que a combinação entre intimidade, interatividade e estética do “real” embaralha as fronteiras entre a natureza econômica – objetiva – e a natureza afetiva/conectiva inscrita no *webcamming* erótico e na “venda de conteúdo” online. É aqui que situo a solicitação de Carlos para que “não o veja como cliente da mesma forma que ele não me vê como modelo”

¹¹¹É evidente o encontro de clientes que demandam experiências ligadas ao trabalho afetivo/cognitivo com modelos que adotavam uma dinâmica mais exibicionista de trabalho, e vice-versa, cria essas tensões e insatisfações. No entanto, busco refletir aqui como a demanda pelo trabalho afetivo/cognitivo deixa de ser uma potência comercializada para tornar-se um trabalho – não pago – feito “por amor” (FEDERICI, 2019; DA SILVA, BLANCHETTE, 2017).

e Fred “Eu sou só um cliente legal, que você gosta?” Para Brasseur e Finez (2019) a construção simbólica do mercado de *webcamming* erótico ligada aos sinais de não profissionalismo (o autêntico) exige a negação da própria *natureza econômica* da atividade.

Neste quadro a relação entre a atividade do *webcamming* erótico, a construção de intimidade e autenticidade por meio do trabalho afetivo/cognitivo e a confusão das fronteiras entre sexo, trabalho, dinheiro e intimidade nos força a resgatar uma história dos dispositivos de poder-saber-prazer contemporâneos (ROST, 2016). Enquanto Angel afirma que “eles [clientes] querem usar do ‘amor’ pra deixar de pagar”, a teórica feminista italiana Silvia Federici (2019) nos alertava “o que vocês chamam de amor eu chamo de trabalho não pago”.

2.2 ONDE TERMINA O DINHEIRO E COMEÇA O AMOR: QUEM PODE *INCORPORAR* A AUTENTICIDADE INCORPORADA?

No texto “Tráfico de Mulheres”, publicado pela primeira vez em 1975, a antropóloga estadunidense Gayle Rubin constrói uma economia política baseada no que chama de sistema sexo/gênero. Rubin propõe que a divisão de trabalho por gênero incluía categorias de trabalho que não foram historicizadas em Marx e Engels: ter e criar crianças, cuidar dos doentes, cozinhar e, acrescento, transar. Para a antropóloga, essas atividades, no interior do capitalismo, convertem uma mulher em “do lar”, “mãe” ou na “coelhinha da Playboy” ao transformarem a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, isto é, em *mais-valia*.¹¹²

Silvia Federici, na obra *Calibã e a Bruxa*, aponta o surgimento do capitalismo moderno nas fogueiras das “bruxas” da Idade Média como forma de extermínio dos saberes coletivos femininos. Esse extermínio traduziu-se na cristalização do trabalho feminino reprodutivo como *natural*, e não historicamente situado. “Ocorreu assim, muito lentamente, uma separação da produção e da reprodução, e uma hierarquização da divisão sexual do trabalho”, conclui Federici.

A denúncia da apropriação produtiva masculinista do trabalho (re)produtivo feminino

112A transformação da sexualidade biológica em produtos da atividade humana, no entanto, não pode ser considerada exclusiva ao sistema capitalista, e sim do sistema de sexo/gênero que atravessa culturas e sociedades diversas. Como demonstração Rubin apresenta os sistemas de parentescos levi-straussianos e os sistemas psicosimbólicos da psicanálise freudiana argumentando por uma interdependência teórica necessária entre sexualidade, economia e política.

realizado pela leitura acima ganha, no entanto, novas fronteiras na medida em que essa apropriação torna-se paradigma do pós-fordismo e a exploração afetiva/cognitiva uma mão de obra *intrinsecamente* feminina (MORINI, 2008; ESPIN, GARCÍA, 2009; HARAWAY, 2020). É aqui que a combinação entre desregularização do trabalho, o avanço do “empreendedor de si”, os imperativos de flexibilidade e a junção entre trabalho remunerado e gratuito inscrevem a “feminização do trabalho” na ascensão de um precariado da “era digital” (ANTUNES, 2018).¹¹³ A socióloga italiana Cristina Morini aponta:

É possível sustentar que, hoje, a figura do precário social é mulher: no capitalismo cognitivo, precariedade, mobilidade e fragmentação tornam-se elementos constitutivos do trabalho de todos os sujeitos, independentemente do gênero. O modelo promovido é maleável, hiper-flexível e, neste sentido, atinge a bagagem experiencial feminina. (MORINI, 2008, p. 249).

Já na perspectiva das sociólogas espanholas Lucia del Moral Espin e Manu Fernández García (2009):

De nossa perspectiva, consideramos que, embora seja certo que o trabalho no pós-fordismo, enquanto trabalho comunicacional e relacional, adquire características que são próprias à ação política e mobilize habilidades que fazem parte deste tipo de ação, também é certo que o comunicativo e o relacional são também capacidades estreitamente vinculadas ao doméstico, ao privado, ao cuidado e ao que tradicionalmente era considerado feminino. (ESPIN, GARCÍA, 2009, p. 86).

Ambas as literaturas, enraízam-se, sobretudo, no que Haraway (2020) chama de “economia do trabalho caseiro”:

Ser feminizado significa: tornar-se extremamente vulnerável; capaz de ser desmontado, remontado, explorado como uma força de trabalho de reserva; que as pessoas envolvidas são vistas menos como trabalhadores/as e mais como servos/as; sujeito a arranjos do tempo em que a pessoa ora está empregada num trabalho assalariado, ora não, num infeliz arremedo da ideia de redução do dia de trabalho; levar uma vida que sempre beira a ser obscena, deslocada e reduzível ao sexo. A desqualificação é uma velha estratégia aplicável, de forma renovada, a trabalhadores/as anteriormente privilegiados/a. (HARAWAY, 2000, p. 69).

Algumas pesquisas dedicadas a pensar o universo do *webcamming* erótico a partir da investigação de gêneros/sexos diversos demonstraram que, em sua maioria, são as mulheres cisgêneras que incorporam a autenticidade e intimidade no interior de um trabalho

¹¹³Preciado (2018) é crítico a relação entre paradigma do produtivo do pós-fordismo e a “feminização do trabalho” na medida em que este último essencializa uma “metafísica da diferença sexual”.

cognitivo/afetivo.¹¹⁴ Aqui o trabalho afetivo/cognitivo é assegurado por uma sexualidade feminina ligada a uma “corporalidade erógena” situada além das expectativas corporais falocêntricas, que reduzem a sexualidade masculina ao pênis.¹¹⁵ Outras pesquisas (JONES; 2020, ROST, 2016) que se dedicaram a pensar o trabalho masculino nas plataformas evidenciam que a presença masculina (como modelo de webcam) inscreve-se, sobretudo, quando *há uma mulher (cis) intermediando*, por exemplo, nas experiências de casais heterossexuais.¹¹⁶

Rost (2016) discute as experiências transsexuais femininas no site do CAM4 a partir do atravessamento de questões como “passabilidade” e, do mesmo modo que nos modelos masculinos, na valorização do pênis e do “cumshot”, além de hierarquias de poder geopolíticas que inscreviam as trabalhadoras transsexuais, majoritariamente, na América Central, América do Sul e países ao Sul da Ásia (principalmente Filipinas e Colômbia) e seus clientes nos EUA e países da União Europeia.¹¹⁷

As experiências dos modelos de webcam masculinos (cisgêneros), femininas (transsexuais) e a quase ausência dos transgêneros masculinos evidencia que a busca por experiência autêntica ligada ao trabalho “conectivo/criativo” reverbera uma representação normativa das convenções da pornografia *mainstream* na manutenção de tecnologias de gênero e de sexo heterociscentradas no interior da indústria de *webcamming* erótico comercial (DE LAURETIS, 1996; PRECIADO, 2013, 2017, 2020).

A não correspondências à essas convenções, sobretudo, orientam esses/as modelos a uma expectativa de lucro inferiores ao das mulheres cisgêneras - enquanto sujeitos historicamente marcados no trabalho afetivo/pornográfico - na medida em que este *tipo* de

114O cientista social brasileiro Maycon Lopes (2013) inscreve o trabalho masculino no *webcamming* erótico a partir de três investigações: a influência das interações online nos usos da pornografia amadora, a promoção da estética porno-erótica ligada ao “efeito de realidade” e as diferentes construções de heterossexualidades masculinas dos performers. Em Lopes a espetacularização do gozo (“cumshot”) e a constante interpelação – sexual - identitária inscrevem as experiências de modelagem de webcam masculina em regimes diferenciados das expectativas porno-eróticas de consumo femininas.

115Paul Preciado, na sua ida a um SexShop no bairro de Le Marais, em Paris, observa a ênfase em produtos ligados à exploração da sexualidade feminina (bonecas infláveis, lingerie, algemas) diametralmente oposta ao sexo/gênero masculino, como a representação “apoteótica comercial do imaginário sexopolítico hétero”: “enquanto a mulher é um corpo e todo o seu corpo uma matéria sexualizável, um homem é um pau e sua matéria sexualizável se reduz ao pênis.” (PRECIADO, 2013, p. 328).

116Não raro encontram-se casais lésbicos nas plataformas, no entanto, quando tratavam-se de casais homossexuais masculinos, essa presença era reduzida.

117Em nenhuma das pesquisas sobre *webcamming* erótico, no entanto, pode-se observar as experiências de trabalho – e também consumo – de homens transsexuais o que os representa, para Rost, como corpos sexualmente silenciados de acordo com a hipótese falocêntrica: a ausência do pênis como denúncia a sua natureza “autêntica” e essencializada. Durante as minhas incursões no Câmera Privê, situadas em diversos turnos, nunca encontrei o perfil de um homem trans online. Nas minhas incursões no WebCamModels, apenas encontrei uma modelo – mulher – transgênero.

trabalho constitui-se como força expressiva na definição do consumo/produção no *webcamming* erótico. Aqui, no entanto, não estamos falando de *qualquer mulher (cisgênera)*¹¹⁸.

Rost (2016) descreve as suas observações em termos raciais no site do CAM4, integrando uma busca filtrada apenas para webcams disponíveis de mulheres (cis) negras. Ela contou apenas 6 transmissões (online):¹¹⁹

Durante o trabalho de campo, também não vi negras figurando entre as primeiras webcams de Destaque ou mesmo entre as primeiras da categoria Mulheres, o que sugere que as que estão na plataforma não recebem tantos acessos nem tantas gorjetas quanto as brancas. Os valores são semelhantes para outras “etnias” previstas na taxonomia do sistema, tais como asiáticas e hispânicas. (ROST, 2016, p. 112).

No site do Câmera Privê, recorri ao mesmo mecanismo de filtragem de Rost, observando perfis que mobilizavam categorias raciais na produção de seus *nicknames* e as avaliações dos clientes ligadas aos mesmos.¹²⁰ Constatei que as modelos que se intitulavam (ou que meu olhar semioticamente racializado identificava) como negras recebiam avaliações, ou mesmo produziam abordagens, que estavam mais próximas da disposição hipersexualizada do que as modelos brancas. Apresento alguns exemplos de comentários racializados:

Avaliações de clientes à modelo BlackMiner: Show espetacular. Pretinha maravilhosa, simpática rainha de Uakanda, voltarei bb; 2.A minha preferida, tenho de reconhecer! Aquela que faz meu pau latejar sem nem precisar tirar a roupa! O maior tesão do site! S2; 3. Mulatinha super deliciosa, tesuda e gostosa.

Avaliações de clientes à modelo PretaLisa: Por que eu não conheci essa mulher antes? Vou sonhar com essa buceta e essa boca; 2. Gostei 100%, é gostosa e muito safada. Também não tem frescura e sabe da arte de dar o cuzinho como ninguém.

Ana tem 33 anos, é branca, de seios grandes, cabelo colorido, piercing na boca e é avaliada por um cliente: pessoa com uma vibe incrível, relaxante, acolhedora, mas que ao mesmo tempo tem uma intensidade fora do comum. Gratidão por mais essa oportunidade contigo, foi incrível essa troca pra começar um novo ano já renovado!

Namoradilha22 tem 22 anos, fala inglês, é branca e exhibe um corpo magro e seios pequenos. Um de seus clientes a avalia: Então eu diria que encontrei uma emoção rara, um sincronismo perfeito de sentimentos e trocas. A Namoradilha22 é um

¹¹⁸Alguns sites de *webcamming* erótico iniciaram aceitando *apenas* mulheres cisgêneras como modelos, o MyFreeCams, no entanto, permanece com essa política até os dias atuais.

¹¹⁹A autora, no entanto, observa que o alto volume de materiais ligados às mulheres (cis) negras em sites de pornografia, “há quase 15.000 resultados apenas no site Pornhub” (ROST, 2016, p. 141) em contraste com a sua pouca popularidade nos sites de *webcamming* erótico evidencia que não é a ausência de “capital erótico” (HAKIM, 2010) que as distancia do sucesso nessa indústria, mas a indisposição cultural de atrelá-las ao trabalho afetivo/cognitivo.

¹²⁰Considero, no entanto, que a criação de nomes está mais ligada a uma expectativa porno-erótica das convenções racializadas da pornografia mainstream (DIAZ-BENITEZ, 2009) na fabricação de feminilidades desejáveis (SILVA, JAYME, 2015) do que em uma atribuição identitária no sentido político do termo.

fenômeno incrível, linda, inteligente, encantadora, divertida, simpática, empática, tantas e tantas qualidades, que mencionar apenas que ela é linda e tem um corpo perfeito, seria não valorizar o tudo que ela pode oferecer e ofereceu, um entrega total, sem pudores, sem medo, apenas a imaginação de sentir amada, tocada acariciada e se deixou levar por toda a dinâmica do encontro.

Minhas incursões nos sites de *webcamming* erótico evidenciaram-me que o grau de elitização das plataformas acompanha o seu embranquecimento. As primeiras páginas do LiveJasmin, um site de difícil aprovação para as modelos, pouco reconhece tons de pele diferentes do branco. No Câmera Privê, bem como nas salas com maior exposição no WebCamModels, raramente contavam com modelos negras de pele escura. Neste último, no entanto, era comum encontrar, entre nos primeiros três lugares de maior exposição, modelos de nacionalidade latina, com destaque às brasileiras.¹²¹

Segundo Jones (2020) suas análises estatísticas apontaram que a raça teve um impacto significativo no *webcamming* erótico, em termos geopolíticos de poder, de tal forma que, enquanto as modelos dos Estados Unidos tendiam a ter *status* mais altos de lucro e fama, para as modelos negras a raça mitigava *qualquer vantagem potencial* que elas pudessem ter obtido de sua nacionalidade norte-americana.

Ainda, segundo a autora, as questões geopolíticas ligadas ao imperialismo norte-americano constituem um entrave à fabricação da autenticidade incorporada na medida em que esta última exige a realização de um trabalho emocional por meio do engajamento dialógico – impossibilitado pela falta da fluência na língua inglesa. Essa desvantagem, não raro, traduzia-se em meu campo etnográfico num efeito de ausência de trocas de divulgação com modelos estrangeiras e estabelecimento de relacionamentos a longo prazo com clientes gringos, eu mesma, sendo uma delas. A questão geopolítica também opera desvantagens e realça a relação *promíscua* entre poder e tecnologia (HARAWAY, 2000).

Entre as minhas interlocutoras, não raro, dificuldades de conexão, aparelhos de baixa qualidade ou mesmo a ausência de computadores também apresentavam dificuldades para o

¹²¹Discussões sobre raça não eram frequentes nos grupos aqui estudados. No grupo de *Networking* apenas localizei quatro discussões envolvendo, respectivamente, a reclamação de Valesca acerca do questionamento de um usuário sobre a sua participação em uma comunidade do Reditt destinada à “white girls”; a crítica de Jussara aos termos “lista branca” e “lista negra” para nomear experiências das modelos com fotógrafos; a categorização de NicelyBadB acerca dos clientes “gringos” como racistas e xenofóbicos; e a crítica a uma modelo famosa que também adotava uma postura racista e xenofóbica. No grupo do BRG, por sua vez, encontrei discussões, entre modelos brancas, que consideravam “extremamente racistas” elogios de clientes ligados aos tons rosados dos seus seios e vulva. Bem como de uma modelo que recorda ser fetichizada por “ser negra” descrevendo a sua experiência no site Meu Patrocínio: “eu sou negra e surgia vários caras perguntando se eu era quente mesmo, se aguento muito tempo no sexo.” Ainda, encontrei críticas ao fato de um site de acompanhantes de luxo, compartilhado no grupo, não “ter nenhuma negra”. No grupo do “GRINGOS”, no entanto, não encontrei nenhuma discussão do gênero.

estabelecimento de autenticidade incorporada. Jones lembra que essa desvantagem tecnológica inscreveu o trabalho no *webcamming* fora do seu modelo “microempreendedor” independente, uma vez que transferia o trabalho das modelos sem recursos tecnológicos para os estúdios que, não por acaso, localizam-se majoritariamente nos países da Romênia e Colômbia.¹²²

É aqui que as mobilizações de minhas interlocutoras para definir o *webcamming* erótico/venda de conteúdo digital como um serviço de “luxo” – dado seu caráter interativo telemediado (diferente do pornô) e remoto (diferente da prostituição) – vale-se das desigualdades de acesso: materiais, raciais e simbólicas, para distanciarem-se de outras modalidades de trabalho sexual. A própria ligação com a indústria sexual é questionada na medida em que consideram o distanciamento físico, o acesso tecnológico e linguístico e a natureza criativa/cognitiva do *webcamming* como experiências de trabalho *privilegiadas*. Esse aspecto distintivo do *webcamming* erótico também é reverberado pelos consumidores desse mercado, como nos relatos apresentados no início deste capítulo, que descrevem expectativas como as de Carlos, André, Marcos e Fred.

No próximo capítulo, situo a minha imersão etnográfica nos grupos que se tornaram material de campo privilegiado da presente pesquisa, introduzindo o/a leitor/a às experiências de risco e adoecimento encontradas nas redes do sexo no digital a partir dos desdobramentos do que aqui chamamos de “trabalho afetivo/conectivo” (HARDT, NEGRI, 2001; BIFO, 2003) no interior de uma economia neoliberal plataformizada (SLEE, 2019; MBEMBE, 2016; BREGANTIN, 2021).

122 Jones (2020) lembra que enquanto em 1996, as pessoas no Reino Unido, Canadá e Estados Unidos tinham acesso superior à Internet na Colômbia e na Romênia, o acesso doméstico e pessoal nesses últimos permaneceu baixo, já que suas indústrias estavam crescendo entre os anos de 1996 e 2006. Embora os estúdios *proletarizem* o *webcamming* erótico no interior de uma carga horária, estrutura física e comportamentos definidos oferecem-se como alternativa não somente pelo baixo acesso tecnológico das modelos mas também à língua inglesa uma vez que os estúdios oferecem aulas de inglês.

3 QUANDO OS INFOPRODUTORES ADOECEM: *BURNOUT* E O TRABALHO SEXUAL PLATAFORMIZADO

A minha entrada no grupo do BGR, discutida no capítulo anterior, foi imediatamente atravessada por relatos que traziam uma relação entre adoecimento mental e o trabalho no *camming*. Após os primeiros cumprimentos à minha chegada ao grupo, Kika, uma modelo jovem, paulista, magra, branca de cabelos negros e ondulados envia um áudio ao grupo:

Meninas, tava conversando com uma amiga aqui sobre como é trabalhar como camgirl e como isso afeta a gente, né? Nosso emocional, nosso psicológico, nosso lado social, tudo. E, eu nunca contei pra vocês, mas eu estudava psicologia para atender áreas como a nossa. Como camgirl, como profissional do sexo, todo o tipo de gente que trabalha com esse tipo de conteúdo sensível. E eu desisti porque psicologia não é pra mim. Mas eu penso muito... Gente, vocês têm indicação de algum profissional que seja voltado pra esse tipo de atendimento? (Mensagem no BGR, 21/02/2021).

Uma modelo cita o “Projeto Acolhida”, que atende algumas profissionais do sexo enquanto outra modelo afirma nunca ter ouvido falar a respeito e que, embora sua terapeuta atual a tenha acolhido bem quando ela falou sobre o *camming*, passou pela experiência com uma anterior que ela categorizava como “podre”, pela relação que a psicóloga havia feito entre o seu trabalho e um aspecto traumático de sua infância: “nunca mais voltei nela, óbvio!” Angel comenta que precisou, de início, citar para sua terapeuta seu envolvimento com o *camming*, o BDSM e o *shibari*, justificando, “porque, nossa, tem muito profissional preconceituoso!” Aproveitei para perguntar se elas viam relação entre o trabalho sexual e o desgaste psicológico trazendo um relato pessoal sobre meu início no *camming*:

Me lembro quando comecei no Câmera Privê, eu tava num momento péssimo psicologicamente, terminando de sair de uma relação abusiva e, por incrível que pareça, usava o site pra me distrair. Era um momento/espaco que eu esquecia meus atravessamentos pessoais, principalmente porque a gente cria um personagem né... Mas também percebia que o ambiente trazia seus desgastes (alguns até hoje não superados). (Diário de campo, 21 de fevereiro de 2021).

PinkCutie, uma modelo jovem, paulista, gorda e tatuada, se dividia entre as duas possibilidades, afirmando “[o trabalho] desgasta por um lado, mas alivia de outro”.¹²³ Ela afirma ter melhorado seu estado psicológico, mas se desgastado com a extensa rotina de trabalho: “porque tu trampa 24/7. Mesmo quando eu tô na praia, tô trabalhando, fazendo conteúdo”. Mariana, paulistana, branca, cabelos tingidos e gorda se posiciona: “eu gosto

123As descrições das modelos, neste trabalho, resultam da soma entre atribuições êmicas e heteronômicas.

porque me distraio muito, esqueço da vida às vezes! Kk... mas eu sou *borderline*¹²⁴ e, se eu estiver em crise, não consigo trabalhar. Fiquei 2 semanas afastada, exatamente porque tava numa recaída do transtorno.” Já Bella, como iniciante, dá seu relato: “Olha eu comecei há pouco tempo, final de novembro, e meio que me deu uma pirada, fiquei meio *bad* [mal] porque não conseguia desenvolver. Mas agora tô tentando me cobrar menos.” PinkCutie demarca a sua posição de trabalho: “Sem falar que sou gorda né. Eu não vou tirar o rendimento de uma padrão. Então tenho que me fazer notar.” Acrescentando: “Não quero ser um fetiche por ser gorda, sabe? Não quero que o meu peso seja de um nicho exclusivo. O corpo é um corpo.” Pergunto se os sites ainda reproduzem a lógica do padrão de beleza. Bella afirma que um de seus maiores pesos é não ter “20 e poucos anos” ao ver que “a maioria tem essa faixa etária”. Angel, situando-se como “a mais antiga no ramo”, decide compartilhar a experiência dela nos sete anos na profissão:

Eu comecei no camming no Câmera Privê. E eu digo que é um negócio na maior parte do tempo 50%/50%. Em alguns pontos me ajuda a me sentir sexy, desejada, comecei a viver mais minha sexualidade. Me ajudou a desconstruir muitos tabus, me descobrir como mulher feminista, entender melhor sobre a questão geral da pornografia, aprender a me masturbar, aprender melhor sobre meus próprios desejos e fetiches, conhecer gente de todo lugar, tenho bons clientes, amigas que levei pra fora do rolê de sw¹²⁵, gosto muito de ajudar meninas novas no rolê e me ajuda muito financeiramente. Os negativos tem os momentos que me sinto tudo menos sexy e desejada, precisei aprender a não formar minha sexualidade só baseada no fato de que sou uma sex worker, precisei aprender a não me propor a qualquer coisa por dinheiro, certos fetiches/situações que simplesmente não dá, é humilhante/degradante/exaustivo demais, como mulher feminista já me questionei várias vezes e sou constantemente questionada e associada ao feminismo liberal, dizendo que apoio a opressão da mulher na sociedade e etc... e isso sobe pra cabeça, a gente precisa aprender a lidar com esse tipo de julgamento de outras mulheres, além do julgamento social geral em si. Ser fetichizada por ser um corpo gordo como a Pink levantou a questão, ter ciência de que eu posso “vazar” [ter sua imagem compartilhada na internet] a qualquer momento e que isso acabaria com a minha imagem “social” como mulher dentro da nossa sociedade machista e patriarcal, o medo da família descobrir, ter noção de que a internet é eterna então uma vez na internet pra sempre na internet, os clientes ruins, os clientes que tentam nos expor, que choram por dinheiro, que não nos respeitam, que nos diminuem física e psicologicamente, o *gaslighting*¹²⁶, a diminuição física e psicológica constante que muitos fazem conosco, os distúrbios de imagem¹²⁷, o desespero que bate quando

124Reconhecido como um transtorno de personalidade, o *borderline* é característico de comportamentos instáveis e hipersensíveis nos relacionamentos interpessoais, na construção da autoimagem e nas flutuações extremas de humor e impulsividade. Ver em: <[125Abreviação para “Sex Worker”, termo comumente utilizado entre minhas interlocutoras.](https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psi%C3%A1tricos/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-borderline-tpb#:~:text=O%20transtorno%20de%20personalidade%20borderline,%C3%A9%20com%20psicoterapia%20e%20f%C3%A1rmacos.> acessado em 05 de outubro de 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

126 O termo é usado para designar uma forma de abuso psicológico em que informações são manipuladas para causar um distúrbio na própria percepção da vítima sobre a realidade.

127Angel se refere ao Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), conhecido também como transtorno de imagem, que é uma condição mental relacionada a uma preocupação exagerada com a própria imagem, e sinaliza que o

you vê o mês passando e a grana não entra, você se sente feia, indesejada! O padrão esperado dentro da criação de conteúdo no geral de corpo padrão. Como manter o anonimato, ameaças, o medo, a insegurança constante, o desgaste físico e psicológico de se sentir um buraco, uma boneca de desejo, material de punheta e “depósito de porra” pros caras. (Diário de campo, 21 de fevereiro de 2021).

Após o relato, Angel contrabalanceia, retoricamente: “me arrependo? Não. Penso em parar agora? Não. Penso em continuar por anos? Não. Tenho vergonha? Não. É difícil? É desgastante? É. Dentro da balança, o que pesa mais são as questões positivas/de necessidade? Sim. Então sou sex worker? Sim e com orgulho, não escondo de ninguém além da minha família, por motivos óbvios, e tudo que tá ao meu alcance pra ajudar minas novas nesse rolê pra que elas não passem o veneno que eu passei, eu faço.”

Kika foi a próxima a embarcar num relato pessoal:

O que eu posso falar por mim é: Trabalho apenas com *camming*, há 5 anos, já que comecei nisso um dia após meu aniversário de 18 anos. Fui diagnosticada com Síndrome de Burnout e de tempos em tempos tenho crise, pra evitar um desgaste maior, fico offline, e offline não se ganha dinheiro. Então, precisei aprender a gerir meu dinheiro pra não me tornar escrava do meu trabalho. O que isso quer dizer? Aprendi sobre educação financeira, passei a gerir meu dinheiro, criar uma reserva de emergência, construí outras formas de rendimento, pra poder tirar “férias”, ficar off e não cair num *breakdown*. Eu construí toda a minha vida com o dinheiro do *camming*. TODA. Todo o conhecimento que adquiri, comprei ou vivi através do que recebi como camgirl. Pra mim, esse é o único pró em trabalhar como camgirl/sex worker.

Angel apresentou o termo “*burnout*” como algo que “vê muitos modelos desse meio passando e sem nem saber o que ele é”, complementando, “principalmente nas épocas dessas promoções absurdas do Câmera Privê.” Kika acrescentou: “Muita amiga enche o nariz de pó pra ficar mais tempo on-line.” Ao que Angel retrucou: “e as que bebem e se tornam dependentes de encher o cu de cachaça pra se ‘abrirem’ mais na hora de transmitir?” Ambas lamentam os adoecimentos por conta do “vício em trabalho” e da dependência em se “sentir útil, produtora, independente.”

Nesse momento, Kika começou a explicar a relação entre o *camming* e a busca dela por tratamento psicológico. Fez um relato completo sobre sua trajetória de 4 anos no “ramo” para que a discussão anterior “não assustasse as meninas”:

Quando comecei no *camming*, eu estudava durante a noite e não sabia que organizar horários para trabalhar influenciava no meu desempenho/rendimento. Portanto, eu entrava em qualquer horário que eu quisesse, geralmente, durante a madrugada. Isso — que fique registrado — acaba com a saúde, eu não tive uma alimentação saudável

transtorno tem como causa as experiências de trabalho no *webcamming* erótico.

durante esse período e o resultado foi: doente e com fadiga em 2-3 semanas por mês (isso me fazia visitar a emergência muitas vezes por mês). Óbvio que isso refletia nos meus ganhos e eu não fui capaz de aumentar ou estabilizar meus ganhos com essa rotina. No segundo ano como *camgirl*, já calejada por causa do primeiro ano, eu decidi reavaliar minha rotina. Parei de trabalhar durante a madrugada. Isso melhorou minha qualidade de vida, adicionei uma alimentação mais saudável e balanceada e isso refletiu nos meus rendimentos, que aumentaram significativamente, e em outras áreas da minha vida. Neste segundo ano de *camming* eu não estudava ou tinha outra atividade profissional. Então, eu pude me dedicar 100% ao *camming*. No terceiro ano, bem mais calejada do que o primeiro ou segundo, eu estudava durante a manhã (7 às 12h). Acordava às 5h para me arrumar e dirigir até o curso. Então, eu podia trabalhar durante a tarde ou noite, mas nunca durante a madrugada. Trabalhava sempre à noite (18 às 22-23h), finalmente, com horários organizados, alimentação saudável e sem tantas visitas à emergência, eu pude concluir minha reserva de emergência e respirar pensando: “ok, eu consegui, não tenho dívidas e tenho uma reserva de emergência caso aconteça algum imprevisto que me impeça de trabalhar”. Foi isso que aconteceu, trabalhei TANTO que desenvolvi a síndrome de burnout. A síndrome de burnout nada mais é que o esgotamento profissional, uma coisa levou a outra e eu não conseguia mais entrar no site sem me sentir mal. Passei um ano sem trabalhar direito, atendia apenas poucos clientes no Skype e era só isso. (Diário de campo, 21 de fevereiro de 2021).

Kika começou no *webcamming* erótico através da indicação de uma amiga que conheceu em um site de relacionamento: “Lembro que era o Câmera Privê. Ela sabia da minha situação e falou: ‘não é pra ser permanente, é algo temporário até você conseguir algum emprego CLT’”. Kika tinha sido expulsa da casa de sua tia aos 17 anos e passado a depender financeiramente do namorado, mais velho. Isso foi o que a convenceu a entrar para o *camming*, concluindo: ‘convenhamos, né, dar esse poder nas mãos de um homem é complicado.’”

Angel retoma ao assunto sobre o Burnout: “é um conceito da psicologia que não tem a ver com o trampo de Sex Worker.” Para ela seria “uma crise pelo excesso de trabalho num geral” e que no meio do *camming* há um desconhecimento geral sobre o termo e seu significado, embora seus efeitos sejam evidentes e lembra o seu início: “eu comecei com 18 [anos] porque foi bem quando eu passei pela situação que me fez precisar. Eu nem sabia o que era o *camming* antes. Mal vivia minha sexualidade, presa em um relacionamento abusivo. Nem gozar eu gozava, o sexo era um tormento e ferramenta de manipulação por parte do meu ex.” Angel relatou que precisou entrar para o *camming* porque seu ex, que havia feito várias dívidas no seu cartão, a constrangeu no outro trabalho por ciúme, causando a demissão dela. Ela explica que uma amiga que trabalhava com *camming* na época a apresentou ao Câmera Privê. Perguntei para Angel se ela ainda mantinha contato com essa amiga e ela respondeu negativamente: “casou com um gringo e sumiu.”

3.1 “PRESSÃO DE QUEM? SE EU MESMA SOU MINHA CHEFE?”

Em meados do mês de maio de 2021, abri uma *live* no Instagram e vi um rosto pálido, cuidadosamente maquiado, longos cabelos de um loiro platinado impecável, que contrastavam com as rosas escuras que fechavam um pescoço tatuado. A imagem que via era a de MelSuicide. No seu perfil do Instagram encontrei fotos extremamente sexies e bem iluminadas, uma descrição indicando que era fotógrafa, modelo e fundadora da “Dirtyagencia”. Essa agência era destinada à venda de conteúdos porno-eróticos pela internet, com foco na plataforma OnlyFans.¹²⁸ Com mais de 40 mil seguidores no Instagram e 8 mil no Youtube, a primeira vez que ouvi o nome de Mel como parâmetro de sucesso foi no grupo de WhatsApp do BGR.

Ao ler o artigo “*Camgirl and the Uberization of Sex Work on the Internet in Brazil*”, da pesquisadora Roseli Bregantin, deparei-me com a afirmação da autora de que as suas informantes (*camgirls*) ganhavam cerca de R\$6.000,00 por mês por 3h/dia de trabalho. Levei esses dados às minhas interlocutoras e perguntei: “é vero isso?”. Géssica, uma modelo carioca de 25 anos, moradora da favela, negra de cabelos cacheados e longos e também garota de programa respondeu: “olha... eu acho quase impossível mesmo. Mas já vi gente dizendo que ganhou esse valor, sim!” Alice, uma mulher na faixa dos 30 anos, branca, casada e de cabelos coloridos, acrescenta: “nossa, gente, esse mês pra mim tá tão fraco, tô bem desanimada.” Perguntei que tipo de perfil ganharia esse valor. Lucia, uma jovem mãe, branca e paulistana respondeu: “eles jogam no ar assim e sabemos que pra tirar isso não é só a questão de horas trabalhando.” Angel então enviou um áudio no grupo: “Gente, esses valores são mega surreais. Tipo, gente como a gente não faz esses valores! São bem mentirosos na verdade. São bem sensacionalistas esses artigos que saem [...] Sabe quem ganha esse tipo de valor? A DreadHot, a AmyWhite, nós somos meras humanas.” Perguntei, a seguir, qual seria o interesse em divulgar esse tipo de informação. Angel respondeu: “o interesse é pras plataformas. Quanto mais mina interessada em tramar com isso mais eles enriquecem [...] porque as minas vão totalmente iludidas começar a trabalhar no site. E elas adoecem de tanto trabalhar.” Outra modelo interpelou: “meninas, falando nisso... quanto vocês acham possível conseguir trabalhando em site por mês?” Angel continua a responder: “Não tem teto, na real.

¹²⁸“Venda de conteúdo” é um termo êmico, utilizado para definir a comercialização de conteúdos digitais (fotos, vídeos, áudios, etc) em plataformas digitais. O termo é, geralmente, utilizado como eufemismo para anunciar serviços destinados à excitação sexual do/a consumidor/a. O termo será adotado com esse sentido durante toda a pesquisa. Sobre práticas de gestão e censura algorítmica, falaremos mais tarde.

Depende do site, depende das suas horas trabalhadas, depende dos clientes. Não existe teto nessa profissão.” Lúcia, também em áudio, interveio: “eu tô seguindo a MelSuicide, que até camisa ela vende. Tipo camisetas DELA!” Angel confirmou: “sim, ela é outro nível. Suicide girls¹²⁹ é outro nível.”

Com os seus 6 anos e meio de trabalho como *Altmodel*, MelSuicide afirma, em uma live, ter descoberto “uma liberdade que antes não sabia que tinha.” MelSuicide afirmava ganhar entre R\$ 10.000 e R\$ 15.000 por mês e, nos meses de menor divulgação, R\$ 6.000. Em suas lives do Instagram ela dava dicas de como ter um perfil de sucesso no Onlyfans, ou em outras plataformas de venda de conteúdo adulto e, sobretudo, a “converter um usuário/seguuidor em cliente.” Mel era incisiva: “hoje não compro uma lingerie sem pensar no meu trabalho, vou no cabeleireiro e penso em conteúdo. Hoje, comprar uma lingerie para mim é investimento.” Para a modelo, até “o creme que passa nos pés pela manhã” é uma forma de engajamento e captação de clientes nas redes digitais. Mel abria constantemente uma caixinha de perguntas em sua página no Instagram onde seus/as seguidores/as podiam interagir com ela. Perguntei, usando o canal, quantas horas ela trabalhava por dia, ao que me respondeu: “19 horas.”

Levei esse dado para o grupo do BGR. Angel reagiu: “Não é ok ela vender isso como se fosse tudo bem, né! 19h de trabalho por dia é muita coisa. Infelizmente, é necessário trabalhar esse tanto pra sobreviver... sim, muitas vezes. Mas não é saudável! Imagina as minas mais novas no rolê vendendo isso?” Lucia redarguiu: “Com certeza não. Eu acho meio irresponsável falar dessa forma também como ela falou. Eu trabalho em casa. Aproveito com meus filhos. Tem dia que começo às oito e paro às 23 horas, mas são horas com interrupção. Pra quem tá desesperada vai ficar 19hrs logada, atendendo! E se frustrar por não conseguir dar conta.” Intervenho: “Ela diz que é tudo uma questão de se organizar. Mas quais as implicações físicas/psicológicas disso?” Angel responde: “Problemas psicológicos, dores nas

129 Fundado em 2001 por Selena Mooney (“Missy Suicide”) e Sean Suhl (“Spooky”) em formato de website, o “Suicide Girls” é uma comunidade online dividida entre acesso gratuito e acesso restrito aos membros pagantes. O site oferece acesso a imagens fornecidas por modelos e fotógrafos em todo o mundo, bem como perfis pessoais, plataformas de blogs e a opção de participar de vários grupos com base em diferentes interesses. O site ganhou expressividade como uma marca ligada a um “estilo de vida” celebrado na ideia de “suicídio social”, ganhando espaço na cultura popular norte-americana, como na personagem Dani California no programa de TV Californication, bem como no ideário de uma juventude feminina esteticamente “subversiva”. Megan Jean Harlow (2008) vincula a estética da tatuagem, predominante entre as Suicide Girls, a uma forma de identificação feminista radical. Para Harlow esse tipo de estética tenciona o controle hegemônico da beleza sobre os corpos das mulheres, subverte subjetividades impostas e assume novos lugares de agência à construção da “beleza feminina”. Para MelSuicide ser alternativa não diz somente sobre estilo físico mas sobre seu *lifestyle*. Entre as minhas interlocutoras, no entanto, havia um senso comum acerca da dificuldade em se tornar uma SuicideGirl. Essa dificuldade se dava – de acordo com elas - por barreiras estéticas ao destacarem a predominância de um “padrão” relativo a mulheres brancas, magras, extremamente jovens e siliconadas.

costas, tendinite, candidíase de tanto se masturbar sem descanso, etc, etc, etc...” Kika deu continuidade na conversa: “Porque assim... 15h a 19h por dia, mesmo debaixo do cobertor, é tempo demais pra mim. Eu trabalho no máximo 8h por dia, deslogo e não trabalho mais. Eu criei limites pra mim mesma, aprendi que são necessários. Ela [MeISuicide] tem VÁRIOS projetos, por isso a mulher trabalha 15-19h por dia, porque ela tem mais do que Onlyfans. Se fosse 15-19h de Onlyfans, eu ia me jogar da ponte. Onlyfans é sobre se conectar com os clientes, você praticamente entra numa relação de namoro com clientes, quanto mais atenção, maior são as chances deles te darem *tips* lá que são as gorjetas que podem ser enviadas além da assinatura mensal.” Redfetishist, outra modelo jovem e mãe, casada, branca de olhos azuis e cabelos coloridos, acrescentou: “Mas aí ela mente que não trabalha tanto? Porque eu não vejo ela incentivar as minas a ‘trampar’ 19 horas. E sim ela por si trabalha tudo isso porque tem agência também e outros ‘tramos’. Se eu quero me desligar eu só não atendo. Não sou obrigada a atender cliente a qualquer momento, mas, por exemplo, tô no mercado fazendo compras com o 3G ligado e um cliente me chama no WhatsApp querendo um Pack que eu já tenho pronto? Eu faço a venda e envio e pronto ganhei meu dinheiro em qualquer lugar.” Indaguei: “Mas por ser livre não rola uma pressão de não saber parar?” Então, Redfetishist respondeu, perguntando: “Pressão de quem? Se eu sou minha própria chefe?”

3.2 FICAR ONLINE VICIA?

Em sua décima segunda edição, o programa Big Brother Brasil¹³⁰ teve como participante uma *camgirl*. Clara Aguilar despontou em audiência quando se envolveu com outra mulher no reality e assumiu o seu trabalho no *webcamming* erótico. Ao sair do programa, tendo conquistado o terceiro lugar, Aguilar tornou-se “porta-voz” das modelos de *webcamming* no Brasil e garota propaganda do Câmera Privê. Antes do site brasileiro, a modelo de webcam atuava em sites gringos, sob a identidade de Barbie Wild. Em 2018, Aguilar lançou uma série em seu canal no Youtube intitulada “Diário de uma Camgirl.” Seguindo o título “a época em que eu viquei em ficar online” o sétimo episódio trazia relatos da experiência de Aguilar no “site gringo” em que trabalhava. Aguilar relatava:

Quando me tornei a Barbie, em 2 meses eu já tava no topo e isso chamou atenção das modelos mais antigas. E foi aí que minha vida se tornou um inferno, foi minha

130 Big Brother Brasil é a versão brasileira do reality show Big Brother produzido e exibido pela TV Globo. Sua primeira edição iniciou em 29 de janeiro de 2002, com uma segunda temporada sendo exibida no mesmo ano.

primeira experiência com *haters*. Depois desses ataques coloquei um foco na minha vida que queria ser a número um em todas as categorias do site. Esse vício começou a me consumir. Eu comecei a ficar online quase que 24 horas por dia. Eu comecei a não sair mais, não socializar, eu não conseguia ficar sem estar online. Como eu costumava trabalhar à noite, eu ficava 5 horas online, depois essas 5 horas subiu, eu comecei a ficar 8 horas online, depois eu comecei a ficar 12 horas online, chegava de manhã, nascia o sol, eu ia dormir, acordava ia tomar banho e já ia ficar online de novo. Assim eram todos os meus dias. Esse vício durou em torno de 3-4 anos. E foi assim que a Barbie Wild ficou mundialmente conhecida.

Atuando como modelo de webcam, simultaneamente, nos sites Chaturbate, Stripchat, Cam4, Bongacams, Camsoda, Manyvids, WebCamModels e Câmera Privê, Àgatha é uma das integrantes do BGR. Sua participação no grupo se deve à sua amizade com Angel, a quem conheceu a partir de um grupo de BDSM que esta última também administrava. No início de agosto de 2021, Àgatha decidiu abrir um grupo de WhatsApp destinado às modelos que trabalhavam em sites gringos, direcionando um convite às participantes do BGR. Aceitei o convite e passei a integrar o novo grupo desde a sua realização. O grupo seguia a mesma lógica do BGR, agenciando trocas de experiências profissionais e pessoais, compartilhamento de habilidades com as ferramentas das plataformas, estratégias de venda e conquista de clientes, organização de rotina e desabafos.

Uma das últimas discussões que pude acompanhar no grupo, que chamarei aqui de “GRINGOS”, levantava questões sobre rotina, horários e estratégias de venda animadas pela pergunta de uma das integrantes sobre a plataforma *ImLive*.¹³¹ Uma participante chamada Karine afirmou que, embora o movimento da plataforma não seja o mesmo do Câmera Privê, “às vezes, aparecia um cliente bom.” Paula, uma modelo casada branca, de cabelos cacheados e escuro e corpo magro afirmou: “Entrei por agência, temos aula de inglês, mentoria, eles nos deixam na primeira página, é bem bacana!” Ao ser perguntada sobre seu sucesso no *ImLive*, ela disse ter sido “graças à agência.” Estela, sobre o sucesso de Paula, retrucou: “se foi possível para você, penso que possa ser possível para mim.” Paula concordou, acrescentando: “é possível pra todo mundo que tá disposto a trabalhar muito. Eu fico online 9h por dia, 6 dias na semana, não é fácil. Nada vem de graça, mas é possível.” Estela, em tom de surpresa e angústia, disse que naquele dia tinha ficado apenas 4 horas online e que deveria ser por isso

¹³¹Em sua página inicial o site se descreve: “Atendendo a mais de 62 milhões de usuários registrados, ImLive.com está entre as principais plataformas de transmissão multimídia do mundo. Por mais de 17 anos, a ImLive vem empurrando o envelope do entretenimento adulto online para desenvolver a webcam através de uma variedade de experiências no que é hoje: uma mistura atraente de conteúdo gerado pelo usuário e opções inteligentes de personalização para criar a melhor experiência do usuário. Com tecnologia inteligente e entrega ininterrupta 24 horas por dia, 7 dias por semana, a ImLive continua criando conteúdo envolvente, conseguindo manter constantemente seu lugar em um mercado altamente competitivo, bem como a fidelização de seus usuários.” Ver em: <<https://imlive.com/Press.aspx>> acessado em 15 de outubro de 2022.

que não batia metas, concluindo: “Vou tentar ficar 8 todo dia.” Paula refletiu: “No CP eu fazia 40h no mês e hoje eu faço mais que isso por semana!” Karine indagou se “tem compensando”, acrescentando: “Mana, e como você vive de dia? Porque eu na rotina de trabalhar a noite fico podre, e fico menos que 9h.” Paula, em ironia, afirmou: “Não vivo. Tem dias que literalmente só durmo e trabalho.” Karine desabafou: “Eu fico, às vezes, na base do energético. Cozinhar é difícil, ir pra academia é difícil, tenho zero disposição!” Paula concluiu: “Se for colocar na ponta do lápis, é uma jornada de trabalho normal. Eu achei que não fosse dar conta, eu era muito vadia no CP.” Perguntei o que significava “ser uma vadia” e ela explicou que era “trabalhar quando quer.” Suzana concordou, acrescentando que, no *camming*, estabelecer essa rotina exigiria muita saúde mental. Bruna¹³², uma mãe na faixa dos 30 anos, parda, de corpo voluptuoso e cabelos lisos escuros e longos, assumiu a dificuldade em manter a constância, acrescentando: “Precisa de metas e objetivos mesmo, se não a pessoa nem loga, e tem que ser objetivos bons o bastante pra te tirar da cama como uma consulta no médico, e não uma festinha de final de semana. A minha motivação vem do meu nome no SPC, que eu preciso tirar de lá! Kkk...” Paula continuou: “Nem fala! Sou casada e me dói não poder curtir tanto com meu marido como antes, mas ele entende.” Natália interpelou: “Isso acontece comigo também, dormir longe do marido acho que é o pior.” Paula acrescentou: “Demais! Quando sou liberada vou correndo tentar aproveitar uma horinha com ele. Faz falta.” Natália, ainda, mencionou um exercício de respiração para dormir, despertando o interesse de Paula, que concluiu: “Tem dias que mesmo morrendo eu fico rolando na cama.” Naquele momento, lembrei-me das 32 horas a mais que o aplicativo de “bem-estar digital” me alertava, a cada semana, sobre o meu uso do celular após a minha retomada ao *camming*. Rememoro também o sofrimento com a minha prática de pesquisa frustrada no episódio descrito no capítulo anterior, sobre minha entrevista (não realizada) com Vitória. Sobretudo, penso na minha incorporação de rotinas e horários de trabalho nas plataformas que me levaram a um cansaço excessivo e ao abandono de outros compromissos.

Semanas depois, quando perguntei sobre o vício em trabalho, em ambos os grupos do BGR e “GRINGOS” obtive uma longa descrição de Gabriela, uma jovem do interior de São Paulo, de corpo voluptuoso, branca, de cabelos longos lisos e escuros que, na linha de Clara Aguilar, associava tal vício ao empoderamento e status social: “É que tipo, na minha cabeça, o meu vício em ficar online às vezes era fora do dinheiro, sabe? Eu tinha um vício em me

132Bruna é a única interlocutora – reconhecida por mim - que integrava dois dos grupos realizadas para essa pesquisa, isto é, o “GRINGOS” e o *Networking*.

sentir desejada o tempo todo, idolatrada, sabe? Não necessariamente era um vício financeiro. Mas um vício de ego, sabe? Vaidade, algo assim!” No grupo do GRINGOS, encontrei uma afirmação correlata de Larissa: “Eu sempre achei que se eu fosse solteira, e não tivesse a *baby* [a filha dela], eu ficaria o dia todo on-line fácil.” Perguntei se era pela motivação financeira, ao que me retrucou: “Eu me divirto pra caralho on-line! Esses dias tava num papo maior legal de umas 4 horas e minha baby acordou... kkk!” Ela, em ironia, afirmou que o vício seria “um sonho.” Bruna, embora em outro momento ter afirmado “não amar o camming”, associando-o à motivação da retirada de seu nome do Serasa, concordou com Larissa sobre o aspecto não monetário do trabalho.

Àgatha, em contrapartida, disse que tem vício em ficar “offline”. Opinião esta que repercutiu entre as integrantes do grupo. Entre elas, Vitória, uma modelo de 40 anos, gorda e branca de olhos claros, que trouxe o seguinte relato: “Às vezes, me coloco uma meta alta e fico online até bater. Já cheguei a ficar 22 horas online. Mas isso rola porque tenho hiperfoco, sou TDAH. Terça agora fiquei da meia noite ao meio-dia.” Já Suzana lembra-se de quando ficou 24 horas online: “Eu era nova no site, queria ganhar uma promoção e fiquei lá online o dia todo... Foi muito ruim, eu só queria fugir. Kkk! Foi a melhor grana que ganhei, porém, hoje não faria mais.” No grupo de *Networking*, a opinião seguiu o mesmo movimento. Fui interpelada com afirmações como: “Ficaria feliz se eu ficasse viciada!” e “Você poderia dar uma mentoria sobre isso?”¹³³

3.3 RECRUTADAS PELO NEOLIBERALISMO: “EU NUNCA RECLAMEI UM DIA SEQUER NA MINHA VIDA”

Em meio à minha reentrada para o trabalho de *camgirl*, dessa vez com o propósito de produzir esta dissertação, senti a necessidade de produzir e vender conteúdos porno-eróticos pela internet, uma vez que essa prática era comum nos grupos do BGR e “GRINGOS”.¹³⁴ Para garantir um bom desempenho no universo de venda e produção digital porno-erótica independente, decidi me inscrever na Agência *Dirty*. Em meados de agosto de 2021, criei um perfil de modelo e *camgirl* no Instagram. Realizei uma assinatura mensal na agência e tive acesso ao curso hospedado na plataforma HotMart. O *layout* da *Dirty* contava com 13 aulas

¹³³No próximo subcapítulo reflito sobre a minha entrada no grupo de *Networking*.

¹³⁴Sobre as minhas experiências no *webcamming* erótico e na venda de conteúdo falarei no próximo capítulo.

em um curso direcionado para o Onlyfans e um link para acesso ao grupo de *Networking*.¹³⁵

No mesmo mês, realizei as primeiras entrevistas individuais semi-estruturadas no grupo de WhatsApp do BGR. Ofereci uma quantia de R\$50,00 por 10 minutos de conversa via videochamada no próprio WhatsApp.¹³⁶ Entrevistei quatro participantes, entre elas, Angel. Quando abri a chamada, já passava das 22 horas, Angel estava dividindo-se em várias tarefas domésticas enquanto conversava comigo. Disse que, para mim, teria todo o tempo do mundo. A chamada durou quase meia hora, sem adição ao valor inicialmente combinado. Perguntei sobre sua motivação para criar o grupo do BGR e a ouvi falar sobre “acolhimento” e “quebra de rivalidade feminina” no mercado, além de um lugar em que o “desgaste psicológico” do trabalho possa ser atenuado e dúvidas frequentes sanadas. O grupo de *Networking* da Agência Dirty promovia as mesmas experiências de troca ansiadas por Angel, mas ganhavam um outro caráter de acolhimento.

No grupo de *Networking* era possível encontrar desde instruções técnicas acerca das plataformas de pagamento internacionais (como Paypal, Paxum e Transferwise) às advertências sobre clientes abusivos, informações sobre fotógrafos (e possível confiabilidade) e sobre produção de conteúdo (desde composição de cenário, ângulos, iluminação e ferramentas adequadas). Discutiam também os horários de maior engajamento nas redes sociais, a prática de compartilhamento de postagens com fins de troca de curtidas (conhecida como “dar amor”). No entanto, o grupo também contava com uma rede de trocas afetivas e relatos pessoais que envolviam apoio psicológico e emocional.

No meu primeiro mês na agência, presenciei um relato lançado por uma modelo no grupo de *Networking*. Ela, angustiada, desabafava: “Gente, eu tô meio desanimada! Eu divulgo bastante o Only, já testei várias táticas para ver se melhora as coisas, mas tô é perdendo assinantes. Eles chegam, assinam o mês, olham e vão embora. Só teve um que comprava os conteúdos pagos que eu vendia nas mensagens, ninguém comenta nas postagens quando eu faço perguntas. Eu fico insegura, achando que meu conteúdo é ruim!” Alexa se solidarizou:

Tô assim também... aí resolvi apostar em outra estratégia e manter por um bom tempo pra ver se dá resultado. Assim, faz uma vista grossa em todas as suas redes sociais. Confere se as redes abertas demonstram exatamente sua proposta de tipo de conteúdo. Reforça seu estilo/nicho. Organiza o máximo possível das coisas no geral. Eu já anotei uma lista do que gosto, o que não gosto. Já organizei as redes que consigo usar para me divulgar. Tô tentando definir um nicho e assim também uma

135Grupo direcionado para interação entre as modelos via chat coletivo privado na plataforma do Telegram.

136Média de valor cobrado por atendimentos via vídeo chamada entre as minhas interlocutoras.

lista de conteúdos relacionados a esse nicho pra reforçar o que eu faço, pra entenderem o que faço. (Diário de campo, 23 de setembro de 2021).

Valesca se posicionou sobre o assunto: “é a economia, a pandemia, povo tem grana nem pra comer.” Karen diz que começou em agosto e o mês foi muito ruim. Sobre isso LiaNeon afirmou: “depois de julho não bati a meta mensal.” Outras duas modelos se juntaram aos relatos e Valesca insistiu: “Se você tiver em contenção de gastos, [nosso trabalho] é algo pra cortar. Não dá pra ficar gastando com superficialidade! Não que a gente seja superficial, mas a gente é um luxo, né?” Mel decide respondê-las com o seguinte relato:

Meninas, eu super entendo as dúvidas que vocês têm sobre o porquê de algumas não estarem vendendo. Cada caso é um caso e podemos sempre nos aprofundar nisso nas Mentorias. Eu sugiro que vocês usem o tempo que vocês têm pra descobrir o porquê de não estarem vendendo, pois reclamar que algo não está funcionando pode até aliviar, mas não vai resolver. O que vai resolver é vocês identificarem o problema, encontrarem uma alternativa e resolverem ele. Somente dessa forma que ele vai sumir. Eu consigo acompanhar a área da modelo pelo site, e sei que nem todas aqui fizeram o curso completo. É muito importante que vocês façam, pois lá eu explico sobre tudo isso. Não adianta tentar vender e vender! Existe uma pré-organização, e é extremamente necessária nesse processo. Vocês estão aplicando o Marketing de 2 passos que explico no curso? Estão postando todos os dias no mínimo 3 vezes por dia? Vocês colocam enquete e caixa de perguntas toda semana ou só de vez em quando? Vocês já fizeram a pesquisa pra descobrir do que o público que segue vocês gosta? Todas as modelos que vocês conhecem, que hoje faturam bem com vendas de fotos (e eu me incluo nisso), começaram do zero assim como muitas aqui! Eu nunca vi nenhuma das modelos que acompanho e são bem-sucedidas nesse rolê reclamando. Eu nunca reclamei um dia sequer na minha vida por não ter feito uma venda. Estava tão preocupada em fazer tudo dar certo logo pra eu conseguir o que queria, que nem me sobrava tempo pra lamentar sobre qualquer coisa, e até hoje é assim. (Diário de campo, 27 de agosto de 2021).

Nas *lives* dela nas redes abertas, nas aulas do curso e nas mentorias era comum ouvir Mel desacreditar de posturas de modelos que fossem negativas e críticas ao trabalho. Em uma *live* no Instagram, ela lembra uma modelo com a qual tinha o sonho de trabalhar e que, quando pôde fotografá-la, “brochou”, por ela ter um perfil muito crítico: “ela reclamava de tudo!” A socióloga Angela Jones (2020), em um estudo sobre a indústria do *Camming*, discutiu a articulação entre discursos neoliberais e os aspectos negativos do trabalho sexual no digital, como o adoecimento e a precarização material:

While this new form of digital sex work creates an opportunity to develop resiliency, sexual empowerment, and sexual pleasure, we can also see how the neoliberal ideas adopted by models could thwart progressive political goals. I found widespread use of individualistic logic to explain the dangers of camming, mirroring neoliberal responses to many social ills, such as poverty. Remediating online harassment is an individual model’s problem. (JONES, 2020, p. 132).

Apoiada nas discussões sobre a racionalidade neoliberal (MBEMBE, 2014) e a economia de compartilhamento (SLEE, 2019), Roseli Bregantin Barbosa (2017) relaciona a indústria do *webcamming* erótico à tendência de “uberização do trabalho”.¹³⁷ “Uberizar a economia”, segundo Slee (2019) significa expandir o livre mercado para novas áreas da vida, convertendo trabalhadores em microempreendedores e cidadania em consumo. Aqui, a rotina de trabalho intermitente das empresas-plataformas ligada a gestão de tempo do/a trabalhador/a individual é traduzida em regimes de exaustão e cobrança elevada.¹³⁸ Essa tendência, ao financiar uma subjetividade do “sujeito-empresa” (DARDOT, LAVAL, 2016), situada por Bregantin nas ideias de “liberdade” e “flexibilidade” defendidas no universo do *Camming*, pode ser vista na fala acima de Redfetishist: “Pressão de quem? Se eu sou minha própria chefe?” Esse tipo de atitude escamoteia o processo de precarização, exploração e adoecimento ligado ao meio.

Embora MelSuicide investisse no otimismo da retórica neoliberal para estimular a produção e a execução de conteúdo enfatizando valores como “foco”, “persistência” e “constância”, nas modelos agenciadas pela Dirty, exemplos de adoecimento e desânimo com a profissão não eram incomuns. Alguns meses após o relato acima, presenciei uma mensagem de Luana no grupo de *Networking*: “Quando vocês estão *bad* da vida tem algo que façam pra melhorar o humor e trabalhar? Tô aqui pensando como vou ficar online no Câmera Privê.” Lilian se posicionou: “Passei uma semana sem entrar no Câmera por isso, sem fazer conteúdo. Me sinto culpada, mas é necessário dar tempo ao tempo.” Ao passo que outra modelo replicou: “Tem esses dias mesmo. Quando me sinto assim dou um tempo de redes sociais.” A jovem catarinense, branca, tatuada, de cabelos coloridos e olhos azuis YellowSour também desabafou: “Esses dias cheguei a chorar antes de entrar no CP. Ansiedade atrapalha demais.” Lilian, surpresa, afirmou: “Nossa gente, achei que era só comigo...tive crises de choro também. Tive que esperar uma semana pra ficar bem.” Em outra conversa, NicelyBad interpela uma discussão acerca do maior retorno financeiro entre as plataformas ManyVids e o LiveJasmin em tom de desabafo: “Gente, é muito difícil trabalhar com ansiedade. Que

137Tom Slee vai localizar o seu conceito de “uberização do trabalho” no interior de uma “economia do compartilhamento” que emerge com o surgimento das empresas-plataforma.

138A autora defende que, embora a flexibilidade seja positivada nessa indústria, suas interlocutoras apontam que o tempo que estão *offline* trazem uma restrição a essa “liberdade de horários” ao arcarem com o *custo* da diminuição de sua competitividade no mercado. Esse custo, no limite, resulta em maior cobrança sobre o trabalho. Como relata Clara Aquilar: “se eu tava em outro lugar eu ficava com a cabeça ‘eu podia tá online, eu podia tá lá fazendo dinheiro pra ser a número um.’”

dificuldade que eu tenho! Começo uma coisa, começo outra, começo outra e não entendo é nada.” Outra modelo, em concordância: “Nossa, nem me fale. Eu tô com uma ansiedade que tá durando um mês, todo dia paro na frente do celular e não sei o que fazer.” NicelyBad desabafa que desde que o OnlyFans revogou suas políticas de exposição de conteúdo sexual explícito, ela parou de trabalhar. Nesse momento, Valesca apresentou sua rotina de trabalho: “Ou eu não trabalho, ou, depois, quando quero trabalhar, quase me mato de tanto fazer coisa e não durmo!” NicelyBad adicionou: “Tem dia que em 24h eu trabalho por uma semana e tem semana que eu fico morta por dentro o tempo todo.” Valesca reclamou: “eu triste não sou gostosa!” Ganhando comoção entre as participantes da conversa, ela concluiu: “Gente será que tá todo mundo na mesma?!?”¹³⁹

3.4 BURNOUT VIRA DOENÇA DE TRABALHO

Enquanto no grupo do BGR a posição de Mel em relação à sua carga horária de trabalho de 19 horas era mal vista por *parecer* excessiva, os exemplos de Burnout e adoecimento continuavam a popular no meio de trabalho das minhas interlocutoras. Nos períodos finais de minha pesquisa, comecei a lançar perguntas aos perfis de *camgirls* que me seguiam no Instagram, por meio da ferramenta de enquetes da plataforma. Um dos blocos de perguntas indagava sobre o possível adoecimento em decorrência da profissão. Muitas respostas falavam de ansiedade e Burnout. Nas *lives* diárias de Mel, na mesma plataforma, uma espectadora/*camgirl* apresentou a seguinte inquietação: “eu me sinto com a autoestima muito baixa quando não consigo bater minhas metas de venda de conteúdo. Penso que estou feia e me cobro muito, o que faço para melhorar?” Inquietação que também aparecia no perfil intitulado “rotinacamgirl” da *camgirl* e universitária Sailor Misa. Conheci o perfil dela através dos sucessivos compartilhamentos de suas postagens nos *stories* de outras *camgirls* que acompanhava na plataforma do Instagram.

Sailor Misa tinha 23 anos, era jornalista em formação e prometia trazer dicas às *camgirls* iniciantes e, como ela mesma colocava, meio desesperadas. Suas publicações

¹³⁹Jones (2020) sustenta que o *webcamming* erótico produz uma estrutura de trabalho que viabiliza a articulação entre doenças mentais/psicológicas e a realização de uma atividade remunerada. A autora traz o relato de uma interlocutora: “Kim, uma mulher cis, branca, heterossexual de 33 anos, dos Estados Unidos, explicou que o *camming* é “mais fácil de trabalhar com meu transtorno bipolar”. Pessoas com uma variedade de perfis de saúde mental geralmente requerem um trabalho flexível. Pessoas com doenças crônicas, como Amélia, querem trabalhar. No entanto, sua doença de Crohn muitas vezes torna difícil, senão impossível, seguir um horário de trabalho rígido” (JONES, 2020, p. 98).

variavam entre guias sobre os principais sites/plataformas para *webcamming* erótico, sobre fetiches, rotina, finanças, saúde mental e física. Toda terça-feira, Sailor abria uma caixinha de perguntas nos *stories* do seu perfil com o propósito de interagir com seus seguidores. A maioria das questões eram demandadas por modelos que atuavam no mercado do *camming*. Perguntas sobre cansaço emocional no trabalho eram comuns. Sailor respondia imperativamente: “Terapia é a única alternativa a longo prazo. A curto, opte por pausas durante seu turno, alongamentos, meditação e diário de bordo pra despejar suas emoções. Rede de apoio, hábitos saudáveis (dormir bem, se alimentar, fazer exercícios), etc.”¹⁴⁰ Em outra caixinha, Sailor recebeu a seguinte mensagem: “Burnout desde outubro. Não é pergunta, mas talvez um conselho seu pode ajudar.” Scorpion, uma modelo lésbica, jovem e acima do peso, de cabelos lisos e compridos da Agência Dirty, sobre a sua rotina no *webcamming* erótico, relatou: “eu reparei que as vezes jantava às 18h00, ai depois só ia comer às quatro da manhã. A gente tem que se policiar, agora eu tô contando o tempo que eu como!” Complementa sobre a rotina de “maratonar”: “você ganha dinheiro? Ganha! Mas depois tem que gastar com remédio, ai não vale a pena!”

Em janeiro de 2022 me deparei com o compartilhamento nos *stories* do Instagram de algumas interlocutoras sobre uma publicação jornalística de que o *Burnout*, a partir daquela data, havia se tornado uma “doença do trabalho”.¹⁴¹ O termo *Burnout* pode ser interpretado como a ação de “perder o fogo” ou “perder a energia”. Wanderley Codo e Iône Vasques-Menezes (1999) situam o *Burnout* nos trabalhos do psicólogo Herbert J. Freudenberger em 1974. Freudenberger utilizou o conceito para pensar os efeitos psíquicos enfrentados por profissionais que trabalhavam diretamente com pacientes dependentes de substâncias químicas. Aqui, o *Burnout* compreende uma síndrome que se manifesta sob três sintomas: a exaustão emocional, a despersonalização e a falta de envolvimento pessoal no trabalho. Marques e Freitas (2014) costuram a literatura sobre o *Burnout* para situar a síndrome como um efeito de uma condição pós-moderna do trabalho. Para os autores, a síndrome é uma resposta a um novo regime capitalista que conta com a flexibilidade, agilidade e abertura para

140A terapia era um recurso muito articulado quando se tratava de saúde emocional, física, psicológica, familiar e profissional entre as minhas interlocutoras. O recurso aparecia como tratamento para transtornos de ansiedade, depressão e alimentares, traumas familiares e relacionamentos amorosos abusivos e até em situações de “distinção moral” quando se tratava de práticas sexuais (des)aprovadas entre modelos, refletida em uma frase proferida por Sailor “a minha diferença é que eu faço terapia e elas não.” Afirmções como “terapia é vida”, “terapia é bom independente de qualquer coisa” e “terapia hoje salva vidas” eram comuns em situações de campo etnográfico.

141Matéria encontrada no portal: <https://www.gupy.io/blog-do-emprego/burnout#:~:text=Diante%20desse%20preocupante%20cen%C3%A1rio%2C%20a,surge%20por%20causa%20do%20trabalho>. <acessado em 04 de maio de 2022).

mudanças e, sobretudo, para a assunção de riscos contínuos e estreitamento de leis e procedimentos formais como imperativos do trabalho “pós-moderno.”¹⁴² Codo e Vasques-Menezes (1999), 15 anos antes, pensavam sob perspectiva similar, compreendendo o *Burnout* como efeito das “contradições da área de prestação de serviços exatamente quando a produção do setor primário descamba e o setor terciário vem tomar seu lugar” (VASQUES-MENEZES, 1999, p. 5).

Em setembro de 2012, o jornalista estadunidense Sam Biddle publicou para o portal Gizmodo, filiado ao Pedestrian Group, uma matéria intitulada “The Crazy Secrets Of Internet Camgirls (NSFW)”.¹⁴³ Biddle situou a indústria do *webcamming* erótico comercial no deslocamento do “trabalho tradicional em clubes de *strip* para o equivalente online.” Em entrevista com ele, “Domino”, uma ex-design gráfica da empresa Fortune 500, que deixou seu antigo trabalho por “tédio” e começou a trabalhar como *camgirl* do seu estúdio em casa afirmava – ao se ver como “completamente independente”: “I love my job!” Domino continuava: “I can work when I want to, as much as I want to, [and] nobody can tell me how to do my job.” A modelo, no entanto, iniciou a entrevista com uma voz que Biddle classificou como “séria” e “cansada”, afirmando: “There’s a lot of burnout in this industry.”

Bárbara Machado (2021), em um estudo sobre *camgirls* em Portugal, relatou que um dos efeitos negativos da realização do trabalho sexual *online* era o desgaste da saúde mental. Segundo as participantes de sua pesquisa, esse desgaste seria fruto do caráter emocional inerente ao seu trabalho, aos comentários negativos dos clientes e a eliminação recorrente dos seus perfis em plataformas como Instagram – forçando-as a recomeçar do zero.¹⁴⁴ A pesquisadora, ainda, apresentou o relato de uma modelo que foi diagnosticada com a Síndrome de Burnout.¹⁴⁵

Para Franco Berardi (Bifo), a capacidade cognitiva torna-se o principal recurso produtivo do capitalismo contemporâneo e é responsável pelo surgimento de uma “classe virtual” de infoprodutores ou cognitariados, em que a força de trabalho é definida em termos

142Os autores usam como referências teóricas alguns sociólogos como Zygmunt Bauman, David Harvey, Fredric Jameson e Jean-François Lyotard.

143Formado em 2018, o Pedestrian Group é resultado da união entre o Nine Entertainment Co, a PEDEDSTRIAN.TV e a Allure Media. Em seu site oficial o grupo se define como “o principal grupo de mídia jovem da Austrália e o lar das marcas de mídia digital mais revolucionárias do mundo” articulando cultura, tecnologia, negócios, jogos, moda, entretenimento, política e estilo de vida. Matéria disponível em: <<https://www.gizmodo.com.au/2012/09/the-crazy-secrets-of-internet-cam-girls-nsfw/>> acessado em 13 de junho de 2022.

144Sobre as políticas de gentrificação das plataformas, falaremos no último capítulo.

145Para fins dessa pesquisa, não encontrei nenhuma outra literatura que articulasse o *Burnout* e o trabalho sexual no digital.

de uma economia da atenção e da criatividade.¹⁴⁶ Aqui a valorização capitalista de uma “inteligência coletiva e individual” é o que suporta a produção de artefatos semióticos que demandam capacidades cognitivas progressivamente submetidas a um sistema técnico da rede digital, isto é, a infoesfera. Bifo pensa a infoesfera no interior da evolução das tecnologias da informação materializadas na “época da videoeletrônica” em que ocorre a ativação de redes cada vez mais complexas de distribuição e produção da informação. Para o autor, enquanto o ciberespaço opera ao ritmo da replicação digital, o cibertempo obedece a um ritmo subjetivo e psíquico (humanos). O entrelaçamento rítmico entre tais ciberdimensões resultaria no florescimento do extrato da infoesfera, isto é, quando o estímulo informativo (digital) invade cada átomo de atenção humana (BIFO, 2003. p. 42). Essa invasão, no entanto, também levaria a tessituras patológicas nomeadas, contemporaneamente, de crise de pânico e transtornos de atenção. Isso porque, segundo Bifo, os avanços tecnológicos alcançados pelo ciberespaço colapsam o ritmo das dimensões psíquica, cognitiva e emocional organicamente materializadas nos aparelhos receptores humanos.

Para o autor, os cérebros humanos, as pessoas de carne e osso, de órgãos frágeis e sensuais, traduzidas em *receptores*, não estão formatados segundo os sistemas de *emissores* digitais. Bifo lembra que a transformação, concebida nos anos 1980, da indústria via informatização sistemática dos principais setores produtivos, resultou na digitalização de qualquer acontecimento material, reduzindo-o a um símbolo no interior de um intercâmbio de informações. Para definir esta última condição, o autor faz a seguinte reflexão:

O que de fato é informação? A informação não é apenas a transferência de signos que se referem a um objeto ou a um evento. A informação é criação de tal forma que é inoculada no evento ou no objeto. Informação é criação de valor, produção de mercadorias. Todo objeto, todo evento, toda mercadoria pode ser substituído por informação, por um algoritmo correspondente capaz de trazer aquele objeto, aquele evento, para uma existência intercambiável. (BIFO, 2003, p. 54).

Para Bifo, a digitalização da economia segue uma cultura neoliberal que age sobre um “cérebro social”, traduzindo competência econômica em intensificação dos estímulos informativos ligados ao sistema técnico da rede digital. A combinação entre competência econômica e intensificação digital seria um fator patogênico, que alcança o conjunto da sociedade. Esses fatores têm efeitos diversos e, entre eles, os que ganham popularidade entre as integrantes dos grupos por mim estudados são TDAH, ansiedade e síndrome do pânico,

¹⁴⁶Cognitariado é uma conjunção entre os conceitos de trabalho cognitivo e proletariado. Bifo, aqui, descreve a valorização econômica e a transformação das energias sociais, intelectuais e criativas em força produtiva como um fenômeno da economia global que teve como efeito o surgimento de um novo tipo de classe trabalhadora.

além do Burnout.

Embora em sua página principal destinada a “área de modelos”, o site Câmera Privê trata o trabalho no *camming* como uma forma de “conquistar a independência financeira do seu jeito e sem estresse”, sob a justificativa de “criar seus próprios horários.” Os relatos etnográficos aqui reunidos apontam que os fluxos de trabalho intermitentes, gestados sob a lógica microempreendedora, não evitam o estresse. Pelo contrário, tornam-no um imperativo: “fico online até bater!”, “já cheguei a ficar 22 horas online!”, ou “quase me mato de tanto fazer coisa e não durmo!”, “tem dia que em 24 horas eu trabalho por uma semana e tem semana que eu fico morta por dentro o tempo todo!”

Para Bifo, as patologias mentais da atualidade não estão ligadas somente a uma apropriação mercadológica das habilidades afetivas, comunicacionais, cognitivas e psicológicas dos/as trabalhador/as, mas ao funcionamento destas no interior de uma economia liberal globalizada que se sustenta sob a ideologia da (in)felicidade. Aqui, a conquista econômica do “espaço interior” é substanciada por uma representação caricaturesca do discurso publicitário através da crença de que a felicidade pessoal é alcançada no livre jogo de mercado. A ideia de “sentir útil, produtora, independente”, para Kika e Angel, sustentava seu “vício em trabalho”. Paradoxalmente, para Bifo, é o paradigma da infelicidade que sustenta o discurso liberal no interior de uma lógica circular, transformando competência em aptidão para o consumo e fracasso econômico em irrealização e culpabilização pessoal. É aqui que muitas perguntas de Mel (“estão postando todos os dias no mínimo 3 vezes por dia? Vocês colocam enquete e caixa de perguntas toda semana ou só de vez em quando?”) bem como afirmações do tipo “eu nunca reclamei um dia sequer da minha vida” ganham realidade na gestão individual e não estrutural do fracasso.

Outras questões que entram em jogo no *webcamming* erótico estão ligadas a uma estética normativa, ou feminilidade desejável (SILVA, JAYME, 2015)¹⁴⁷, unidas às ideias de magreza (“sou gorda né, eu não vou tirar o rendimento de uma padrão”) e etarismo (“meu maior peso é não ter “20 e poucos anos”).¹⁴⁸ Monique, uma das modelos vinculadas ao BRG, ao referir-se à sua jornada de trabalho de “seis a oito horas diárias” no *camming* relatou: “Confesso que quando entrei eu tinha esperança de ganhar mais por causa das propagandas

147Weslei Silva (2014), em sua pesquisa sobre “strippers virtuais”, afirma não ter encontrado entre suas colocutoras bem como em suas primeiras observações em campo, corpos dissidentes no que se refere à estética, isto é, mulheres gordas ou muito magras, masculinizadas ou idosas.

148Mais tarde também falaremos sobre raça. Embora Jones (2020) defenda que o trabalho sexual seja receptivo a idades mais elevadas, suportadas pelo fetichismo na figura da “milf”, em minha pesquisa tive pouco acesso a corpos com aparência superior aos 40 anos.

que muitas pessoas fazem de ganhar muita grana, essas Youtubers que a gente sabe quem, né? Depois vi que a realidade é outra. Depois coloquei meus pés no chão... Rs!”¹⁴⁹ Aqui as críticas à jornada de trabalho revelada por MelSuicide, no entanto, são solapadas pelas próprias narrativas de trabalho de algumas modelos. Paula, por exemplo, “deixou de ser uma vadia” para ter uma “jornada de trabalho normal”, isto é, “literalmente só dormir e trabalhar”. Já para Clara Aguilar: “chegava de manhã nascia o sol eu ia dormir, acordava ia tomar banho e já ia ficar online de novo, e assim eram todos os meus dias.” Essa rotina era estimulada no interior do grupo de *Networking* com fins de estabelecer o que Kika defendeu como “conexão com os clientes” e Franco Bifo como “a força de trabalho que é definida em termos de uma economia da atenção e da criatividade.” No entanto, a natureza “conectiva/afetiva” do trabalho sexual online realizava não apenas novas possibilidades de adoecimento em sua ordem física e psíquica, mas também novas dinâmicas entre violência e poder sobre as modelos.

Para Jones (2020), o privilégio do trabalho conectivo no interior do *webcamming* erótico relaciona-se à produção de experiências de prazer que não se *reduzem* ao clímax sexual na medida que potencializam a intimidade emocional e mobilizam uma autenticidade incorporada (*embodied authenticity*). Mel Suicide, sobretudo, atribuía sua estratégia de conversão dos seguidores em clientes no esforço de “criar conexão” porque, para ela, “as pessoas são muito carentes, querem conversar com alguém que não é da família, amigos e trabalho. Com uma gostosa que vai te ouvir e não contar pra ninguém.” Esse esforço, no entanto, ganhava limites na sua vida pessoal. Mel afirmava: “tem cliente que se apaixona, quando posto foto com meu marido, por exemplo, perco uma penca de seguidores.” Para além do “desencanto” dos clientes, a *confusão* entre a vida pessoal e profissional das modelos se estende à práticas que Jones (2020) chamará de “capping” e “doxxing”, respectivamente, nas “gravações de tela” realizadas pelos clientes com o intuito de ameaçar as modelos ou *apenas* compartilhar em outros sites e a utilização de pesquisas e/ou *hacking* para adquirir informação sobre as mesmas com fins de persegui-las.¹⁵⁰

149Embora a estética realista ligada ao amador traga maior diversidade de corpos para a cena pornográfica *livestreaming*, atravessamentos ligados aos ideais de magreza e etarismo, como os discutidos, revelam a reprodução, no interior da pornografia *livestreaming*, de estéticas (hetero-cis) normativas e convenções genéricas da pornografia - em termos de poses, gestos e atos (PAASONEN, 2010; ROST, 2016; SILVA, 2014 ; JONES, 2020; NAYAR, 2017). A reprodução dessas convenções situa-se nas estratégias usadas pelas modelos – em termos de gestos, poses e estereótipos - a uma expectativa de mercado do *webcamming* erótico em incorporar feminilidades desejáveis (DENTEN, GURRIERI, TYLER, 2020; SILVA, 2015).

150Para Jones essas práticas desmistificam a ideia de segurança sustentada na divisão entre realXvirtual usada na indústria de *webcamming* erótico para se diferenciar de outras modalidades de trabalho sexual (presenciais). Para a autora, o ambiente digital possibilita novas formas de assédio e violência, isto é, verbal e psicológica. Aqui vale lembrar diversos casos de suicídio causados pelo vazamento de fotos íntimas na internet e, mesmo, práticas de cyberbullyng. A saber: <<https://canaltech.com.br/saude/fiocruz-investiga-os-impactos-do-vazamento->

Gabriela conta que quando pressionada pelo encontro físico/pessoal pelos seus webnamorados/clientes, ela “sumia”. Justificando: “Todos esses fixos já me disseram em *call* que sentiriam muita vontade de abusar de mim, dois já me falaram que queriam me sequestrar. Medo? Sim, mas seguimos né?” PinkCutie atribuiu “medo” à prática de ter webnamorados. Ela lembrou a história de um cliente do Câmera Privê que ameaçou denunciá-la para o site no momento que ele não queria mais pagá-la pelas chamadas de vídeo. No décimo quinto episódio de sua série, Clara Aguilar lembrou um cliente a que se refere como *stalker*, descrevendo os seus chats da seguinte maneira:

Os chats começaram a ter um tom pesado e tentei fazer com que ele não me visse. Mas ele entrava todo santo dia e não importava o preço que eu cobrasse o cara ficava lá, eu já tava de tanto saco cheio que nem o dinheiro tava valendo a pena mais e ele só queria que eu ficasse com ele, tinha ciúmes de outros caras.

As experiências de perigo e adoecimento encontradas na indústria do sexo digital discutidas neste capítulo são constitutivas do *mesmo* processo de abertura tecnológica em que vemos florescer novas possibilidades de relacionamento – e agenciamento – entre sexo, dinheiro, produção e afetividade. Esse processo resulta da junção entre a indústria sexual e digital na criação de espaços porno-eróticos *online* privilegiadamente interativos e extensivamente comercializados.

Carole Vance (1984), propõe uma apropriação feminista do discurso sobre a sexualidade que desloque a ênfase do sexo enquanto território do perigo – e vitimização – para o lugar da experimentação ativa do prazer, da fantasia e do desejo. Longe de procurar recentralizar a duplicidade sexual perigo-prazer na ênfase do desejo negativo, proponho que reconsideremos as ambiguidades desses dois lugares como substantivos da experiência sexual humana, na esteira de Vance, inscrevendo o sexo – e o trabalho sexual – no interior de uma gramática situada fora dos termos físicos/anatômicos ou de uma experiência de gênero *específica* (opressor/oprimido) a fim de investigar a emergência das experiências de “espetacularização da sexualidade” (PRECIADO, 2020) e da “intimidade” (SIBILA, 2015) no interior de fluxos de capital, em um fenômeno que Luis, um interlocutor-cliente, chamou de “pornô-interativo”.

Nas primeiras cenas desse capítulo sou atravessada por discussões sobre saúde mental e o trabalho sexual online. Os grupos “GRINGOS” e *Networking* produziam aproximações com uma retórica neoliberal que, para mim, foram erguidas, respectivamente, por [de-nudes-na-saude-da-vitima-212687/](https://www.instagram.com/p/212687/)> acessado em 02 de outubro de 2022.

experiências de ganho mais elevadas entre as trabalhadoras de plataformas “gringás”¹⁵¹ e de uma opinião “colada” entre as integrantes do *Networking* e o positivismo neoliberal de MelSuicide.¹⁵² No entanto, mesmo que encontrasse críticas ao capitalismo e à retórica neoliberal mais acentuadas no interior do grupo BGR, não me parece sustentável que as modelos, como um todo, viam-se como “vítimas”, seja da exploração do trabalho (BREGANTIN, 2021) ou da opressão masculina (DWORKIN, 1989).

No próximo capítulo, apresento o mercado sexual plataformizado sob o ponto de vista dos discursos mobilizados por minhas interlocutoras como *alternativa* à natureza exploratória de suas atividades de *camgirl*/criadora de conteúdo como marco do neoliberalismo e descrevo as suas estratégias de gestão do tempo/preço de trabalho como transformadoras do paradigma produtivo industrial *sucedido* pelo capitalismo das empresas-plataformas.¹⁵³

151 Importante marcar aqui que as experiências com essas plataformas não deixam de evidenciar o acesso à língua estrangeira como um recurso de classe distintivo.

152 A afirmação de certas “homogeneidades” no interior dos grupos está ciente das problemáticas da generalização e da natureza coerente de um grupo social na literatura antropológica. Leach (2021) chega a criticar o caráter homogêneo situado no estudo antropológico sobre os “Nuer” e não os “Nuer em 1935”. Aqui, a preferência analítica por termos como “aceitação”, “adaptação” e “reação” para a leitura das diferenças culturais é resultado “de uma cristalização das ideias coloniais para efeito analítico dos/as antropólogos/as.” Leach parece acrescentar que a negação ou classificação patológica da inconsistência ou incoerência é resultado do tratamento colonial dos povos não-europeus a partir da insígnia do “tradicional” que está intimamente associado ao que é estaque e uniforme. Akhil Gupta e James Ferguson em “Beyond ‘culture’”, posicionam cultura como um locus privilegiado das ciências sociais/antropologia estruturado na ruptura e “descontinuidade natural”. Aqui, o limite cultural foi estabelecido pela fronteira ideológica erguida pelos Estados-nações, nos permitindo falar em termos de “Indian society”, “American culture” ou/e “Thai culture”. Sallins (1997), no entanto, critica essas leituras ao marcá-las como um “pessimismo sentimental” e “pânico pós-moderno” para o qual a ideia de continuidade e sistematicidade das culturas conferem, por exemplo, a marcação de alguém como “Nuer” como sinônimo de opressão. Para Sallins encarar “cultura” como um modo intelectual de controle que teria como efeito “encarcerar” os povos periféricos em seus espaços de sujeição, separando-os permanentemente da metrópole ocidental progressista, é uma forma de negar a justaposição cultural (Marcus; Fischer, 2014) sob a hipótese de que o encontro cultural é sempre marcado pela dominação e negação do Outro.

153 Falamos em termos de uma temporalidade do trabalho na indústria digital que se desloca do cálculo marxista, em que o *tempo* de trabalho sustenta a extração de mais-valia da força produtiva, para ganhar novos terrenos de apropriação capitalista, como no trabalho gratuito, criativo, intermitente e voluntário das plataformas digitais (TERRANOVA, 2000; KOSNIK, 2012; DRENTEN, GURRIERI, TYLER, 2020; KOLOGLUGY, 2015). Esses novos terrenos, no entanto, não substituem a estrutura produtiva industrial mas acrescentam novas possibilidades de exploração capitalista a novas áreas e materialidades da vida. Para uma discussão mais aprofundada sobre a materialidade do trabalho imaterial ver Rafael Grohmann (2020), Ursula Huws (2011), Jack Linchuan Qiu, Melissa Gregg e Kate Crawford (2014) e Paul Preciado (2013).

4. NEM DESESPERO, NEM ÚLTIMA OPÇÃO: AMAMOS O QUE FAZEMOS

No vigésimo terceiro episódio da série “Diário de uma Camgirl”, Clara Aquilar identifica a participação de mulheres enquanto clientes em seus shows de *camming* como uma forma de “empoderamento” e a apropriação feminina dos espaços majoritariamente masculinos. A modelo afirma: “Eu acho que nós mulheres temos que dominar todos os espaços, não só como modelo mas também como cliente.” Aquilar, ainda, relaciona o consumo feminino na indústria do sexo à procura de um autoconhecimento corporal. Relação que, para ela, seria fruto da sexualidade feminina ser considerada enquanto um *tabu*: “Existem mulheres que procuram camgirls ou porque elas não se sentem bem com o próprio corpo ou porque elas não conseguem se masturbar por algum tipo de tabu.” Retorno à discussão difundida no BGR acerca da rotina de trabalho de MelSuicide e a afirmação de Redfetishist “pressão de quem? Se eu sou minha própria chefe?” Usarei o seguinte relato, fornecido por esta última modelo, para introduzir mais complexidade a defesa do trabalho no *camming* também sob a perspectiva do agenciamento:

Se eu quero descansar eu saio e descanso. Você se forçar a trabalhar, o problema não está no trabalho em si e sim em você, que não sabe a hora de parar ou respeitar seu próprio corpo. Eu costumo botar um horário limite pra trabalhar. Tipo, no *camming*, eu fico *on* até as 2h normalmente. A gente é nossa chefe sabe, não precisa fazer nada que não gosta ou se forçar a trabalhar. Eu trabalho mesmo com meta mensal, pra fechar minhas contas, mas não fico me forçando a fechar valor de meta diária, não. Acho que isso também acaba com a cabeça da gente porque tem dias e dias. Uns dias, tu faz 10 reais, outro tu faz 500. Desde o começo, mesmo meio perdida em como começar a trabalhar, eu sempre tive a ideia de que eu sai de trabalho de CLT pra não obedecer patrão. Então, por que como autônoma eu iria obedecer cliente ou fazer algo que não gostasse? Então, sempre foi algo que eu tive em mente, só atendo o que eu curto. Não saio enfiando brinquedo na xota sem vontade, não atendo fetiches que não curto. Da minha sala eu sou a dona, eu faço minhas regras com o meu trabalho. A gente prega tanto isso no feminismo e na nossa vida pessoal é super necessário ter esse pensamento no trampo também. (Diário de campo, 11 de junho de 2021).

No dia 2 de abril de 2021, levei ao grupo do BGR uma matéria jornalística que apresenta relatos de garotas de programa afirmando que o mercado do sexo virtual é menos lucrativo que o presencial e perguntei a opinião das participantes do grupo sobre o assunto.¹⁵⁴ Após algumas concordâncias e controversas, essencialmente, pela distinção entre “prostituição” e “*camming*” questionei se havia uma aproximação entre as duas profissões em relação a um “estigma social”. Ao que Monique me respondeu:

¹⁵⁴Matéria disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2021/03/o-dia-dia-das-trabalhadoras-sexuais-no-pior-momento-da-pandemia-no-brasil.html>> acessado no dia 14 de maio de 2022.

Eu já li na internet as pessoas falando "prostituição virtual" num grupo do Facebook, falando de *camming* sem nem saber direito o que é e debochando. Tem *camgirl* que nem tira a roupa, que só interage com as pessoas, mas acho que leva o mesmo estigma, sim. A maioria tira a roupa, né? Porque envolve masturbação, então... pensando na sociedade em que vivemos, que acha que tudo que envolve usar o corpo de maneira mais livre é imoral, com certeza sim. O próprio fato da gente se proteger, de não ficar contando pra todo mundo o que faz, de ter medo de ser descoberta, perseguida, já é um fruto desse estigma, eu penso. Porque a gente sabe que não é algo assim de outro mundo, mas se sente acuada. Às vezes, falando por mim, eu fico pensando que às vezes ajo como se tivesse fazendo algo ilegal, por ser algo "escondido" e não deveria ser, infelizmente. (Diário de campo, 02 de abril de 2021).

Perguntei à Monique se ela vê o trabalho sexual como uma forma “mais livre” de usar o seu corpo. Monique confirmou, se justificando: “Eu acho, porque você não tá recebendo ordens de patrões, não tem que seguir protocolos de empresa, a remuneração é melhor e considerando que a sociedade tem sexo como tabu, estar trabalhando com isso é de certa forma um desprendimento desse lado social. Monique, ainda, justifica seu argumento sobre o distanciamento do *camming* da realidade de um “grupo explorado” relatando o seu próprio percurso na profissão:

Eu entrei tem 6 meses e uma semana. Entrei porque acho que é uma forma de ganhar dinheiro rápido. No início, achava que era fácil, mas depois vi que não é fácil. Apesar disso, eu gosto. Já trabalhei de carteira assinada uma vez, numa empresa de telemarketing. Sinceramente, me sentia desvalorizada, ganhava muito pouco e tinha que enfrentar busão, chefe, colegas de trabalho difíceis, clientes chatos. No *camming*, eu sinto que enfrento menos gente chata e, se eles aparecem, eu posso fazer eles sumirem de uma forma fácil. Eu já queria trabalhar com isso desde 2018, mas consegui de fato só em setembro de 2020, porque comecei a morar sozinha e comprei um notebook adequado. Eu faço um curso universitário integral e antes dependia do meu pai para me manter em outra cidade. Eu odiava isso e só aceitava porque precisava, ficava ouvindo coisas chatas da família por precisar do dinheiro. Agora me sinto mais livre com o dinheiro do *camming*, porque tô me sustentando sozinha (Diário de campo, 02 de abril de 2021).

Em meados de setembro de 2021, deparei-me no grupo do Networking com uma queixa de Emy, uma jovem catarinense branca, de olhos claros, magra e adepta de uma estética “lifestyle” acerca de um amigo, que conhecia há mais de 7 anos, que ao descobrir sobre o trabalho dela, a repreendeu, dizendo: “você é melhor que isso!” Em contraposição, BabyDoll, uma modelo jovem, negra, de cabelos coloridos e SuicideGirl, respondeu:

Infelizmente, tem muita gente que olha pro nosso trabalho como um tabu ainda. Mas a gente tá aqui pra provar que é um trabalho, que não é "a última opção" e nem é por desespero. Que amamos o que fazemos e fazemos bem-feito. Enquanto tem pessoas com empregos fixos, que infelizmente não pagam bem, nós estamos aqui,

trabalhando todos os dias, criando, inovando, aprendendo e ganhando nosso dinheiro, fazendo o que gostamos! (Diário de campo, 13 de setembro de 2021).

No grupo do BGR também é possível encontrar “queixas” como essa de Laura, uma mineira de 27 anos, branca, designer gráfica e cuidadora de animais (nas horas vagas): “Oi gente, queria desabafar aqui. Mais alguém se sente mal por gostar de trabalhar com conteúdo adulto? Como se fosse algum crime... sei que é porque é um tabu dentro da sociedade e tal, mas não queria me sentir assim! Porque eu tô curtindo demais esse mundo (comecei esse ano) e tô me sentindo mais confiante que nunca.” Angel defendeu: “é normal essa sensação de culpa por conta de como nós somos socializadas!” Laura continuou: “Eu não me sinto mal não. No início eu sentia receio de ser julgada pela família, não sei o porquê. Mas eu sou 100% exibicionista, eu tô amando essa profissão e me descobrindo cada vez mais!” Elisa adicionou: “Isso é pura culpa cristã!”

O sociólogo Erving Goffman (1982) pensa o conceito de estigma, desde a sua contextualização grega ligado aos sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo de extraordinário ou moralmente reprovável em alguém, à formação de uma identidade social moderna, marcada pela inabilidade da aceitação social plena.¹⁵⁵ Monique Prada (2021), na sua proposta de um putafeminismo, defende novas fronteiras para se pensar o relacionamento entre sexualidade e a prostituição, compreendendo que a divisão das mulheres entre “boas” e “más” (mãe/puta) correspondeu a um limite político em que o sexo passou a representar uma barreira moral aos corpos das mulheres. O estigma da prostituição, para ela, é o preço que se paga ao desarticular o mito romântico do casamento e o seu corolário de que “deste lado” as mulheres estariam mais seguras simbólica e materialmente (livres de serem marcadas como “puta”). Para Prada, quando se aceita a ideia de que trabalho sexual consentido equivale a estupro ou violação, “as mulheres que exercem a atividade ficam expostas a todo o tipo de violência e sem poder denunciar.” (PRADA, 2021, p. 48).

Para Virginie Despentes (2019) a “puta imaginada” como sujeito destituído de direitos opera como uma imagem punitiva dupla: às mulheres que se *beneficiam* de seus serviços sexuais fora do casamento e aos homens (heterossexuais) convencendo-os que sua sexualidade é monstruosa, criando vítimas e destruindo vidas. É aqui que o pensamento de Prada (2021) e Despentes (2019) ganha significado na defesa de que o estigma, e não o

¹⁵⁵Para o autor, os estigmas podem ser identificados em três tipos: físicos, referente aos portadores de necessidades especiais ou às pessoas fora dos padrões estéticos; os “tribais”, que fazem menções a aparências culturais como etnia, território e religião; e os morais, que têm destino nos indivíduos que se separam das normas sociais impostas, mostrando conduta de desvio. Para Polyana Maria da Silva e Diony Clebson da Silva (2021) é nesta última categoria que o trabalho sexual se enquadra.

trabalho sexual em si, é o que oferece risco, violência e punição às mulheres que *ousam* ultrapassar as fronteiras patriarcais que as divide entre “boas” e “más”.

No mês de março de 2022, presenciei outra discussão no grupo de *Networking* enfatizando as vantagens do *webcamming* erótico/venda de conteúdo. Jussara, uma modelo carioca, negra e adepta de uma estética “GangGirl”¹⁵⁶ afirmou:

Nunca mais deixei de ir à festa de família, que eu sempre amei. Nunca mais deixei de sair à noite porque tinha que acordar cedo no dia seguinte. Eu fico pensando que já tenho 27 anos, não quero mais voltar a trabalhar de carteira assinada porque foram 10 anos obedecendo patrão. Trabalhei em boas empresas, sempre fui bem remunerada, mas não tenho mais energia pra essa rotina.

Daiane, em concordância, refletiu: “Somos duas. Moro no fim do mundo, só de buzu ia gastar horas pra trabalhar e quero, daqui uns 5 ou 10 anos, ter meu salão. Hoje ganho muito mais do que trabalhando pra chefe!” Bárbara, uma jovem do interior do Rio Grande do Sul, branca de corpo voluptuoso, olhos claros e cabelos longos tingidos de ruivo ainda, comentou: “Olha, gurias, eu levei muito tempo pra entrar no *camming* e me arrependo de não ter feito antes! No primeiro dia, eu vi que em 1 hora online eu ganhava o valor de um dia todo de trabalho CLT.”

No perfil do Instagram, “rotinacamgirl”, Sailor Misa recebeu em sua caixinha semanal a seguinte pergunta: “você se sente realizada com o trabalho no *camming*?” Ao que ela afirma: “Sim, apesar dos problemas, escolho meu horário, pago minhas contas sem atraso e não tem chefe imbecil gritando no meu ouvido. Além disso, estou segura na minha casa e escuto histórias incríveis todos os dias!” Bárbara Machado (2021, p. 38) também apresenta a justificativa de uma de suas interlocutoras para a realização do trabalho sexual online ao classificá-lo como empoderador: “eu crio arte a partir daquilo que é o nu. (...) isto foi sempre a minha ideia inicial, só que mais tarde vieram com as ideias de podes vender o conteúdo, podes ganhar dinheiro com isso.” Jujuba, uma das interlocutoras de Wesley Silva (2014, p. 263) e modelo de Webcam há 7 anos, contou para o pesquisador: “Aí uni o prazer de me exhibir com o dinheiro que ele pode me proporcionar [...] ser stripper não é um trabalho pra mim e sim um lazer lucrativo.”

Angela Jones (2020), ao propor uma Sociologia do Prazer, defende que o *webcamming* erótico retorna a uma “economia de artesanato” ao restaurar uma identificação entre o/a trabalhador/a e o produto de seu trabalho. Isso porque, para a autora, há uma dimensão de prazer no *camming*. Jones, ainda, afirma: “Suas histórias [dos modelos] não 156“GangGirl” opera como um estereótipo sexualizado da cultura de gueto/marginal.

podem ser reduzidas a uma falsa consciência — eles se encarregam do produto e do processo de trabalho em vez de serem submetidos a ele; eles procuram restaurar a conexão com sua humanidade, bem como suas conexões com seus pares” (JONES, 2020, p. 102).

4.1 CRIE SUAS METAS, SEJA SUA PRÓPRIA CHEFE

Ser “sua própria chefe” pode tornar-se uma autoimposição desafiadora, sobretudo porque o marco dessa “chefia” é atravessado pelas políticas, regras e tráfegos de usuários gerenciados pelas plataformas. No interior das plataformas de *webcamming* erótico, as estratégias de lucratividade entre as modelos combinam o estabelecimento de metas e horários de trabalho, respectivamente, se referindo a um valor (que pode ser diário, quinzenal ou mensal) e a um tempo de trabalho específico. O estabelecimento dessas estratégias resulta da soma entre os relatos de colegas de trabalho, experiências pessoais e a realidade material em que as modelos se situam. Essa soma é equacionada pela troca de informações sobre “qual o melhor horário” referindo-se ao tráfego elevado e ao perfil de clientes que acompanham cada turno. No grupo do BRG, também era comum encontrar “alertas” das participantes atualizando sobre a movimentação do site, sinalizados a partir de mensagens como “o CP está muito bom *agora*, quem puder entrar, entra.”

No grupo de *Networking*, encontrei o relato de uma modelo que, em razão de ser nova como *camgirl*, afirmava não “ter base” de quantas horas trabalhar por dia. Candy, que atuava como modelo no Câmera Privê e no Imlive, relatou fazer no mínimo 4 horas por dia, acrescentando: “mas recomendo 6 a 8 horas, caso tu queira ter ótimos resultados e crescer real nisso. Inclusive, eu vou começar a cumprir 8 horas. Como um emprego normal. Dá pra fazer muito dinheiro em menos horas? Óbvio! Mas percebo que tem menos altos e baixos e crescimento surreal para quem se dedica de verdade diariamente!”¹⁵⁷ Rosy interpelou: “E tem algum horário melhor? Tipo, eu vejo muita menina que trabalha de madrugada, vocês acham que tem isso? Ou é relativo?” YellowSour afirmou “amar a madrugada”, justificando: tem muita gente carente, com insônia.” Contudo, ela acrescentou que a tarde é melhor que o horário da manhã e da noite. Isso trouxe alívio para Rosy, que afirmou: “que bom que tenho essa opção, sempre tive a visão que só daria certo fazendo de madrugada!” Bruna sustentou: “A maioria das pessoas vai te dizer que madrugada é melhor, mas, a minha resposta é: o

¹⁵⁷Era comum ouvir entre minhas interlocutoras que o estabelecimento de um horário fixo ajudava na visibilidade da modelo e no estabelecimento de clientes regulares. No entanto, presenciei outras abordagens que incentivavam um horário rotativo com a finalidade de alcançar um público diverso, bem como para evitar que os clientes “enjoassem” das modelos. Esta última defesa, no entanto, era menos comum.

melhor horário é o que você consegue cumprir sem sacrificar a sua saúde e a sua família. Pois é nesse horário que você vai ter constância!” YellowSour afirmou “se culpar” por não conseguir de madrugada, trabalhando apenas nos horários da tarde e manhã. Bruna contrasta: “Fiquei de madrugada três vezes. Uma foi boa, duas foram uma merda, mas o pior foi no dia seguinte, sendo uma mãe virada e sem ter ganhado dinheiro o suficiente!” Bruna aconselhou: “É bom fazer madrugada de vez em quando. É bom ficar 12h online de vez em quando. É bom testar tudo! Mas não é você que tem que ficar *online* no ‘melhor horário.’ Você tem que fazer o horário que é bom pra você. E terão dias ótimos e dias péssimos. Eu já tive dia de fazer só 10 reais.” YellowSour preconizou: “Eu sempre mentalizo que vai ser maravilhoso, e se não foi amanhã é um novo dia pra tentar de novo.” YellowSour atribuiu esse pensamento a “uma vibe da líder do grupo”, fazendo menção à positividade de MelSuicide.

Em outro momento, Carla, cogitando a possibilidade de trabalhar no *camming*, indagou sobre a lucratividade do trabalho, ao que Bruna respondeu: “Depende da sua disponibilidade de tempo e paciência. O máximo que fiz lá [Câmera Privê] em 1 mês foi R\$ 3800 e pouco. Mas eu ficava umas 8 horas online segunda, quarta, quinta e sexta. Hoje em dia eu faço uns R\$ 1000, 2000... mas não fico tanto tempo online lá.” Carla, uma mãe de 40 anos, catarinense, branca e “malhada” explicou que trabalhava em um aplicativo que impunha uma linguagem censurada de “palavrões”, exibicionismo somente após 1 minuto de chamada e uma meta semanal, que equivalia ao ganho de 30 dólares. Bruna foi imperativa: “Saia disso! Entre no CP e você mesmo cria suas metas pessoais.” Bárbara, fazendo referência às falas anteriores, afirmou: “Bem isso, tem que fazer que nem trabalho, ter dia e horário certinho. Aí dá grana... se entrar qualquer dia, qualquer hora, não dá certo!” Lary deu o seu relato: “Eu passava a madrugada no CP, dava bom. Tava fazendo cerca de 500,00 por dia. Mas meu corpo e meu psicológico tavam bem fudidos por ficar acordada durante a noite. Agora tô testando novos horários.” Suzi, uma catarinense jovem, branca, de olhos claros e cabelos longos tingidos, sobre sua experiência no Câmera Privê: “Os clientes da manhã, normalmente, querem ver mais shows. Os clientes da madrugada querem mais companhia e bate-papo. 22h/23h/00h/1h são os horários mais concorridos onde tem o maior número de modelos online, eu não gosto desses horários porque tá muito cheio e não tenho paciência de ficar muito tempo esperando.”

As discussões sobre renda e horários também informam atravessamentos familiares, expectativas de mercado e estratégias de profissionalização. No grupo do BGR, o relato de Kika sobre os quatro anos dela no *camming* evidencia um retrato disso:

“Quarto ano como *camming*!!! Neste quarto ano eu larguei totalmente os sites brasileiros, foquei em sites que pagassem em dólar/euro. Rodei muito até achar um site confiável (o que vocês já conhecem) e cá estou. No momento, não estudo, então posso me dedicar 100% ao *camming* para atingir meus objetivos. Sobre a minha atual rotina: eu trabalho no horário que eu quero e sempre faço os afazeres *off-line* quando: 1 - o site não está rendendo. 2 - quando já bati a média semanal. Então, meu tempo livre depende de como o site está, e essa tem sido a fórmula que tem funcionado para mim. Entendo que nem todos tem essa flexibilidade de horário por causa da vida pessoal, filhos/cônjuges, faculdade, etc... mas nem sempre tive todo esse tempo livre e, ainda assim, procurei outras formas para manter meus ganhos. E vamos aos números? No primeiro ano, eu faturava entre 800-1000 reais por mês. No segundo ano, 1800-2500 reais por mês. No terceiro ano, pasmem, apenas com Skype e clientes FIXOS (eu cedía total atenção a eles porque eu dependia deles), 3000-9000 reais. (Diário de campo, 21 de fevereiro de 2021).

Também era possível encontrar inquietações no grupo sobre o movimento dos sites no fim do mês, como no relato de uma modelo sobre o WebCamModels: “Eu ainda não consegui descobrir quais os melhores horários pra ganhar... além da madrugada!” Mariana afirmou: “final do mês é péssimo mesmo!” Elisa a interpelou: “pra mim é um inferno no começo do mês!” Ao que Mariana respondeu: “essa partezinha final do mês/comoço do mês eu quase nem trabalho, porque não rende.” Em outra discussão sobre a movimentação do WCM, Redfetishist afirmou: “é muito relativo, pode estar bom pra mim e não pra você, ou bom pra você e não pra mim”. Exemplificando, disse: “eu sinto o site mais parado nesse último mês, em compensação, tem amiga minha pra quem o site tá ótimo esse mês.” Redfetishist concluiu: “ficar off que não ganha nada!”

No grupo do Networking, Karine relacionava a possibilidade de remuneração financeira do *camming* articulada com o cumprimento de outras funções do trabalho doméstico (não remunerado):¹⁵⁸ “Eu tenho uma bebê, faço faculdade à distância e ainda tenho que cuidar de casa. Eu não posso *trabalhar* agora. Então tipo, não vou deixar de ganhar dinheiro por causa disso! E eu vou continuar nessa [*camming*]. Eu gosto do que faço! E tenho melhorado muito meu conteúdo.” Aqui, a diferença que Karine traz entre “trabalhar” e “ganhar dinheiro” conversa com a literatura feminista, mencionada anteriormente, que vai chamar o trabalho não remunerado de trabalho reprodutivo, acrescentando-se o trabalho sexual (SILVA, BLANCHETTE; 2017, FIRESTONE, 2015; FEDERICI, 2019; RUBIN, 1993). Uma das interlocutoras de Weslei Silva (2014, p. 137) justifica a entrada dela no *camming* exatamente por “não poder sair de casa para ajudar a mãe a cuidar de meu pai”. Para

¹⁵⁸Uso a palavra “outra” entendendo o trabalho sexual, seja na venda de conteúdo ou no *webcamming* erótico, como um trabalho doméstico e (re)produtivo. A diferença entre ambos se estabelece unicamente nas dinâmicas de contratualidade e remuneração (BREGANTIN, 2021).

Jones (2020), a dinâmica de trabalho remoto possibilitada pelo *camming* (e, acrescento, venda de conteúdo pela internet) viabiliza formas mais facilitadas de negociar trabalho remunerado com o trabalho doméstico e as obrigações familiares.

A definição de horários e rotina, apoiadas na retórica da “relatividade” no registro de afirmações como “o que funciona pra mim não funciona pra você”, “não existe receita de bolo”, “depende do seu público ou do público que quer conquistar”, são determinantes para definir estratégias pessoais que, no entanto, vão de encontro às complexidades materiais, físicas, emocionais e psicológicas de cada modelo.¹⁵⁹

4.2 CONVERTENDO FÃS EM CLIENTES

Fora das plataformas de *webcamming* erótico, que funcionam a partir de estruturas de gerenciamento de cobrança, tráfego de clientes e publicidade próprias, a venda avulsa de conteúdos eróticos, chats como “girlfriend experience” e vídeochamadas estendem os regimes de flexibilidade e relatividade na medida em que o esforço com a publicização/divulgação de conteúdo é reduzida a uma prática individual ou microcoletiva, exigindo maior disponibilidade de trabalho gratuito. Sailor Misa, ao abrir a caixinha de perguntas no seu perfil do Instagram, certa vez, recebeu a seguinte indagação: “você acha necessário ter insta e twitter para divulgar os seus serviços?” Ao que respondeu: “Pra ser camgirl? Não, não é obrigatório se você não quer se expor nas redes sociais. Os sites têm divulgação própria interna. Pra trabalhar com Only e Privacy? Sim, é essencial!” Já Bruna, no grupo de *Networking*, diferencia o trabalho de *camming* da venda de conteúdo a partir de sua trajetória: “Eu faço *camming* porque o retorno é imediato e não precisa de divulgação, mas seguindo os ensinamentos da Dirty eu tenho fé que conseguirei aumentar consideravelmente o meu faturamento no Only.” Em outro momento, no mesmo grupo, Bruna defendeu: “Eu, no início, divulgava nos *stories* antes de entrar online no CP... mas o público de *camming* acaba sendo orgânico. Vem dali de dentro da plataforma mesmo!”

No grupo do BGR, certa vez, presenciei uma discussão sobre a diferença entre *camming* e a venda de conteúdo.¹⁶⁰ Mariana ao afirmar “não ter “saco” para o Twitter e o Instagram” relatou: “tentei [vender conteúdo] um mês no Twitter. Os caras vinham, perguntavam o preço e sumiam. Ou uns ‘véios’ falando que queriam ser ‘Sugar Daddy’ mas

¹⁵⁹Como os exemplos de Burnout apresentados no segundo capítulo.

¹⁶⁰Nos sites de *webcamming* erótico como Câmera Privê, Câmera Hot, WebCamModels, Myfreecams, Stripchat e Bongacams são disponibilizadas ferramentas para venda de conteúdos a parte dos shows ao vivo.

não pagavam um puto... Aí, fui pro *camming* e zero arrependimentos.” Perguntei se ela considera que o *camming* exige menos criatividade com os clientes, ao que me responde: “não necessariamente, tem que ter criatividade também pra dar uma mudada! Mas acho algo mais ‘sólido’ do que você precisar ficar se divulgando pra comprarem seu conteúdo.” Mariana, ainda, comentou que, no *camming*, diferente da venda de conteúdo, há a possibilidade de “deslogar e desligar a mente do trabalho.” Redfetishist também entrou na conversa:

O *camming* tem um público “pronto”. Diferente de vender pelas redes sociais, que a gente precisa conquistar o cliente, os sites de *camming* já tem um publico que frequenta o site e que consome no site. Nas redes sociais, a gente tem de tudo e até você conseguir um público (e ser o publico que você quer) leva muito tempo e dedicação! Não que o *camming* não precise de criatividade, precisa, e muito! Porque, se não inovar, você não vai pra frente. Mas acho que já tem um público x e é mais fácil sair do zero. Ano passado, nessa época, eu tava vendendo MUITO no Twitter e eu não tinha 10% dos seguidores que eu tenho hoje. Este ano tá difícil mesmo vender por fora, tenham paciência, e testem as plataformas. Existem milhões de plataformas por aí. [...] Nem toda plataforma é boa pra todas. (Diário de campo, 24 de março de 2021).

No grupo de *Networking*, a diferença entre venda de conteúdo e *webcamming* erótico, essencialmente, configurava-se na imediatividade de ganho financeiro deste último. Não raro, ligado a um maior esforço psicológico e mental. Aqui, era comum que o *camming* figurasse como um “apelo” econômico à dificuldade com a venda de conteúdos. Sobre sua trajetória, NicelyBad relatou: “eu preciso de pelo menos 500 dólares do OnlyFans por mês, senão, não pago minhas contas. Porque o *Privacy* caiu muito e eu evito fazer *live* [*camming*] porque, apesar de ser dinheiro rápido, mexe muito com a minha cabeça.” Em outro momento, Suzi afirma: “Eu não tenho muito saco de ficar *online*. Eu entro, às vezes, pra dar um UP de grana. Queria ser mais paciente, mas minha ansiedade não deixa [...] Só por isso loguei hoje. Pra ter grana amanhã e pagar uma despesa inesperada.”

Exemplos como os citados evidenciam que a interatividade constitui a principal diferença entre o trabalho com o *webcamming* erótico e a venda de conteúdo. Essa diferença também se constitui na imediatividade dos ganhos gerados pelo tráfego orgânico dos sites e a demanda de serviços operada sob a “lógica do instantâneo.”¹⁶¹ Na venda de conteúdos, a ausência de uma estrutura de gerenciamento de trabalho, como nas plataformas de

161 É aqui, sobretudo, que a presentificação corporal – dada pela instantaneidade da telepresença – reforça a “estética do real” e as experiências de intimidade e autenticidade. O site do Câmera Privê, em sua sessão de modelos, sugere mecanismos para desenvolver essa presentificação: “Mova o ângulo da sua webcam! Isso chama automaticamente a atenção dos espectadores e dá a sensação de que algo vai acontecer. Faça isso com frequência para manter a atenção do público.” Aqui, a presentificação, na indústria de webcams, está intrinsecamente relacionada à transmissão visual da imagem de modo que fechar a câmera significa “estar offline”. Sobre o fenômeno de “presentificação” porno-erótica online ver Oliveira (2017) e Senft (2009).

webcamming erótico, implica no autogerenciamento da imagem da modelo, como uma marca a ser comercializada (JONES, 2020), sob uma temporalidade a médio e longo-prazo.¹⁶²

O modelo de autogerenciamento para venda de conteúdo se erguia em torno das estratégias de conversão dos usuários das plataformas abertas (como Twitter, Instagram, Youtube, TikTok) em clientes de plataformas de assinatura paga (OnlyFans, Privacy, Câmera Privê). Na Agência Dirty, o estabelecimento dessa estratégia combinava o gerenciamento de tráfego e o marketing de 2 passos, estruturados sob uma rotina de postagens nas redes sociais. Para isso, MelSuicide criou um canal no Telegram de divulgação de recados da agência, regras para concursos, instruções sobre termos de imagem bem como tabelas com datas e atividades a serem cumpridas, compartilhadas três vezes ao dia pelo *bot*¹⁶³ da empresa. As atividades seguiam os modelos ilustrados abaixo:

162O investimento em marketing pessoal também é comum nas plataformas de *webcamming* erótico, a exemplo da recente adoção de políticas de postagem de *stories*, pela plataforma do Câmera Privê, para o qual as modelos podem postar pequenos vídeos expondo o seu dia a dia. No entanto, o público dessas plataformas de *camming* já encontra-se “filtrado”, uma vez que a relação entre dinheiro e sexo é explicitada nos termos dos sites, não necessitando do esforço publicitário para converter um usuário das redes abertas em um consumidor.

163“Bot”, diminutivo de robot, também conhecido como “web robot”, é uma aplicação de software concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma como faria um robô.

Figura 11 — Instruções compartilhadas por MelSuicide

1 SEMANA DE CONTEÚDO NOS STORIES

FOQUE NO SEU NICHU PARA PRODUIR OS CONTEÚDOS

<p>SEGUNDA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Faça uma sequência de enquetes, entre elas coloque algumas perguntas que seja do seu interesse saber sobre seu público • Abra uma caixinha de perguntas e vá respondendo durante o dia • Mostre um pouco do seu dia a dia com gifs e legendas 	<p>TERÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Faça enquete em forma de meme perguntando como está o humor dos seus fãs • Abra a caixinha de perguntas e vá respondendo durante o dia • Mostre alguma coisa sobre seu trabalho, onde podem encontrar o seu conteúdo pago 	<p>QUARTA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Faça uma sequência de stories falando/ mostrando/ divulgando seu trabalho • Abra uma caixinha de perguntas pedindo sugestões de temas para seus ensaios ou algo relacionado ao seu trabalho
<p>QUINTA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Poste TBT - Poste fotos antigas • Abra uma caixinha de perguntas 	<p>SEXTA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Crie um reels novo e/ou compartilhe os que mais gosta do seu perfil. • Abra a caixa de perguntas, se possível responda por vídeo. 	<p>SÁBADO E DOMINGO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Poste coisas relax que tenham a ver com o final de semana. • Coloque enquetes ou caixa de perguntas pra saber o que seus fãs irão fazer no final de semana. • Use templates prontos como por ex: Eu nunca

Fonte: Agência Dirty, 2022.

4.3 ALGORITMOS E O ENGAJAMENTO PORNO-ERÓTICO DAS REDES

A agência também contava com um grupo, situado no Telegram, destinado para a prática de “drops” como forma de troca de divulgação entre as modelos.¹⁶⁴ Os drops

1640 grupo voltava-se, majoritariamente, para divulgação na plataforma do Onlyfans ou em plataformas abertas, como Twitter e Instagram. No interior do *Networking* havia o compartilhamento de um “dicionário de

contavam com um prazo de até 10 minutos para sua realização, quando abertos por alguma administradora (Mel ou BabyDoll). As modelos tinham 3 minutos para enviar a letra “A” no chat, sinalizando que estavam disponíveis (atentas). Os próximos 3 minutos eram destinados para cada uma enviar sua foto seguida de uma *copy* (texto persuasivo) de até 3 palavras e o arroba indicando a conta da modelo (ex. @brancabramovic) no chat do grupo. Nos minutos restantes, a administradora enviava uma montagem das fotos com uma *copy* central marcando o perfil de cada modelo. Os *drops* seguiam a seguinte estética:¹⁶⁵

Figura 12 — Montagens



Fonte: Agência Dirty, 2022.

Tháís foi uma das amigas, como Carla e Scorpion, que levei do grupo de *Networking*. Por meio da troca de interações via *stories* e chats privados na plataforma do Instagram, trocávamos estratégias de trabalho, desabafos pessoais e críticas diversas. Em resposta às

SW” – elaborado coletivamente - e nele a palavra “drop” aparecia com a seguinte definição: “Divulgação dentro do Onlyfans”.

¹⁶⁵Algumas modelos também participavam de grupos de divulgação do WhatsApp. Esses grupos reúnem administradores e modelos e funcionam da seguinte maneira: as modelos enviam mídias (fotos e vídeos) seguidas da hashtag ou arroba de seu perfil social no grupo, que tem acesso restrito a partir do convite dos administradores, para que estes as divulguem em suas páginas públicas das redes sociais. Embora seja uma forma de divulgação economicamente gratuita para as modelos é necessário que as mesmas obedeçam certas regras: como compartilhamento de mídias regularmente e a não censura de nus. Para estimular esse último exercício, por exemplo, os administradores disponibilizam três dias na semana, nomeados como “QuartadoPopo”, “Tbtetas” e “Bucexta”, direcionados para a exposição de bundas, seios e vulvas, respectivamente. O estabelecimento dessas regras sustentam uma economia da dádiva, no interior de uma troca entre publicidade e erotismo. Seguindo a indicação de Mel, procurei um administrador que me acompanhava curtindo minhas postagens no Instagram. Ele me colocou em dois grupos e orientou-me sobre as regras de uso. A partir daí passei a enviar mídias diárias e a receber uma média de 100 seguidores semanais na plataforma do Instagram, em sua totalidade, masculinos.

minhas lamentações sobre a quantidade ínfima de assinaturas que obtive na minha conta na plataforma do OnlyFans, Thaís reforça:

Faça divulgação no Reddit (...) Uma dica para as postagens é não mostrar seu cu e nem sua pepeka, só posta seu peito, que daí eles vão ficar loucos e assinam pra ver. Ah, você tem peitos pequenos? Se sim, posta nas comunidades ‘R/aa_cups’ e ‘R/tinytits’. Lá é direcionado para meninas só com esse perfil e ajuda com seguidores. O melhor horário para postar nessas comunidades é a 00:00 [em função do melhor tráfego]”

Em uma live no seu perfil do Instagram, MelSuicide concedeu espaço para que a modelo da Agência Dirty, LinaHerrera, contasse sua experiência com o Reddit.¹⁶⁶ Com mais de 14 mil seguidores no Instagram, a modelo e Suicide Girl LinaHerrera se apresenta como “Geek, tatuada e mimada”. Na *live*, ela define sua experiência no Reddit como uma prática “robotizada”. Ela se refere a uma lista de pelo menos 100 comunidades, nas quais posta diariamente, dedicando entre uma e duas horas por dia. Lina salienta a necessidade de ler as regras de cada comunidade e postar de acordo com o que elas exigem. Caso contrário, há risco de punição e exclusão das mesmas.¹⁶⁷ O método de postagem da modelo segue um padrão (uma legenda em comum e fotos diferenciadas) de acordo com a estética/proposta de cada comunidade.¹⁶⁸ Em relação a estas últimas, há possibilidade de entrecruzamentos. Por exemplo, uma foto em que a modelo usa óculos e destaca suas nádegas é possível compartilhar tanto em comunidades direcionadas a “*girls with glasses*” como em comunidades ligadas a “*r/ass.*”

166Criado em junho de 2005 pelos programadores Steve Huffman e Aaron Swart e o empresário Alexis Ohanian o Reddit é um site dividido em várias comunidades chamadas de "subreddits". Cada comunidade constrói suas próprias regras de funcionamento que contam com seus moderadores para garantir seu funcionamento. A maioria das comunidades são abertas aos usuários/as, mesmo os que não possuem conta. No entanto, entre algumas comunidades com grande fluxo de participantes ou vinculadas a conteúdos explícitos, há uma política de regulação de publicações para a qual é necessário o acúmulo de “karma”. Os “karmas” são adquiridos a partir do número de “upvote” (cada upvote equivale a um karma) que um/a usuário/a recebe ao fazer uma publicação ou comentário em outra postagem. O funcionamento do Reddit se deve a uma lógica de colaboração apoiada pelo trabalho gratuito (TERRANOVA, 2000) de seus/uas usuários/as apoiadores/as.

167Uma forma de punição é ter sua postagem excluída e ser banido/a de postar por um tempo definido pelas regras de cada comunidade.

168As legendas do perfil de LinaHerrera marcam tanto uma data comemorativa, como na publicação intitulada “congratulations to me, come celebrate with me” - seguida de uma foto da modelo seminua com um pequeno bolo cobrindo apenas sua genitália, como um imperativo intimista “I choose you” (jorgão do jogo Pokémon) - seguido de uma foto da modelo sentada em um sofá, sob um fundo branco, de pernas abertas e vestindo apenas um biquíni amarelo decotado ou, mesmo, um insinuoso convite “come spend the weekend with me” – seguido de fotos diferentes: ora a modelo se posiciona de frente, de lingerie, com um Vibrador Dildo Pink Sincron inserido em sua calcinha, ora de costas, com as nádegas viradas para a câmera, sem nenhuma peça cobrindo-a abaixo da cintura. Todas as fotos acompanham, no cenário e/ou figurino, acessórios relacionados a personagens de jogos e a uma cultura “geek” como ursinhos, bonecos, livros, cadeira e Allstar.

Nos grupos de divulgação do WhatsApp, era comum ouvir dos administradores, ao receber os conteúdos das modelos, que postariam os mesmos em um horário “com maior engajamento”. Mel também era imperativa sobre saber “gerenciar as contas nas redes sociais”. Nos treinamentos, ela afirmava: “É importante que a gente entenda o algoritmo e não fique refém dele!”¹⁶⁹ Ela garantia que estudava os algoritmos e que fazer 29 enquetes seguidas pode dobrar o número de *views* dos *stories* do Instagram. Ainda, conclui: “não devemos ficar no mais do mesmo, só no arroz com feijão.” Aqui Mel se refere às selfies rotineiras. Para isso sugere: convidar outra modelo para produção de fotos e lives, produzir packs temáticas e ir divulgando ao longo do dia, produzindo um continuum das postagens. Complementa: “a maioria (dos seus fãs) quer se sentir importante, se aproveitem disso, dê atenção a eles”. Para ela a produção de conteúdos deve vir acompanhada de diversão, “se vocês mostrarem que se divertem fazendo isso vocês vão vender mais.”

As distinções entre o *webcamming* erótico e a venda de conteúdo (exigindo, respectivamente, horas online a espera de um cliente e um investimento “a longo prazo” num tipo de “marca comercial”) coloca-nos diante de um *tipo de trabalho* que combina trabalho remunerado e trabalho gratuito. Essa contatação de campo leva-me a perguntar: por que o trabalho sexual, no ambiente digital, torna-se integrado, como afirma MelSuicide, ao “estudo do algoritmo”? Ou, mesmo, que se torne necessário “entender o algoritmo e não ficar refém dele”? É aqui que o gerenciamento dos algoritmos, no interior da indústria do sexo no ambiente digital, inscreve-se como estratégia para a construção das próprias modelos como *produtos* a serem comercializados na medida em que se dispõem a construir, em torno de si, uma “marca comercial”.

Sob o olhar de Negri e Lazzarato (2022) leio esse processo como constitutivo da emergência da “pós-indústria”, isto é, quando a extração de mais-valia se desloca das relações produtivas materiais para atingir a subjetividade do/a trabalhador/a. É aqui que o marco produtivo do “empreendedor de si” (BREGANTIN, 2021) ganha significado no trabalho sexual platformizado, estendendo o mercado à áreas da vida antes não comercializadas, como a criatividade, as relações sociais e a intimidade. Essa extensão, no entanto, só ganha inteligibilidade teórica - e corporal - quando combinada com *formas* de trabalho gratuitas e imateriais (TERRANOVA, 2000).

¹⁶⁹Mel se refere, mais especificamente, às práticas de gestão do tráfico das plataformas para conseguir maior engajamento e, conseqüentemente, mais chances de vendas.

4.4 PROSUMER PORNÔ: O TRABALHO GRATUITO E AS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO NA WEB 2.0

SailorMisa, ao responder ao/a seu seguidor/a, que a principal diferença entre o *webcamming* erótico e a venda de conteúdo está na necessidade, nesse último caso, em “ter Twitter e Instagram”, localiza o imperativo que certa vez de Mel explicou baseando-se em porcentagens: “80/20”, ou seja, de acordo com ela, apenas 20% do trabalho gera lucro de fato. Em minha interpretação da fala de Mel, os outros 80% de tempo de trabalho poderiam ser enquadrados no que a teórica italiana Tiziana Terranova (2000) chama de “trabalho gratuito”.¹⁷⁰

Terranova caracteriza esse *tipo* de trabalho como marco produtivo e cultural da economia no ambiente digital, definindo-o como algo que é "dado voluntariamente" e envolve a criação de valor monetário a partir do conhecimento/afeto social. A autora se dedica a estudar as transformações que a Web 2.0¹⁷¹ trouxe para a natureza do trabalho ao articular conceitos como “*General Intellect*”¹⁷² nas discussões de trabalho imaterial do operário italiano.¹⁷³ Para Terranova, a criação de uma coletividade produtiva e comunicativa da Sociedade em Rede (CASTELLS, 2005) constitui a principal matéria-prima da qual as empresas-plataforma (SLEE, 2019) obtêm suas receitas publicitárias. Terranova (2000, p. 33-34) argumenta: “Far from being an ‘unreal,’ empty space, the Internet is animated by cultural and technical labor through and through, a continuous production of value that is completely immanent to the flows of the network society at large.”

Abigail De Kosnik (2012) discute como o trabalho dos fãs nos ambientes digitais constitui uma forma de “trabalho gratuito”. Para Kosnik, as horas acumuladas de acesso aos sites (gerando publicidade), escrevendo mensagens, participando de conversas e, por vezes, como colaboradores diretos (ou moderadores) na construção de regras e códigos de

170Para Deusa da WEB”, interlocutora de Silva (2014, p. 54), era preciso se “apresentar gratuitamente às vezes, senão nunca vai ter clientes”, contrabalanceando, “é mais no começo que precisa”. Aqui, o trabalho gratuito opera como facilitador da criação de uma “marca” no mercado do sexo digital (JONES, 2020).

171Enquanto o modelo da Web 1.0 dependia da construção de sites (como as páginas pessoais e os diários online da década de 1990) do zero, a Web 2.0 inaugura a “internet como plataforma” possibilitando aos usuários/as o uso de modelos personalizáveis e aplicativos de mídia social (Instagram, YouTube, Facebook, Twitter, etc.) ao publicar suas imagens, vídeos, textos e música. Esse novo modelo, no entanto, submete a sociabilidade no digital a uma estrutura de propriedade e apropriação lucrativa das plataformas (PAASONEN, 2010; SLEE, 2019; COULDRY, MEJIAS, 2019; TERRANOVA, 2000; PARREIRAS, 2015; KOLOGLUGYL, 2015).

172Conceito empregado por Karl Marx para definir o trabalho que produz um bem imaterial, como um serviço, um produto cultural ou conhecimento. Alguns teóricos como Michael Hardt e Antonio Negri (2001) e Maurizio Lazzarato (2022) e Paolo Virno (2004) vão pensar o conceito como paradigma da produção pós-industrial, definindo-o como um trabalho cooperativo, constituído em redes e fluxos informacionais.

173Movimento marxista heterodoxo e antiautoritário emergido na Itália do final dos anos 1950. Seus expoentes estão na literatura e ativismo político de Antonio Negri e Maurizio Lazzarato.

participação, situa os/as usuários/as das redes sociais em um regime de *auto-exploração* do trabalho criativo.¹⁷⁴ Já Jenna Drenten, Lauren Gurrieri e Meagan Tyler (2020) vão explorar as performances sexuais do trabalho digital ao analisar o conteúdo visual e textual produzido por 172 mulheres influencers na plataforma do Instagram. Os autores valem-se do conceito de *prosumer* para pensar a facilitação das tecnologias digitais na ascensão dos consumidores como trabalhadores e na expansão das práticas de consumo. Para os autores o *prosumer* é intrínseco ao desenvolvimento das plataformas da Web 2.0, a partir da explosão do conteúdo gerado pelo usuário online, em que os consumidores dessas plataformas estão ativamente envolvidos no processo de produção de conteúdo que, no entanto, é cooptado pelo valor social, cultural e econômico que gera. É aqui, sobretudo, que o modelo de “prossumidor” serve para perpetuar as relações de poder existentes no capitalismo, particularmente em relação à exploração dos “prossumidores” sobre o trabalho gratuito que eles realizam.¹⁷⁵

Os autores acima defendem, ainda, que a sexualização das influencers digitais no Instagram funciona como um mecanismo de captação da atenção no interior de uma economia em que “a capacidade de monetizar o trabalho do prossumidor depende da quantidade de atenção produzida” (DAVENPORT, BECK, 2001; GOLDHABER, 1997). Essa economia vincula-se, sobretudo, à emergência da “desdiferenciação” entre os espaços de consumo/comercialização e a produção de “visibilidade pública do eu privado” (SIBILIA, 2015) sob expectativas porno-eróticas ligadas às experiências de intimidade, autenticidade e realismo na celebração de micro-celebridades online (JIMROGLOU, 1999; WHITE, 2003; BZURA, 2007; SENTF, 2008). Aqui se localizam algumas das estratégias defendidas por MelSuicide, isto é, a espetacularização de um evento prosaico (“o creme que passa nos pés pela manhã”), o trabalho gratuito que os fãs realizam tal como as trocas de *likes* (práticas de “dar amor”) nos grupos de Telegram e WhatsApp, o engajamento com o algoritmo viabilizado pela “constância e visibilidade nas redes” e o investimento em “sensualidade” como mecanismo para “converter usuários/seguidores em clientes”. Transformar o trabalho “gratuito” das modelos em monetização dos dados nas redes (COUDRY, MEJIAS, 2019) e o dos fãs em consumo pago, no limite, borra as fronteiras entre produtores e consumidores, do

174Bregantin (2021) defende que o *camming* opera sob um regime de *servidão voluntária*.

175Carolina Parreiras (2015) critica o otimismo em torno da quebra do estatuto de propriedade das empresa-plataforma com a emergência produtiva do “prosumer”: “grandes corporações continuaram a ser detentoras da maior parte dos recursos da web 2.0. Os usuários passam a ter a possibilidade de produzir – e são constantemente incitados a isso –, mas os lucros reais ou potenciais acabam ficando majoritariamente para as grandes corporações” (PARREIRAS, 2015, p. 25).

acontecimento público e privado, e do espaço da fábrica e da casa (NEGRI, HARDT, 2000).¹⁷⁶

Em sua tentativa de localizar o pensamento de Karl Marx no interior da economia digital, Serhat Kologlugyl (2015), na esteira de Terranova, recupera as discussões sobre o “*General Intellect*” e trabalho imaterial para pensar a estrutura político-econômica das plataformas digitais com o advento das redes PER-TO-PER¹⁷⁷ e da Web 2.0. Kologlugyl questiona as interpretações marxistas que consideram a organização produtiva das plataformas como uma *mera* expressão da estrutura de propriedade e acumulação primitiva do capital. Em crítica a essa literatura, o autor refere-se a três princípios que estruturam o funcionamento das plataformas digitais, são estes: o desenvolvimento do comércio eletrônico e e-finance (expandindo o alcance do sistema de mercado digital); a impossibilidade de controle produtivo exclusivo com o aparecimento dos *softwares* de “código aberto” (deslocando o conhecimento tecnológico reificado em capital fixo de maquinaria para uma “inteligência coletiva” dos indivíduos); e a incorporação do trabalho improdutivo - isto é, que não produz mais-valia, no interior de uma “coletividade geral produtiva” (NEGRI, LAZZARATO, 2022, VIRNO, 2004).

Ulises Mejias e Nick Couldry (2019) vão pensar como se constitui a mão de obra produtiva no interior das empresas-plataformas (SLEE, 2019). Os autores lembram a romancista irlandesa Sally Rooney, que descreveu o monitoramento de sua desidratação crônica pelo aplicativo Water Minder como uma incorporação das “funções essenciais do seu corpo por um software”.¹⁷⁸ À essa abertura mercadológica, os autores chamam “colonialismo de dados”¹⁷⁹, ou seja, “uma ordem emergente de apropriação da vida humana para que dela possam ser continuamente extraídos dados com fins lucrativos” (MEJIAS, COULDRY, 2019,

176Defendem Denten, Gurrieri e Tyler: “Dentro dessa ‘economia da atenção’, a atenção é um recurso escasso e valioso que funciona como uma forma de capital que, uma vez medido, pode ser comercializado e financiado. Uma consequência disso foi a explosão do ‘comércio de influenciadores’ – com prossumidores trabalhando para gerar conteúdo digital e ganhar a atenção de um ‘seguidor’ nas mídias sociais por meio de representações de suas vidas cotidianas nas quais as commodities desempenham um papel vital. [...] O marketing de influenciadores nas mídias sociais é agora uma indústria multibilionária, que deve ser avaliada entre US\$ 5 e 10 bilhões até 2020.” (DENTEN, GURRIERI, TYLER; 2020, p. 2)

177Peer-to-peer ou P2P é uma arquitetura de redes de computadores onde cada um dos pontos ou nós da rede funciona tanto como cliente quanto como servidor, permitindo compartilhamentos de serviços e dados sem a necessidade de um servidor central.

178WaterMinder é um aplicativo que rastreia a ingestão diária de água, ao mesmo tempo que lembra seus/uas usuários/as de beber água, com base em metas predefinidas. Foi lançado pela primeira vez em 2013 e está disponível na Apple App Store para iPhones e na Google Play Store para dispositivos Android.

179Os autores, ainda, marcam a emergência desse novo paradigma produtivo, que chamam de “colonialismo de dados”, a partir do aumento do setor de “quantificação social”. Este setor inclui atualmente os fabricantes dos dispositivos digitais que surgem no processo de acumulação de dados dos/as consumidores/as pelos profissionais de marketing, como dados de cartão de crédito, iniciados ainda na década de 1980.

p. 14). Enquanto o “colonialismo histórico” se organizava sob a produção de sujeitos e territórios expropriados territorial, material e ideologicamente o “colonialismo de dados” opera a partir da vigilância intermitente (ZUBOFF, 2018) e da conversão de um tipo de “trabalho gratuito” (TERRANOVA, 2000), no interior das políticas de extração e venda de dados, em lucro privado.¹⁸⁰

No início deste capítulo o *webcamming* erótico aparece, por vezes, como uma alternativa para “livrar” as modelos de relações de trabalho, família e relacionamento abusivas, além de garantir às mesmas certo aproveitamento da possibilidade do trabalho remoto, da experimentação sexual e das rotinas flexíveis, como atestam algumas falas das minhas interlocutoras: “estou segura na minha casa e escuto historias incríveis todos os dias”, “me arrependo de não ter feito antes, no primeiro dia eu vi que em 1 hora online eu ganhava o valor de um dia todo de trabalho CLT” e “comecei a viver mais minha sexualidade.” No entanto, as análises que consideram o *webcamming* erótico somente a partir de uma agência sexual de práticas dissidentes também são limitadas. As negociações em torno da definição de “ser sua própria chefe” e as articulações com o estabelecimento de horários e a gestão algorítmica das empresas-plataforma com finalidade de atingir um “público” ou “marca comercial” evidenciam esses limites ao mesmo tempo em que anunciam a emergência de um novo paradigma mercadológico, industrial e porno-erótico. No entanto, a incursão etnográfica também revela que as trabalhadoras estudadas não são apenas “refêns” dessa indústria, isto é, do “colonialismo de dados” (MEJIAS, COULDRY, 2019), da “uberização do trabalho” (BREGANTIN, 2021) ou da precarização sistematizada do trabalho (BIFO, 2003; TERRANOVA, 2000), mas que também produzem táticas de enfrentamento e agenciamento sobre essa nova organização de poder investida do monopólio das regras e práticas de produção/consumo, lucro, sexo e tecnologia nas plataformas.

No próximo capítulo discutiremos como se organizam a definição dos preços e articulam as práticas sexuais dissidentes no interior das disputas de poder, dinheiro e sexualidade entre as modelos e as políticas de “gentrificação digital” envolvendo as regras de uso dos sites e o monopólio lucrativo das empresas-plataforma, bem como essas políticas influenciam nas estratégias de gerenciamento algorítmico nas redes do sexo no digital.

180Segundo Couldry e Mejias (2019, p. 12): “If historical colonialism annexed territories, their resources, and the bodies that worked on them, data colonialism’s power grab is both simpler and deeper: the capture and control of human life itself through appropriating the data that can be extracted from it for profit. If that is right, then just as historical colonialism created the fuel for industrial capitalism’s eventual rise, so too is data colonialism paving the way for a capitalism based on the exploitation of data. Human life is quite literally being annexed to capital.”

5 “É MORALISMO”: AS PLATAFORMAS, O *SHADOWBAN* E AS PRÁTICAS SEXUAIS DISSIDENTES

A realização de concursos entre as modelos da Dirty era um recurso defendido por Mel para trazer engajamento aos perfis públicos nas redes sociais das “DirtyGirls”.¹⁸¹ Os concursos eram realizados pela plataforma do Instagram e os prêmios eram, por exemplo: ser capa das páginas da Dirty por um mês, aparecer no *feed* da agência no Instagram e um *post* fixado na página da Dirty no Twitter.¹⁸² No dia 18 de setembro de 2021, faltando 4 dias para o início da “estação das flores”, inscrevi-me no concurso de primavera da Agência Dirty. Uma semana depois, no entanto, precisei refazer o meu ensaio para o concurso, porque o anterior havia sido recusado, segundo Mel Suicide, por excesso de exposição de nudez.

Figura 13 — Fotos para o concurso de primavera da Agência Dirty



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Emy, uma das modelos da agência, em resposta a minha frustração com o ensaio negado, passou-me as regras do Instagram pelo grupo de *Networking*:

¹⁸¹Comumente nomeadas as modelos da agência.

¹⁸²Os concursos organizavam-se em modalidades temáticas à cada época comemorativa do ano, como natal e páscoa, assim como das estações do ano, elegendo a sua “musa” de inverno, primavera ou verão. Os concursos seguiam tal ordenamento: as modelos enviam uma quantidade específica de fotos (e vídeos) para o chat privado da MelSuicide no Telegram e haverá um sorteio para as duplas de modelos concorrentes (que não é publicizado entre as modelos). A votação era aberta pelos *stories* da página do Instagram da Dirty. O único concurso que conferiu valor monetário ao prêmio foi o de Halloween. A quantia era de R\$ 500,00 e o resultado final contou com certo desentendimento de uma das modelos finalistas que acusou parcialidade dos jurados em relação a modelo concorrente. Outras modelos do grupo acusaram a gratificação financeira como motivação para o conflito.

Nudez implícita não pode. 2) Nudez coberta não pode, nem transparência (*sticker* cobrindo nudez então, nem pensar). 3) Não postar escrever a palavra OnlyFans, falar ou colocar o link no arrasta pra cima. 4) Não pode sangue, armas, drogas. 5) Se você colocar seu perfil pra +18 isso não te permite postar nenhuma das anteriores (e ele some da busca e do feed de todo mundo). 6) Não pode fotos que cortem a cabeça. 7) Não pode fotos que foquem só na bunda/virilha, mesmo com roupa. 8) Não pode sensualizar. 9) Não pode nada que não seja apropriado para todos os públicos. “Ah, mas perfil grande postal!” Sim, eles postam e não cai porque eles têm agência e advogados influentes, nós somos reles mortais que temos que seguir as regras. 10) Não pode tirar a roupa (foto tipo puxando sutiã, calcinha, puxando a blusa). 11) Não pode passar a mão no corpo. (Diário de campo, 17 de setembro de 2021).

Mel Suicide realizava análises mensais no perfil do Instagram das modelos da agência. Ao analisar o perfil de uma modelo colombiana, Mel avaliou o link da *bio* dela e sugeriu que a mesma seguisse uma linha de “GangGirl”, o que poderia viabilizar parcerias com lojas de artigos para fumo e criar uma identificação mais específica com o seu público. Ao analisar suas fotos mais curtidas, insistia: “você deve investir nas fotos estilo carrossel, são as que geram mais interação e o algoritmo entende que a pessoa passou mais tempo no seu perfil”. Mel também sugeriu que a modelo deveria “investir em sensualidade”. Foi nesse momento que outra modelo interpelou, contrariada: “se eu tenho que tomar cuidado com as políticas contra nudez como posso ser sensual?” Mel distingue: “você pode postar fotos de lingerie, mas não em ‘poses provocativas’, como de pernas abertas, que foquem apenas em uma parte (sexual) do corpo, como virilha e bumbum.”

No grupo de Networking, discussões envolvendo a gestão das políticas de censura das plataformas eram comuns e exemplificavam-se nas práticas de compartilhamento de fotos entre as modelos, antes de publicizá-las nas redes (sobretudo Instagram), solicitando a opinião sobre a possibilidade de “perigo” em perder a conta. Dessas opiniões, emergiam dicas, como colocar a foto em preto e branco, utilizar tarjas discretas, legendas pouco sugestivas e evitar o toque corporal em “regiões sexualizadas”. Em relação a essas dúvidas, Mel defendia: “Mesmo que não apareça nada, mesmo cobrindo com a mão, mesmo colocando tarjas, é considerado nudez. O Instagram não é uma rede para venda de foto +18. Se a conta não cai, entra em *shadowban*.¹⁸³ O que é pior porque o Instagram literalmente esconde nossas postagens.” Mel sugeria criar uma “conta backup” para publicação de fotos “mais ousadas”, preservando, assim, a conta principal. Lara, em resposta à Mel, refletiu: “Nudes eu não posto, mas as vezes

¹⁸³ Termo bastante articulado entre minhas interlocutoras, principalmente no grupo de Networking. Se refere a um mecanismo de censura aos perfis que, regularmente, desobedecem às políticas de uso das plataformas. O mecanismo age ocultando o nome do perfil das ferramentas de buscas, diminuindo a capacidade de alcance do mesmo e restringindo-o em abrir parcerias publicitárias ou, até mesmo, a usar o recurso de lives. Durante a presente pesquisa, ao tentar apresentar uma live sobre trabalho sexual no digital com um colega de mestrado fui surpreendida pelo aviso de que a minha conta estava limitada para o uso daquele recurso.

me empolgo nas legendas meio NSFW, realmente tenho que parar com as legendas sugestivas. Já perdi uma conta com 12.000 seguidores um pouco antes de entrar na Dirty, e sem postar nudez!”¹⁸⁴

Em outro momento, Lara relatou: “Problema todo do Instagram é o constante movimento que eu não consigo acompanhar com o meu ritmo de trabalho. Eu tô focando no Reddit mesmo. No Reddit perdi duas contas assim que criei, porque não pode associar a palavra *teacher* com putaria e eu não sabia.” O Reddit, como exemplificado no capítulo anterior por Thais e LinaHerrera, constitui um espaço com políticas de exposição de conteúdos sexualmente explícitos mais flexíveis, além de um público majoritariamente “gringo”, traduzindo-se numa plataforma de maior sucesso na conversão de seguidores em assinantes do OnlyFans.¹⁸⁵

O Twitter também aparecia como um recurso para divulgação das modelos ao favorecer políticas mais flexíveis sobre conteúdo sexualmente explícito. Essas políticas, no entanto, eram suscetíveis a controvérsias. Certa feita, Liviane ao comentar sobre a abertura do Twitter para divulgação de conteúdo sexualmente explícito, lamentou: “O Twitter, apesar de não banir tão fácil, deixa o engajamento na lama com explícito e dependendo até [se mostrar] peitinho.” Cristina, sobre seu perfil na plataforma, relatou: “Fui pesquisar se estava com algum tipo de *shadowban* no Twitter, meu engajamento caiu muito.” Suzi, em outro momento, adverte: “Meninas só tomem cuidado com as palavras que vocês usam mesmo no Direct. Só de eu escrever a palavra ONLYFANS meu Engajamento caiu 80% por 24h. Não usem *conteúdo*, *Onlyfans* e essas coisas, tudo tem que ser em código ou abreviação. Não usem filtro pelada pra postar em outro lugar também porque eles veem. TUDO eles [Instagram] veem.” Em outro momento, Liviane comentou sobre o banimento da foto de capa de Bruna: “Nem biquíni eles aceitam. Se tiver uma única denúncia, já era!” Bruna relatou,

184Durante todo o período dessa pesquisa acompanhei um contingente significativo de modelos que criaram contas backup ao apresentarem notificações da plataforma do Instagram sobre o descumprimento das políticas de conteúdo explícito, eu mesma, sendo uma delas. Algumas, no entanto, “sumiram” da minha Timeline, fenômeno que relaciono ao banimento dos seus perfis pela plataforma do Instagram.,

185Uso o termo “Gringos” para me referir ao público localizado geograficamente fora do Brasil, incluindo brasileiros. Esse público constitui um alvo para divulgação do OnlyFans, uma vez que a plataforma necessita do cadastro de um cartão internacional e pagamento em dólar. Entre minhas interlocutoras, no entanto, articulavam-se estratégias para conversão do público brasileiro em assinantes da plataforma, como é o caso do pagamento por PIX via liberação de link “free trial”. Esse link é um recurso do OnlyFans para o qual as modelos geram um acesso “gratuito” a um usuário, isto é, sem que este tenha a necessidade de se submeter às políticas de pagamento da plataforma. Esse link inclui um tempo/data limite e quantidade de acessos definidos pela modelo. Para realizar esse *tipo* de assinatura, as modelos disponibilizam um link válido pelo período de um mês *após* o recebimento do pagamento via PIX.

ainda, que o banimento foi instantâneo e Liviane concluiu: “Então nem foi denúncia, *eles reconheceram sozinhos!*”

Outra plataforma utilizada para divulgação entre as modelos era o TikTok¹⁸⁶ que, no entanto, possui medidas mais restritivas em relação aos conteúdos sexualmente explícitos. Uma modelo do grupo de Networking comentou sobre a plataforma: “Tiktok é a rede do momento presente, não é à toa que o tio Mark¹⁸⁷ tá bem louco tentando fazer de tudo pra atualizar o Instagram o mais parecido possível... No Tiktok, você encontra pessoas totalmente fora do padrão! O Insta limita a sociedade, é um show de aparência... deem uma olhada nas *lives* no Tiktok que vocês vão entender o que tô querendo dizer.” Em outro momento, Suzi advertiu: “Meninas, só cuidado com *live* no Tiktok que nem decote pode usar nas *lives* que já é banida, lá é mais chato que o Insta pra fazer *live!*” Ao que Daiane acrescenta: “Verdade. Não pode nem beber, fumar, tem que ser bem evangélica!”

Experiências de gestão de tráfego e publicidade das plataformas também eram trocadas nos grupos de divulgação do WhatsApp. Após ter uma publicação censurada no Instagram, recorri aos dois grupos de divulgação de modelos aos quais fazia parte e perguntei se alguém divulgava “promoções”. Recebi respostas em tom de escárnio: “Me pagando, vale até a pena perder a conta!” Quarentena era um dos divulgadores que costumava me auxiliar nos embates dentro dos grupos e, dessa vez, não foi diferente. Ele me chamou no chat privado e perguntou se poderia ajudar. Apresento-o a publicação censurada:

Figura 14 — Publicação censurada no Instagram

186O TikTok é um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos de curta duração. Foi criado em 2016 pela empresa de tecnologia chinesa ByteDance e, no momento desta pesquisa, ultrapassa em acessos a empresa gigante de tecnologia Google. A saber: <<https://olhardigital.com.br/2021/12/22/internet-e-redes-sociais/tiktok-deixa-google-para-tras-e-se-torna-o-site-mais-acessado-de-2021/>> acessado em 16 de outubro de 2022.

187Referência, em tom irônico, ao fundador do Facebook (atual Meta), Mark Zuckerberg.



Fonte: Instagram pessoal, 2021.

Quarentena me respondeu: “Esse post tá uma bomba-relógio pra perder o perfil, amore! Se for um perfil principal, não posta assim não. Só se for um Instagram suicida, já preparado pra cair mais cedo ou mais tarde!” Pergunto o que exatamente está errado, ao que ele retruca: “Tem um bocado de coisa nesse texto que é uma bomba-relógio, por exemplo, a palavra ‘pack’, ‘vendo’, ‘explícito’, ‘gozando’, o valor ali de ‘29,90’, tudo isso ai se o algoritmo do Instagram identificar, ele pode derrubar ou a postagem ou o perfil!” Em seguida, ele me sugeriu:

Uma dica seria você criar um canal no Telegram, aí você redirecionaria esse texto no Instagram dizendo que está com conteúdo novo e “super exclusivo!” Aí os caras vão ficar curiosos e vão olhar o seu canal no Telegram. Quando eles olharem seu canal, lá vão encontrar seu conteúdo direitinho, com o valor e qualquer palavra que você quiser usar. Você tem que usar o seu perfil no Instagram como um local de redirecionamento para onde você vai fazer a propaganda.

Quarentena, ainda, me fornece instruções para realizar uma nova postagem para que ele possa me divulgar na sua página do Instagram, intitulada “TopdasTop10”.

Figura 15 — Publicação para página TopdasTop10



Fonte: Instagram pessoal, 2021.

Em suas políticas de uso, o Instagram justifica a proibição de “nudez” em respeito à comunidade, e em defesa de “um lugar autêntico e seguro”:

Nós queremos que o Instagram continue a ser um lugar autêntico e seguro para inspiração e expressão. Ajude-nos a promover essa comunidade. Publique apenas as suas fotos e os seus vídeos, fazendo isso sempre de acordo com a lei. Respeite todos no Instagram, não envie spam nem publique nudez. Publique fotos e vídeos apropriados para um público variado. Sabemos que há momentos em que as pessoas podem desejar publicar imagens de nudez de natureza artística ou criativa, mas, por vários motivos, não permitimos nudez no Instagram. Isso inclui fotos, vídeos e alguns conteúdos criados digitalmente que mostram relações sexuais, genitais e imagens próximas de nádegas totalmente expostas. Algumas fotos de mamilos femininos também são proibidas, mas não fotos no contexto de amamentação, momentos do parto e pós-parto, situações relacionadas à saúde. A nudez em imagens de pinturas e esculturas também é permitida.

Já a plataforma do Twitter permite a nudez, desde que seja marcada como “conteúdo sensível”:¹⁸⁸

Pornografia e outras formas de conteúdo adulto produzido consensualmente são permitidas no Twitter, desde que essas mídias sejam marcadas como sensíveis. Desse modo, as pessoas que não querem ver esse tipo de conteúdo podem receber um aviso e indicar sua aceitação antes de visualizar a mídia. Para marcar sua mídia como sensível, acesse suas configurações de segurança e selecione a opção 'marcar as mídias' que você tweetar como material que pode ser sensível. Se você não marcar sua mídia como sensível e o conteúdo for denunciado, poderemos fazer isso manualmente.

¹⁸⁸Junto ao “conteúdo adulto” considera-se conteúdo sensível violência explícita e qualquer forma de mídia que retrate morte, procedimentos médicos ou ferimentos físicos graves em detalhes gráficos.

O Tiktok, por sua vez, aplica proibição à nudez da mesma forma que às práticas de “intimidar e assediar outra pessoa”:

O acesso aos Serviços e a sua utilização pelo Utilizador estão sujeitos aos presentes Termos e a todas as leis e regulamentos aplicáveis. O Utilizador não pode: intimidar ou assediar outra pessoa, ou promover materiais sexualmente explícitos, carregar, transmitir, distribuir, armazenar, ou, de outro modo, disponibilizar, por qualquer meio: materiais que difamem qualquer pessoa ou que sejam obscenos, ofensivos, pornográficos, incitadores ao ódio ou inflamatórios.

A ausência de uma estrutura de gerenciamento de trabalho, como nas plataformas de *webcamming* erótico, implica não só o reforço do autogerenciamento da imagem da modelo na definição de horários e rotinas de trabalho (gratuito), mas também na “autocensura” e no estabelecimento de preços a serem cobrados. Alguns critérios mobilizados para definição dos preços são atividades sexuais “dissidentes”, isto é, fetiches.¹⁸⁹ No interior do grupo do BGR, certa vez, presenciei a seguinte dúvida: “Meninas, quanto vocês cobriam por dois vídeos bem específicos? De mais ou menos 1 minuto cada, só que não é nada sexual.” Ao que respondi: “Depende do que seria esse específico. Te exige alguma degradação física ou psicológica?” A modelo negou e afirmou que se tratava apenas de esfregar balões na barriga. Àgatha retrucou: “isso é fetiche! Pode cobrar caro...” Os valores variavam entre R\$ 100 e R\$ 200 por 2 minutos de vídeo. Em outro momento, no mesmo grupo, Alice perguntou: “Meninas, alguma de vocês fazem personalizados de *gape*? Quanto vocês cobram?”¹⁹⁰ Laura afirmou não saber sobre o que se tratava e Olívia ponderou:

Você faz sexo anal com facilidade e já faz *gape* de boa? Acho que é um bom começo pra saber se tu deve pensar bem mais no preço porque vai envolver teu esforço pra isso... haha! Anal é meu carro chefe, eu já treinava anal 3 a 4 vezes na semana, então aproveitava pra gravar. Eu cobrava 6 reais por minuto de vídeo. O *gape* é associado a uma prática sexual “bizarra” e, portanto, carrega o status de um fetiche “menos leve.”

Olívia é uma mulher de 34 anos, branca, bissexual e gorda. Ela se define como fetichista, praticante BDSM e de anal extremo. Após a pergunta de uma modelo no grupo aludindo ao *fisting* e a venda de conteúdo relacionado à prática ser atravessada por respostas como: “tenho procura, porém sempre recuso. Não suporto nem dedo desses caras nojentos! Sempre acho que eles brincaram na terra e podem tá com a mão suja,” ou, “eu não suporto, e

¹⁸⁹Machado (2021) defende que o sexo no ambiente digital facilita a procura por práticas fetichistas uma vez que o distanciamento físico ameniza os efeitos de um possível julgamento.

¹⁹⁰Se refere a prática de exposição das paredes do ânus permanentemente abertas.

ultimamente só aparece escravo assim!” Olívia sugeriu: “Várias plataformas não permitem conteúdos de *fisting*. Acho que permitido mesmo, só Pornhub! Dá pra tentar anunciar no Twitter e vender direto também. Aliás, quando eu perdi a conta no Twitter, foi por usar o termo anal extremo e mordança no anúncio de um vídeo.” Acrescentou, ainda: “O *fistee* mais conhecido do mundo não consegue mais nem fazer conta no Twitter. Ele desistiu. Ele vende pelo site dele, fez o próprio domínio e vende lá. Claro que ele é famoso e as pessoas vão atrás do conteúdo dele, procuram ele, o que não é fácil assim pra todo mundo!” Resolvi provocar Olívia, sugerindo a ideia da produção de uma plataforma própria direcionada para o conteúdo fetichista. Ela ponderou: “A grande questão a resolver são os meios de pagamento. Eu tenho uma amiga *BDSMer* e consultora financeira. Daria pra dar uma investigada com ela se ela pensa em alguma solução.” Em outro momento, no mesmo grupo, levei uma experiência pessoal, de atendimento a um cliente no Câmera Privê, que tinha fetiche em *rapeplay*¹⁹¹, descrevi o mesmo como: “o primeiro atendimento em que gozei” Esse relato me aproximava das últimas discussões do grupo, que incluíam trocas de informações sobre o fetiche em meio a práticas recentes de uma das participantes. A abertura para discussão das práticas levantadas por mim e Olívia levaram Gabriela à “ideia de um negócio revolucionário”, referindo-se a uma plataforma online “igual ao Câmera Privê, mas só para fetiches assim”. Olívia retomou a questão do empecilho do pagamento, ao que Gabriela insistiu:

Eu falei disso com a minha psicóloga sabe? Por favor não me levem a mal, mas muitos tem desejos que se expostos a sociedade seriam claramente incriminados. Quando eles conversam com a gente sobre isso, se sentem confortáveis, logo não são vistos como monstros. Era por isso que eu era muito bem paga pelos meus clientes. Acho que se houvesse um ambiente pra isso, haveria sim muito público. E sobre o pagamento, criptomoedas. [...] Uma vez eu estava em um fórum no Reddit e eles estavam procurando um site que só vendiam vídeos de atrizes (ou não) de *Rapeplay* e eles falavam em pagar mais de R\$150 por vídeo, não tinha nem 30 segundos cada vídeo. (Diário de campo, 10 de maio de 2021).

Angel, num entusiasmo refreado, afirmou: “seria massa, mas acho difícil! Tem uns fetiches que nem são tão tabu assim, tipo, Ageplay...que sairia bastante.” Gabriela complementa: “Até porque seríamos as pioneiras. Pelo que eu saiba não existe isso no mercado ainda.” Angel sugeriu: “podia rolar *camming* normal também. Eu acho que seria massa pensar em priorizar corpos fora do padrão e pagar melhor as modelos. Só 50 % é de fuder!”

191 Trata-se de um fetiche em que os sujeitos envolvidos negociam, consensualmente, a simulação de práticas sexuais não consensuais, como o estupro.

5.1 FETICHE É ARTIGO DE LUXO

Embora práticas sexuais dissidentes permaneçam sob a vigilância (e punição) das políticas de uso das plataformas estratégias para a sua realização, não raro, são encontradas. Observando outras salas de modelos em chat grátis no site do Câmera Privê, presenciei a abordagem de um cliente a uma modelo perguntando se a mesma gostava de praticar *golden shower*.¹⁹² Com letras grafadas em caixa alta, ela respondeu: “VOCÊ SABE QUE O QUE ESTÁ PEDINDO É PROIBIDO NO SITE, ME CHAMA NO PRIVADO E CONVERSAMOS.” A transmissão se interrompe para mim com a mensagem de que é necessário ter créditos para acompanhar o chat, agora, em modalidade paga.

A socióloga brasileira Mariana Rost (2016) articula um debate sobre a pornografia *live streaming*, situada na plataforma CAM4, e a promoção dos artefatos tecnológicos (webcams, internet, *sex toys*) para mobilizar novas relações entre dinheiro, sexo, prazer e gênero. Rost vê nas práticas sexuais “bizarras” de duas modelos na sessão de “destaques” do CAM4 a materialização de um locus sexual subversivo, impulsionado pelas novas dinâmicas do *possumer*. Os shows de *prolapse*, *gape* e *fisting*, transmitidos pelas modelos estudadas, reconstruíram, para Rost, uma estética do grotesco que solapa as hierarquias sexuais normativas ao confundir as zonas de prazer e abjeção ou, mesmo, por desidentificarem os órgãos ditos sexuais de sua organização cisheteronormativa (pênis: órgão sexual masculino penetrador, versus, vagina: órgão sexual feminino penetrado e cu: instância interdita).

Para Angela Jones (2020), as performances de seu interlocutor Carl, um homem negro bissexual e praticante de “anal extremo”, nos sites de *webcamming* erótico estavam em constante vigilância e policiamento. Jones lembra que no Chaturbate, por exemplo, “brinquedos sexuais excessivamente grandes ou brinquedos sexuais em forma de animal não podem ser usados nas transmissões e objetos não podem ser usados como brinquedos sexuais, a menos que sejam normalmente comercializados e vendidos para esse fim”. Para Jones a generalidade dessa definição abre prerrogativas arbitrárias para identificar o que constitui um “brinquedo sexual excessivamente grande”. Ação que, no limite, restringe-se à moralidade individual dos moderados do site.¹⁹³

¹⁹²Prática de sentir prazer em urinar ou ser urinado pelo/a parceira sexual.

¹⁹³A atividade de moderador/a constitui-se um trabalho gratuito, isto é, voluntário e se realiza na manutenção das regras do site e no incentivo do seu “bom funcionamento”. No WebCamModels, para tornar-se moderador é necessário ter uma conta de usuário/a no site e realizar um cadastro na sessão especificada. No Chaturbate são as próprias modelos que elegem os moderadores de suas salas. Aqui, incentivar os espectadores a dar gorjetas para atingir uma meta e a filtragem de comentários indesejados constituem um trabalho de moderador/a. Esses

Muitos sites de *webcamming* erótico e venda de conteúdo (OnlyFans e Privacy, por exemplo), consultados para a presente pesquisa, proibiam veementemente as seguintes práticas em seus termos e políticas de uso:

Câmera Privê:

- Envolver-se em qualquer atividade que possa ser considerada obscena em sua comunidade ou obscena em todo o mundo; descrever ou retratar menores, pedofilia, incesto, estupro, prostituição, violência, tortura ou bestialidade; Transmitir, por meio dos recursos interativos, qualquer informação, dados, texto, arquivos, links, software, comunicação ou outros materiais que consideramos ilegais, prejudiciais, ameaçadores, abusivos, assediantes, difamatórios, libidinosos, vulgares, obscenos, odiosos, racialmente ou etnicamente, ou ainda de outra forma censuráveis.

Live Jasmim:

- Drogas;
- Sangue;
- Brutalidade (inclui usar ou fingir usar objetos pontiagudos como facas, engasgar-se ou falar sobre tais ações);
- Bestialidade (fazer sexo com animais - isso inclui fingir ou falar sobre tais ações);
- Roleplay de incesto (inclui falar sobre tais relacionamentos);
- Resíduos corporais.

WebCamModels:

- Fazer-se passar por um menor deve incluir a exibição de imagens de desenhos animados infantis, como chupetas, como parte de uma webcam, e o uso de roupas infantis, penteados e outros itens destinados a fazer uma pessoa parecer ter menos de 18 anos;
- Exibições ou referências à menstruação não são permitidas;
- Cenas de "Bukakke" não são permitidas;
- Exibições "Goatse" são proibidas;
- Atividades ilegais ou inseguras de qualquer tipo, incluindo violência, sangue, tortura, dor, asfixia erótica, fisting, temas de estupro ou quaisquer ações associadas a causar dano a você de qualquer forma, são proibidas;
- Qualquer ação que possa ser considerada obscena em sua comunidade é proibida.

Cam4:

- Bestialidade (sexo, real ou fingido, com animais);
- Representações de menstruação, fezes ou vômitos, representações de estupro real ou simulado, incesto, necrofilia, bestialidade (se você não pode fazê-lo sem cometer um crime, não finja fazê-lo);
- Representações de violência, uso de armas, sangue, tortura, dor, asfixia erótica, cenas de estupro, punhos ou quaisquer ações destinadas a causar danos físicos ou emocionais;
- Imagens ou ações que podem ser consideradas obscenas ou ilegais na sua comunidade. Os materiais obscenos incluem qualquer estupro real ou simulado, incesto (e representações de incesto).

moderadores/as, no entanto, não se eximem das atividades do site. Em uma situação em campo etnográfico presenciei as investidas sexuais de um moderador do WebCamModels que, ao observar os xingamentos de um usuário direcionados a mim, acessou o meu chat e me orientou sobre o bloqueio e o silenciamento do usuário nessas situações. Em seguida, ele abriu a transmissão de sua câmera - vestindo apenas uma camiseta - masturbando o pênis e insinuando-se para mim.

A arbitrariedade na definição das práticas consideradas obscenas atravessa, para Jones (2020), discriminações de raça e sexualidade. Enquanto a autora observou outros modelos, mulheres cisgêneras e brancas utilizando indiscriminadamente dildos de tamanhos variados em penetrações vaginais, isto é, cisheteronormativas, eram as transmissões de Carl que se tornavam alvo de vigilância sistemática e, seus dildos e práticas sexuais, *obscenos*. Aqui, o método de Potter Stewar, ao resumir a definição de “obscenidade” ao juízo semiótico/moral “eu saberei quando eu ver”, encontra suas raízes nas relações entre raça, gênero e sexualidade.¹⁹⁴ Jones, ainda, lembra o julgamento do Congresso norte-americano a Marvin Miller, preso por distribuir material pornográfico por correio, dando surgimento ao “teste de Miller”, sob três regras para se definir obscenidade: se a obra, considerada como um todo, apela ao interesse lascivo; retrata ou descreve, de forma claramente ofensiva, conduta sexual definida especificamente pela lei estadual aplicável; considerada como um todo, carece de valor literário, artístico, político ou científico sério. Segundo Jones, a transmissão instantânea da pornografia *live streaming*, praticada no *webcamming* erótico, impede a categorização de uma obra e nubla os padrões das comunidades jurídicas locais no estabelecimento do que é “obsceno” uma vez que não se pode observar o “todo” vinculado ao conteúdo de uma transmissão ao vivo.

Tibério Cesar França (2015) defende que a proibição da exibição de atos considerados obscenos, “incluindo, mas não limitado, a bestialidade, necrofilia, abuso sexual de crianças, pornografia infantil, estupro, urinar, defecar ou quaisquer outros atos sexuais obscenos”¹⁹⁵ reinsere as atividades sexuais prescritas pelos sites de *webcammmig* erótico, aparentemente transgressores de normas, no interior de um sistema de “normalidades” assumidas na posição de *mainstream*.¹⁹⁶ Já Maria Elvira Diaz-Benitez (2009) descreve os sets de filmagem dos

194Em 1964, a Suprema Corte dos Estados Unidos inaugurou as “noites de cinema”, descritas por Bob Woodward e Scott Armstrong no livro *The Brethren: Inside the Suprema Corte*, regadas a pipocas, paus, cus e bocetas analogicamente projetadas sobre a tela branca. As sessões foram conduzidas após Nico Jacobellis, gerente do Teatro de Belas Artes do bairro Coventry Village em Cleveland Heights, ser condenado e multado, por um juiz do Tribunal de Pequenas Causas de Cuyahoga, a pagar 2.500 dólares por exibir o filme de Louis Malle, "Les Amants", acusado de “obscenidade” por apresentar uma “pornografia hardcore”. A sentença de Jacobellis foi levada à Suprema Corte de Ohio, que a reverteu sob o argumento de que o filme não era obsceno e, portanto, protegido constitucionalmente. Para o juiz William Brennan Jr. sexo oral ou penetração era tolerável, desde que não houvessem ereções envolvidas, opinião que foi definida como o “teste do pau mole”. O ex-tenente da Marinha na Segunda Guerra Mundial que viu homens trazerem pornografia da Europa, Potter Stewar, também deu sua versão, que se tornou a mais famosa sobre o caso. Definido como o “teste de Casablanca”, o método de Stewar resume-se ao seguinte juízo “eu saberei quando eu ver” (LEAL, 2015).

195O autor se refere aos “Termos e Condições” do site Chaturbate.

196Maria Alvira Diaz Benitez (2009), em sua pesquisa sobre a indústria pornográfica brasileira, defende que a exposição de conteúdo sexual não constitui em si uma “transgressão social”, localizando o trabalho dessas produtoras no interior de demandas prescritas pelo mercado. É aqui que me associo a definição de Diaz-Benitez para pensar as plataformas de *webcamming* erótico que, embora trabalhem com uma produção de conteúdo

filmes pornográficos como um espaço no qual se disseminam redes de informações com o fim de controlar os comportamentos dos indivíduos e reforçar as normas que regem o grupo dando abertura aos jogos de poder, concorrências e “puxadas de tapete”. Nessas redes se articulam a definição de comportamentos e a sua relação com uma prática (sexual) legítima e não-aceitável.¹⁹⁷

Dentro dos valores de grupo, as bizarrices são qualificadas em função de sua maior ou menor “condenabilidade”. As atrizes são as principais fontes de vigilância a este respeito, pelo fato de serem os principais alvos para o exercício destas práticas. É preciso ressaltar que tais valores são compartilhados por pessoas que ocupam diferentes lugares na rede e não somente pelos realizadores, isto é, o próprio elenco estabelece os lugares do abjeto e do socialmente aprovado. (DIAZ-BENITEZ, 2009:225)

Práticas sexuais interditas no universo do *webcamming* erótico atravessam estratégias de realização por parte das modelos bem como criam grandes audiências como entre as interlocutoras de Rost e as transmissões de Carl. A estratégia da modelo solicitada a praticar o *golden shower*, utilizando a proibição desta prática para a conversão de um usuário do chat gratuito para um cliente pago, ilustra que o processo de abjeção e (proibição) das plataformas transforma o fetiche *em luxo*.¹⁹⁸ Frases como o “fetiche é luxo” e “dominação é artigo de luxo” eram articuladas entre minhas interlocutoras para descrever o preço elevado peculiar a realização de práticas lidas como “fetichistas”.¹⁹⁹ No grupo BGR, por exemplo, uma das modelos apresentou a seguinte proposta, encaminhada de sua conta no site Fetiche Online,²⁰⁰ perguntando: “quanto vocês cobrariam?”

Boa tarde, tudo bem? Gostaria de fazer um pedido/pergunta...Você faz algo bem exclusivo? O que procuro é o seguinte. Quero me masturbar usando um preservativo, gozar com ele, tirar, amarrar a pontinha com meu esperma dentro, enviar pelo correio para você dentro de um livro cortado e você receber isso tudo e usar o líquido para se masturbar... (Tenho exames em dia que comprovam saúde impecável, também posso mandar fotos minhas de corpo e rosto para você analisar a possibilidade). Isso seria possível? (Diário de campo, 18 de janeiro de 2022).

compartilhada (prosumer), ainda determinam o que “deve ser visto” e o que “deve ser ocultado”, no limite, de acordo com convenções sexuais mercadológicas normativas.

197Diaz-Benitez (2009, 166-167) traz algumas dessas situações como no caso em que uma prática de autoonanismo de um ator foi considerada “esquisita”, “bichice”, “coisa de doido” tal como dos atores de filme hétero que dispensam fazer sexo oral em atrizes cujo clitóris é pronunciado demais configurando, entre um deles, uma vergonha para seu filho de 14 anos.

198Guacira Lopes Louro (2018) chama de “abjeto” aqueles que escapam da norma e Preciado (2011) de “maus sujeitos” representados pelos soropositivos, as “sapatas”, os “viados” que, no limite, ocupam os lugares de resistência ao ponto de vista “universal”, à história branca, colonial e straight do “humano”.

199Termo êmico. Em minha leitura sobre pornografia chamaria essas práticas de “bizarras” (DIAZ-BENITEZ, 2009) ou dissidentes (RUBIN, 2003).

200Ver em: <<https://www.calcinhasusadas.com.br/>> Acessado em 15 de novembro de 2022.

Candy respondeu que cobraria 1000 reais e pediria um adicional para ingerir parte do líquido. A modelo a qual foi feita a proposta concordou e comentou: “se tem fetiche louco tem que ter culhão pra gastar.” Angel ofereceu dicas de como sabotar o uso do esperma com “um lubrificante da Red Panda, que é idêntico ao gozo”, somando-se às estratégias lançadas por outros modelos como o uso de leite de coco e um creme hidratante diluído em água. Na minha primeira semana no grupo de Networking da Dirty presenciei o relato de uma modelo que cobrou 800 reais para realizar um vídeo incluindo coprofilia e coprofagia.²⁰¹ Tsuna, uma jovem gorda, branca e “otaku” ponderava o seu incômodo com a prática ao concluir que rendia um bom dinheiro, ao passo que elaborava estratégias para sua realização: “acho que vou usar Nutella ou algo do tipo.”

A migração para outras plataformas de transmissão de vídeo, como Telegram, WhatsApp e Skype também constituía uma estratégia para burlar a restrição das plataformas aos conteúdos fetichistas. Esse movimento, no entanto, exige o encarecimento do serviço não só pela sua peculiaridade, mas pelos riscos de segurança com pagamento e com a anonimato das modelos.²⁰² Respondendo à pergunta de uma modelo ao grupo de Networking sobre o valor de vídeo-chamadas, Suzi explica sua média de preço pela ausência de controle sobre o conteúdo produzido: “Muita gente reclama do meu valor, mas eu sou *camgirl* também, então fazer por fora é um "serviço de luxo". Eu faço *camming* no Câmera Prive, mas tem gente que não curte site e quer fazer por telegram/WhatsApp, como não tenho controle de vazamento, acho um valor justo, mas é muito de pessoa pra pessoa.”²⁰³

201Práticas envolvendo a excitação sexual a partir do contato com as fezes do/a parceiro/a e a sua ingestão.

202Nesses casos esse encarecimento vem acompanhado, necessariamente, de maior lucro para as modelos uma vez que ganham o valor integral do trabalho sem as taxas de serviço das plataformas. No entanto, o ganho “a mais” implica em maiores riscos de “calote” por parte dos clientes, algo evitado dentro das plataformas. Em campo etnográfico cheguei a presenciar uma modelo que usava um site de *webcamming* erótico brasileiro “apenas” para venda de fotos e vídeos defendendo a segurança oferecida pela plataforma. No início de 2019 fui vítima de um golpe ao fazer um show pelo Skype e ter o pagamento, que foi realizado pelo aplicativo do Paypal, cancelado logo em seguida.

203Angela Jones (2020) explica que seus/as interlocutores/as de pesquisa não confiavam na segurança do Skype por quatro motivos: problemas com clientes tecnologicamente experientes para descobrir sua identidade e localização; a facilitação de gravação das transmissões; a instabilidade de agendamento com a abertura de possibilidades de cancelamentos de “última hora”; a recusa dos aplicativos de pagamento como PayPal em apoiar o trabalho sexual, expondo as modelos a suspensão de suas contas bem como a quebra de sigilo de suas identidades a partir do fornecimento de dados pessoais. Questões de anonimato com os métodos de pagamento eram frequentes nos grupos estudados como no documento do drive do BGR apresentado no segundo capítulo.

5.2 METRÓPOLES DIGITAIS, GENTRIFICAÇÃO E A SEXUALIDADE NO.COM

Para o sociólogo estadunidense Robert Ezra Park, a metrópole urbana se organiza em função de uma estrutura física e moral. Sobre esta última Park analisa a reinscrição de processos discriminatórios no interior da experiência cidadina. Para o autor, “região moral” não possui uma relação necessária com a “criminalidade ou “anormalidade” sendo um conceito que pretende marcar o estabelecimento de grupos sociais que se definem a partir de códigos externamente divergentes e internamente comuns. Essas regiões morais, no entanto, tendem a naturalizar discriminações sociais dando origem aos fenômenos de “guetificação”.²⁰⁴

O que concede uma importância especial à segregação do pobre, do viciado, do criminoso e das pessoas excepcionais em geral é o fato, uma dimensão tão característica da vida cidadina, de que o contágio social tende a estimular em tipos divergentes as diferenças temperamentais comuns, e a suprimir os caracteres que os unem aos tipos normais à sua volta. A associação com outros de sua laia proporciona não apenas um estímulo, mas também um suporte moral para os traços que têm em comum, suporte que não encontrariam em uma sociedade menos selecionada. Na cidade grande, o pobre, o viciado e o delinqüente, comprimidos um contra o outro numa intimidade mútua doentia e contagiosa, vão-se cruzando exclusivamente entre si, corpo e alma, de um modo que muitas vezes me faz pensar que aquelas extensas genealogias dos Jukes e das tribos de Ismael não teriam demonstrado uma uniformidade de vício, crime e pobreza tão persistente e tão angustiante a menos que estivessem adequadas da maneira peculiar ao meio em que foram condenadas a existir (PARK, 1967, p. 65).

Gayle Rubin (2003), em sua obra acerca de uma política radical sobre o sexo, discutida anteriormente, traz recortes históricos retratando um continuum desses esforços, que ela chamará de “cruzadas morais”, a partir das “semelhanças incômodas” entre as décadas de 1880, 1950 e 1977. A primeira data marca o surgimento da lei federal contra a obscenidade nos Estados Unidos, aprovada em 1873. A Lei Comstock – que leva o nome de Anthony Comstock, um velho ativista contra a pornografia – tornou crime federal fazer, anunciar, vender, possuir, enviar pelo correio ou importar livros com ilustrações consideradas obscenas. Já a década de 1950, marcada pela “ameaça homossexual” e o dúbio espectro do “criminoso sexual” criou processos de vigilância institucional e popular (especificamente em Massachusetts, New Hampshire, Nova Jersey, Estado de Nova York, Cidade de Nova York e

²⁰⁴Park fala da formação dos guetos se referindo a uma retomada, no interior da metrópole, de laços de intimidade e solidariedade nos grupos locais e de vizinhança. John Drake, Horace Cayton e Everett Hughes em suas análises sobre a livro *Black Metropolis* refletem o papel do negro na formação do homem civilizado, isto é, na formação da vida da metrópole urbana. Hughes localiza as suas análises no contexto produtivo em que o modo de vida rural passa a ser transferido para a vida urbana e a força de trabalho dos negros a se tornarem obsoletos no campo. A formação dos “guetos” em cidades como Chicago desperta uma nova inscrição racial em um contexto em que a cidade, na medida em que se afastava do modo de vida tradicional, empurrava a população negra para condições de vida que combinavam precarização socio-econômica, simbólica e material a um novo modelo de vida urbanizado e moderno.

Michigan), a partir de uma ameaça pública que apagava as distinções entre o “criminoso sexual”, estupradores, “molestadores de crianças”, homossexuais, sodômicos, no limite, *confundindo* atos ilegais e práticas consensuais. Em 1977, segundo Rubin, a campanha para revogar as leis que garantiam direitos gays em Dade, Flórida, deu início a uma nova onda de violência e perseguição pelo Estado e medidas jurídicas dirigidas contra minorias sexuais e contra a indústria do sexo. A autora reporta que semanas antes da votação de Dade, manchetes midiáticas expunham batidas em áreas de encontros homossexuais, detenções por prostituição e investigações sobre a produção e distribuição de materiais pornográficos. A partir de 1977, estados e municípios começaram a tomar novas e mais rigorosas medidas jurídicas para o controle do sexo comercial.²⁰⁵ Essas cruzadas morais, ou histerias eróticas, no entanto, tiveram como aliados os discursos feministas anti-pornô, apresentados anteriormente, na literatura de Dworkin e MacKinnon.²⁰⁶

O historiador brasileiro José Geraldo Costa Grillo (2019) ainda nos lembra a ligação entre o surgimento do termo “pornografia” e os assuntos da medicina e da gestão do espaço urbano, como em 1855, na décima edição do Dicionário de medicina de Pierre-Hubert Nysten: “Pornografia [Pornographie], substantivo feminino. Etimologia: Pornographia, de *porne*, prostituta e *gráphein*, Descrição das prostitutas em relação à higiene pública” e no dicionário de medicina de 1857: “uma descrição das prostitutas ou da prostituição, como uma questão de higiene pública” (GRILLO, 2019, p. 15).

Preciado (2017) discute a pornografia sob três modelos, isto é, museístico, cinematográfico e urbano.²⁰⁷ Sobre esse último, o autor refere-se a uma biopolítica, ou sexopolítica, destinada a regulação, vigilância e controle dos corpos e regimes de prazer que

205 Sobre a relação de perseguição/punição da homossexualidade e da prostituição salienta Rubin (2003, p. 35): “As prostitutas, que em geral pertenciam à classe trabalhadora, foram ficando cada vez mais isoladas enquanto membros de um grupo proscrito. Prostitutas e outros trabalhadores do sexo diferem de homossexuais e de outras minorias sexuais. O trabalho sexual é uma profissão, enquanto que um desvio sexual é uma preferência erótica. Não obstante, eles partilham algumas características de organização social. Como os homossexuais, as prostitutas são um grupo sexual estigmatizado com base na atividade sexual. Em toda parte, as prostitutas e os gays são as principais vítimas da polícia. Como os gays, as prostitutas ocupam territórios urbanos bem delimitados e lutam com a polícia para defender e manter esses territórios.”

206 Sobre essa aliança, Rubin comenta (2003, p. 53): “Em 1980 e 1981 o papa João Paulo II fez uma série de pronunciamentos reafirmando seu compromisso com uma visão mais conservadora, mais próxima do pensamento do apóstolo Paulo, da sexualidade humana. Ao condenar o divórcio, o aborto, a prática de coabitar por algum tempo antes de casar, a pornografia, a prostituição, o controle da natalidade, o hedonismo desenfreado e a luxúria, o papa usou, em larga medida, a retórica feminista sobre a objetificação sexual. Num estilo que lembrava o da polemista feminista lésbica Julia Penelope, Sua Santidade explicou que “encarar uma pessoa com luxúria faz dessa pessoa um objeto sexual e não um ser humano a quem se deve respeito.”

207 Sobre o primeiro modelo Preciado lembra a política segregatória em termos de gênero, classe e idade instituído na topologia visual do Museu de Pompéia, que restringia a sua entrada a aristocracia masculina adulta. Em relação ao segundo modelo o autor pensa a pornografia cisheteronormativa nascida nos anos 1970 e a sua reapropriação pelas sexualidades dissidentes em ocasião do “pós-pornô”.

estejam fora das estruturas institucionais do matrimônio e da família, como das prostitutas, por meio de práticas higienistas de gestão do espaço público. Aqui, a arquitetura urbana, a divisão do acesso público e privado na produção do prazer sexual e a regulação das sexualidades dissidentes no espaço público se entrecruzam e constituem conjuntamente.²⁰⁸

Alan Mocellim, em sua definição de “metrópole virtual”,²⁰⁹ desloca as discussões da sociabilidade *online* baseada em laços coesos e pessoais, sob o conceito de “comunidades virtuais”, para pensar a Internet como um espaço de vivência associativa e diversa submetida a uma regulação impessoal:

O fundamental é que uma vivência comunitária típica das origens da internet está sendo gradualmente substituída por uma vivência associativa, típica de nossas metrópoles modernas. Comunidades virtuais passariam a ser agora pequenos grupos efêmeros, parte de um todo maior, de uma Metrópole Virtual, na qual a diversidade e a impessoalidade – fenômenos típicos do meio urbano - estariam ocupando o lugar da coesão e da pessoalidade. [...] Quando a internet era utilizada por grupos menores, de interesses coesos, esses grupos poderiam formar comunidades, com o surgimento de grupos sociais ampliados, de interesses diversos, e com uma variedade comunicacional extremamente diversa, torna-se questionável que as redes sociais sejam comunidades (MOCELLIM, 2009, p. 14-103).

A ideia de “comunidade virtual” surge em diálogo com o conceito de “comunidade” na sociologia clássica. Enquanto, para o autor, a discussão do sociólogo Emile Durkheim (1978), por exemplo, organiza-se em torno do conceito de comunidade tradicional em termos de uma solidariedade mecânica, a sociologia contemporânea (BAUDRILLARD, 1991; LÉVY, 2003) - situada nos avanços tecnocientíficos - discute comunidade em termos de uma geografia contingente e do lugar físico separado do espaço social no interior do compartilhamento de valores, hábitos e temporalidades comuns. Mocellin incorpora as discussões sobre a Sociedade em Rede (CASTELLS, 2005) para pensar a sociabilidade online de acordo com uma hibridização cultural e difusão de estilos de vida que se tornaram independentes dos comportamentos e estilos de vida ligados diretamente a uma localidade

208 Mais recentemente, Paul Preciado publicou o texto “Aprendendo com o vírus”, situando a pandemia do coronavírus no interior de uma “biopolítica” ao falar da relação estabelecida entre o poder e os corpos na modernidade. O autor defende que toda biopolítica é uma *política imunológica*, isto é, que busca forjar uma noção de corpo social saudável em detrimento do corpo que pode ser marcado pelo estigma da doença, da morte e do Outro. Aqui, a xenofobia enfrentada pelos orientais na pandemia do coronavírus reflete o que a sífilis e a Aids desempenharam no papel de exclusão de certos corpos, como o das prostitutas e dos homossexuais, respectivamente.

209 À luz da interpretação de Lévy (2003) Mocellin traz uma discussão sobre o termo “virtual” no interior da literatura filosófica medieval de São Tomás de Aquino, em sua leitura de Aristóteles, e contemporânea do ponto de vista do filósofo francês Gilles Deleuze. Nessas literaturas o “virtual” é pensado, respectivamente, a partir da interpretação latina de “*virtualis*”, como força, ou potência, separando realidade de virtualidade como atualidade de potencialidade – o real já é, enquanto o virtual pode vir a ser - e, enquanto uma realidade própria do virtual que não está no plano do possível, que já estaria constituído, mas como uma *tendência*.

geográfica: “a sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo” (LEVY, 2003, p. 21). Aqui, no entanto, me aproprio da discussão de Mocellim para pensar uma “metrópole digital” com vistas na discussão sobre o termo “virtual” tensionando a visão utópica dos tecnófilos e distópica dos tecnofóbicos que liam o virtual, respectivamente, como espaço democrático e descentrado de poder e de desumanização da comunicação e sociabilidade. Essa discussão, no entanto, é aqui ultrapassada pelo termo “digital”.

Em entrevista a revista *Matrizes* em 2015, Christine Hine defende a importância da cultura do digital a partir de quatro mudanças significativas: a tendência dos sites de rede social serem usados para a comunicação entre pessoas que se conhecem pessoalmente; a normalização do e-comércio como um meio para comprar praticamente qualquer coisa; a crescente dependência dos governos e instituições em relação às bases de dados e transações digitais como um componente indispensável de fazer todo tipo de negócio; o surgimento do acesso amplo à internet móvel por meio dos smartphones e Wi-Fi. Quando perguntada sobre a mudança dos termos “virtual” para “digital”, espelhada na passagem de seus primeiros livros: *Virtual ethnography* (2000) e *Virtual methods* (2005) para *Ethnography for the internet* (2015), Hine justificativa que o termo “virtual” aparece como inadequado por delimitar espacialmente a Internet a partir de uma fronteira apartada da estrutura social, levantando um debate entre “real” e “virtual”. Essa delimitação definiu o “ciberespaço” (termo popularizado por William Gibson no livro de ficção científica *Neuromancer*), como um campo comumente interpretado, segundo Lucia Santaella (2003, 2004), sob as visões “idealista” e “realista”, ou tecnófilos e tecnofóbicos. Hine (2015), ainda, propõe um novo olhar sobre a divisão do offline/online para pensar os limites da universalidade da Internet, em seus diferentes usos e significados – a exemplo do funcionamento independente das regras das comunidades do Reddit e das políticas diferenciadas sobre conteúdo explícito das redes sociais. Esse novo “olhar” não significa reduzir a Internet a um grau de realidade inferior ao offline e sim destrinçar as estruturas que a tornam cotidiana e banal. Richard Rogers (2009) defende, ainda, que a questão não é mais quanto da sociedade e da cultura estão online, mas sim como diagnosticar a mudança cultural e as condições sociais *usando* a Internet.

É aqui que localizo as experiências etnográficas apresentadas acima para afirmar que as estratégias de gerenciamento das plataformas pelas minhas interlocutoras seguem um mapeamento geopolítico segundo regras de gentrificação inscritas em “zonas morais” (PARK, 1967; RUBIN, 2003) no interior de uma metrópole virtual (MOCELLIM, 2009). O Instagram e o Tiktok são redes para formação de um perfil público mais amplo e higienizado; o Twitter

para divulgações “mais quentes” e compartilhamento de opiniões cotidianas; o Telegram para divulgação de “prévias” dos conteúdos nas plataformas adultas; e, finalmente, o OnlyFans, Privacy, CâmeraPrivê, e afins, para venda e exposição de conteúdo erótico/pornográfico.²¹⁰

Defendo que a gentrificação digital nada mais é que a reinscrição das “zonas” e cruzadas morais (PARK, 1967; RUBIN, 2003) contra às sexualidades dissidentes - incluindo o trabalho sexual - no processo de regulação, vigilância e punição transferido do espaço urbano para as “metrópoles digitais”.²¹¹ As estratégias de gerenciamento das redes sociais na articulação de uma censura lexical e corporal – substituindo o termo “pack” a “conteúdo” (Quarentena) e o toque “sugestivo” à sensualidade despreziosa (MelSuicide) – surgem como resistência das trabalhadoras sexuais à perseguição das plataformas. Essas perseguições, no entanto, inscrevem-se no mesmo contexto de emergência das plataformas destinadas à venda e exposição de conteúdo adulto.

Aqui, penso com Preciado (2013) acerca do deslocamento do modelo disciplinar da sexualidade, discutido pelo filósofo francês Michael Foucault, para a sociedade farmacopornográfica, em que o gozo torna-se matéria-prima de extração lucrativa privilegiada.²¹² Enquanto Paul Preciado (2017) falava do modelo urbanista da pornografia como “um braço público de um amplo dispositivo biopolítico de controle e privatização [estatal] da sexualidade feminina na cidade moderna”, penso a indústria do *webcamming* erótico e das plataformas destinadas à venda de conteúdo adulto como “um braço de um amplo dispositivo farmacopornográfico de controle e privatização [comercial] do trabalho sexual na metrópole digital.” Isso implica dizer que, no interior da economia platformizada, o trabalho sexual só é permitido quando serve à exploração capitalista da produção.²¹³

Bregantin (2021) questiona a racionalidade neoliberal e o aspecto da “liberdade” do trabalho no *webcamming* erótico ao constatar que o endurecimento das regras proibindo a

210 É possível que as modelos comercializem conteúdos e “experiências” porno-eróticas (como videochamadas e chats de “girlfriend experience”) fora das plataformas exclusivas para a venda desses produtos. Essa comercialização é exemplificada na abertura de “stories privados” no Instagram para assinantes pagos ou em negociações pelo *direct* da mesma plataforma. Essas práticas, no entanto, como discutido acima, estão sujeitas à punição e ao cancelamento do perfil da modelo no interior dessas plataformas.

211 Associa trabalho sexual às sexualidades dissidentes apoiada no debate de Rubin (2003).

212 A sociedade farmacopornográfica emerge em meados do século XX a partir de dois fenômenos principais: a popularização da tecnologia contraceptiva da pílula anticoncepcional e a midiática da pornografia. Esses dois fenômenos empreendem o controle e a produção tecno-semiótica (pornografia) e bioindustrial (indústria farmacêutica) da subjetividade contemporânea e garantem a exploração mercadológica daquilo que o Preciado chamará de “sistema excitação-frustração”. Esse sistema funciona a partir do investimento mercadológico no desejo (irrealizável) pelo gozo.

213 Todas as plataformas consideradas para essa pesquisa cobram uma taxa de uso que varia entre, 70% (Streamate, LiveJasmin), 65% (ImLive), 50% (CâmeraPrivê, Chaturbate, Cambox, StripChat), 45% (Xmodels) SigameLive, 40% (BongaCams) e 30% (WebCamModels), descontada do valor de cada minuto recebido pelas modelos pelas suas transmissões.

veiculação de propagandas com *email*, números de celular ou redes sociais das modelos impedem a captação de clientela por parte das mesmas. O que, no limite, garante o monopólio lucrativo dessas empresas-plataforma. A maioria das plataformas de *webcamming* erótico estudadas para essa pesquisa proibiam, em suas políticas de uso, a exposição e troca de dados pessoais, recebimento fora da plataforma e, mesmo, atividades que seriam consideradas prostituição, além de práticas sexuais dissidentes.

A DMG é veementemente contrária ao aliciamento ou promoção à prostituição, sob qualquer forma ou condição, sendo expressamente proibido o uso do Site pelo Usuário, pelos Contratantes da DMG ou por qualquer outra pessoa para facilitar o aliciamento ou a promoção à prostituição, sendo estritamente proibido no Site da DMG qualquer forma de solicitação ou troca de informações pessoais entre Usuários e Contratantes da DMG, incluindo nome, endereço residencial, endereço de e-mail, endereço físico, número de telefone, aplicativos online de mensagem (por exemplo, Skype, AIM, WhatsApp, Facebook, Twitter, Instagram etc.), além de quaisquer informações financeiras (por exemplo, informações bancárias ou do cartão de crédito), ou qualquer outra informação pessoal identificável. O não cumprimento desta obrigação resultará no cancelamento da conta e bloqueio do Usuário pela DMG, e eventualmente, na tomada de medidas legais cabíveis. [...] É expressamente vedada a realização de qualquer pagamento fora do Site, de forma que o Usuário concorda em se abster de solicitar à DMG o pagamento de quaisquer valores por mecanismos fora do Site. (Termos de uso do site Câmera Privê, abril de 2022)

Além do esforço em controlar o tráfego de informações como garantia da apropriação lucrativa das empresas-plataforma, a veemente proibição da prostituição reforça uma figura jurídica acerca da criminalização de aliciamento do trabalho sexual pelas mesmas. Essas medidas, segundo Slee (2019), aceleram a desregulamentação governamental, a expropriação do lucro, a flexibilização do direito trabalhista em nome da retórica liberal do empreendedor de si.

Todas as plataformas aqui estudadas ausentam-se da responsabilidade dos conteúdos produzidos pelos que consideram seus “colaboradores” garantindo a estes a “liberdade” sobre seu trabalho ao mesmo tempo em que o cumprimento de regras, como a não exposição de dados pessoais e a realização de práticas “obscenas” é inegociável.²¹⁴ Essa estrutura contratual revela que a indústria do sexo no digital, embora defenda uma economia de compartilhamento sob a ideia de produção colaborativa (SLEE, 2019) e a liberalidade sexual, em que seus

214Na sessão “termos de uso” da página do Cam4 o site afirma que não é responsável pelo seu conteúdo e que opera como uma plataforma, não se envolvendo na produção de shows na webcam e, portanto, sem nenhuma obrigação ou responsabilidade relacionada a qualquer conteúdo, ou atividade no site: “O Cam4 age meramente como um provedor de hospedagem sem qualquer função editorial e é apenas um fórum para a expressão de ideias, pensamentos e informações.” O site também proíbe “representações de menstruação” assim como o OnlyFans e o WebCam Models, como uma prática que infringe as regras de “bom uso” da plataforma.

colaboradores trocam dinheiro por diversão²¹⁵, ergue-se sob uma rede de monopólio lucrativo e de práticas sexuais normativas constitutivas dos mercados e instituições (Igreja, Estado, Clínica) tradicionais.

A cena etnográfica a seguir ilustra bem o que quero dizer com esse argumento. Lancei uma pergunta ao grupo do BGR: “Gente, porque essas plataformas não podem comportar trabalho sexual já que é previsto por lei (autônomo)? Qual argumento que elas dão?” Olívia respondeu: “Por moralismo. O argumento é ‘a plataforma é minha, as regras e o código de conduta são esses’”. Outra modelo continuou: “Eles falaram para mim que descumpri o código de conduta, aí fui ler e no Skype não pode foto pelada no perfil, eu não estava mostrando o cu, nem a buceta, era uma foto artística. O mundo é muito careta”. Continuei com as perguntas: “E você acha que os algoritmos são programados pra agir segundo um moralismo? E pra que entrar num moralismo? Se eles perdem dinheiro com isso?” Olívia respondeu:

Então, o que eu li um pouco sobre o assunto é que em muitas plataformas tem um lance com as financeiras. De tipo Visa e Mastercard reprovarem e aí o Onlyfans tem que ter regras contra isso (é um exemplo e não sei se compete), porque se não tiver essa regra a financeira não trabalha contigo. Agora, essa pergunta é bem profunda e eu não sei responder de verdade porque as financeiras adotam essa postura, se “perdem dinheiro”. Mas tendo a achar que é porque o moralismo, a repressão sexual do indivíduo, o ataque a subjetividade, é uma domesticação social que compensa. Penso que isso faz parte do sustento do capitalismo, que se a gente tivesse todo mundo aí vivendo livre, contente, sabendo quem a gente é, produzindo arte, acho que a revolta seria maior com o sistema.

Olívia, ainda, forneceu uma resposta mais sistematizada:

Alguns pontos que eu enxergo disso nessa indústria: 1) extremamente precarizada em termos trabalhistas, sem regulamentação, sindicatos, fiscalização... 2) conta uma narrativa bem específica. Sexo heterossexual normativo, homem penetrando e mulher sendo penetrado, corpos padronizados, repetição de padrões de violência, práticas "fabricadas" (um sexo diferente de como se gosta e faz fora de cena) 3) a profissão é altamente estigmatizada socialmente 4) talvez alienante, num sentido de ter lido sobre pesquisas que associam o consumo elevado de pornô com a perda de interesse por sexo real/por parceiros 5) produzidas de homens para homens. A indústria pornográfica não contribui para valorizar e normalizar o sexo, para quebrar moralismos, estimular experiências, educação sexual, sexualidades não normativas, igualdade de gênero, na minha opinião. Pra mim ela reforça o mesmo patriarcado que nos impede de abortar como Estado, que como Polícia espanca puta na rua, que condena sexo fora do casamento como igreja, etc... Só de um jeito diferente mas tudo flui pro mesmo caminho. (Diário de campo, 18 de março de 2021).

²¹⁵Em sua página inicial o site WebCamModels define a sua missão em produzir “money for fun” a partir de “vibrações positivas promovendo a sexualidade, a diversidade e a liberdade de expressão.” <<https://www.webcammodels.com/>> acessado em 03 de junho de 2022.

A suposição de Olívia sobre sua conta ser derrubada “pelo algoritmo”, as advertências sobre chats do Instagram contendo termos sexuais e no uso do filtro em fotos nuas, mesmo quando postadas em outras redes porque, segundo Suzi, “eles veem tudo” e, mesmo, o banimento instantâneo de fotos explícitas no Twitter porque, de acordo com Liviane, “eles reconhecem sozinhos”, sinalizam que, embora preserve uma estrutura comercial e moral tradicional, a plataformização da indústria do sexo inaugura novos paradigmas de produção/consumo bem como novos dispositivos biopolíticos de vigilância e controle da sexualidade (FOUCAULT, 2020).²¹⁶ É aqui que o “estudo do algoritmo” defendido por Mel Suicide no capítulo anterior, reitera os contornos de um novo marco produtivo e cultural emergentes da economia do sexo no ambiente digital.

Neste capítulo, procuramos articular as discussões etnográficas dos grupos pesquisados sobre gerenciamento do algoritmo no interior das políticas de uso das plataformas refletindo sobre os novos dispositivos de vigilância e controle da sexualidade por meio das práticas de banimento aos conteúdos vinculados às redes sociais de minhas interlocutoras bem como à relação entre o estabelecimento dos preços ligados à práticas “fetichistas” e o lugar sexual interdito ocupado por essas práticas (no interior dessas regras) como condição de torná-las “artigo de luxo”. Essas discussões, no entanto, ampararam-se em uma literatura sobre “gentrificação” do trabalho sexual – arquitetada na “metrópole digital” – e as transformações (e continuidades) da produção, do consumo, do sexo e da lucratividade nas ambiências digitais.

216Todas as plataformas estudadas para essa pesquisa seguem políticas de cookies, operando na coleta e venda de dados pessoais com a justificativa, como apresentada pelo WCM de “ajudar anunciantes e editores a veicular e gerenciar anúncios na web.” Os cookies são arquivos criados por sites visitados e que são salvos no computador do usuário, por meio do navegador. Esses arquivos criam uma identificação personalizada a partir do acesso aos dados de navegação de um usuário, desde os sites em que o usuário visita até o tempo em que posiciona o mouse sobre um anúncio ou imagem na tela. O uso desses cookies privilegia os serviços de publicidade ao ajudar anunciantes a veicular e gerenciar anúncios na web.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“The internet is for porn”
Avenue Q

O projeto de uma crítica da razão pornográfica parece-me, em vistas dos marcos teóricos de Kant e Mbembe, muito ambicioso. No entanto, o presente trabalho prestou-se a conduzir os primeiros esforços para a sua realização.

Na introdução e primeiro capítulo, dediquei-me a uma crítica às estruturas de verificação presentes nas empresas-plataforma ao desmistificar seu caráter objetivo e impessoal (SLEE, 2019), demonstrando os critérios idiossincráticos realizados pelos clientes na avaliação das modelos que, suponho, não tenham atendido às expectativas de um trabalho gratuito *feminizado* bem como os critérios utilizados pelas modelos nas trocas de informações ao nível de sociabilidades microcoletivas.

Nesses aparatos de verificação mobilizados pelas modelos, também pude constatar uma crítica aos feminismos *anti-sexo* acerca da acriticidade ou aliança das trabalhadoras sexuais à opressão sexual masculina – e heterossexual (DWORKIN, MACKINON, 1989). Essas concepções de gênero entre minhas interlocutoras influenciaram a minha mobilidade em campo e levaram-me a aceder a outro grau *crítico*, isto é, à moral ascética presente na literatura antropológica acerca da posicionalidade do/a pesquisador/a, e dos sujeitos pesquisados/as, enquanto corpos generificados e desejosos. É aqui que a objetividade positivista perde legitimidade epistêmica para uma objetividade parcial em que tesão e ciência se prestam a uma relação de contiguidade, e não oposição.

Para esse efeito busquei nas literaturas de Kulick e Willson (1995) e Lino e Silva (2014), bem como nas minhas experiências etnográficas com os interlocutores-clientes, assegurar que o acionamento de um “capital erótico” (HAKIM, 2010) viabiliza a obtenção de dados para análise do conjunto de expectativas, práticas e discursos inscritos no público consumidor do *webcamming* erótico comercial. Essa mesma relação – de contiguidade – estende-se para o caráter apartado da relação entre dinheiro e ciência que, no limite, mobiliza uma distinção entre a objetividade econômica e a subjetividade das relações recíprocas – não mercadológicas (ZELIZER, 1989; PRASAD, 1999).

No segundo e terceiro capítulos busquei trazer uma crítica à emergência de um novo modelo produtivo “pós-industrial” ” (VASQUES-MENEZES, 1999; MARQUES, FREITAS, 2014), às relações de trabalho no universo do mercado sexual no digital, a qual também se estende ao surgimento de um nova força de trabalho “cognitiva/conectiva”, permitindo-me

utilizar de Franco Bifo para falar de uma pornôesfera do pensamento.²¹⁷ A pressuposição dessa natureza “cognitiva/criativa” do trabalho sexual nas plataformas digitais levou a outra crítica, isto é, da ausência de perigo no trabalho remoto em contraposição ao presencial. Como contraponto, apresentei as possibilidades de adoecimento psíquico e as práticas de “capping” e “doxxing”, por exemplo, possibilitadas pela *autenticidade incorporada* (JONES, 2020).

O conceito de *autenticidade incorporada* mobilizado na interação telemediada com os clientes revelou disputas acerca da *própria natureza sexual* do *webcamming* erótico. São essas disputas que inscreveram uma crítica acerca das distinções, limites e significados do trabalho sexual com o advento das tecnologias digitais e trouxeram ao debate as diferentes possibilidades na definição do que significa uma relação sexual *genuína*. Estendendo essa genuidade para a autenticidade incorporada, apontei outra crítica, isto é, os atravessamentos de raça, gênero e sexualidade que a definem, no limite, no interior de expectativas reverberadas na representação normativa das convenções da pornografia *mainstream* (DE LAURETIS, 1996; PRECIADO, 2020).

No quarto capítulo, o empreendimento *crítico* voltou-se para as literaturas feministas anti-sexo (DWORKIN, 1989; SWAIN, 2020), que defendem o trabalho sexual como representante de “todas as figuras da escravidão feminina”, apresentando-o, contrariamente, como uma alternativa para “livrar” as modelos de relações de trabalho, família e relacionamento mais abusivos. É aqui que as possibilidades de adoecimento e captura neoliberal abertas pela plataformização do trabalho sexual oferecem uma perspectiva limitada às experiências porno-eróticas comerciais vivenciadas nesses redes. Outro movimento crítico foi em relação à exploração neoliberal promovida pela gestão do tempo flexível e intermitente da plataformas (BREGANTIN, 2021) que, no interior dos relatos etnográficos, ganharam um potencial de aproveitamento da possibilidade do trabalho remoto, da experimentação sexual e das rotinas flexíveis circunscritas na figura da “chefe de si”.

A crítica, nesse sentido, também vinculou-se aos estudos sobre a “espetacularização do eu” (SIBILIA, 2015; BRUNO, 2004) ou de micro-celebridades online (JIMROGLOU, 1999; WHITE, 2003; BZURA, 2007; SENTF, 2009) na medida em que minhas interlocutoras atingem um “público” ou “marca comercial” fabricando feminilidades desejáveis (SILVA,

²¹⁷Expressada no deslocamento do cálculo da força produtiva da mão de obra *física* fabril para alcançar uma “mente social”. Aqui, junto as ideias de Brian McNair, sobre a abertura semiótica a estética pornográfica na cultura popular mainstream ao que alguns teóricos vão chamar de trabalho cognitivo, imaterial ou afetivo (NEGRI, HARDT, 2001; BIDO, 2003; VIRNO, 2004; COCCO, 2012). Essa junção procura assimilar a exploração laboral da cognição no interior de uma idealidade pornográfica comercial.

JAYME, 2015) - ou porno-eróticas. Ainda, estendemos a crítica aos estudos sobre a economia online e as dinâmicas do *prosumer* (DRENTEN, GURRIERI, TYLER, 2020), trabalho remunerado e gratuito (TERRANOVA, 2000), trabalho criativo e imaterial (NEGRI, LAZZARATO, 2022; BIFO, 2003; DAVENPORT & BECK, 2001; GOLDHABER, 1997) e à incorporação de um trabalho improdutivo sobre uma “inteligência coletiva” (KOLOGLUGY, 2015) marcando esses acontecimentos no interior de uma tendência de *pornificação* do trabalho nas redes digitais (PRECIADO, 2013).

No último momento do presente trabalho, propomos uma crítica aos novos dispositivos biopolíticos de vigilância e controle da sexualidade (PRECIADO, 2020; FOUCAULT, 2020) inaugurados pelas plataformas digitais e descrevemos as estratégias de resistência das modelos às políticas de banimento e censura das plataformas bem como a articulação de práticas sexuais dissidentes na fabricação de atividades – sobretudo “fetichistas” – financeiramente hipervalorizadas. Esses movimentos de resistência entre minhas interlocutoras permitem, ainda, criticar as ideias de “liberdade” e “diversão” defendidas pelas plataformas digitais na medida em que as trabalhadoras – ou “emissoras independentes” – precisam *driblar* as políticas de uso dessas redes a fim de adquirir remuneração financeira para além do monopólio lucrativo destas últimas, bem como experiências sexuais dissidentes que ultrapassem seus circuitos de prazer-poder-saber normativos (ROST, 2016).

O esforço crítico empreendido neste trabalho, dissecado brevemente acima, pretendeu convocar a bibliografia acerca dos marcos contemporâneos dos estudos da economia online, da mídia, da antropologia e da sexualidade a acenderem – ou rebaixarem-se – ao universo do trabalho sexual na medida em que este último é capaz de fornecer pistas importantes, e necessárias, sobre quais as condições – culturais, econômicas, sexuais e subjetivas – o desenvolvimento tecnológico empreendeu novos relacionamentos entre sexo, dinheiro, adoecimento e trabalho e, sobretudo, reformulou algumas possibilidades de viver a sexualidade e trabalhar com o sexo. No limite, nos levando a interrogar: com a ascensão do trabalho “conectivo/criativo”, o que é sexo? Com a ascensão produtiva/lucrativa do *prosumer*, o que significa trabalho? Ou, mesmo, com a ascensão do “empreendedor de si” e a lucratividade do tráfego gratuito, o que significa exploração?

É na possibilidade crítica de produzir perguntas que esse trabalho se realiza, bem como na possibilidade de *pornificar* os caminhos teóricos, metodológicos e empíricos em que estas perguntas são produzidas. Para esse esforço, submeti-me a um empreendimento

antropológico na busca de romper com a moral ascética da Razão Pura, em primeiro lugar, descendo aos corpos (GEERTZ, 1978)²¹⁸ ou adicionando “gente dentro” do pensamento (INGOLD, 2016). Em segundo lugar, figurando em meu texto os corpos que são mais “rebaixados” à categoria de corpo, como as trabalhadoras sexuais. Em terceiro, buscando a transa entre corpo e pensamento, na medida em que propusemos dialogar certas discussões teóricas acerca dos desdobramentos do capitalismo e da sexualidade contemporânea com as vivências cotidianas de minhas interlocutoras de pesquisa. Sobre essas vivências ainda resta uma última palavra.

Qual a possibilidade de realização do projeto “de um negócio revolucionário” confabulado por mim, Olívia e Gabriela? É possível localizar um horizonte de realização desse projeto nas práticas de resistência das modelos às regras de uso, experiências sexuais e gestão lucrativa impostas pelas empresas-plataforma? Enquanto imaginamos esses horizontes, continuamos, aos nossos modos, a articular possibilidades de sobrevivência sobre os retalhos econômicos porno-eróticos (HUFTON, 1974 apud DA SILVA, BLANCHETTE, 2017). Continuo trocando companhia com Fred nas plataformas do Câmera Privê e Instagram. Angel permanece com seus “mil trabalhos” e investe na massagem terapêutica com pedras. Bruna e Gabriela continuam investindo em seus *SexShops online*. Olívia continua trabalhando em uma agência bancária e realizando experiências fetichistas em clubes de BDSM. Scorpion pretende retomar à prostituição e a massagem tântrica, retorna à dança do ventre e quer voltar aos estudos. BabyDoll, a maior entusiasta da Agência Dirty migra para o pornô e logo depois se suicida, deixando um recado em seu Instagram “não haverá mais conteúdo a ser publicado neste perfil”. É a partir dessas últimas experiências que situo a importância de continuidade às investigações, que ainda se fazem prematuras, do relacionamento entre tecnologia, sexo, dinheiro – e adoecimento – na contemporaneidade.

218O antropólogo estadunidense Clifford Geertz em *A interpretação das culturas* apresenta a ideia de uma “polifonia de vozes da cultura” em sua expressão fictícia, e não menos real, como um texto construído a “muitas mãos”. A mão do/a antropólogo/a, ocupando um terceiro momento da escrita, participa do texto na intermediação semiótica em que se abre para o relato do outro como alguém que tem papel na construção das formas simbólicas da vida humana em seus eventos *menores, ordinários*. Aqui, a tarefa essencial do/a antropólogo/a reside na disposição para uma atualização teórica sensível construída como “inferência clínica”, isto é, quando a generalização analítica parte “de dentro”. Uma das lições de Geertz é “tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos”. Aqui, construção teórica não significa codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas e, sobretudo, submeter a inteligibilidade de um conjunto de significantes a um escrutínio teórico que se integre às particularidades dos eventos “microscópicos”. É inspirada nesse exercício que conduzi meu esforço antropológico nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela**. Revista Estudos Feministas, v. 15, p. 177-192, 2007.
- ANDREJEVIC, Mark. Estranged free labor. In: **Digital labor**. Routledge, p. 157-172, 2012.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. Boitempo editorial, 2018.
- ASAD, Talal et al. (Ed.). **Anthropology & the colonial encounter**. London: Ithaca Press, 1973.
- BAUDRILLARD, Jean; Trad. DA COSTA PEREIRA, Maria João. **Simulacros e simulação**. Academia Edu. 1991.
- BENITEZ, Maria Elvira Diaz. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.
- BREGANTIN, Roseli. Camgirl e a Uberização do Trabalho sexual na Internet no Brasil. **XXXI Congresso Alas Uruguay**. Montevideo, 2017.
- BREGANTIN, Roseli Bregantin. **Desfamiliarização das funções da família e plataformização do trabalho: a lógica da servidão voluntária/involuntária**. Tese de doutorado, UFPA, 2021.
- BERNSTEIN, Elizabeth. Temporarily yours. In: **Temporarily Yours**. University of Chicago Press, 2021.
- BIDDLE, Sam. **Trabalho escravo, lavagem e pilhas de dinheiro: os segredos das strippers de webcam**. NSFW: 2012. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/trabalho-escravo-lavagem-ded dinheiro-e-pilhas-de-dinheiro-os-segredos-das-strippers-de-webcam-nsfw/>.20. Acesso em: 17 out. 2022.
- BIFO, Franco Berardi. **La fábrica de la infelicidad**. Nuevas formas de trabajo y movimiento global, 2003.
- BLEAKLEY, Paul. **“500 tokens to go private”**: Camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship." *Sexuality & culture* 18.4: 892-910. 2014.
- BOURCIER, Sam. **Les politiques de l'archive vive**. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 3, n. 12, p. 7-21, 2020.
- BOURDIEU, Pierre, “The forms of capital”, in J. G. Richardson (org.), **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**, Nova Iorque, Greenwood, 1985.
- BRACKEN, C.; SKALSKI, P. Telepresence in everyday life. *Immersed in media: Telepresence in everyday life*, p. 5-8, 2010.
- BRAGA, Adriana. **McLuhan entre conceitos e aforismos**. Alceu, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 48- 55, 2012.
- BRASSEUR, Pierre; FINEZ, Jean. Performing Amateurism: A Study of Camgirls’ Work. In: **The Social Meaning of Extra Money**. Palgrave Macmillan, Cham, p. 211-237, 2020.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista Famecos**, v. 11, n. 24, p. 110-124, 2004.

BZURA, Katherine. **I'm not who I was then, now**: Performing identity in girl cams and blogs. USF Tampa Graduate Theses and Dissertations. 2007.

CAMINHAS, Lorena Rubia Pereira. **A midiaticização dos mercados do sexo e a configuração da experiência erótica mediada**. Galáxi. São Paulo, p. 162-174, 2018.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Webcamming erótico comercial. **Revista de Antropologia**, 64.1: 1-22. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. **Estudos Feministas**. N.2,1995.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

CLIFFORD, James. Sobre a Autoridade Etnográfica. Trad. Carlos Branco Mendes. SANCHES,Manuela Ribeiro. In: **Deslocalizar a Europa–antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade**. Lisboa: Cotovia, 2005.

COCCO, Giuseppe. Nova classe média ou nova composição de classe?. **Revista Cronos**, v. 13, n. 1, p. 66-80, 2012.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout. **Educação: carinho e trabalho**, v. 2, p. 237-254,1999.

DA SILVA, Polyana Maria; DA SILVA, Diony Clebson. Prostituição, publicidade e novas mídias: o uso dos meios de comunicação nas mãos das garotas de programa. **Destarte**, v. 10, n. 2, p. 138-157, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista Olho da História**, v. 22, 2016.

DAVENPORT, Thomas H.; BECK, John C. The attention economy. **Ubiquity**, v. 2001, n. May, p. 1-es, 2001.

DE KOSNIK, Abigail. Fandom as free labor. In: **Digital labor**. Routledge, p. 106-119, 2012.

DE LAURETIS, Teresa. La tecnología del género. **Revista Mora**, v. 2, p. 6-34, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1978.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei – o “fundamento místico da autoridade”**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DESPENTES, Virginie. **Teoría king kong**. L'Altra editorial, 2019.

DRENTEN, Jenna; GURRIERI, Lauren; TYLER, Meagan. Sexualized labour in digital culture: Instagram influencers, porn chic and the monetization of attention. **Gender, Work & Organization**, v. 27, n. 1, p. 41-66, 2020.

DWORKIN, Andrea. **Men possessing women**. New York: Perigee, 1981.

EASTERBROOK-SMITH, Gwyn. OnlyFans as gig-economy work: a nexus of precarity and stigma. **Porn Studies**, p. 1-16, 2022.

EDELMAN, Benjamin. Markets: Red light states: Who buys online adult entertainment?. **Journal of Economic Perspectives**, v. 23, n. 1, p. 209-20, 2009.

EIDE, Elisabeth. Strategic essentialism. **The Wiley Blackwell Encyclopedia of gender and sexuality studies**, p. 2278-2280, 2016.

ESPIN, Lucia; GARCÍA, Manu Fernández. **Devir mulher do trabalho e precarização da existência**. A centralidade dos componentes afetivos e relacionais na análise das transformações do trabalho. Lugar Comum–Estudos de Mídia, Cultura e Democracia Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação–LABTeC/ESS/UFRJ–Vol 1, n. 1,(1997)–Rio de Janeiro: UFRJ, n. 29 set.-dez. 2009.

EVANS, Adrienne; RILEY, Sarah. Immaculate consumption: Negotiating the sex symbol in postfeminist celebrity culture. **Journal of Gender Studies**, v. 22, n. 3, p. 268-281, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2019.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. **Aurora**, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

FIRESTONE, Shulamith. **The dialectic of sex**: The case for feminist revolution. Verso Books, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas** (Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais). Supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Morais... et al. J. Rio de Janeiro. NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: As confissões da carne (Vol. 4). Editora Paz e Terra, 2020.

FRANÇA, Tibério César. **Sex entertainment**: o sexo como diversão na internet. Dissertação de mestrado, UFMG. 2015.

GASOTO, Aline Chancaré Garcia; VAZ, Telma Romilda Duarte. A MULHER GAMER: uma análise da presença das mulheres nos jogos virtuais. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 2, n. 1, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Trad. Fanny Wrobel." *Rio de Janeiro: Jorge Zahar*.1978.

GOLDBERG, Ken.The **Robot in the Garden**: Telerobotics and Telepistemology in the Age of the Internet. Mit Press, 2001.

GOLDHABER, Michael H. The attention economy and the net. **First Monday**, 1997.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazer e perigo**: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia, 2004.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e

racionalidade neoliberal. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Beyond "culture": Space, identity, and the politics of difference. **Cultural anthropology**, v. 7, n. 1, p. 6-23, 1992.

HAKIM, Catherine. Erotic capital. **European sociological review**, v. 26, n. 5, p. 499-518, 2010.

HARAWAY, Donna. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Empire**. Harvard University Press, 2001.

HENRY, Madeline V.; FARVID, Panteá. 'Always hot, always live': Computer-mediated sex work in the era of camming'. **Women's Studies Journal**, v. 31, n. 2, 2017.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, n.2, p. 464-478, 1995.

INGOLD, Tim. Conociendo desde dentro: reconfigurando las relaciones entre la antropología y la etnografía. **Etnografías contemporáneas**, v. 2, n. 2, 2016.

JIMROGLOU, Krissi M. A CAMERA WITH A VIEW JenniCAM, visual representation, and cyborg subjectivity. **Information, Communication & Society**, v. 2, n. 4, p. 439-453, 1999.

JONES, Angela. **Camming: Money, power, and pleasure in the sex work industry**. NYU Press, 2020.

KARHAWI, Issaaf. Autenticidade, intimidade e coconstrução: mapeamento das características da produção de conteúdo dos influenciadores digitais. **45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo, 2022.

KOLOĞLUGIL, Serhat. Digitizing Karl Marx: The new political economy of general intellect and immaterial labor. **Rethinking Marxism**, v. 27, n. 1, p. 123-137, 2015.

KULICK, Don; WILLSON, Margaret (Ed.). **Taboo: Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork**. Psychology Press, 1995.

LAWRENCE, J. Hatab. **Genealogia da moral: Uma introdução**. Edição. Wagner Veneziani Costa. Trad. Nancy R. Juozapavicius. São Paulo: Madras, 2010. 304 p.

LAZZARATO, Maurizio. **Estratégias do empreendedor político**. In: LAZZARATO, M.; AMBIENTES para la vida: conversaciones sobre humanidade, conocimiento y antropologia: Trilce, Montevideo, 2012.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Lamparina, 2022.

LEACH, Edmund Ronald. **Political systems of highland Burma: a study of Kachin social structure**. Routledge, 2021.

LEAL, Saul Tourinho. Inside Supreme Courts: Backstage, Televising and the Magic Tribune. **Braz. J. Pub. Pol'y**, v. 5, p. 538, 2015.

LEITE JR., Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre gêneros. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, n. 38, p. 99-128, jan./jun. 2012.

LEMOS, André, DA SENA, Catarina. "Mais livre publicar: efemeridade da imagem nos modos galeria e stories do Instagram." *Mídia Cotidiano [Internet]*". 6-26, 2018.

LÉVY, Pierre. **Que é o Virtual?** São Paulo. Editora 34, 2003.

LIBERATI, Nicola. Teledildonics and new ways of "being in touch": A phenomenological analysis of the use of haptic devices for intimate relations. **Science and engineering ethics**, v. 23, n. 3, p. 801-823, 2017.

LINO E SILVA, Moises. Queer sex vignettes from a Brazilian favela: An ethnographic striptease. **Ethnography**, v. 16, n. 2, p. 223-239, 2014.

LINS, Beatriz Accioly. **Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

LOPES, Maycon. Pornografia amadora em tempo real: observações preliminares sobre o cam4. **Anais do SIMSOCIAL**, p. 1-14, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista estudos feministas**, v. 9, p. 541-553, 2001.

MACHADO, Barbara Baptista. **O trabalho sexual online com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo: um estudo exploratório**. 2021.

MARCUS, George E.; FISCHER, Michael MJ. **Anthropology as cultural critique: An experimental moment in the human sciences**. University of Chicago press, 2014.

MARQUES, Vinicius Pinheiro; DE FREITAS, Isa Omena Machado. A síndrome de burnout como decorrência das relações de trabalho na pós-modernidade. **Revista São Luis Orione**, v. 1, n. 1, p. 7-21, 2014.

MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição: um olhar antropológico**. Humanitas FFLCH/USP, 2003.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo : Edusp.TY – BOOK, 1974.

MBEMBE, Achille. **Crítica de la razón negra: ensayo sobre el racismo contemporáneo**. Ned ediciones, 2016.

MCLEAN, Stuart J. Fictionalizing anthropology: Encounters and fabulations at the edges of the human. **U of Minnesota Press**, 2017.

MIRANDA, Thais Bittencourt de. **Quando o palco encena e dirige a cena. Pornografias Digitais (talvez) Amadoras e Performances Sociais: o caso CAM4**. Tese de doutorado.

UFBA, 2019.

MOCELLIM, Alan Delazeri. **A metrópole virtual**: uma alternativa ao conceito de comunidade virtual. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2009.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. Hoo Editora Ltda, 2016.

MORINI, Cristina. A feminilização do trabalho no capitalismo cognitivo. **Lugar Comum**, v. 23, p. 247-265, 2008.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MULVEY, Laura. Visual pleasure and narrative cinema. In: **Visual and other pleasures**. Palgrave Macmillan, London, p. 14-26, 1989.22

NAULIN, Sidonie; JOURDAIN, Anne (Ed.). **The social meaning of extra money**: Capitalism and the commodification of domestic and leisure activities. Springer Nature, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Danilo Patzdorf Casari de. **Sobre aquilo que um dia chamaram corpo**: corporalidade nas ambiências digitais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.

ORSI, Lucas Kammer. Resenha do livro “Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política”. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 104 - 109, jan./abr. 2020.

PAASONEN, Susanna. Labors of love: netporn, Web 2.0 and the meanings of amateurism. **New Media & Society**, v. 12, n. 8, p. 1297-1312, 2010.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. **O fenômeno urbano**, v. 4, p. 13-28, 1967.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. **Cad. Pagu** [online]. n.38, p.197-222, 2012.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercados do sexo no Brasil. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 3, n. 2, p. 377-377, 2013.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. Veneta, 2021.

PRASAD, Monica. The morality of market exchange: Love, money, and contractual justice. **Sociological perspectives**, v. 42, n. 2, p. 181-213, 1999.

- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 11-20, 2011.
- PRECIADO, Paul B. **Aprendiendo del virus**. El país, v. 28, n. 3, 2020.
- PRECIADO, Paul B. Museu, lixo urbano e pornografia. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 8, p. 20-31, 2017.
- PRECIADO, Paul B. **Pornotopía: arquitectura y sexualidad en «Playboy» durante la guerrafría**. Anagrama, 2020.
- PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: Sex, drugs, and biopolitics in the pharmacopornographic era**. The Feminist Press at CUNY, 2013.
- PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual: práticas de subversão da identidade**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- ROGERS, Richard. O fim do virtual: os métodos digitais. **Lumina**, v. 10, n. 3, 2016.
- ROST, Mariana. **Sexualidades em negociação: a pornografia live streaming no CAM4**. com. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Unisinos. São Leopoldo, 2016.
- RUBIN, Gayle. **"O tráfico de mulheres." Notas sobre a "Economia Política" do sexo**. Tradução de Christine Rufino Dabat. SOS Corpo. Recife, 1993.
- RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: **Cadernos Pagu**. São Paulo, 2003.
- SAFAEE, Aryana. **Sex, Love, and OnlyFans: How the Gig Economy Is Transforming Online Sex Work**. Diss. San Diego State University, 2021.
- SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). **Mana**, v. 3, p. 103-150, 1997.
- SAID, Edward W. Orientalism reconsidered. In: **Postcolonial criticism**. Routledge, p. 126-144, 2014.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- SANCHES, Thany. **A reinvenção dos corpos femininos nas plataformas de camming: uma aproximação indisciplinar entre pornografia, arte e outras impossibilidades**. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP. São Paulo, 2022.
- SANTIAGO, Silviano. **Glossário de Derrida**. Editora Papéis Selvagens. Rio de Janeiro, 2020.
- SAUERLAENDER, Tina. **Reflecting on Life on the Internet: Artistic Webcam Performances from 1997 to 2017**.
- SENF, Theresa M. **Camgirls: Celebrity and community in the age of social networks**. Vol. 4. 2009.
- SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 17, n. 3, p. 353-364, 2015.

SILVA, Allyson Darlan Moreira da. **Janela indiscreta**: um estudo sobre sexo virtual, desejo e consumo no site câmara privê. MS thesis. Brasil, 2017.

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Por amor, por dinheiro? Trabalho (re) produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina. **Cadernos Pagu**, 2017.

SILVA, Maynara de Oliveira; SIQUEIRA, Laurinda Fernanda. **Diálogos contemporâneos**: gênero e sexualidade na pandemia, 1 ed. Editora Expressão Feminista, São Luis – MA, 2021.

SILVA, Weslei Lopes; JAYME, Juliana Gonzaga. Close na web: incorporando femininos desejáveis. **Mediações**, v. 20, n. 1, p. 194-216, 2015.

SILVA, Weslei. **O sexo incorporado na web**: cenas e práticas de mulheres strippers. Diss. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2014.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. Editora Elefante, 2019.

STRATHERN, Marilyn. **Partial connections**. Rowman Altamira, 2005.

TERRANOVA, Tiziana. Free labor: Producing culture for the digital economy. **Social text**, v. 18, n. 2, p. 33-58, 2000.

UNIVERSITY OF COPENHAGEN. Sarah Pink: Digital Ethnography. Youtube, 11 dez. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0ugtGbkVRFM>> acessado em 19 de setembro de 2021.

VAN DER NAGEL, Emily. Interdependent Platforms: Onlyfans As Nsfw Social Media Layer. **AoIR Selected Papers of Internet Research**, 2021.

VANCE, Carole S. et al. **Pleasure and danger**: Toward a politics of sexuality. *Pleasure and danger: Exploring female sexuality*, v. 1, n. 3, 1984.

VIRNO, Paolo. Multidão e princípio de individuação. **Lugar comum**, n. 19, p. 27-40, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, p. 113-148, 2002.

WHITE, Michele. Too close to see: Men, women, and webcams. **New Media & Society**, v. 5, n. 1, p. 7-28, 2003.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core**: Power, Pleasure, and the "frenzy of the Visible". Univ of California Press, 1999.

WILLIAMS, Linda. Screening sex: revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, p. 13-51, 2012.

WISE, J. Macgregor. An immense and unexpected field of action: Webcams, surveillance and everyday life. In: **Cultural studies**. Routledge, 2021. p. 424-442.

WRAY, Matt. Pondo a ralé branca no centro: implicações para pesquisas futuras. In **Branquidade – Identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ZELIZER, Viviana. The social meaning of money: "Special monies". **The American Journal**

of **Sociology**, Chicago, n. 2, vol. 95, p. 342-377, set. 1989.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Editora Intrínseca, 2021.

LINKS

<<https://diplomatie.org.br/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

<https://www.cartacapital.com.br/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/conheca-a-vida-secreta-de-quem-trabalha-no-uber-doporno_0f9a996108e2b47659f31e5587933f2avh24di4o.html>. Acesso em: 04 de junho de 2022.

<<https://www.youtube.com/watch?v=0ugtGbkVRFM>>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.

<<https://www.webcammodels.com/>>. Acesso em: 03 de junho de 2022.

<<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2021/03/o-dia-dia-das-trabalhadoras-sexuais-no-pior-momento-da-pandemia-no-brasil.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

<<https://olhardigital.com.br/2021/12/22/internet-e-redes-sociais/tiktok-deixa-google-para-tras-e-se-torna-o-site-mais-acessado-de-2021/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

<<https://canaltech.com.br/saude/fiocruz-investiga-os-impactos-do-vazamento-de-nudes-na-saude-da-vitima-212687/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

<<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2021/03/o-dia-dia-das-trabalhadoras-sexuais-no-pior-momento-da-pandemia-no-brasil.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

<<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-borderline-tpb#:~:text=O%20transtorno%20de%20personalidade%20borderline,%C3%A9%20com%20psicoterapia%20e%20f%C3%A1rmacos.>>> Acesso em: 05 de outubro de 2022.

<<https://imlive.com/Press.aspx>>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

<https://www.gupy.io/blog-do-emprego/burnout#:~:text=Diante%20desse%20preocupante%20cen%C3%A1rio%2C%20a,surge%20por%20causa%20do%20trabalho.>>. Acesso em: 04 de maio de 2022.

<<https://canaltech.com.br/saude/fiocruz-investiga-os-impactos-do-vazamento-de-nudes-na-saude-da-vitima-212687/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

<<https://www.gizmodo.com.au/2012/09/the-crazy-secrets-of-internet-cam-girls-nsfw/>>. Acesso em: 13 de junho de 2022.

<<https://www.youtube.com/watch?v=KhCL5Ygzc24>>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

<<https://www.calcinhasusadas.com.br/>> Acesso em: 15 de novembro de 2022.



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA)

ATA Nº 8

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 28/10/2022 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ANTROPOLOGIA, no. 8, área de concentração Antropologia, do(a) candidato(a) CAROLINE COUTINHO DAL'ORTO, de matrícula 2020114871, intitulada “Crítica da Razão Pornográfica: a economia do gozo noutro universo do camming.” Às 14h00 do citado dia, por videoconferência, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E SILVA que apresentou os outros membros da banca: Prof^a. Dra. CAROLINA PARREIRAS SILVA e Prof^a. Dra. MARÍA ELVIRA DIAZ BENÍTEZ. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente, que passou a palavra ao(à) discente para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora **aprovado** o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. CAROLINA PARREIRAS SILVA, UNICAMP

Examinadora Externa à Instituição

Dra. MARÍA ELVIRA DIAZ BENÍTEZ, UFRJ

Examinadora Externa à Instituição

Dr. MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E SILVA, UFBA

Presidente

CAROLINE COUTINHO DAL'ORTO

Mestrando(a)



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA)

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 8

Autor(a): CAROLINE COUTINHO DAL'ORTO

Título: Crítica da Razão Pornográfica: a economia do gozo no universo do camming.

Banca examinadora:

Prof(a). CAROLINA PARREIRAS SILVA Examinadora Externa à
Instituição

Prof(a). MARÍA ELVIRA DIAZ BENÍTEZ Examinadora Externa à
Instituição

Prof(a). MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E
SILVA Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. [] INTRODUÇÃO
2. [] REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. [] METODOLOGIA
4. [] RESULTADOS OBTIDOS
5. [] CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Excelente dissertação, que está pronta para ser inserida no repositório da UFBA, caso a candidata escolha assim. Ressalta-se a criatividade e inovação da pesquisa, a escrita fluida e cativante, a articulação teórica, etnográfica e bibliográfica. Por fim, a banca sugere que a candidata proceda com a publicação do trabalho.

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E SILVA

Orientador(a)

Dal'orto, Caroline Coutinho
D153 Crítica da razão pornográfica: a economia do gozo no universo
do camming. / Caroline Coutinho Dal'orto - 2022.
140 f.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Vieira de Andrade Lino e Silva
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Antropologia Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

1. Comercio eletrônico. 2. Simbolismo sexual. 3. Etnologia. 4.
Comportamento sexual. 5. Mídia digital. I. Silva, Moisés Vieira de
Andrade Lino e. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 306.7
